



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
INSTITUTO DE PSICOLOGIA – IP

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOSSOCIOLOGIA DE
COMUNIDADES E ECOLOGIA SOCIAL – (PPG/EICOS)
LINHA DE PESQUISA 1 – ECOLOGIA SOCIAL, COMUNIDADES E
SUSTENTABILIDADE

HUGO BARROSO DE PINA

ABRAÇO ENTRE O MAR E A RESTINGA: memórias produzidas no
encontro com a Cooperativa de Mulheres Nativas de Arraial do Cabo
(RJ)

Rio de Janeiro

2022

HUGO BARROSO DE PINA

ABRAÇO ENTRE O MAR E A RESTINGA: memórias produzidas no encontro com a Cooperativa de Mulheres Nativas de Arraial do Cabo (RJ)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (PPG/EICOS), Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisitos parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof. Dra. Samira Lima da Costa

Coorientador: Prof. Dr. Gustavo Mendes de Melo

Rio de Janeiro

2022

CIP - Catalogação na Publicação

P645a Pina, Hugo Barroso de
Abraço entre o mar e a restinga: memórias
produzidas no encontro com a Cooperativa de
Mulheres Nativas de Arraial do Cabo (RJ) / Hugo
Barroso de Pina. -- Rio de Janeiro, 2022.
223 f.

Orientadora: Samira Lima da Costa.
Coorientador: Gustavo Mendes de Melo.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa
de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e
Ecologia Social, 2022.

1. Memória Social. 2. Psicossociologia. 3.
Cooperativismo. 4. História Oral. 5. Pesca
Artesanal. I. Costa, Samira Lima da , orient. II.
Melo, Gustavo Mendes de , coorient. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Instituto de Psicologia

Programa EICOS – Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social

Ata de Defesa de Mestrado

Às 09:00 hs do dia **30/06/2022**, o(a) aluno(a) **HUGO BARROSO DE PINA** (registro nº. 120008168), se submeteu à banca examinadora composta pelos Professores Doutores - membros efetivos: Samira Lima da Costa (orientadora e presidente da banca), CPF nº 017.646.317-81, Gustavo Mendes de Melo (coorientador), CPF nº 079.590.257-38 e Cecilia Moreyra de Figueiredo, CPF nº 086.653.337-03; membros suplentes: Lucimara Rett, CPF nº 098.650.448-38 e Emilio Nolasco de Carvalho, CPF nº 031.129.297-64. O trabalho do(a) aluno(a), intitulado “**ABRAÇO ENTRE O MAR E A RESTINGA: memórias produzidas no encontro com a Cooperativa de Mulheres Nativas de Arraial do Cabo (RJ)**” foi: (x) aprovado, devendo entregar a versão final encadernada no prazo de 60 dias; () aprovado condicionalmente, devendo apresentar os ajustes exigidos pela banca, no prazo máximo de 90 dias*; () reprovado. **APROVADO(A)**, o(a) aluno(a) faz jus ao título de **Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social**. Na forma regulamentar, foi lavrada a presente ata que é abaixo assinada pelos membros da banca e pelo(a) aluno(a).

Banca:

Orientadora: _____

Aluno: Hugo BP.

Observações: A banca considera o trabalho aprovado. Recomenda sua ampla divulgação, em meios acadêmicos e não acadêmicos.

Atestado de cumprimento das exigências*

O(A) aluno(a) cumpriu as exigências e a partir desta data e tem _____ dias para entregar a versão final encadernada.

Assinatura do Orientador

Data: ____/____/____

Àqueles que sempre acreditaram em mim: mãe e pai, vocês são os meus maiores exemplos de vida. Outrossim, vocês foram fundamentais para que eu pudesse começar, percorrer e finalizar esse ciclo tão especial na minha vida.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, responsáveis pela minha existência, pela minha criação e pela formação do meu caráter. Obrigado, por incentivarem a minha jornada acadêmica e por não medirem esforços para que eu pudesse realizar todos os meus sonhos. Muito obrigado pelo amor, cuidado, dedicação, amizade, paciência, proteção e afeto. Gostaria de agradecer por me apresentarem um sentimento singular que foi o nascimento do meu irmão, Heitor. Eu amo muito vocês!

Ao programa EICOS por proporcionar o meu amadurecimento acadêmico. Gratidão pelos ensinamentos.

À todos os professores que fizeram parte da minha caminhada. Obrigado por incentivarem a realização desta pesquisa.

Em especial à minha orientadora, Samira Lima da Costa, por todos os ensinamentos transmitidos com afeto e carinho. Obrigado por caminhar ao meu lado!

Ao meu coorientador, Gustavo Mendes de Melo, pelas palavras de incentivo e sugestões.

Ao LabMEMS, grupo de pesquisa, no qual eu tive a oportunidade de estabelecer trocas acadêmicas afetuosas e engrandecedoras.

À Cooperativa de Mulheres Nativas da Praia Grande em Arraial do Cabo por compartilhar suas histórias e seus conhecimentos. Em especial à Zenilda e a Margareth pela parceria e amizade.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pela bolsa concedida que viabilizou a realização desta pesquisa.

Em resumo, sou grato aos amigos e familiares, por todas as energias e pensamentos positivos direcionados a mim. Obrigado por fazerem parte dessa jornada!

Se alguém colhe um grande ramalhete de narrativas orais, tem pouco coisa nas mãos. Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu.

Ecléa Bosi (2004)

RESUMO

PINA, H. B. **Abraço entre o mar e a restinga**: memórias produzidas no encontro com a Cooperativa de Mulheres Nativas de Arraial do Cabo (RJ). Rio de Janeiro, 2022. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Os povos e comunidades tradicionais são considerados, pelas políticas públicas brasileiras, como grupos culturalmente diferenciados que ocupam territórios e os utilizam como condição fundamental para a sua organização e reprodução sociocultural, em perspectiva intergeracional. Nesse sentido, os saberes e práticas tradicionais possuem como aspectos basilares as simbologias, os ritos e os mitos que contribuem para a construção das memórias sociais e identidades culturais desses grupos. Com base nesse contexto, o principal objetivo foi analisar os processos de produção da memória social no contexto da Cooperativa de Mulheres Nativas da Praia Grande em Arraial do Cabo, no estado do Rio de Janeiro. Para alcançar o objetivo proposto, realizou-se uma pesquisa com abordagem qualitativa, inspirada no método de História Oral, a partir do levantamento e da seleção de fontes bibliográficas, revisão documental, além da coleta de narrativas de memória de vida que foram sistematizadas e interpretadas, empregando-se, como inspiração, a Análise de Conteúdo de Minayo. A partir dos dados alcançados, foi possível identificar e registrar práticas artesanais e saberes locais; verificar os desafios para a manutenção da pesca artesanal; analisar as potencialidades desenvolvidas por, uma Cooperativa de mulheres envolvidas com práticas relacionadas à conservação da diversidade biológica e sociocultural; e examinar a produção da memória social. Além disso, realizou-se a produção de dois livros artesanais digitais. Na prática, os livros são produções colaborativas inspiradas nas narrativas de memória de vida produzidas no contexto da presente pesquisa. Sendo assim, a produção da memória social pode representar uma estratégia de valorização e reconhecimento da identidade cultural relacionada às práticas artesanais estabelecidas no território, para a reafirmação dos direitos de tais atores sociais.

Palavras-chave: Memória social. Psicossociologia. Cooperativismo. História Oral. Pesca Artesanal.

ABSTRACT

PINA, H. B. **Abraço entre o mar e a restinga**: memórias produzidas no encontro com a Cooperativa de Mulheres Nativas de Arraial do Cabo (RJ). Rio de Janeiro, 2022. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Traditional peoples and communities are considered, by Brazilian public policies, as culturally differentiated groups that occupy territories and use them as a fundamental condition for their organization and sociocultural reproduction, in an intergenerational perspective. In this sense, traditional knowledge and practices have as basic aspects the symbologies, rites and myths that contribute to the construction of social memories and cultural identities of these groups. Based on this context, the present research has the general objective of analyzing the processes of production of social memory in the context of the Cooperative of Native Women of Praia Grande in Arraial do Cabo, in the state of Rio de Janeiro. To achieve the proposed objective, a qualitative research was carried out, inspired by the Oral History method, from the survey and selection of bibliographic sources, document review, in addition to the collection of life memory narratives that were systematized and interpreted, using Minayo's Content Analysis as inspiration. Based on the data obtained, it was possible to identify and register artisanal practices and local knowledge; verify the challenges for the maintenance of artisanal fishery; to analyze the potential developed by a cooperative of women involved with practices related to the conservation of biological and sociocultural diversity; and examine the production of social memory. In addition, two digital craft books were produced. In practice, the books are collaborative productions inspired by life memory narratives produced in the context of this research. Thus, the production of social memory can represent a strategy of valorization and recognition of cultural identity related to artisanal practices established on the territory, for the reaffirmation of the rights of such social actors.

Keywords: Social Memory. Psychosociology. Cooperativism. Oral History.

Artisanal Fishery.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Princípios do Cooperativismo.....	40/41
Quadro 2 Características das UCs.....	54
Quadro 3 Arcabouço Legal.....	60/61
Quadro 4 Arcabouço legal no âmbito municipal.....	62/63
Quadro 5 Matriz síntese da produção de memória - Zenilda.....	67/68
Quadro 6 Matriz síntese da produção de memória - Margareth.....	68/69

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Laguna de Araruama.....	16
Figura 2 Praia do Dentinho.....	16
Figura 3 Mapa de Arraial do Cabo.....	45
Figura 4 Gancho na Praia Grande.....	48
Figura 5 Produção de sal nas bordas da Laguna de Araruama.....	50

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACI	Aliança Cooperativa Internacional
APA	Área de Proteção Ambiental
CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CF	Constituição da República Federativa do Brasil de 1988
CFCH	Centro de Filosofia e Ciências Humanas
CNA	Companhia Nacional de Álcalis
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CNUC	Cadastro Nacional de Unidade de Conservação
Covid-19	<i>Coronavirus Disease 2019</i>
EPI	Equipamento de Proteção Individual
FAO	Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura
FLIP	Festa Literária Internacional de Paraty
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFRJ	Instituto Federal do Rio de Janeiro
IP	Instituto de Psicologia
JEC	Juizado Especial Cível
LabMEMS	Laboratório de Memórias, Ocupações e Territórios: Rastros Sensíveis
MPF	Ministério Público Federal
NADAC	Núcleo de atendimento, distribuição, autuação e citação
OCB	Organização das Cooperativas Brasileiras
PECS	Parque Estadual da Costa do Sol
PND	Programa Nacional de Desestatização

PNPCT	Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais
PPG/EICOS	Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social
Resex	Reserva Extrativista
SAC	Serviço de Atendimento ao Consumidor
Sars-CoV-2	<i>Severe acute respiratory syndrome coronavirus 2</i>
SNUC	Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TCI	Tecnologias de Informação e Comunicação
TJRJ	Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
UCs	Unidades de Conservação da Natureza
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO: A TRAJETÓRIA DO PESQUISADOR.....	15
IMPLICAÇÃO NA PESQUISA: O SUJEITO QUE PRECEDE O PESQUISADOR.....	15
FORMAÇÃO ACADÊMICA: O DIREITO COMO PONTO DE PARTIDA.....	18
O PROGRAMA EICOS: CAMINHOS INTERDISCIPLINARES.....	20
1 INTRODUÇÃO.....	23
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	29
2.1 O CAMPO PSICOSSOCIAL.....	30
2.2 ESTUDO DA MEMÓRIA SOCIAL.....	32
2.3 REFLEXÕES SOBRE O COOPERATIVISMO.....	39
3 NAVEGANDO PELO CAMPO DA PESQUISA.....	44
3.1 ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIOCULTURAIS.....	45
4 ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	58
4.1 ETAPAS METODOLÓGICAS.....	59
4.1.1 Pesquisa bibliográfica.....	59
4.1.2 Pesquisa documental.....	60
4.1.3 Aspectos éticos da pesquisa.....	63
4.1.4 Pesquisa de Campo.....	64
4.1.5 Análise dos dados.....	70

5 ENTRELAÇANDO OS FIOS DA REDE.....	71
5.1 PRÁTICAS ARTESANAIS E SABERES LOCAIS.....	72
5.2 MANUTENÇÃO DA PESCA ARTESANAL.....	78
5.3 POTENCIALIDADES DO COOPERATIVISMO.....	84
5.4 PRODUÇÃO DA MEMÓRIA SOCIAL.....	88
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	98
APÊNDICES.....	107
ANEXO.....	220

APRESENTAÇÃO: A TRAJETÓRIA DO PESQUISADOR

IMPLICAÇÃO NA PESQUISA: O SUJEITO QUE PRECEDE O PESQUISADOR

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Visto que, a identidade permanece sempre incompleta, está sempre em processo, sempre sendo formada. Isso porque, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, as pessoas são confrontadas por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderiam se identificar, ao menos temporariamente. (HALL, 2011, p.13)

O meu contato com a pesca surgiu na infância, nos meus primeiros anos de vida, em viagens que eu realizava, em família, para a região do Noroeste Fluminense. Nesse sentido, a pesca significava momentos de convivência familiar mais intensos, pois, como estes ocorriam nas férias ou nos feriados prolongados, podíamos estar todos juntos. Além disso, para uma criança criada em apartamento no subúrbio do município do Rio de Janeiro, simbolizava uma forma de interação com a natureza.

Isso porque, a pesca proporcionava o descobrimento de novas paisagens, como as cachoeiras, os rios e açudes, e também, novas experiências, como andar a cavalo, pegar frutas no pé, ver animais de “roça”, ou seja, estabelecer uma conexão profunda com a natureza, típica de uma vida no campo. Assim, neste caso, a minha relação com a pesca, para os olhos de uma criança, diante de todas as experiências e aprendizagens, se constituiu de uma forma lúdica, ou melhor, de maneira inesquecível.

Posteriormente, no início da minha adolescência, para minha surpresa, o meu contato com a pesca iria se intensificar, uma vez que este passou de uma relação esporádica, para um relacionamento cotidiano. Isso ocorreu por uma decisão dos meus pais de buscarem um lugar mais tranquilo, seguro e com uma qualidade de vida melhor, longe da violência vivenciada, diariamente, no município do Rio de Janeiro.

Sendo assim, nos mudamos para a Região dos Lagos, mais especificamente, entre a Laguna de Araruama¹ (**Figura 1**) e a Praia do Dentinho (**Figura 2**), localizada no quarto distrito do município de Araruama, a saber, Praia seca.

¹ A Laguna de Araruama é a maior massa de água hipersalina em estado permanente do mundo. Encontra-se localizada no estado do Rio de Janeiro, se estendendo por seis municípios. A saber, Araruama, Arraial do Cabo, Cabo Frio, Iguaba Grande, Saquarema e São Pedro da Aldeia.

Figura 1: Laguna de Araruama



Fonte: autor (2021)

Figura 2: Praia do Dentinho



Fonte: autor (2021)

Assim, a minha relação com a pesca ganhou um contorno considerável, repleto de significações e permeado de representações culturais que envolvem toda a região, na qual eu faço parte e me identifico enquanto sujeito (HALL, 2011). Este processo de formação de parte da minha identidade enquanto morador da Região dos Lagos, está

em construção ao longo de quinze anos, possibilitando o aprofundamento da minha conexão com a pesca, patrimônio cultural material e imaterial da região.

Assim, nesse primeiro momento, eu apresento a minha ligação com a pesca na qualidade de formadora da minha identidade cultural. Outro aspecto que me constitui enquanto sujeito, é a minha relação com as mulheres. Nesse caso, os sentimentos de admiração e inspiração começaram a surgir dentro de casa, nas relações familiares, principalmente, pelas manifestações de cuidado construídas pelo afeto.

Entretanto, com o passar do tempo, à medida em que novas relações foram surgindo, o meu sentimento de admiração foi ampliado, para além das relações familiares. Esses relacionamentos, me fizeram refletir sobre as dificuldades enfrentadas pelas mulheres em seu dia-a-dia. Isso porque, os obstáculos sociais impostos a elas, não eram os mesmos, por mim vivenciados.

Neste momento, ao me aproximar dos relatos e situações vivenciadas por mulheres de meu convívio pessoal, seja no âmbito doméstico ou profissional, me tornei uma pessoa mais sensível às questões que envolvem violências motivadas pela discriminação de gênero. Esta sensibilização ganha ainda maior consistência quando eu me proponho a investigar teoricamente a construção sócio-histórica da inobservância dos direitos das mulheres, em uma especialização *Lato Sensu*, em Ciência Penais, na minha área de formação, o Direito.

Nesse caso, ao perceber, empiricamente e teoricamente, como a ordem patriarcal se manifesta nas diversas esferas da vida feminina, me sinto corresponsável, enquanto sujeito, que faz parte de uma sociedade discriminatória, a pleitear mudanças sociais, para garantir uma sociedade mais equânime. Pelas razões expostas, reconhecendo a importância da participação da mulher no desenvolvimento social, me sinto motivado a estabelecer um diálogo sobre a construção da memória social no contexto de uma cooperativa formada por mulheres que produzem práticas relacionadas à pesca no município de Arraial do Cabo.

FORMAÇÃO ACADÊMICA: O DIREITO COMO PONTO DE PARTIDA.

*A injustiça num lugar qualquer é uma ameaça à justiça em todo lugar
(Martin Luther King).*

Em 2013, recém formado no Ensino Médio, ingressei no curso superior de Bacharelado em Direito. Essa escolha se fundamentou no interesse em compreender o distanciamento entre as garantias, direitos e princípios expostos no ordenamento jurídico pátrio e sua aplicação no seio social, principalmente, no que tange aos efeitos causados em grupos sociais vulneráveis.

Assim que iniciei o curso, tive contato com disciplinas propedêuticas, como: Ciência Política, História do Direito, História do Direito Brasileiro, Sociologia Jurídica, Teoria do Estado, dentre outras, que possibilitaram a compreensão das relações de força impostas verticalmente pelo Estado ao corpo social e os desafios de adequação entre a coletividade, tendo em vista, os seus diferentes perfis sociais.

Nesse caminhar, vislumbrei o Juizado Especial Cível (JEC) como uma oportunidade para observar essas relações na prática, através da heterocomposição, mas, também, por meio de outras práticas mais inclusivas como a autocomposição. Então, no segundo ano de faculdade, comecei a realizar um trabalho voluntário no núcleo responsável por realizar o primeiro atendimento (NADAC) aos cidadãos que tinham a pretensão de reparar algum direito violado.

Após seis meses de trabalho voluntário, firmei um contrato de dois anos com o Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro (TJRJ), onde tive oportunidade de continuar exercendo essa atividade, além de outras funções no âmbito do juizado, e conjugar os ensinamentos práticos do estágio aos teóricos da faculdade.

Assim, a experiência adquirida nesse período de dois anos e seis meses, possibilitou observar a importância e relevância do estudo do acesso à justiça como uma estratégia de promover a inclusão social e garantir a cidadania. Além disso, oportunizou através da vivência de casos concretos, o desenvolvimento de um olhar sensível acerca das relações sociais e seus perfis heterogêneos.

Ademais, essa participação efetiva, inspirou, no último ano do curso de Direito, a redação da monografia intitulada: “Acesso à justiça: uma realidade possível em território nacional?”, que analisou o acesso à justiça como uma das principais vias garantidoras do Estado Democrático, por configurar um direito fundamental e basilar

que alicerça os demais direitos. Outrossim, a pesquisa problematizou as contribuições da implementação do processo eletrônico no Juizado Especial Cível e destacou os principais obstáculos para o exercício desse direito.

Posteriormente, em 2018, com intuito de compreender as relações de consumo na contemporaneidade, iniciei um curso de pós-graduação *lato sensu* em Direito do Consumidor. Esse foi um importante passo para o aprimoramento das práticas protetivas que resguardam os direitos dos consumidores. Além disso, possibilitou a reflexão e o aperfeiçoamento das práticas desenvolvidas no estágio supervisionado realizado no JEC.

Cabe ressaltar que o grupo de consumidores é considerado vulnerável nas relações jurídicas de consumo. Além disso, os ensinamentos do curso provocaram reflexões críticas sobre as práticas abusivas realizadas pelos fornecedores de produtos e serviços em face do elo mais frágil da relação de consumo, o consumidor. Assim, a extrapolação do direito do fornecedor em face do consumidor constituem verdadeiros obstáculos para o equilíbrio das relações jurídicas de consumo.

Em paralelo, em 2020, comecei outra especialização, em Ciências Penais, com o intuito de refletir sobre o exercício do poder punitivo do Estado. Neste caso, as relações de forças verticais atingem um dos bens jurídicos tutelados mais importantes, o da liberdade. Além disso, no mesmo contexto, o Estado tutela bens jurídicos indispensáveis para a sociedade, como a vida, a liberdade, a dignidade, a integridade física e psicológica.

E ainda mais problemático foi, por meio de estudos e pesquisas, identificar o protagonismo do Estado, em suas práticas e recorrentes omissões, na construção de um cenário histórico e político discriminatório, tendo em vista que a soberania estatal dita quem pode ou não viver. Desta forma, as violações de direitos, muitas vezes, são praticadas à serviço de uma suposta civilização. E nesta relação, as diversidades de raça, gênero e classe foram estruturantes para justificar as condições de subalternidade e, por outro lado, de privilégios de determinados grupos sociais (MBEMBE, 2018).

Assim, ao final do curso, para se pensar em relações hierarquizadas e estruturadas por ideias patriarcais de dominação do homem e a subordinação da mulher, em detrimento apenas de sua condição feminina, foi realizado o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado: “Violência Contra a Mulher: uma reflexão sobre

a relevância dos direitos e das garantias das mulheres”, que objetivou analisar o papel de alguns instrumentos protetivos, nacionais e internacionais, na garantia dos direitos da mulher.

Além disso, foi possível investigar como se manifestam os tipos de violência contra a mulher na sociedade. E também, como se configuram os crimes em cada prática violenta realizada em desfavor da mulher.

Desse modo, a pesquisa reafirma que a ordem patriarcal se manifesta, negativamente, nas diversas esferas da vida feminina, promovendo desigualdade de gênero nas relações sociais, institucionais e afetivas. Nesse sentido, a eliminação da violência contra a mulher constitui uma condição indispensável para o desenvolvimento social. Assim, a percepção de que a violação do direito da mulher provoca problemas sociais e infringe direitos humanos, demanda esforços da coletividade na busca de soluções.

Sendo assim, a minha trajetória no Direito evidenciou que, apenas, este campo de estudo não poderia me fornecer as aptidões necessárias para compreender os problemas sociais. Nesse sentido, vislumbrando desenvolver aptidões para aprofundar os conhecimentos que envolvem as relações sociais vividas no cotidiano, busco vincular nove anos de formação nas Ciências Jurídicas ao campo da Psicossociologia.

O PROGRAMA EICOS: CAMINHOS INTERDISCIPLINARES.

O termo de psicossociologia é também utilizado pelas ciências sociais que pretendem, no seu espaço intelectual, levar em conta aspectos psicológicos na análise de processos sociais (JODELET, 2019, p.48).

A partir da minha inserção nas pós-graduações *lato sensu*, as inquietações continuam se expandindo, extrapolando os conhecimentos que são disponibilizados nas Ciências Jurídicas, em busca de estudos interdisciplinares que visam levantar respostas para questões complexas que, apenas uma ciência, não parece ser capaz de responder.

E, nesse sentido, o Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (PPG/EICOS), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), por ser referência na construção de pesquisas interdisciplinares de

intervenção social, pode proporcionar o aprofundamento nas bases teóricas e metodológicas para a compreensão e a interpretação das relações sociais no cotidiano vivido. Desta forma, a psicossociologia possibilita transpor os limites da disciplinaridade.

Isso porque, os estudos psicossociais possibilitam a investigação de sujeitos em situações cotidianas de interação social, por isso, constituem um caminho para a investigação das dimensões subjetivas (sonhos, motivações, imaginários e percepções) de construção da memória e da identidade (IRVING, 2019).

Nesse sentido, “os processos interacionais entre fenômenos psicológicos e sociais, entre indivíduos e grupos, entre abordagens objetivas do indivíduo em situação social e o sentido vivido que a situação assume para o indivíduo” (SÁ, 1984, p.29) são objetos centrais da psicossociologia e fazem parte também do objeto de pesquisa, reflexão e análise do presente estudo.

Assim, para se pensar nas dinâmicas a serem desenvolvidas nessa pesquisa, faz-se necessária a interseção entre o pesquisador, o grupo de pesquisa, o PPG/EICOS e a Cooperativa de Mulheres Nativas da Praia Grande, constituindo um elo potente de reflexão, produção e compartilhamento de conhecimentos. Com essa perspectiva, a pesquisa foi conduzida, predominantemente, por encontros responsáveis por singularizar as experimentações vividas e inserir novos processos criativos (MERHY; FEUERWERKER, 2009).

E, nessa relação, não se pode esquecer, a indispensabilidade das conexões criadas pelos encontros como método produtor de conhecimento. E assim, a produção do pensamento conduz a um elo coletivo, uma vez que resulta dos processos relacionais que são concebidos nos encontros com o outro. Além disso, esse cenário possibilita uma relação de trocas mútuas entre os participantes da pesquisa, ao estimular o estabelecimento de vínculos.

Nessa reflexão, as intencionalidades que compõem esse estudo deslocam as supostas neutralidades entre os atores principais das relações sociais estabelecidas na produção dessa pesquisa viva. Outrossim são responsáveis pela valoração positiva ou negativa das experimentações ocorridas nesse processo relacional (MERHY, 2004).

Sendo assim, as especificidades, exteriorizadas em encontros singulares, instigam a necessidade de quebrar paradigmas hegemônicos e homogeneizantes em

prol das diversidades apresentadas pela vida. Isso porque, o engessamento não alcança a complexidade das relações estabelecidas no cotidiano. Dessa maneira, definir um padrão prefixado, por vezes, pode invalidar a produção de conhecimento e limitar as possibilidades de criação proporcionadas pelos encontros (MERHY, 2004).

Desta forma, embora algumas sistematizações busquem governar o agir, o pensar e as relações nas diversas esferas vividas pelos sujeitos, não se pode ignorar a importância da autonomia nas interações vivas, singulares e potentes que demandam respostas distintas para solucionar problemas específicos.

Nesse caminho, a liberdade para utilizar os saberes produzidos em encontros comprometidos é fundamental para a realização da presente pesquisa, visto que as interseções formadas nos encontros podem produzir respostas às inquietações que emergem das relações sociais estabelecidas nos contatos cotidianos com o outro.

E, assim, ao realizar uma pesquisa que investiga os processos de construção da memória social, por meio das narrativas das integrantes da Cooperativa de Mulheres Nativas da Praia Grande, em Arraial do Cabo, no estado do Rio de Janeiro, pretende-se valorizar as contribuições dos povos e comunidades tradicionais para a construção de práticas e saberes contra-hegemônicos e intergeracionais, além da organização dos modos de vida em sintonia com a conservação da diversidade biológica e sociocultural dos territórios brasileiros.

Tendo em vista que essa investigação propõe a imersão em uma temática polissêmica e controversa, envolvendo a produção da memória social a partir de práticas artesanais, além de buscar compreender a produção de subjetividades nas relações de um determinado grupo social, considera-se que a pesquisa proposta está em sintonia com a Linha de Pesquisa I: Ecologia Social, Comunidades e Sustentabilidade, que utiliza como um dos quadros teórico-metodológicos os fundamentos da Psicossociologia.

Assim, um passo importante para se desenvolver conceitos e práticas relacionados à temática foi a escolha da Linha de Pesquisa Memória, Cultura e Ocupação vinculada ao Laboratório Memórias, Ocupações e Territórios: Rastros Sensíveis (LabMEMS), coordenado pela professora Samira Lima da Costa, orientadora da pesquisa.

1 INTRODUÇÃO

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (CF) (BRASIL, 1988) no contexto da sua publicação estabeleceu um rol de princípios, objetivos, direitos e garantias fundamentais. Com esse direcionamento, foram considerados como pontos prioritários: a dignidade da pessoa humana; a construção de uma sociedade livre, justa e solidária; a erradicação da pobreza e da marginalização; a redução das desigualdades sociais e regionais; e a promoção do bem de todos, sem discriminação por origem, raça, sexo, cor, idade, dentre outras questões.

No entanto, tendo em vista o descumprimento dos princípios constitucionais, grupos originários da formação da sociedade brasileira continuam buscando seu pleno exercício de direitos. Este é o caso dos povos e populações tradicionais que tiveram como um importante passo para o reconhecimento da sua ocupação e organização social no território a promulgação da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT) (BRASIL, 2007), pelo decreto nº 6.040 de fevereiro de 2007), que possibilitou também retomar e reestabelecer uma conceituação legal para territórios tradicionais, bem como para povos e comunidades tradicionais, sendo este último delimitado como:

Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007, Art. 3º).

Além disso, na política em foco foram estabelecidos princípios, tendo como objetivo reconhecer, valorizar e garantir a diversidade socioambiental e cultural das comunidades tradicionais. Dentre tais princípios, é importante para o desenvolvimento da presente pesquisa destacar a garantia ao acesso às políticas públicas, à representação dos povos e comunidades tradicionais nas instâncias de participação social e à valorização das mulheres para a manutenção de práticas e saberes intergeracionais (BRASIL, 2007).

Com relação aos saberes e práticas tradicionais, Diegues e Arruda (2001) destacam a importância das simbologias, dos ritos e mitos para a construção das memórias sociais e identidades culturais desses grupos. Além disso, os autores abordam as atividades de subsistência como basilares para a sua organização e, em parte, por isso, a forte ligação também com o território. Outra questão característica

dos povos e comunidades tradicionais é a interpretação do significado de natureza, sendo esta distinta de outras culturas, principalmente, ocidentais.

Contudo, cabe ressaltar que tais comunidades enfrentam, cada vez mais, desafios para a ocupação e permanência nos territórios que estão alicerçados aos seus modos de vida, frente ao modelo desenvolvimentista adotado, notadamente, a partir dos processos industriais de produção e consumo estabelecidos nas sociedades ocidentais que, dentre outras dinâmicas, produziram relações de especulação imobiliária, exploração indiscriminada dos recursos naturais e fluxos turísticos massivos para tais áreas que, em geral, conservam a diversidade biológica e cultural (ALMEIDA, 2004; DIEGUES, 2008).

Sendo assim, a ausência de reconhecimento, valorização e respeito à diversidade sociocultural das comunidades tradicionais tende a dificultar a representatividade desses povos, uma vez que estes fatores comprometem o pleno exercício da cidadania. Desta forma, a produção de memórias sociais pode representar uma estratégia de valorização e reconhecimento da identidade cultural relacionada às práticas intergeracionais estabelecidas nesse contexto, para a reafirmação dos direitos de tais atores sociais.

Isso porque, “a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade” (POLLAK, 1992, p.5).

Além disso, a contribuição das narrativas para a produção da memória social das comunidades tradicionais é, nesse sentido, fundamental para a reprodução das dimensões cultural, social, sagrada e ancestral. Desta forma, “os grupos sociais desenvolvem uma memória do seu próprio passado coletivo e que essa memória é indissociável da manutenção de um sentimento de identidade que permite identificar o grupo e distingui-lo dos demais” (PERALTA, 2007, p. 7).

Para se pensar, no sentido prático-aplicado, nas atividades desenvolvidas pelas comunidades tradicionais, a presente pesquisa investiga as práticas artesanais, que se traduz não somente como atividade de subsistência, mas também como símbolo cultural em Arraial do Cabo, um pequeno município em termos de densidade demográfica, com aproximadamente trinta mil habitantes, que está situado na Região dos Lagos, no interior do estado do Rio de Janeiro.

O grupo selecionado para o aprofundamento na pesquisa é a Cooperativa de Mulheres Nativas da Praia Grande, envolvida com a pesca artesanal no município mencionado e com o beneficiamento de pescados capturados na região, bem como com a produção de alimentos artesanais, sem conservantes artificiais, como almôndegas, quibes, empanados e hambúrgueres de peixe. Além de beneficiar o pescado, a cooperativa reafirma a cultura intergeracional através da pesca artesanal, de histórias sobre a cidade e de receitas gastronômicas desenvolvidas localmente.

É importante ainda mencionar que, em 2019, o peixe seco com banana, uma receita herdada de práticas culturais locais ganhou o primeiro lugar, ao concorrer com 170 receitas de nove nacionalidades englobando a América Latina e o Caribe, durante a 16ª edição da Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), no concurso “Saberes e Sabores”, um dos desdobramentos da campanha “Mulheres rurais, Mulheres com Direitos”, uma iniciativa da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO).

Sendo assim, cabe ressaltar que além da Cooperativa de Mulheres Nativas da Praia Grande se caracterizar como uma alternativa econômica solidária, esta também representa uma importante inspiração através da representatividade que ganhou no exercício de práticas comunitárias, na preservação da natureza, na defesa dos direitos de gênero e na valorização da memória social, dos saberes locais e das práticas tradicionais.

Desse modo, a relevância da pesquisa proposta resulta do reconhecimento da contribuição dos povos e comunidades tradicionais para a manutenção de práticas e saberes heterogêneos e intergeracionais, além da organização de modos de vida, em sintonia com a conservação da diversidade biológica e sociocultural dos territórios brasileiros.

Assim, neste campo de reflexão, apesar da importância das comunidades tradicionais e do que preconiza a Constituição Federativa (BRASIL, 1988) e a Política Nacional sobre o tema (BRASIL, 2007), parece não haver ainda a valorização e plena garantia de seus direitos, principalmente, com relação à diversidade socioambiental e cultural dos povos e comunidades tradicionais e sua ocupação e permanência no território.

Com base na observação de que tais grupos estão, cada vez mais, invisibilizados, uma vez que suas práticas, por vezes, não condizem com as prioridades do sistema econômico adotado, a Cooperativa de Mulheres Nativas da

Praia Grande em Arraial do Cabo foi escolhida para ilustrar os debates teóricos propostos por essa pesquisa, visto que no território coexiste um jogo de forças que envolve a pesca tradicional, a pesca industrial, a conservação da natureza, a especulação imobiliária, o turismo de massa, a extração de combustíveis fósseis, dentre outras atividades que disputam tal espaço cotidianamente.

Com o objetivo de analisar e registrar os saberes e práticas do grupo escolhido, as narrativas de memória de vida por serem repletas de sentidos e significados, bem como por sua heterogeneidade, podem representar uma oportunidade de resgatar fatos passados, ao trazer revelações inesperadas, mas também por estar relacionada ao presente em seus múltiplos processos de transformação, levantando questionamentos e inquietações que possam conduzir à projeções futuras na dimensão do indivíduo e do grupo social (GUSMÃO; SOUZA, 2010).

Nesse sentido, compreendeu-se a narrativa como um procedimento metodológico que poderia facilitar a retomada de fatos passados para a produção de memórias sociais, em conjunto com as vivências presentes de busca por reconhecimento no território.

Tendo em vista que a história de uma comunidade é inesgotável e está em permanente construção, escutar os trechos elegidos com base nas memórias sociais significa contar as múltiplas versões que os fatos podem ter. Isso porque, a memória humana não simplesmente reproduz as experiências vividas, mas constrói com base nelas, percepções, sentidos, motivações, dentre outros aspectos (SÁ, 2007). Por isso, o caráter construtivo da memória social, relacionado às práticas artesanais, justifica-se como um dos temas de enfoque elegidos pela presente pesquisa.

Assim, o desenvolvimento da temática articula-se ao conjunto de investigações socioculturais e aos projetos de pesquisa no âmbito do Laboratório Memórias, Ocupações e Territórios: Rastros Sensíveis (LabMEMS), mais especificamente, à linha de pesquisa Memória, Cultura, ocupação, onde se desenvolve a pesquisa Saberes e Ocupações Tracionais, na qual o presente estudo está vinculado. A saber, a linha de pesquisa e a pesquisa são coordenados pela professora Samira Lima da Costa, orientadora dessa Dissertação de Mestrado.

A partir dos antecedentes apresentados, a presente dissertação tem como objetivo geral analisar os processos de produção da memória social no contexto da Cooperativa de Mulheres Nativas da Praia Grande em Arraial do Cabo, no estado do Rio de Janeiro.

Além do objetivo central, esse estudo pretende também alcançar os seguintes objetivos específicos:

- I. Registrar práticas artesanais e saberes locais identificados na produção de narrativas de memória de vida;
- II. Verificar os desafios enfrentados para a manutenção da pesca artesanal no município de Arraial do Cabo;
- III. Analisar as potencialidades que podem ser desenvolvidas, por uma Cooperativa de mulheres envolvidas com práticas relacionadas à conservação da diversidade biológica e sociocultural no município

Nesse sentido, para impulsionar a investigação, o presente estudo tem como inspiração a seguinte pergunta de pesquisa:

- De que modo a produção da memória social e o registro das narrativas de memória de vida de mulheres da pesca podem contribuir para a valorização da cultura local?

Para responder a pergunta de pesquisa e alcançar os objetivos propostos, nesta Dissertação de Mestrado, realiza-se uma pesquisa com abordagem qualitativa, inspirada no método da História Oral e ancorada ao campo psicossocial, baseada na coleta de dados secundários e primários. Sendo assim, para compor o corpo teórico da dissertação, a primeira etapa metodológica da pesquisa compreende o levantamento e a seleção de fontes bibliográficas sobre o tema proposto, de modo a elaborar a fundamentação teórica-conceitual referente, ao campo psicossocial, à memória social e ao cooperativismo.

Em seguida, a segunda etapa metodológica foi dirigida à pesquisa documental. Assim, o levantamento e a análise das informações que envolvem o arcabouço legal dirigido ao tema proposto, como a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (BRASIL, 2007) e a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca (BRASIL, 2009) compõem essa etapa. Além da imersão em outras políticas públicas relacionadas às peculiaridades da conservação da natureza e das práticas socioculturais na cidade de Arraial do Cabo.

Na terceira etapa, ao se pensar na coleta de dados primários, a escolha do campo de pesquisa considerou a aproximação do pesquisador com a temática e com as dinâmicas estabelecidas na região de inserção, tendo em vista ser morador de um

município limítrofe há quinze anos. E, nesse percurso, iniciou-se a pesquisa de campo, através da escuta sensível de histórias de vida das representantes da cooperativa. Além disso, destaca-se a produção de dois livros artesanais digitais inspirados nas narrativas de memória de vida produzidas no contexto da pesquisa.

Posteriormente, na quarta etapa, dirigida ao tratamento dos dados obtidos ao longo do processo de investigação, foi realizada a sistematização e interpretação das narrativas de memória de vida, gravadas e transcritas na íntegra, das representantes da Cooperativa de Mulheres Nativas da Praia Grande. Para a interpretação dos resultados alcançados foi adotada, como inspiração, a Análise de Conteúdo de Minayo (2009).

Nesta direção, para facilitar a compreensão da estrutura da dissertação, a seguir, apresenta-se sumariamente os capítulos que compõem o presente estudo. No primeiro, busca-se descrever o contexto da presente Dissertação de Mestrado.

Posteriormente, no segundo capítulo, realiza-se a construção da estrutura teórico-conceitual da dissertação. Nesse sentido, propõe-se a refletir sobre o campo psicossocial, o estudo da memória social e, também, sobre o cooperativismo.

O terceiro capítulo apresenta o município de Arraial do Cabo, campo da presente pesquisa de dissertação. Com essa perspectiva, realiza-se a descrição da relação entre as transformações locais e as práticas artesanais que se traduzem não somente como atividades tradicionais, mas também como símbolos socioculturais do município. Além disso, apresenta o grupo colaborador da pesquisa, a saber, a Cooperativa de Mulheres Nativas da Praia Grande, em Arraial do Cabo.

No quarto capítulo, descreve-se a abordagem metodológica composta por quatro etapas, dentre elas, o levantamento e a seleção do material teórico, a pesquisa documental, a coleta dos dados primários e a análise dos dados obtidos. Além disso, será abordado os aspectos éticos da pesquisa.

No quinto capítulo são apresentadas as análises obtidas por meio da transcrição das narrativas de memória de vida e da adaptação da Análise de Conteúdo proposta por Minayo. Dessa forma, são discutidos os trechos das narrativas realizadas com as colaboradoras.

Por fim, o último capítulo tece as considerações finais que descrevem as possíveis contribuições da investigação, para se pensar a valorização da cultura local por intermédio da produção de memória social e do registro das narrativas de memória de vida.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No presente capítulo, realiza-se a construção da estrutura teórico-conceitual da presente dissertação. Nesse sentido, propõe-se apresentar as perspectivas teórico-conceituais sobre o campo psicossocial, o estudo da memória social e, também, sobre o cooperativismo.

Assim, no primeiro momento, a fundamentação teórica foi direcionada ao campo psicossocial. Nesse caso, o embasamento teórico contou com as leituras das obras de Maisonneuve (1977), Nasciutti (1996), Tavares (2004), Casadore (2013) e Jodelet (2019) que reconhecem a psicossociologia como um campo interdisciplinar por essência.

Além disso, a fundamentação teórica do campo psicossocial foi complementada pelas leituras de Freitas (2015), Costa e Silva(2015) e Fiuza, Costa e Loureiro (2018), que buscam, em especial, compreender a relação das dinâmicas psicossociais em comunidades e, também, os aspectos históricos de opressão e dominação vivenciados no território.

E, nesse percurso, para aprofundar o estudo da memória social, utilizou-se as obras de Pollak (1992), Bosi (1994), Peralta (2007), Gondar (2016), Abreu (2016), Dodebei e Orrico (2018). Além disso, o referencial teórico empregou as leituras de Sá (2006) e Bosi (2006) para se pensar na análise psicossocial sobre a memória social. Essas leituras constituem-se essenciais para superar as dicotomias fundadas nas teorias de Bergson (1999; 2006) e Halbwach (1994; 2006), autores clássicos que ilustram os debates no campo de estudo.

Ao final, para se pensar nas reflexões críticas direcionadas ao modelo de produção capitalista e a exposição de modos econômicos mais solidários, foi utilizada a leitura da obra de Singer (2013). E, nesta relação, as produções de Wakulicz e Oliveira Filho (2015), Fardini (2017), AIC (2016, 20220) e OCB (2022) fazem referências aos estudos sobre os princípios, valores e características do cooperativismo.

2.1 O CAMPO PSICOSSOCIAL

A Psicossociologia constitui um elo entre bases teórico-metodológicas distintas, propondo o entrelaçamento entre os conhecimentos do campo da psique e do social, tendo como alicerce a psicologia, bem como a sociologia, mas que se constituem, sobretudo, como ciência interdisciplinar por essência (MAISONNEUVE, 1977).

Desta forma, a psicossociologia se caracteriza como uma “ciência-charneira”, uma vez que possibilita a observação dos diferentes aspectos psicológicos e sociológicos, na análise do indivíduo em suas relações coletivas, por meio de um tratamento holístico dos fenômenos sociais, vivenciados nas suas manifestações concretas, ao invés de produções distantes da realidade social (NASCIUTTI, 1996).

De acordo com Tavares (2004, p.125), “o domínio próprio da psicossociologia aparece na interação dos processos sociais e psíquicos ao nível das condutas concretas, assim como na interação das pessoas e dos grupos no quadro da vida cotidiana”.

Sendo assim, a articulação entre o social e o psíquico ultrapassam os limites de uma formação centrada em uma perspectiva disciplinar única, homogênea e fragmentada em domínios de poder epistemologicamente fechados. Isso porque, a complexidade e pluralidade das dimensões psíquicas, sociais e culturais produzem saberes que necessitam de uma abordagem teórico-metodológica interdisciplinar, heterogênea, complexa e não linear, de modo que os saberes e as práticas dos atores sociais sejam integrados às investigações científicas (JODELET, 2019).

Nesse sentido, como destaca Maisonneuve (1977, p.2) “a emergência do crescente desenvolvimento da psicossociologia provêm da incapacidade de a sociologia, ou a psicologia, sozinhas, explicarem a integralidade das condutas humanas concretas”.

À vista disso, o campo psicossocial tem potencial para desdobrar-se em ramificações singulares ao selecionar as diferentes vertentes disponibilizadas pela sociologia e pela psicologia. Cabe observar também que, as ramificações podem alcançar novos contornos ao estabelecerem interações com outras fontes do conhecimento, além de articulações entre métodos e técnicas de pesquisa (CASADORE, 2013).

Da mesma forma, é importante enfatizar que o território é indispensável para a caracterização das dinâmicas estabelecidas no campo psicossocial. No caso da América Latina, o desenvolvimento da psicossociologia está intimamente ligada aos aspectos históricos de opressão e dominação vivenciados no continente (FREITAS, 2015; COSTA e SILVA, 2015).

Outrossim, para Fiuza, Costa e Loureiro (2018, p. 52), “a psicossociologia apresenta-se como um campo de conhecimento que tende a favorecer a compreensão dos fenômenos psico-socioambientais inerentes às disputas por territórios e recursos naturais que se dão na reprodução do modelo societário capitalista”.

Deste modo, as necessidades apresentadas pelos grupos historicamente oprimidos possibilitaram a formulação de quadros teórico-metodológicos e práticas interventivas críticas e politizadas capazes de analisarem as condições de vulnerabilidade vividas pelos grupos marginalizados na sua maneira de construir a vida.

E, assim, segundo Freitas (2015 p.250):

essa condição, em nosso continente, vincula-se estreitamente à possibilidade de transformação social e de superação das condições estruturais e conjunturais responsáveis pela pobreza, sofrimento, desemprego, doenças e formas injustas e indignas de vida social.

Nesse percurso, os estudos psicossociais possibilitam a observação dos atravessamentos que os processos coletivos produzem no indivíduo, e por outro lado, a relação da produção das intersubjetividades na transformação do tecido social. Essa troca mútua ocorre de diferentes maneiras, uma vez que levam em conta a interação social, o território, o vivido e o posicionamento dos sujeitos diante das experiências individuais e coletivas (JODELET, 2019).

E, sendo assim, a psicossociologia, ao facilitar a interação com as demais Ciências Humanas e Sociais, tem como objetivo transgredir os paradigmas limitantes da pesquisa disciplinar. Além disso, possibilita a produção de novos quadros teórico-metodológicos que possam viabilizar o aprofundamento da observação dos fatores sociais, psicológicos, políticos, econômicos, dentre outros (JODELET, 2019).

Dessa maneira, o campo psicossocial sinaliza a necessidade de ampliar as possibilidades de construção dessa ciência, em vista que novos contornos são

elaborados na interseção estabelecida pelos encontros entre os pesquisadores e as comunidades (PINTO et al, 2015).

Para avançar nesta direção, a próxima seção abordou as perspectivas teórico-conceituais da memória social por uma ótica psicossocial. Para uma melhor compreensão do debate, deve-se ter em vista que o estudo da memória social possibilita transpor as fronteiras limitantes da disciplinaridade.

2.2 ESTUDO DA MEMÓRIA SOCIAL

O estudo da memória social é realizado por diferentes áreas do saber, dentre elas, a Antropologia, a Filosofia, a História, a Psicologia, a Sociologia e a Literatura. No entanto, outras áreas do conhecimento, também, abordam o tema da memória social. Nesse sentido, a conceituação da memória social é um processo de difícil realização (PERALTA, 2007; SÁ, 2006). Desse modo, “os campos de estudo que incorporam a ideia de memória são representados por múltiplos olhares que podem atravessar gestos, objetos, conceitos, organismos e estruturas” (DODEBEI; ORRICO, 2018, p.13).

E, assim, com relação a pluralidade que envolve a temática, Gondar (2016, p19) destaca que:

(...) a memória não pode ser definida de maneira unívoca por nenhuma área de conhecimento. Mesmo no interior de cada disciplina ela é um tema controverso. Enquanto campo de estudos, a memória social aloja uma multiplicidade de definições, provenientes de diferentes perspectivas e discursos, muitas vezes contraditórias. Isso não significa que devemos considera-las como equivalente.

Sendo assim, o caráter polissêmico da temática estabelece uma variedade de suportes que contribuem para a formação do campo de estudo. Nesse caso, os suportes podem ser produzidos no contato com as múltiplas definições compreendidas sobre o tema, bem como, através dos diferentes signos. Além disso, a multiplicidade de significados é “uma importante baliza diante das tentativas de autoritarismo conceitual” (GONDAR, 2016, p.20).

No entanto, a polissemia da memória não pode generalizar as especificidades dos embasamentos teóricos e práticos que cada arranjo pode ter. Nesta lógica, Sá

(2006, p. 290) afirma que “a quantidade e diversidade de perspectivas teórico-conceituais – recuperadas e emergentes – contribuem para aumentar cada vez mais a complexidade desse domínio acadêmico”.

Nessa direção, Gondar (2016, p.23) orienta que:

a memória social, como objeto de pesquisa passível de ser conceituado, não pertence a nenhuma disciplina tradicionalmente existente, e nenhuma delas goza do privilégio de produzir o seu conceito. Esse conceito se encontra em construção a partir dos novos problemas que resultam do atravessamento de disciplinas diversas.

Ainda nessa lógica, o estudo da memória social é potencializado ao ultrapassa os limites da formação centrada em, apenas, uma perspectiva fragmentada em domínios de poder epistemologicamente fechados. Principalmente, quando suas formulações não forem capazes de sustentar a natureza dos fenômenos (GONDAR, 2016; SÁ,2006).

E, neste caso, Sá (2006) realiza a análise conceitual da memória social sob a óptica psicossocial. Desta forma, o autor propõe cinco princípios unificadores do campo de estudo da memória social. A saber: o caráter construtivo; a imbricação com o pensamento social; a dependência estreita da comunicação e da interação social; a dinâmica afetiva; e a natureza simultaneamente social e psicológica. (SÁ,2006)

É importante enfatizar também que, os princípios unificadores podem não ser perceptíveis à primeira vista. No entanto, “evidenciá-los, articulá-los e explorar suas implicações na pesquisa da memória social são algumas das tarefas da análise psicossocial”. (SÁ, 2006, p.295)

Nesse contexto, o caráter construtivo da memória estabelece a impossibilidade de reconstituição do passado em seu sentido literal. Desta forma, a memória não seria a mera reprodução das experiências passadas. E, assim, Bosi (1994, p.55) esclarece que:

na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado(...) A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista.

É importante resgatar que as experiências do passado não estão limitadas as vivências particulares, mas também, aos acontecimentos vivenciados e socializados pela coletividade. E, assim, a pessoa pode experienciar acontecimentos “vividos por tabela”, através de memórias compartilhadas pelo grupo do qual faz parte. Nesse caso, a memória do grupo seria herdada pela pessoa que não participou diretamente do acontecimento (POLLAK, 1992).

Nessa direção emerge a imbricação da memória com o pensamento social. No que concerne ao pensamento de Sá (2006, p. 291) “memória e pensamento sociais estão intrinsecamente associados e são praticamente indistinguíveis, ou seja, o que é lembrado do passado está sempre mesclado com aquilo que se sabe sobre ele”.

No movimento dessas reflexões Sá (2006) verifica a relação entre os princípios unificadores da imbricação da memória com o pensamento social e a dependência estreita da comunicação e da interação social. Nesse sentido, as relações interpessoais são elementos importantes para a produção da memória social. Para Halbwach (2006), a memória seria reconstituída pela família, vizinhança, religião, classe social, ou seja, a memória seria reproduzida por circunstâncias socialmente definidas.

Por outro lado, para se pensar na análise da memória social sob a perspectiva psicossocial, é importante considerar que as relações interpessoais geram atravessamentos mútuos nas esferas coletivas e individuais. Desta forma, a observação do indivíduo em suas relações coletivas deve considerar os aspectos psicológicos e sociológicos. E, assim, é necessário reconhecer que a produção da memória ultrapassa os limites estipulados pelo determinismo social defendido por Halbwach (1994; 2006) (PERALTA, 2007).

Diante disso, a interação social e os processos de comunicação são responsáveis por potencializar o caráter social da memória. Ademais, a produção da memória não estaria limitada as relações intragrúpis, mas também para além dessas (SÁ, 2006).

E, assim, de acordo com Abreu (2016), a alteridade seria um elemento indispensável para a produção da memória. Nesse sentido, a autora reflexiona sobre

o conceito de memória abordado no livro de Men Fox². Em tal caso, a memória seria produzida na relação entre pessoas com diferentes perfis, na verdade, a particularidade de cada personagem seria responsável por dinamizar a produção da memória. Nessa lógica, Abreu (2016, p. 42) afirma que “só há memória quando existe relação com o diferente, ou seja, com aquele que faz estranhar, relativizar, tomar distância, ver de outro modo”.

Além disso, não se pode descartar a dinâmica afetiva, princípio unificador do campo da memória social, que compõe a construção das memórias (SÁ,2006). E, nesse sentido, Halbwach (2006) considera que a formação de “estados afetivos” são relevantes para a manutenção das lembranças. Ademais, o autor enfatiza que o pensamento do grupo e as relações intergrupais são elementos responsáveis por constituir as bases afetivas em uma determinada sociedade (HALBWACH,2006).

Por outro lado, de acordo com Sá (2006), para superar o determinismo sociocultural da produção da memória, faz-se necessário considerar os interesses pessoais e os sentimentos, elementos de natureza afetiva, que potencializam o processo de construção da memória social. Nesse caso, Sá (2006, p.292) afirma que “a emergência de novos interesses e a acentuação circunstancial de diferentes sentimentos são grandemente responsáveis pelo conteúdo que a memória social exhibe em um ou outro momento e em um ou outro lugar”.

Da mesma forma, não se pode esquecer que a produção da memória social não é espontânea, na verdade, a construção da memória surge de uma “vontade de memória”. Ainda, nesse raciocínio, Abreu (2016) propõe a configuração de uma memória ativa e relacional. Em tal caso, a construção da memória social ocorreria de forma intencional, ou seja, a memória seria utilizada como um “instrumento de interação do social e ferramenta para a construção de novas relações, novos mundos e novas produções entre os sujeitos” (ABREU, 2016, p. 53).

Assim, para que seja possível destacar os interesses, os sentimentos e a vontade de memória mencionados anteriormente, faz-se necessário refletir sobre o caráter ético e político da memória social. E por essa via, a construção do campo de estudo da memória social afasta as presunções de neutralidade, na verdade, segundo

² FOX, M. **Guilherme Augusto Araújo Fernandes**. São Paulo: Brinque-Book, 2005

Gondar (2016) qualquer abordagem nesse campo acarreta encadeamentos éticos e políticos.

Por esse ângulo, Gondar (2016, p.25) afirma que:

há sempre uma concepção de memória social implicada na escolha do que conserva e do que interroga. Há nessa escolha uma aposta, um penhor, uma intencionalidade quanto ao porvir. Tanto quanto o ato de recordar, nossa perspectiva conceitual põe em jogo um futuro: ela desenha um mundo possível, a vida que se quer viver e aquilo que se quer lembrar. O conceito da memória, produzido no presente, é uma maneira de pensar o passado em função do futuro que se almeja. Seja qual for a escolha teórica em que nos situemos, estaremos comprometidos ética e politicamente.

Além disso, Peralta (2007) aponta que a construção da memória social estaria associada as dinâmicas de poder instituída, ou seja, a produção memória seria um processo de disputas, negociações, tensões e conflitos. E, assim, a perspectiva política da memória social pressupõe que “a construção da memória é um processo negociado entre diversos atores sociais e a sua natureza é eminentemente conflitual e em constante transformação” (PERALTA, 2007, p. 10).

Nesse sentido, o pensamento de Pollak (1992) reafirma que a construção da memória é um fenômeno produzido em função das preocupações pessoais e políticas. Sendo assim, Pollak (1992, p.5) ressalta que a memória é um valor disputado em “conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupo políticos diversos”. Desse modo, para o autor, a memória, também, poderia ser constituída por processos negociais e conflitivos (POLLAK,1992).

É também importante ressaltar a natureza simultaneamente social e psicológica da memória social. Nesse sentido, não se pode ignorar que o campo de estudo foi constituído em um binarismo composto por correntes da Psicologia e da Sociologia que desconsideravam o diálogo transdisciplinar e a polissemia do campo da memória.

Assim, para se pensar no estudo de psicologia da memória, não se pode esquecer da teoria da memória e da conservação do passado propostas por Bergson (1999; 2006). E neste caso, Bergson (1999) expõe que o passado sobrevive através dos mecanismos motores e de lembranças independentes. Nessa direção, Bergson (2006, p.47/48) propõe a conservação do passado como princípio fundamental da memória:

o passado se conserva por si mesmo, automaticamente. Inteiro, sem dúvida, ele nos segue a todo instante: o que sentimos, pensamos, quisemos desde nossa primeira infância está aí, debruçado sobre o presente que a ele irá se juntar, forçando a porta da consciência que gostaria de deixa-lo de fora.

E, nesta relação, Bosi (2006, p 47) expõe que:

o que o método introspectivo de Bergson sugere é o fato da conservação dos estados psíquicos já vividos; conservação que nos permite escolher entre as alternativas que um novo estímulo pode oferecer. A memória teria uma função prática de limitar a indeterminação (do pensamento e da ação) e de levar o sujeito a reproduzir formas e comportamentos que já deram certo.

Por outro lado, a abordagem sociológica da memória é inaugurada por Maurice Halbwachs (1994; 2006). Nesse caso, o autor constrói as bases epistemológicas para uma abordagem social e coletiva da memória, ou seja, ultrapassa as abordagens psicológicas da memória. No entanto, Halbwachs (2006) condiciona a produção da memória ao determinismo social. E assim, apesar de reconhecer que os indivíduos são responsáveis por lembrar, Halbwach (2006, p. 69) expõe que:

se a memória coletiva tira sua força e sua duração como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo. Desta massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidades a cada um deles. De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes.

Mas para aprofundar a investigação nesse campo de estudo, é importante considerar a natureza simultaneamente social e psicológica da memória social. Isso porque a abordagem psicossocial pode ser uma estratégia possível para afastar a dicotomia estabelecida pelas perspectivas psicologizantes e sociologizantes nesse campo de estudo. E assim, (SÁ, 2006, p.291) orienta que “o psicólogo social simplesmente não precisa deixar de considerar que são as pessoas que se lembram, para dar conta dos quais a memória é tributária da sociedade, da história e da cultura. E é fazendo isso que ele pode talvez dar sua melhor contribuição ao campo da memória social”.

No movimento desta reflexão sobre os princípios unificadores do campo de estudo da memória social emerge, também, a necessidade de elencar a multiplicidade de definições que a memória social engloba. Em tal caso, Sá (2006) confere um

caráter aglutinador ao termo memória social. E assim, o termo é utilizado para designar “o inteiro conjunto dos fenômenos ou instâncias sociais da memória (SÁ, 2006, p.292).

Dessa maneira, para se pensar na multiplicidades de definições, faz-se necessário elencar algumas definições que o campo de estudos da memória social pode englobar. Ademais essas instâncias sociais da memória não são excludentes entre si. Desse modo, cada definição pode ser apresentada de forma controversa dependendo das perspectivas adotadas e dos diferentes modos de construção sobre o tema (SÁ, 2006; GONDAR, 2016). Cabe destacar que o rol, a seguir, é meramente exemplificativo.

A partir dessa perspectiva, a memória social pode englobar a memória coletiva, a memória comum, a memória pública, a memória individual, a memória autobiográfica, a memória geracional, a memória intimista, a memória histórica, a memória documental, a memória prática, a memória nacional, a memória étnica, a memória comunitária, a memória herdada, a memória oral, a memória dos velhos e a memória pessoal.

No âmbito da pesquisa, vale ressaltar que a reflexão psicossocial da memória pessoal torna-se indispensável para a fundamentação teórica. De acordo com Sá (2006, p.292):

as memórias pessoais não são concebidas como tendo uma origem e um funcionamento estritamente individuais, mas sim como resultado de um processo de construção social. São, assim, memórias sociais, embora o *locus* desse processo construtivo seja a pessoa, pois é ao passado dela que estão continuamente referidas as lembranças, mesmo que envolvam também fatos sociais, culturais ou históricos de que ela tenha participado, testemunhado ou simplesmente ouvido falar.

Ainda refletindo sobre a memória pessoal, Bosi (2006) esclarece que a memória pessoal mantém-se na linha divisória entre o individual e o social. Desse modo, a autora afirma que a memória pessoal “é também memória social, familiar e grupal” (BOSI, 2006, p.37).

E, neste percurso, na próxima seção, serão analisadas as perspectivas teórico-conceituais sobre o Cooperativismo. Em tal caso, o Cooperativismo apresenta-se como uma possibilidade econômica capaz de interligar esforços individuais e coletivos para a promoção do desenvolvimento socioeconômico e sustentável.

2.3 REFLEXÕES SOBRE O COOPERATIVISMO

A história do cooperativismo vinculado à economia solidária fundamenta-se nas críticas sobre as transformações implementadas pela Revolução Industrial. Em tal caso, o capitalismo industrial provocou a exclusão social e o empobrecimento da população trabalhadora. Nesse período ocorreu a mecanização de alguns processos produtivos. Além disso, os modos de produção industrial estabeleceram condições precárias de trabalho, uma vez que a exploração não tinha limites legais (SINGER,2013; FARDINI,2017).

E nesta relação, o capitalismo instaura um modelo de produção alicerçado na doutrina liberal e individualista, que tem como resultado a competição econômica e a desigualdade social. Segundo Singer (2013) é importante entender que os resultados danosos do capitalismo não são naturais, ou seja, eles são produtos da organização das atividades econômicas. E assim, segundo este ponto de vista, a competição econômica, a gestão administrativa e a repartição de ganhos no sistema capitalista seriam alguns dos fatores responsável por aprofundar as desigualdades sociais (SINGER, 2013).

Em contra partida, para se pensar na origem da economia solidária, Singer (2013) ressalta que a fase inicial da sua história é reconhecida como “cooperativismo revolucionário”. Além disso, o autor destaca a ligação entre a economia solidária com a crítica operária e socialista do capitalismo. Nesse caso, Singer (2013, p.29) exterioriza sobre a luta de classe:

“os trabalhadores em conflitos com seus empregadores, em vez de se limitar a reivindicações de melhora salarial e de condições de trabalho, passavam a tentar substituí-los no mercado. A greve tornava-se uma arma não para melhorar a situação do assalariado, mas para eliminar o assalariamento e substituí-lo por autogestão.

E, neste campo de reflexão, Singer (2013) estabelece as divergências entre o modelo de produção capitalista e a economia solidária. No primeiro caso, o modelo competitivo do capitalismo determina a relação entre a figura do perdedor e do ganhador, ou seja, promove a polarização e exclusão social (SINGER, 2013).

Com ênfase na gestão da empresa, Singer (2013, p. 17) expõe que a heterogestão na lógica capitalista é “a administração hierárquica, formada por níveis

sucessivos de autoridade, entre os quais as informações e consultas fluem de baixo para cima e as ordens e instruções de cima para baixo”. E, assim, em um contexto desigual, as empresas capitalistas remuneram os seus empregados com salários dessemelhantes. Além disso, o assalariado não participam da repartição dos lucros, essa divisão é realizada por um pequeno grupo que controla as ações da empresa (SINGER, 2013).

No entanto, no segundo caso, a solidariedade na economia, a autogestão e a repartição dos ganhos nas empresas solidárias, incluindo as cooperativas, seriam elementos motivadores para a constituição de um modelo econômico mais solidário. De acordo com Singer (2013) o modelo de produção da economia solidária preconiza a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual. Nesse sentido, “a aplicação desses princípios une todos os que produzem uma única classe de trabalhadores que são possuidores de capital por igual em cooperativa ou sociedade econômica” (SINGER, 2013, p. 10).

Da mesma forma, não se pode desatentar para o rol de princípios que constituem as bases do cooperativismo. Nesse sentido, a Aliança Cooperativa Internacional (ACI) elencou, em 1995, os princípios responsáveis por estabelecer pressupostos universais do cooperativismo. No quadro abaixo serão apresentados os princípios vigentes até o presente momento:

Quadro 1 – Princípios do Cooperativismo

Princípios	Aplicação
Associação Voluntária e Livre	As cooperativas são organizações voluntárias, abertas a todas as pessoas aptas a utilizar os seus serviços e dispostas a aceitar as responsabilidades de adesão, sem discriminação social, racial, política, religiosa e de gênero.
Gestão democrática pelos membros	As cooperativas são organizações democráticas controladas por seus membros, que participam ativamente na definição de suas políticas e na tomada de decisões. Homens e mulheres, eleitos como representantes dos demais membros, são responsáveis perante estes. Nas cooperativas primárias, os membros têm

	direitos iguais de voto (um membro, um voto) e as cooperativas de outros níveis também são organizadas de forma democrática.
Participação econômica dos membros	Os membros contribuem de forma equitativa e controlam democraticamente o capital de sua cooperativa. Pelo menos parte desse capital é, normalmente, propriedade comum da cooperativa. Os membros recebem, geralmente, se houver, uma remuneração limitada ao capital integralizado, como condição de sua adesão. Os membros destinam os excedentes para uma ou todas as seguintes finalidades: desenvolvimento de sua cooperativa, possivelmente através da constituição de reservas, parte das quais, pelo menos seria indivisível; beneficiando os associados na proporção de suas transações com a cooperativa; e apoiar outras atividades aprovadas pelos membros
Autonomia e independência	As cooperativas são organizações autônomas de ajuda mútua, controladas por seus membros. Se firmam acordos com outras organizações, incluindo instituições públicas, ou recorrem a capital externo, devem fazê-lo em condições que assegurem o controle democrático pelos membros e mantenham a autonomia da cooperativa.
Educação, Treinamento e Informação	As cooperativas fornecem educação e treinamento para seus membros, representantes eleitos, gerentes e funcionários para que possam contribuir efetivamente para o desenvolvimento de suas cooperativas. Informam o público em geral, especialmente os jovens e os líderes de opinião, sobre a natureza e os benefícios da cooperação.
Cooperação entre Cooperativas	As cooperativas servem de modo mais eficaz aos seus membros e dão mais força ao movimento cooperativo, trabalhando em conjunto, através das estruturas locais, regionais, nacionais e internacionais.
Preocupação com a Comunidade	As cooperativas trabalham para o desenvolvimento sustentável de suas comunidades através de políticas aprovadas por seus membros

Fonte: Elaborado pelo autor, com base na ACI (2016; 2022), tradução nossa.

Sendo assim, os princípios do cooperativismo apresentam as diretrizes que identificam as características indispensáveis para a organização das cooperativas. Além disso, de acordo com Wakulicz e Oliveira Filho (2015, p.39) “são atribuídos alguns valores ao cooperativismo, de acordo com os seus princípios, que buscam melhor elucidar aspectos comportamentais necessários do associado à cooperativa”. Desta maneira, a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) afirma que a solidariedade, a liberdade, a democracia, a justiça social e a equidade são os valores do cooperativismo (OCB, 2022).

Na prática, os princípios e valores do cooperativismo orientam um modelo econômico capaz de unir o desenvolvimento econômico ao bem-estar social. Nesse sentido, a ACI (2016, p.105, tradução nossa) declara que as cooperativas são “uma associação autônoma de pessoas unidas voluntariamente para satisfazer suas necessidades e aspirações econômicas, sociais e culturais comuns por meio de uma empresa de propriedade conjunta e de maneira democrática”.

No Brasil, a Política Nacional de Cooperativismo (1971) institui o regime jurídico das sociedades cooperativas. Em seu artigo 6º, inciso I, dispõe que a cooperativa deve ser constituída pelo mínimo de 20 pessoas físicas. Além disso, em relação ao estatuto social da cooperativa, a legislação estabelece que deverá constar os direitos e deveres dos cooperados (BRASIL, 1971).

À vista disso, Wakulicz e Oliveira Filho (2015, p91) afirmam que a:

gestão da cooperativa sofre influência direta de todos os associados/cooperados, pois cada associado possui um voto na escolha da diretoria e em outras decisões, via assembleia, independentemente de quantas quotas-parte cada associado possua. Desta forma, a gestão em cooperativas possui um foco mais participativo, devido à sua própria natureza administrativa, sem negligenciar a racionalidade necessária, fundamentada nas atividades de planejamento, organização, direção e avaliação dos resultados.

E, assim destaca-se o papel da autogestão na designação de um líder. Nesse caso, os cooperados nomeiam um presidente. Cabe destacar que o processo é regido pelo princípio da gestão democrática e orientado pelos valores da democracia e liberdade. Dessa decisão emerge o dever do presidente em representar política e socialmente a cooperativa. Além disso, o líder deverá motivar os cooperados a

alcançarem as metas estabelecidas pela autogestão (WAKULICZ; OLIVEIRA FILHO, 2015).

Nesse contexto é importante também que se mencione outras características que diferenciam as cooperativas de empresas que não adotam um modelo solidário na economia. A saber: a cooperativa é uma sociedade de pessoas; o objetivo principal é a prestação de serviços; a cooperativa não tem fins lucrativos; os cooperados exercem a função de colaboradores e proprietários da cooperativa; os cooperado possuem obrigações e direitos equânimes; o fundo de reserva é indivisível em caso de liquidação da cooperativa; e as sobras líquidas são distribuídas proporcionalmente entre os cooperados.

Com base neste recorte e nas premissas teóricas anteriormente apresentadas, parece claro que a organização de um modelo econômico com as bases principiológicas e axiológicas do cooperativismo constituem um modelo econômico mais solidário (SINGER,2013; FARDINI, 2017).

A seguir, abordou-se os fatores sócio-históricos da formação e, também as transformações ocorridas no município de Arraial do Cabo. Para uma melhor compreensão das reflexões propostas, deve-se ter em vista a relevância do cooperativismo para a manutenção de práticas e saberes heterogêneos e intergeracionais, além da organização de modos de vida, em sintonia com a conservação da diversidade biológica e sociocultural no campo de pesquisa.

3 NAVEGANDO PELO CAMPO DA PESQUISA

Dia de luz festa de sol. E um barquinho a deslizar. No macio azul do mar. Tudo é verão e o amor se faz. Num barquinho pelo mar. Que desliza sem parar (...)
(Menescal e Bôscoli, 1961)³.

O presente capítulo tem como enfoque principal apresentar o município de Arraial do Cabo, localizado na Região Geográfica Imediata de Cabo Frio⁴, como campo da presente pesquisa de dissertação. Com essa perspectiva, realiza-se a descrição da relação entre as transformações locais e as práticas artesanais que se traduzem não somente como atividades tradicionais, mas também como símbolos socioculturais do município.

E assim, faz-se necessário recorrer a fatores sócio-históricos da formação e, também, das transformações no território. Cabe destacar que, em grande parte, as transformações foram realizadas pelo fortalecimento do discurso ideológico nacionalista que sustentava o desenvolvimento nacional através dos processos de industrialização.

Por outro lado, para se pensar na conservação e proteção da diversidade biológica, apresenta-se as características das Unidades de Conservação da Natureza (UCs) que delimitam e criam áreas protegidas em Arraial do Cabo. Além disso, destaca-se a importância da proteção dos recursos naturais necessários à subsistência das populações tradicionais.

Ao final, apresenta-se a Cooperativa de Mulheres Nativa e a relevância das suas ações para a manutenção de práticas e saberes heterogêneos e intergeracionais, além da organização de modos de vida, em sintonia com a conservação da diversidade biológica e sociocultural do município.

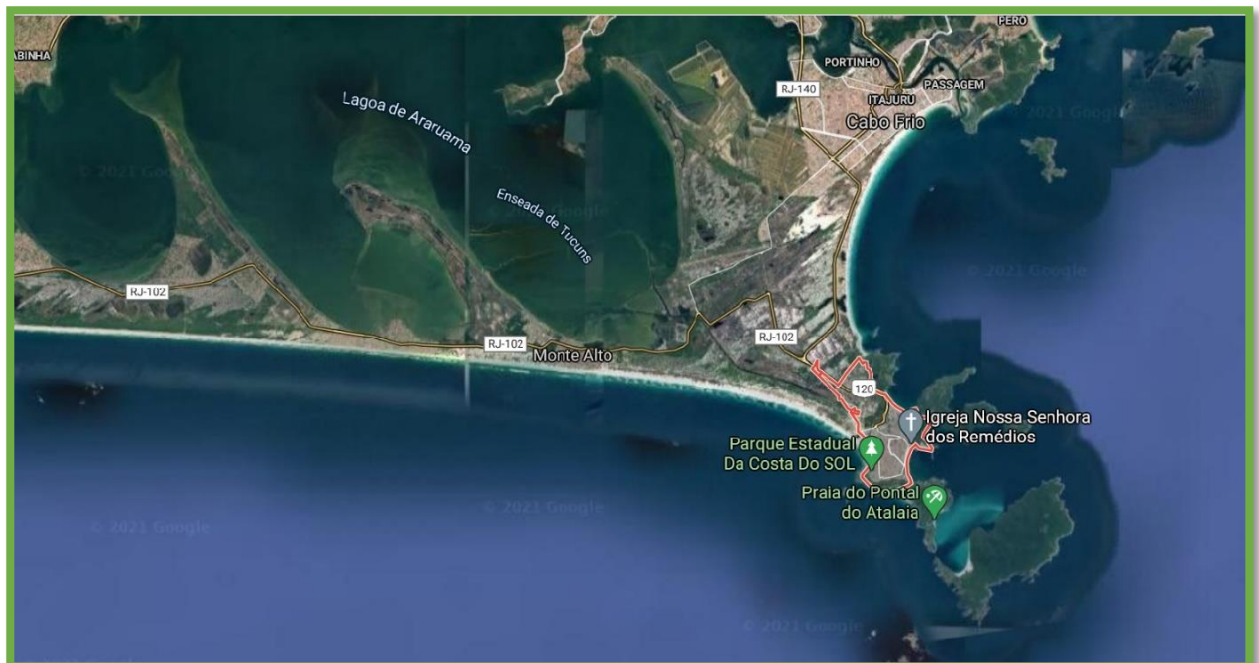
³ Letra da música “O barquinho” de 1961, composição de Roberto Menescal e Ronaldo Bôscoli.

⁴ A Região Geográfica Imediata de Cabo Frio é formada pelo agrupamento de seis municípios. Dentre esses, Araruama, Armação dos Búzios, Arraial do Cabo, Cabo Frio, Iguaba Grande e São Pedro da Aldeia

3.1 ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIOCULTURAIS

Arraial do Cabo é um município situado, na Região Geográfica Imediata de Cabo Frio, entre a Laguna de Araruama e o Oceano Atlântico, no interior do estado do Rio de Janeiro (**Figura 3**). Além disso, o município compõe a Região Geográfica Intermediária de Macaé-Rio das Ostras-Cabo Frio⁵ que é composta por doze municípios. (IBGE, 2017)

Figura 3: Mapa de Arraial do Cabo



Fonte: Google Maps (2021)

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município possui área territorial de 152,106 km², além disso, em 2010, ano do último censo realizado, o número populacional era de 27.715 habitantes. Entretanto, em 2021, a estimativa da população foi de 30. 827 habitantes. E assim, estima-se um crescimento populacional de aproximadamente 11% entre os anos de 2010 e 2021 (IBGE, 2020 e 2021).

⁵ A Região Geográfica Intermediária é composta pelo agrupamento das regiões imediatas de Cabo Frio e Macaé- Rio das Ostras. A saber, a Região Geográfica Imediata de Macaé-Rio das Ostra é formada por seis municípios. Dentre eles, Carapebus, Casimiro de Abreu, Conceição de Macabu, Macaé, Quissamã e Rio das Ostras.

Para conduzir a apresentação do município de Arraial do Cabo faz-se necessário recorrer a fatores históricos que constituíram e constituem as dinâmicas vivenciadas, ainda hoje, na região. E, nesse percurso, no período pré-colonial, o território cabista⁶ era ocupado por povos originários da tribo Tamoio.

No entanto, a descoberta de sítios arqueológicos, dentre eles os sambaquis⁷, foram determinantes para comprovar a existência de outros grupo no território. Nesse caso, períodos mais longínquos da história dos habitantes originários foram salvaguardados. Sendo assim, todos os elementos, descobertos nos sítios arqueológicos, encontram-se sob a guarda e proteção do Poder Público (ARRAIAL DO CABO, 2016; BRASIL, 1961; TAGLIOLATTO et al. 2015).

Na prática, a base alimentar dos índios Tamoios era, essencialmente, composta por peixes e frutos do mar. Assim sendo, os indígenas utilizavam linhas feitas com a fibra do tucum e anzóis feitos com espinhos para realizar a pesca. Ademais, essa tribo complementavam a dieta com o consumo de tubérculos e com a caça de animais (BERNARDES; BERNARDES, 1950; BRITTO,1999).

Posteriormente, no período colonial, os portugueses tiveram grande influência sobre a pesca no território. De acordo com Bernardes e Bernardes (1950), os portugueses foram responsáveis por introduzir o uso de redes em diversas praias do litoral fluminense. Dessa maneira, o extrativismo animal permaneceu como a principal fonte de sustento naquela época.

E, neste caso, a especificidade do território e da paisagem local possibilitaram o desenvolvimento de práticas culturais relacionadas a atividade pesqueira, base da economia local. Na verdade, a pesca tradicional é considerada uma herança deixada pelos povos indígenas e pelos primeiros europeus que se estabeleceram no território (BERNARDES; BERNARDES, 1950; BRITO, 1999; PRADO,2002).

Nesse sentido, até o início do século XX, a pesca artesanal caracterizava-se como uma prática de subsistência comunitária responsável pela organização de todo território. Nessa época, os aspectos geográficos da região dificultavam o acesso ao restante do território de Cabo Frio, município no qual Arraial do Cabo era distrito. Desta

⁶ Cabista: adjetivo e/ou um substantivo comum de dois gêneros relativo a Arraial do Cabo. Além disso é utilizado para determinar quem é natural ou habitante do município.

⁷ Os sambaquis são sítios arqueológicos depositários de conchas, minerais e materiais orgânicos comumente encontrados no litoral. Nesse caso, muitas vezes, os materiais orgânicos encontrados são ossos e dentes que possibilitam evidenciar padrões comportamentais referentes aos modos de vida dos povos que viveram no território a milênios de anos.

forma, com relativo isolamento, os nativos viviam, praticamente, da pesca artesanal, da salga e venda do pescado. E sendo assim, a região ficou conhecida como vila de pescadores.

Segundo Barreto (2021, p.91):

entre os anos de 1940 e de 1950, pesquisadores ligados ao Museu Nacional do Rio de Janeiro e instituições internacionais realizaram pesquisas sociais no antigo núcleo de pescadores artesanais de Arraial do Cabo, no distrito de Cabo Frio. Até então, nestas décadas, provavelmente, os 2.000 a 2.500 moradores nativos (cabistas) da vila de pescadores viviam exclusivamente da pesca tradicional e da salga do pescado transportados em tropas de mulas(...)

Nesse sentido, em conformidade com Bernardes e Bernardes (1950, p.25) em seu estudo sobre os processos da pesca no litoral fluminense:

o principal centro de pesca de arrastão na zona em estudo é o Arraial do Cabo (Cabo Frio), onde encontramos mais de cinquenta canoas e redes de arrasto e aonde há uma verdadeira organização que visa o rodízio das embarcações, trabalhando diariamente, duas na Praia Grande e uma em cada uma das praias do Anjo, do Forno e do Farol, esta na ilha fronteira ao continente.

Ainda nesta relação, a organização da pesca de arrastão de praia é realizada por canoas feitas com um único tronco, conhecidas como canoas grandes. No entanto, recentemente, adota-se uma outra nomenclatura para esse tipo de embarcação. Segundo Barreto (2021, p.105) “a adoção do termo canoas de boçarda é recente, e deu-se junto a um carpinteiro local. Pela memória dos antigos pescadores, os atuais remanescentes das canoas de boçarda de Arraial do Cabo são oriundos dos séculos XIX e XX”.

Na prática, essas embarcações são tripuladas por sete pescadores, dentre nove companheiros de companhia. À vista disso, sete pescadores exercem uma parte do seu trabalho na canoa, sendo quatro remadores, o chumbeiro, o corticeiro e o mestre da canoa. Por outro lado, o cabeiro e o vigia ficam em terra (BERNARDES; BERNARDES, 1950).

Segundo Barreto (2021, p108) cada membro tem sua função predefinida:

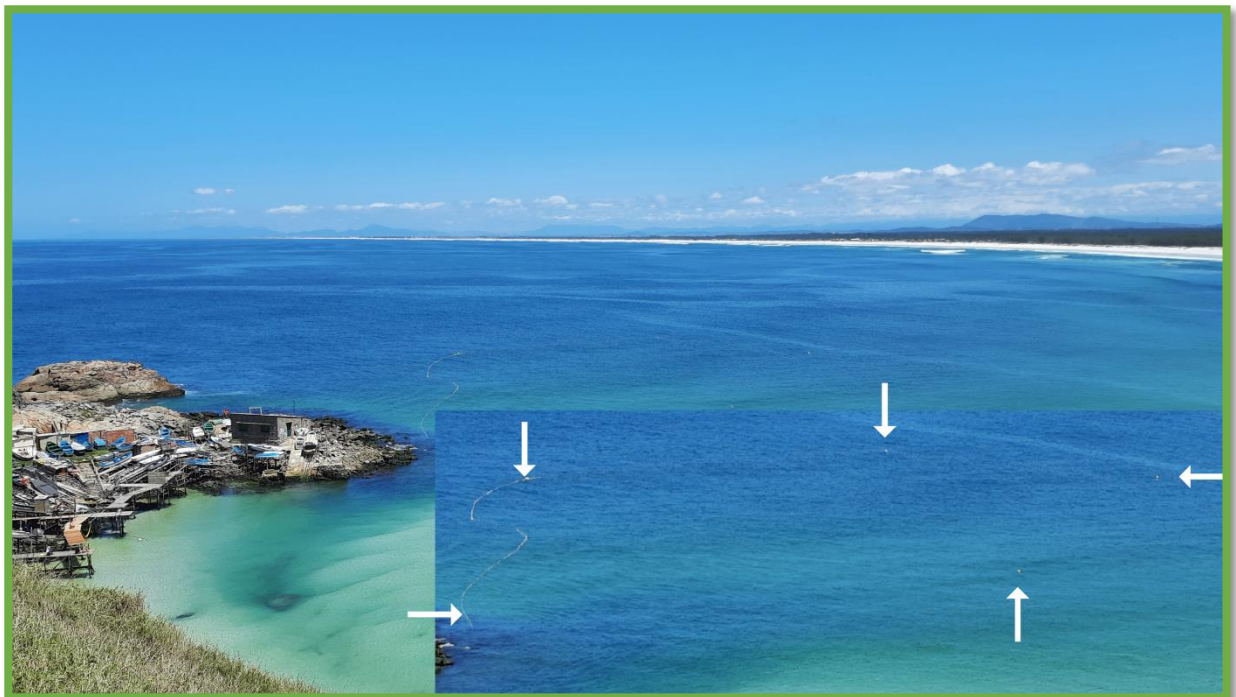
são quatro remadores, que remam de costas para o beque da canoa e de frente para o mestre da canoa a partir dos bancos da proa; da contraproa (ou meeiro) e dos bancos da contraré e da ré. Em cima do paineiro da popa, em pé, fica o mestre da canoa, com seu respectivo remo guiando e manobrando a mesma para o cerco. Todos remam em cadência e ritmo iguais para dar velocidade à canoa. Na sequência, quase no meio da canoa, em cada lado, encontram-se dois pescadores com as funções de chumbeiro e corticeiro, que lançam, no mesmo ritmo uniforme, a rede ao mar. Na beira da praia ficam o mestre vigia da pesca e o cabeiro.

E nesta relação, o êxito da pescaria depende do trabalho coletivo de todos os membros. No entanto, uma das funções características da pesca de arrasto de praia, em Arraial do Cabo, é exercida pelo vigia. A saber, o vigia tem grande influência no resultado da pescaria. Isso porque, esse pescador é capaz de especificar a qualidade, a quantidade, a velocidade e a direção do cardume. Desse modo, geralmente, no alto dos morros, ao avistar a mancha que o cardume faz na água, o vigia sinaliza com um pano aos demais companheiros as informações necessárias para realizar o arrastão (BERNARDES; BERNARDES, 1950).

Diante disso, “os gestos da pesca tradicionais são de origens anônimas, pristinas, arcaicas e fazem parte das arqueológicas dos saberes tradicionais. É um bem cultural, coletivo e social à princípio, exclusivo dos pescadores de Arraial do Cabo” (BARRETO 2021, p.110).

Da mesma forma, a companhia de nove homens realiza o gancho, outra técnica artesanal de arrasto de praia. Nesta modalidade emprega-se a rede de arrasto em modo de espera (**Figura 4**). Nesse caso, os pescadores utilizam a ponta rochosa da praia para cerca o cardume. Assim que o cardume entra na rede os pescadores começam o arrasto (BERNARDES; BERNARDES,1950).

Figura 4: Gancho na Praia Grande⁸



Fonte: o autor (2021)

⁸ Na imagem ampliada, as setas brancas indicam a disposição da rede no formato de gancho.

Em ambos os processos coletivos da pesca tradicional em Arraial do Cabo, utiliza-se a união da companhia e da população para puxar a rede. Nesse caso, o esforço e envolvimento da população é recompensado com a doação de alguns peixes que são capturados.

Ainda com ênfase na pesca artesanal, a pesca de lula é outra modalidade coletiva praticada no território. Em Arraial, as canoas utilizadas para esse tipo de pescaria são nomeadas de redinha. Nesse caso, tradicionalmente, a pesca de lula é realizada por companhia de seis pescadores no verão (BARRETO,2021).

Além dessa, a pesca de linha e tarrafa, usualmente, praticadas em terra, na praia e nos costões, são outras modalidades de pesca exercidas em Arraial do Cabo. Na prática, esse tipo de pescaria não consegue proporcionar os mesmos lucros que os processos coletivos. No entanto, a pesca individual constitui-se como alternativa importante para a subsistência dos pescadores e pescadoras, principalmente, quando os fatores climáticos não permitem a realização dos processos coletivos realizados ao mar (BERNARDES; BERNARDES,1950).

Cabe observar, também, a diversidade presente no bioma marinho. Nesse caso, em Arraial do Cabo, ocorre o fenômeno da ressurgência, no qual, as correntes deslocam águas profundas em direção à superfície, esse deslocamento possibilita uma maior disponibilidade de nutrientes em águas rasas, potencializando os processos que oportunizam o início da cadeia alimentar marinha. Desse modo, o fenômeno contribui para a biodiversidade local, inclusive, para a quantidade e qualidade do pescado (LEITE,2006).

E, nesta relação, a salga tornou-se uma prática importante para conservar a quantidade abundante de peixe, alimento, extremamente, perecível. Isso porque, até a primeira metade do século XX, não existia luz elétrica e nem gelo para conservar o pescado. Além disso, o isolamento geográfico e ausência de estradas impossibilitavam o escoamento da grande produção de pescado via transporte terrestre. Sendo assim, a salga era a melhor solução para que o peixe não deteriorasse (BRETTAS, 2019).

Desta forma, a salga do pescado era uma atividade exercida, principalmente, por mulheres, conhecidas como salgadeiras. Além disso, esse processo fazia parte

do cotidiano da vila de pescadores. Nesse contexto, a salga do peixe era utilizada para evitar o desperdício e potencializar as relações econômicas do distrito. Da mesma forma, o peixe salgado era utilizado para o consumo da própria população cabista (BARRETO, 2021).

Na verdade, o peixe salgado era mais utilizado que o peixe in natura. E, assim, a utilização do peixe salgado tornou-se base da alimentação popular em Arraial do Cabo. Ademias, o seu consumo com a banana representa um dos pratos típicos da culinária local, o peixe escalado com banana. E, assim Brettas (2019, p.88) considera “o peixe salgado um alimento que pode ser entendido como um dos principais representantes da história e da cultura cabista” (BRETTAS, 2019).

Nesta análise é importante resgatar a relação do processo de salga do pescado com a atividade salineira na região. A produção do sal foi outro fator importante para o desenvolvimento econômico e sociocultural em Arraial do Cabo. O sal era proveniente do extrativismo mineral que acontecia nas bordas da Laguna de Araruama (Figura 5). Vale também ressaltar que, inicialmente, esse era um processo artesanal.

Figura 5: Produção de sal nas bordas da Laguna de Araruama⁹



Fonte: o autor (2022)

⁹ Na imagem ampliada, as setas brancas indicam os montes de sal extraídos no processo.

No entanto, em meados do século XX, com a industrialização, a Região dos Lagos tornou-se uma das maiores produtora de sal do Brasil. E neste cenário, também, iniciou-se a produção de barras de gelo, em grande parte, utilizadas para conservar o pescado. Desse modo, a salga do peixe deixou de acontecer com a mesma frequência. Na verdade, o peixe salgado ficou restrito ao consumo doméstico (BRETTAS, 2019; BARRETO, 2021).

Neste sentido, o planejamento e a criação da Companhia Nacional de Álcalis (CNA), empresa estatal, é um exemplo emblemático das transformações causadas pelo modelo desenvolvimentista no território. Em 1943, o decreto-lei nº 5.684 autorizou a elaboração de estudos para a implementação da CNA (BRASIL, 1943).

Nessa direção, Pereira (2010, p.322) expõe que:

projetada em 1943 durante o Estado Novo, a Companhia Nacional de Álcalis, em Arraial do Cabo, Rio de Janeiro, só foi definitivamente instalada em 1960. Sua implementação não foi uma tarefa fácil, tendo sido afetada por interesses diversos, de dentro e de fora do país. O principal produto que a Álcalis, uma empresa de base, fabricou foi a barrilha, componente químico utilizado em maior escala pela indústria vidreira, e também pela indústria química e pela indústria farmacêutica.

Nesta relação, o fortalecimento do discurso ideológico nacionalista sustentava o desenvolvimento através dos processos de industrialização. E assim, Arraial do Cabo passou a ser considerado um dos símbolos da modernidade nacional. É evidente, portanto, que a cidade sofreu intensos processos de transformação em seu contexto econômico, político e sociocultural (PEREIRA, 2010).

E, neste caso, o grande fluxo de imigrantes para a formação da mão de obra necessária para a construção da empresa foi crucial para que os processos de mudança no comportamento social fossem estabelecidos. De acordo com Pereira (2010, p. 330) “em 1957, a CNA já contava com aproximadamente 2.500 trabalhadores”.

Nesse sentido, a CNA tornou-se a principal fonte econômica da cidade. E assim, alguns pescadores passaram a exercer a pesca como atividade complementar aos trabalhos na empresa. De acordo com Pereira (2010, p.338) “a pesca vinha sendo abandonada, pois era considerada mais perigosa e cansativa, e passou a ser substituída por uma ocupação de ganho certo”. Além disso, o trabalho na empresa possibilitava várias vantagens como planos de assistência médica e odontológica gratuitos, alimentação e remédios a preços reduzidos (BRETTAS, 2019).

E ainda mais problemático, a ideologia desenvolvimentista contribuiu para o avanço da industrialização no setor pesqueiro. Nesse caso, a pesca industrial tinha

como objetivo aumentar a produção pesqueira no município. No entanto, essa prática aumentava o risco da degradação dos ecossistemas aquáticos.

Nesse contexto, uma situação emblemática e ilustrativa foi a instalação de uma indústria de pesca baleira nos anos 60. De acordo com Brettas (2019, p.86): “a Taiyo instalou-se em Arraial do Cabo em 1960 e operou até 1963, capturando cerca de 1.500 baleiras durante seu período de funcionamento”.

Desta forma, a desvalorização da pesca como elemento cultural e identitário foi intensificada. E assim, Brettas (2019, p.86) afirma que:

os efeitos dessas políticas podem ser vistos claramente em Arraial do Cabo. A pequena localidade, abundante em peixes, que extraía os recursos de forma artesanal respeitando a dinâmica da natureza, viu seus recursos naturais diminuir drasticamente e vivenciou a transformação do local com a chegada de uma grande indústria química, com o crescimento populacional e urbano desenfreados, o aumento do fluxo turístico, a instalação de uma indústria de pesca de baleias e o enfraquecimento da autoestima do pescador em relação a sua cultura.

A proeminência econômica da CNA, somada com as políticas públicas para o setor da pesca artesanal no país, promoveram uma degradação gradativa da autoestima do pescador e uma consequente desvalorização da pesca como elemento cultural e identitário da comunidade cabista.

E neste cenário, a desvalorização da pesca foi intensificada, também, com o aumento do fluxo turístico favorecido, em 1974, pela abertura da Ponte Rio Niterói. E, assim, conforme Barreto (2021, p.92) “a mesma facilitou a circulação, a mobilidade e o fluxo de veículos e ampliou o número de turista de balneário. Inclusive, incrementou o turismo de veraneio e, posteriormente, o de segunda residência para a Região dos Lagos”.

Neste caso, Barreto (2021, p.99) destaca que a expansão da especulação imobiliária:

surge e prossegue a partir da desativação das antigas salinas; das invasões e construções nas áreas das restingas, morros, dunas de beira de praia e dos aterramentos de alagados, brejos e pântanos. Seja, ainda, através dos loteamentos e das edificações multifamiliares com a formação dos primeiros condomínios de segunda residência travestida de política de estímulo ao incremento, crescimento e desenvolvimento do turístico local e regional”.

Nesta análise é importante salientar que o fortalecimento econômico e as transformações políticas que ocorreram com a instalação da CNA e a intensificação dos fluxos turísticos possibilitaram, em 1985, a emancipação de Arraial do Cabo, distrito de Cabo Frio. Na verdade, Arraial torna-se independente no dia primeiro de janeiro de 1986, por força da lei estadual nº 839, de 13 de maio de 1985. (RIO DE JANEIRO, 1985)

No entanto, após o processo de emancipação, não se esperava pela recessão nacional dos anos 90. Nesta época, o Governo Fernando Collor cria o Programa Nacional de Desestatização (PND) tendo como principal objetivo “reordenar a posição estratégica do Estado na economia, transferindo à iniciativa privada atividades indevidamente exploradas pelo setor público”. Além disso, o plano objetivava a redução da dívida pública, a retomada de investimentos, o fortalecimento do mercado de capitais, dentre outras estratégias (BRASIL, 1990).

E, assim, em 1992, em conformidade com o decreto nº 426, a CNA foi incluída no PND (BRASIL, 1992). Nesse caso, o processo de privatização da empresa foi iniciado. De acordo com Ribeiro (2012, p.80) a privatização da CNA foi concluída “no dia 16 de julho do mesmo ano, ocasião em que o grupo empresarial de José Carlos Pires, adquiriu a empresa em leilão público realizada na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro”.

Nesse movimento, o processo de privatização acentuou o processo de enfraquecimento da empresa no período da recessão. Em tal caso, segundo Velloso (2017), a CNA entrou em processo de falência em 2004. Neste mesmo ano, a empresa passou a ser administrada pela Associação dos Empregados da Álcalis. E, posteriormente, em 2006, a CNA encerrou as atividades. Sendo assim, como se poderia esperar a falência da CNA provocou o aumento da taxa de desemprego, o enfraquecimento do comércio local e o declínio econômico nos municípios vizinhos.

E neste cenário mutante e, ao mesmo tempo, provisório foram estabelecidas dinâmicas complexas envolvendo interesses distintos no território. Como mencionado anteriormente, em Arraial coexiste um jogo de forças que envolve a pesca artesanal, a pesca industrial, a conservação da natureza, a especulação imobiliária, o turismo de massa, dentre outras atividades que disputam tal espaço cotidianamente.

Assim, para se pensar na responsabilidade, não apenas da sociedade, mas também do Poder Público em conservar e proteger a natureza, foram criadas algumas UCs, delimitando e criando áreas protegidas no município, como: a Reserva Extrativista (Resex) Marinha de Arraial do Cabo, o Parque Estadual da Costa do Sol (PECS) e a Área de Proteção Ambiental (APA) de Massambaba.

Segundo o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC) (2000), as unidades de conservação dividem-se em dois grupos, são esses

Unidade de Proteção Integral ¹⁰ e Unidade de Uso Sustentável ¹¹, cada qual com suas características específicas (BRASIL, 2000). No quadro abaixo serão apresentadas as características das UCs existentes em Arraial do Cabo:

Quadro 2 – Características das UCs

UC	Ato de Criação	Tipo de Proteção	Polígono
Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo	Decreto de 03 de janeiro de 1997	Uso Sustentável	516,7047 km ²
Parque Estadual da Costa do Sol	Decreto nº 42929, de 18 de abril de 2011	Proteção Integral	92,2869 km ²
Área de Proteção Ambiental da Massambaba	Lei ordinária nº 6128, de 28 de dezembro de 2011	Uso Sustentável	91,2440 km ²

Fonte: Elaborado pelo autor, com base no Cadastro Nacional de Unidades de Conservação (CNUC) (2021).

Nesse sentido, a diversidade biológica, encontrada no território municipal, tem os seus biomas conservados por UCs geridas pelas esferas administrativas de âmbito estadual e federal. Além disso, Arraial do Cabo é constituído por áreas de proteção integral e de uso sustentável. É importante ressaltar que o SNUC apresenta 13 objetivos, dentre eles o de “proteger os recursos naturais necessários à subsistência de populações tradicionais, respeitando e valorizando seu conhecimento e sua cultura e promovendo-as social e economicamente” (BRASIL, 2000).

Assim, um passo importante para o desenvolvimento da pesquisa foi estabelecer o diálogo com as populações tradicionais de Arraial do Cabo. Neste caso, o grupo selecionado foi a Cooperativa de Mulheres Nativas da Praia Grande, envolvida

¹⁰ As Unidades de Proteção Integral tem como objetivo básico “preservar a natureza, sendo admitido apenas o uso indireto dos seus recursos naturais” na forma da lei (Artigo 7º, §1º, BRASIL,2000)

¹¹ As Unidades de Uso Sustentável tem como objetivo básico “compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável de parcela dos seus recursos naturais” (Artigo 7º, §2º, BRASIL,2000)

com a pesca artesanal no município mencionado e com o beneficiamento de pescados capturados na região, bem como com a produção de alimentos artesanais, sem conservantes artificiais, como almôndegas, quibes, empanados, e hambúrgueres de peixe. Além de beneficiar o pescado, a cooperativa reafirma a cultura intergeracional através da pesca artesanal, da conservação da natureza, de histórias sobre a cidade e de receitas gastronômicas desenvolvidas localmente.

A ideia de fundar uma Cooperativa surgiu da vontade de quatro mulheres que participaram de um curso sobre agricultora polivalente de plantas da restinga, do Programa Nacional Mulheres Mil¹², curso ministrado no Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), polo Arraial do Cabo. E nesta relação de ensino-aprendizagem surgiram outras possibilidades de aperfeiçoamento, como cursos sobre o Cooperativismo e, também, sobre a pesca e o beneficiamento do pescado.

E, assim, em 2016, a Cooperativa de Mulheres Nativas foi constituída legalmente. Na prática, a Cooperativa tem duas vertentes, a primeira reafirma a cultura intergeracional através da pesca artesanal, de receitas tradicionais e, também, desenvolve receitas gastronômicas com o beneficiamento do pescado. Por outro lado, a segunda vertente destina-se à conservação e preservação da restinga. Nesse sentido, o objetivo é realizar a recuperação de áreas degradadas, mediante o plantio de mudas nativas da região.

Da mesma forma, não se pode esquecer que o poder público municipal reconheceu a relevância das ações prestadas pela Cooperativa, principalmente, aquelas voltadas para o desenvolvimento econômico, social e político da cidade. Neste caso, a Cooperativa recebeu o título de utilidade pública por força de lei municipal (ARRAIAL DO CABO, 2016).

É importante ainda mencionar que, em 2019, o peixe seco com banana, uma receita herdada de práticas culturais locais ganhou o primeiro lugar, ao concorrer com 170 receitas de nove nacionalidades englobando a América Latina e o Caribe, durante a 16ª edição da FLIP, no concurso “Saberes e Sabores”, um dos desdobramentos da campanha “Mulheres rurais, Mulheres com Direitos”, uma iniciativa da FAO.

No entanto, no ano de 2020, em consequência das adversidades vivenciadas na pandemia, a Cooperativa precisou suspender as atividades por motivos de

¹² Programa criado pelo Ministério da Educação que tem a finalidade de elevar a escolaridade de mulheres em situação de vulnerabilidade social.

segurança sanitária. Nesse período, a Cooperativa manteve o mínimo de equipamentos ligados e conseguiu quitar as despesas mensais com a sua reversa de emergência.

Ao final do mesmo ano, a Cooperativa participou da Chamada de Projetos Apoio Emergencial, que tem como gestor financeiro o FUNBIO, e o projeto Mulheres Ativas ¹³ foi selecionado para integrar a medida compensatória estabelecida pelo Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) conduzido pelo Ministério Público Federal (MPF/RJ). A realização do projeto foi responsável por readequar as atividades da Cooperativa às novas condições impostas pela pandemia.

Neste contexto, o projeto forneceu a sanitização da Cooperativa, os Equipamentos de Proteção Individual (EPI), além de realizar as testagens para covid-19 nas cooperadas. No período de isolamento social, outra medida importante para exercer a finalidade da Cooperativa, foi a divulgação das ações da Cooperativa por intermédio das redes sociais. A saber, a Cooperativa realizou mais de 100 publicações, no período de 04 de abril de 2021 até 09 de maio de 2022, no *Instagram* e no *Facebook*.

Este avanço foi obtido, principalmente, a partir de publicações sobre o funcionamento da Cooperativa; a apresentação das cooperadas; o beneficiamento do pescado; a comercialização dos produtos; a participação em projetos; a valorização da pesca artesanal; o trabalho da mulher na pesca; o preparo de receitas; as belezas naturais; os destinos turísticos ; a conservação da restinga; os naufrágios; a captura de baleias; a influência da lua na pesca; a oferta de emprego e de oficinas de capacitação oferecidas pela Cooperativa.

Em relação as oficinas, cabe mencionar que foram abertas três turmas da Oficina de Capacitação em Pesca Artesanal e, também, três turmas da Oficina de Capacitação em Culinária de Frutos do Mar, com o total de cinco vagas em cada. Desse modo, as oficinas foram compostas por aulas teóricas e práticas, totalizando uma carga horária de 20 horas por turma. Além disso, as oficinas e os materiais necessários foram ofertados de forma gratuita.

Cabe destacar que o princípio da Educação, Treinamento e Informação é indispensável para a manutenção da Cooperativa. Neste caso, o cooperativismo deve estimular a transmissão dos conhecimentos adquiridos pelas cooperadas ao público

¹³ Um dos projeto selecionado para mitigar os efeitos da pandemia nas comunidades pesqueiras.

em geral. Sendo assim, as informações prestadas devem ter compromisso com o desenvolvimento comunitário.

Desta forma, a reorganização da Cooperativa contribuiu para o desenvolvimento econômico, social e político da região de atuação, principalmente, no período de isolamento social. Sendo assim, cabe ressaltar que além da Cooperativa de Mulheres Nativas da Praia Grande se caracterizar como uma alternativa econômica, esta também representa uma importante inspiração através da representatividade que ganhou no exercício de práticas comunitárias, na preservação da natureza, na defesa dos direitos de gênero e na valorização da memória social, dos saberes locais e das práticas tradicionais.

4 ABORDAGEM METODOLÓGICA

[...]a cientificidade não pode ser reduzida a uma forma determinada de conhecer: ela pré contém, por assim dizer, diversas maneiras concretas e potenciais de realização (MINAYO, 2009, p.10).

Para responder a pergunta de pesquisa e alcançar os objetivos propostos, nesta Dissertação de Mestrado, realiza-se uma pesquisa com abordagem qualitativa, inspirada no método de História Oral, baseada na coleta de dados secundários e produção dos primários. A abordagem metodológica qualitativa tende a facilitar a produção e interpretação das memórias sociais. Isso porque, no campo das Ciências Humanas e Sociais, o pesquisador tende a se confrontar com significados, valores, motivações, saberes e práticas singulares constitutivas dos diversos contextos socioculturais (GOLDENBERG, 2004; MINAYO, 2009).

Com referência à pesquisa qualitativa, Alves-Mazzotti e Gewandsznajer (2004, p.131) esclarecem que:

Essas pesquisas partem do pressuposto de que as pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores e que seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de modo imediato, precisando ser desvelado. Dessa posição decorrem as três características essenciais aos estudos qualitativos: visão holística, abordagem intuitiva e investigação naturalística.

Além disso, a pesquisa qualitativa fornece a possibilidade de criar desenhos metodológicos, ao garantir autonomia na escolha de métodos e técnicas, capazes de se adequarem às complexidades e especificidades das temáticas desenvolvidas nas Ciências Humanas e Sociais.

Sendo assim, o vínculo desse estudo ao Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (PPG/EICOS/UFRJ) exige uma abordagem que possa propiciar o desenvolvimento de pesquisas congruentes às temáticas polissêmicas inerentes ao campo da Psicossociologia.

E nesta relação, Minayo (2009, p.14) sinaliza que:

A realidade social é a cena e o seio do dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante. Essa mesma realidade é mais rica que qualquer teoria, qualquer pensamento e qualquer discurso que possamos elaborar sobre ela.

Assim, parece claro que as relações estabelecidas na pesquisa possibilitam a produção de respostas singulares para a solução de problemas específicos. Isso porque, segundo Minayo (2009, p.74) “como investigadores trabalhamos com

pessoas, logo, com relação e com afeto”. E, sendo assim, para superar as inquietações que despontam das relações sociais, não se pode limitar o alcance teórico-metodológico do campo psicossocial (CONTRO, 2011).

Com base na abordagem metodológica descrita, o presente estudo foi desenvolvido em conformidade com as etapas metodológicas apresentadas a seguir.

4.1 ETAPAS METODOLÓGICAS

4.1.1 Pesquisa bibliográfica

Para compor o corpo teórico da dissertação, uma das etapas metodológicas da pesquisa compreende o levantamento e a seleção de fontes bibliográficas sobre o tema proposto, de modo a elaborar a fundamentação teórica-conceitual referente ao campo psicossocial, à memória social e ao cooperativismo. Entre as fontes que foram consultadas, estão livros, teses, dissertações, monografias, artigos, relatórios finais de pesquisa e publicações em anais de eventos científicos, disponíveis nas bases de dados nacionais e internacionais.

Deste modo, as fontes consultadas foram: a Base Minerva/UFRJ, os bancos de trabalho de conclusão de curso (Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – (CAPES), Biblioteca Digital Brasileira - (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – (Ibict), o site do Programa EICOS) e os portais eletrônicos de pesquisa (Portal de Periódicos da CAPES e *Scientific Electronic Library Online* – (SciELO).

A técnica de busca utilizou palavras-chave, como psicossociologia, campo psicossocial, memória social, memória coletiva, memória individual, memória particular, produção de memória, cooperativismo, cooperativas e economia solidária.

4.1.2 Pesquisa documental

Outra etapa metodológica foi dirigida à pesquisa documental. Assim, o levantamento e análise das informações que envolvem o arcabouço legal dirigido ao tema proposto se encontra detalhado a seguir:

QUADRO 3: Arcabouço legal

Decreto-Lei nº 221, de 28 de fevereiro de 1967.	Dispõe sobre a proteção e estímulo à pesca e dá outras providências
Lei nº 7679, de 23 de novembro de 1988.	Dispõe sobre a proibição da pesca de espécies em período de reprodução e dá outras providências
Lei nº 10.779, de 25 de novembro de 2003.	Dispõe sobre a concessão do benefício de seguro desemprego, durante o período de defeso, ao pescador profissional que exerce a atividade pesqueira de forma artesanal.
Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007.	Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais
Lei nº 11.699, de 13 de junho de 2008.	Dispõe sobre as Colônias, Federações e Confederação Nacional dos Pescadores, regulamentando o parágrafo único do art. 8º da Constituição Federal e revoga dispositivo do Decreto-Lei nº 221. De 28 de fevereiro de 1967
Lei nº 11959, de 29 de junho de 2009	Dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca, regula as atividades pesqueiras, revoga a Lei nº 7.679, de 23 de novembro de 1988, e dispositivos do Decreto-Lei nº 221, de 28 de fevereiro de 1967, e dá outras providências
Decreto nº 8424, de 31 de março de 2015	Regulamenta a Lei nº 10.779, de 25 de novembro de 2003, para dispor sobre a concessão do benefício de seguro-desemprego, durante o período de defeso, ao pescador profissional artesanal que exerce sua atividade exclusiva e ininterruptamente

Decreto nº 8425, de 31 de março de 2015	Regulamenta o parágrafo único do art. 24 e o art. 25 da Lei nº 11.959, de 29 de junho de 2009, para dispor sobre os critérios para inscrição no Registro Geral da Atividade Pesqueira e para a concessão de autorização, permissão ou licença para o exercício da atividade pesqueira
Lei nº 13.134, de 16 de junho de 2015	Altera as Leis nº 7.998, de 11 de janeiro de 1990, que regula o Programa do Seguro-Desemprego e o Abono Salarial e institui o Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), nº 10.779, de 25 de novembro de 2003, que dispõe sobre o seguro-desemprego para o pescador artesanal, e nº 8.213, de 24 de julho de 1991, que dispõe sobre os planos de benefícios da Previdência Social; revoga dispositivos da Lei nº 7.998, de 11 de janeiro de 1990, e as Leis nº 7.859, de 25 de outubro de 1989, e no 8.900, de 30 de junho de 1994; e dá outras providências
Decreto nº 8.750, de 9 de maio de 2016	Conselho Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais
Decreto nº 8967, de 23 de janeiro de 2017	Altera o Decreto nº 8.425, de 31 de março de 2015, que dispõe sobre os critérios para inscrição no Registro Geral da Atividade Pesqueira, e o Decreto nº 8.424, de 31 de março de 2015, que dispõe sobre a concessão do benefício de seguro-desemprego, durante o período de defeso, ao pescador profissional artesanal que exerce sua atividade exclusiva e ininterruptamente

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Posteriormente, realizou-se o levantamento o arcabouço legal dirigido ao tema proposto, no âmbito municipal. Conforme quadro a seguir:

QUADRO 4: Arcabouço legal no âmbito municipal

Lei nº 1796, de 22 de abril de 2013	Institui a Semana Municipal do Pescador no âmbito do município de Arraial do Cabo
Lei nº 1.804, de 07 de maio de 2013	Considera Patrimônio Cultural de natureza imaterial, a Pesca Artesanal de Arraial do Cabo.
Lei nº 1832, de 22 de agosto de 2013	Declara Patrimônio Cultural Imaterial do Município de Arraial do Cabo, a Procissão e os Festejos Religiosos dedicados a Nossa Senhora dos Remédios.
Lei nº 1.923, 09 de março de 2015	Declara Patrimônio Natural e Turístico as Praias de Massambaba, Praia Grande, Praia Brava, as Prainhas, a Praia da Ilha do Farol, Praia dos Anjos, Praia do Forno, Prainha e Praia do Pontal no município de Arraial do Cabo
Lei nº 1.927, de julho de 2015	Institui a função de Registro do Patrimônio Cultural de Arraial do Cabo
Lei nº 1.999, de 23 de agosto de 2016	Dispõe sobre a preservação do patrimônio natural e cultural do município de Arraial do Cabo, cria o Conselho Municipal de Cultura e Patrimônio e dá outras providências.
Lei nº 2.202, de 11 de outubro de 2016	Torna de utilidade pública municipal a Cooperativa de Mulheres Produtoras da Pesca Artesanal e de Plantas Nativas da Região dos Lagos.
Lei nº 2.005, de 24 de novembro de 2016	Declara Patrimônio Cultural Imaterial do município de Arraial do Cabo, o Festival de Lula realizado pela APAC.

Lei nº 2.200, de 11 de julho de 2019	Autoriza a cessão de uso de bem público municipal à Cooperativa de Mulheres Produtoras da Pesca Artesanal e Plantas Nativas da Região dos Lagos, e dá outras providências.
Lei nº 2.318, de 21 de julho de 2021	Declara Patrimônio Histórico Cultural Material, do município de Arraial do Cabo, as Canoas das Praias, e dá outras providências
Lei nº 2.332, de 10 de setembro de 2021	Institui e inclui no calendário oficial de eventos do município de Arraial do Cabo, o Culto de Gratidão aos Pescadores dos Distritos.
Lei Complementar nº 012, de 30 de dezembro de 2021	Dispõe sobre o Plano Diretor Participativo do Município de Arraial do Cabo, o instrumento básico de ordenação do território municipal, o qual define em nível local a função social da cidade e coordena as políticas urbana, ambiental, e dos recursos do mar, incorpora políticas setoriais, de caráter socioeconômico.
Lei nº 2.374, de 12 de janeiro de 2022	Dispõe sobre a reorganização da estruturação da Fundação Instituto de Pesca de Arraial do Cabo – FIPAC

Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

4.1.3 Aspectos éticos da pesquisa

A presente Dissertação de Mestrado caracteriza-se como um recorte vinculado à pesquisa aprovada e registrada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), da Universidade Federal do Rio de Janeiro

(UFRJ) de acordo com o parecer número: 1518.003, identificada pelo Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) número: 54203016600005582, intitulada: Saberes e ocupações tradicionais: memória, ocupações e desenvolvimento local (**Anexo 1**). O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aprovado, encontra-se em anexo (**Apêndice 1**).

Com ênfase no processo de esclarecimento e assentimento, para a participação na pesquisa, foram realizadas reuniões, em plataformas digitais, Google Meet e Jitsi Meet. Nestes encontros, o pesquisador apresentou e esclareceu todos os pontos do TCLE e se disponibilizou a sanar qualquer dúvida, não apenas nos encontros *online*, mas também a qualquer momento. Além dessas oportunidades síncronas, foi disponibilizado o TCLE por escrito através do aplicativo *Whatsapp*.

Nesse sentido, o processo de consentimento e o seu registro realizados por videoconferência atenderiam as exigências da Resolução nº 510 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) (2016). No entanto, na fase de edição das narrativas, as colaboradoras optaram por receber as transcrições por impresso. Nesse caso, o pesquisador entregou as transcrições e fez o registro do consentimento de forma presencial. Sendo assim, duas vias foram assinadas, uma ficou com cada colaboradora e outra com o pesquisador.

4.1.4 Pesquisa de Campo

Paralelo à obtenção dos dados secundários, a escolha por um campo de pesquisa considerou a aproximação do pesquisador ao objeto investigado, tendo em vista ser morador de um município limítrofe há quinze anos. Nesse sentido, a observação das dinâmicas praticadas na região possibilitam ao pesquisador a prudência necessária para realizar as análises entrecruzadas dos dados secundários com as memórias produzidas nos encontros.

A partir dessa reflexão, nessa etapa metodológica desenvolve-se a pesquisa de campo, mas para avançar nesta direção, é importante reafirmar que a complexidade do tema proposto inspirou a utilização da História Oral, como método, e a narrativa como instrumento metodológico capaz de motivar a produção de memória. De acordo com Meihy e Holanda (2011, p.14), “a história oral mantém

vínculo inevitável com o imediato e isso obriga reconhecer o enlace da memória com modos de narrar”.

Assim, um passo importante para a investigação dos processos de produção da memória social sobre as práticas artesanais no município de Arraial do Cabo, foi a construção de vínculos relacionais com as integrantes da Cooperativa de Mulheres Nativas da Praia Grande. Isso porque, a Cooperativa se caracterizar como uma importante inspiração através da representatividade que ganhou no exercício de práticas comunitárias, na preservação da natureza, na defesa dos direitos de gênero e na valorização da memória social, dos saberes locais e das práticas tradicionais.

Além disso, não se pode esquecer que o poder público municipal reconheceu a relevância das ações prestadas pela Cooperativa, principalmente, aquelas voltadas para o desenvolvimento econômico, social e político do município. Neste caso, a Cooperativa recebeu o título de utilidade pública por força de lei municipal (ARRAIAL DO CABO, 2016).

De acordo com Meihy (2005), a escolha dos colaboradores de uma pesquisa em história oral segue critérios qualitativos, e não quantitativos. Ainda refletindo sobre o número de colaboradores, Albertini (2004) explica que:

a escolha dos entrevistados não deve ser predominantemente orientada por critérios quantitativos, por uma preocupação com amostragens, e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência. Assim, em primeiro lugar, convém selecionar os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrência ou situações ligadas ao tema e que possam fornecer depoimentos significativos.

Com base neste recorte, a seleção das cooperadas observou os objetivos estabelecidos na pesquisa. Nesse sentido, as cooperadas deveriam dispor de uma “vontade de memória”, de conhecimento prévio sobre os saberes locais e sobre as práticas tradicionais, de aptidão para utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e, também, de legitimidade para representar política e socialmente a Cooperativa.

Além disso, foi importante definir o tipo de entrevista a ser realizado. Na presente pesquisa, o gênero selecionado foi a entrevista de história de vida, uma vez que possibilita a construção de uma narrativa livre, vinculada a experiência pessoal (MEIHY, 2005).

De acordo com Albertini (2004, p. 37/38):

as entrevistas de história de vida têm como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que

presenciou, vivenciou ou de que se inteirou. Pode-se dizer que a entrevista de história de vida contém, em seu interior, diversas entrevistas temáticas, já que, ao longo da narrativa da trajetória de vida, os temas relevantes para a pesquisa são aprofundados.

E, nesse percurso, a narrativa de memória de vida caracteriza-se como uma ferramenta capaz de estimular a construção de um vínculo afetivo na interseção do encontro de quem fala com aquele que ouve, ou seja, uma conexão que se produz na narrativa, mas também, uma narrativa que estimula a produção da memória (COSTA; CARVALHO, 2011). Nas palavras de Costa e Carvalho (2011, p.71) “o processo de narrativa de memória de vida produz-se como agenciador de encontros: do narrador com suas memórias, com seu ouvinte, com as releituras, com os desejos”.

Nesse sentido, não se pode ignorar que esta reflexão esclarece a potência que a narrativa da memória de vida oferta ao estimular a produção da memória social que ocorre no diálogo com o passado, o presente e, também, com as projeções futuras, uma vez que esta não é linear, nem cronológica. E, assim, as narrativas são compostas pelas subjetividades, pelo afeto e pelo vivido. Essa subjetividade permite a flexibilidade necessária para a produção das memórias produzidas no cotidiano.

Como Costa e Carvalho (2011, p.70) salientam:

podemos compreender quão potente pode ser a atividade de narrar livremente suas memórias, sem compromisso com a “cronologia”, com a “coerência” ou com a “verdade”. A possibilidade de editar as próprias narrativas de memória de vida não significa dizer que serão selecionadas apenas vivências boas; tampouco significa dizer que as experiências traumáticas terão sempre lugar de destaque. Significa, antes, que essas e outras estratégias são formas possíveis- e não mutuamente eliminatórias – de se produzir memórias de vida: a partir de fatos do cotidiano, não necessariamente grandiosos, mas significativos no momento ímpar em que o narrador se propõe a narrar.

Em consequência das novas adversidades vivenciadas em um cenário pandêmico, é importante ainda ressaltar que as colaboradoras da pesquisa passaram a conviver com o receio da transmissão do vírus Sars-CoV-2 (severe acute respiratory syndrome coronavirus 2), principalmente, na manifestação dos efeitos graves causados pela doença Covid-19 (Coronavirus Disease 2019).

Nesse sentido, para atender as medidas sanitárias impostas pela pandemia, o método de pesquisa e as ferramentas metodológicas foram utilizados de maneira *online*, por intermédio de aplicativos e plataformas digitais. Dentre eles, o *WhatsApp*, o *Facebook*, o *Instagram*, o *Google Meet* e o *Jitsi Meet*. Desse modo, a seguir, serão apresentadas a matriz síntese da produção de memória realizada com a Zenilda,

primeira colaboradora (**QUADRO 5**) e, também, a matriz síntese da produção de memória gerada com a Margareth, segunda colaboradora (**QUADRO 6**).

QUADRO 5: Matriz síntese do processo de produção de memória – Zenilda

ASSUNTO	DATA	DURAÇÃO	PLATAFORMA
Primeiro contato: apresentação escrita da proposta de pesquisa	01/02/2021 (seg)		<i>Facebook e Instagram</i>
Chamada de Vídeo: apresentação oral da proposta de pesquisa	03/02/21 (qua)	50 minutos	<i>WhatsApp</i>
Narrativa de história de vida livre	23/02/2021 (ter)	64 minutos	<i>Google Meet</i>
Narrativa de história de vida livre	16/03/21 (ter)	71 minutos	<i>Google Meet</i>
Apresentação do TCLE e ajustes para os próximos encontro.	30/05/21 (dom)	40 minutos	<i>Google Meet</i>
Corte de profundidade: Saberes locais e Práticas tradicionais	06/06/2021 (dom)	80 minutos	<i>Google Meet</i>
Corte de profundidade: Pesca artesanal	20/06/2021 (dom)	58 minutos	<i>Google Meet</i>
Corte de profundidade: Cooperativa de Mulheres Nativas	04/07/2021 (dom)	85 minutos	<i>Google Meet</i>
Corte de profundidade: Potencialidades Desenvolvidas e Desafios enfrentados	18/07/2021 (dom)	70 minutos	<i>Google Meet</i>

Entrega das transcrições em versão digital	31/07/2021 (sab)		<i>WhatsApp</i>
Encontro para a edição da história de vida.	28/08/2021 (qui)	64 minutos	<i>Jitsi Meet</i>

Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

QUADRO 6: Matriz síntese do processo de produção de memória – Margareth

ASSUNTO	DATA	DURAÇÃO	PLATAFORMA
Primeiro contato: apresentação escrita da proposta de pesquisa	30/08/2021 (seg)		<i>WhatsApp</i>
Apresentação oral da proposta de pesquisa	20/10/2021 (qua)	20 minutos	<i>Jitsi Meet</i>
Narrativa de história de vida livre	20/10/21 (qua)	55 minutos	<i>Jitsi Meet</i>
Corte de profundidade: Saberes locais, Práticas tradicionais e Pesca artesanal	25/10/21 (seg)	87 minutos	<i>Jitsi Meet</i>
Corte de profundidade: Cooperativa de Mulheres Nativas, Potencialidades Desenvolvidas e Desafios enfrentados	14/12/2021 (ter)	50 minutos	<i>Jitsi Meet</i>
Apresentação do TCLE	23/01/2022 (dom)		<i>WhatsApp</i>

Entrega das transcrições em versão digital	04/03/2022 (sex)		<i>WhatsApp</i>
--	---------------------	--	-----------------

Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

É importante mencionar que foi realizada a gravação audiovisual dos encontros de narrativas de memória de vida e, também, dos cortes de profundidade. As gravações permitiram registrar todo o processo de produção de memória, inclusive os gestos e as expressões faciais das colaboradoras. Além disso, as gravações auxiliaram no processo de transposição da linguagem falada para a linguagem escrita. E, sendo assim, realizou-se a transcrição total dos encontros (**Apêndice 2 e 3**).

E, neste processo, para fechar o ciclo de produção de memórias, foi necessário pensar na socialização dessa produção. De acordo com Lopez (2008, p.69):

tornar as histórias narradas conhecidas e valorizadas pela sociedade é uma estratégia fundamental, que contribui para o desenvolvimento social baseado no respeito e na compreensão das múltiplas experiências e visões de mundo das pessoas e dos grupos que compõem a sociedade de hoje.

Dessa forma, realizou-se a produção de dois livros artesanais digitais. O primeiro livro foi intitulado: “Memórias compartilhadas no encontro: diálogos entre o mar e a restinga”, o material contém 137 páginas organizadas em cinco capítulos. Por outro lado, o segundo livro foi intitulado: “Memórias produzidas no encontro: heranças do mar”, o exemplar contém 51 páginas organizadas em dois capítulos. Em apêndice encontram-se a capa, a folha de rosto, o sumário e a contracapa (**Apêndice 4 e 5**)

Na prática, os livros são produções colaborativas inspiradas nas narrativas de memória de vida produzidas no contexto da presente pesquisa. Além disso, o material foi composto por imagens selecionadas e compartilhadas pelas colaboradoras. E, sendo assim, os livros artesanais digitais foram produzidos, organizados e editados, com anuência das cooperadas, pelo pesquisador. Em tal caso, os livros artesanais digitais caracterizam-se como “objetivos resolutivos” (SANTOS,2015) e, também, como uma forma de devolutiva dos resultados da presente dissertação.

4.1.5 Análise dos dados

Para a análise dos resultados alcançados foi empregada, como inspiração, a Análise de Conteúdo de Minayo (2009), cujo referencial teórico-metodológico propõe a ordenação temática dos eixos das entrevistas, por categorias de análise. Esse método pretende alinhar, por uma perspectiva sistêmica, as informações coletadas e a fundamentação teórica da dissertação.

Dessa forma, foi realizada a sistematização e interpretação das narrativas de memória de vida, onde foram detalhadas as informações por eixos temáticos. Nesse sentido, a análise de conteúdo permite o aprofundamento do conteúdo exposto na coleta dos dados primários e secundários, “indo além das aparências do que está sendo comunicado” (MINAYO, 2009, p. 84).

Desse modo, a partir da construção metodológica apresentada anteriormente, foram propostas quatro unidades de contexto, categorizadas a seguir: 1) Práticas artesanais e saberes locais; 2) Manutenção da pesca artesanal; 3) Potencialidades do cooperativismo; e 4) Produção da memória social.

A primeira seção foi dirigida à identificação das práticas artesanais e saberes locais. Sendo assim, a análise fundamentou-se na salvaguarda dos conhecimentos transmitidos pela comunidade. Dessa forma, os aspectos socioculturais identificados nas narrativas de memória de vida foram registrados.

Nessa direção, a segunda unidade temática propôs-se a verificar os desafios enfrentados para a manutenção da pesca artesanal no município de Arraial do Cabo. E, assim, realizou-se a reflexão sobre as transformações locais e o exercício da pesca artesanal.

A terceira unidade examinou o cooperativismo como estratégia capaz de promover o desenvolvimento econômico alinhado ao bem-estar social. Nesse caso, destacou-se as potencialidades que podem ser desenvolvidas, por uma Cooperativa de mulheres envolvidas com práticas relacionadas à conservação da diversidade biológica e sociocultural de Arraial do Cabo.

Por último, a quarta seção orientou a análise do processo de produção da memória social no contexto da Cooperativa de Mulheres Nativas da Praia Grande em Arraial do Cabo, no estado do Rio de Janeiro.

5 ENTRELACANDO OS FIOS DA REDE

Para interpretar os processos de produção da memória social no contexto da Cooperativa de Mulheres Nativas da Praia Grande em Arraial do Cabo, no estado do Rio de Janeiro, uma das ferramentas escolhidas foi a produção de narrativas de memórias de vida, através das entrevistas de história de vida e seus respectivos cortes de profundidade.

Nesse sentido, realizou-se nove momentos de produção de memória de vida, com duas cooperadas que atenderam todos os requisitos considerados relevantes para realização da presente pesquisa. A saber, “vontade de memória”, conhecimento prévio sobre os saberes locais e sobre as práticas tradicionais, aptidão para utilização de TIC e, também, legitimidade para representar política e socialmente a Cooperativa.

Com base nessa contextualização, a seguir, foram analisados e interpretados os resultados da pesquisa, com base em quatro seções. A saber: 5.1) Práticas artesanais e saberes locais; 5.2) Manutenção da pesca artesanal; 5.3) Potencialidades do cooperativismo; e 5.4) Produção da memória social.

5.1 PRÁTICAS ARTESANAIS E SABERES LOCAIS

As narrativas de memória de vida das colaboradoras relacionam-se, principalmente, aos saberes locais e às práticas artesanais, que se traduzem não somente como atividade de subsistência, mas também como símbolo cultural de Arraial do Cabo. Em um primeiro momento, foi analisada a pesca artesanal e também, outras práticas relacionadas a atividade pesqueira, conforme exposto a seguir.

Eu vivi a minha vida toda, 65 anos, em Arraial do Cabo. Eu nasci ali no alto da Praia Grande mesmo. Bem no alto(...) Pensar na pesca ao voltar na minha infância, por exemplo, era quando a pesca artesanal era a pesca forte. Não existia outra labuta, outro trabalho em Arraial, era basicamente a pesca, não existia outra. Então, não existia uma preparação, hoje vamos pescar ou amanhã vamos pescar. (Zenilda)

Eu sou filha de pescador, neta de pescador e bisneta de pescador. Minha família é toda da pesca, os nossos antepassados todos vieram da pesca. Assim, eu acho que é até por isso que eu gosto tanto, sabe? Você acaba crescendo e vendo as pessoas fazendo aquilo diariamente. E quando você é criança isso acaba chamando a atenção (Margareth).

Assim, para se pensar na pesca artesanal como símbolo cultural no município, é importante estabelecer algumas diferenciações em relação as modalidades da pesca na região. Nesse sentido, as colaboradoras destacam duas modalidades de pesca que ocorrem na Praia Grande. A saber o lanço e o gancho modalidades que utilizam as canoas de boçarda. No entanto, o gancho utiliza o sistema de rede de espera.

Hoje, é conhecido como cerco, mas nós, os antigos, o pessoal tradicional da pesca, chama de lanço mesmo, era lançar a rede no mar (Zenilda).

A pesca de canoa até hoje é a pesca tradicional. Na Praia Grande, a pesca de espera sempre aconteceu, essa pesca é centenária. Assim, eu não sei se os índios faziam isso, mas depois deles com certeza. Então, o uso da rede de espera sempre ocorreu aqui na praia (Margareth).

Importante enfatizar que a pesca artesanal seguia um escalonamento de duas canoas por dia na Praia Grande. De acordo com Zenilda, na Praia Grande, existia em torno de 60 canoas. Nesse caso, as embarcações realizavam o rodízio de duas canoas por dia, ou seja, a organização da pesca priorizava os ciclos reprodutivos da natureza. Além disso, os procedimentos para realização da pesca artesanal foram narrados.

O trabalho era esse, chegar, descer a canoa que estava em cima dos paus na arreia, descer dos rodos, colocar a canoa ao mar e ir para ficar na poita, ficavam apoiados em um determinado lugar onde antigamente tinha uma casinha dos pescadores. E ali ficavam até que o vigia sinalizasse para ir colocar, começar a distribuir a rede no mar, jogar a rede no mar. Ainda existe toda a sinalização do vigia, do cabista em terra segurando o primeiro cabo. Em tal caso, o trabalho de saída era esse, era estar ali na espera. Na verdade, era o peixe que chegava, não se ia em busca do peixe. O peixe que vinha até os pescadores, aqui no canto da Praia Grande. É o que acontece hoje ainda com os poucos pescadores tradicionais que se mantêm ativos ali. Na prática, são filhos e netos de alguns pescadores que ainda dão continuidade (Zenilda).

E nesta relação, destaca-se o do papel do vigia na realização da pesca de cerco em Arraial do Cabo. Além disso, é importante enfatizar o envolvimento e a cooperação entre a população e os pescadores para o êxito da pescaria.

O vigia fica em uma casinha, em cima do morro, com um pano na mão para fazer a sinalização para os outros pescadores. Dessa forma, apenas com esse paninho, o pescador identifica para que lado o peixe está indo, o tipo de peixe, a quantidade de peixe, o posicionamento da canoa e se o peixe está entrando na rede. Sendo assim, o papel do vigia é muito importante (Margareth).

Normalmente, os sete homens não conseguiam puxar a rede, precisavam da ajuda das pessoas que estavam por perto. As pessoas não estavam perto apenas para ganhar um peixinho que era bem normal, mas para ajudar também (Zenilda).

Ainda com ênfase na pesca artesanal, a pesca de lula é outra modalidade coletiva praticada no território. Em Arraial do Cabo, as canoas utilizadas para esse tipo de pescaria são nomeadas de redinha. Nesse caso, o arrastão de lula é realizado por companhia de seis pescadores no verão, e também, de forma individual.

As pequenas nós chamávamos de redinha que é uma canoa com uma malha de rede menor do que a malha do peixe comum que, normalmente, era para pescar lula. Ela era sempre uma canoa menor, porque se trabalhava mais à noite para fazer os arrastões de lula (Zenilda).

Então, a gente fazia a pesca de lula tradicional na tarrafa, no puçá ou no “anzolzinho” muito simples, mas era muito pouco comum se fazer dessa última forma (Zenilda).

Por outro lado, a pesca de linha e tarrafa, usualmente, praticadas em terra, na praia e nos costões, são modalidades individuais de pesca exercidas no município. Além disso, antigamente, os pontos de pesca eram compartilhados entre os pescadores.

Os pescadores chegavam com suas tarrafas ou com seus puçás e automaticamente faziam um fila naquela pedra, um ia jogava a tarrafa, pegasse ou não, ele puxava, saia e passava sua vez para outro pescador que fazia a mesma coisa, assim ia circulando cada um fazendo a sua pescaria em determinados pontos ali (Zenilda).

Na prática, todas as modalidades da pesca narradas, anteriormente, ainda são realizadas. Além disso, é importante mencionar que a pesca realizada pela Cooperativa de Mulheres Nativa ocorre na modalidade individual, conforme exposto no trecho, a seguir.

Nós pescamos de linha, tanto a lula quanto o peixe. De acordo com o tipo, os anzóis são preparados, sabe? Tem pargueira, tem o currico e uma série de coisas que você utiliza conforme o que está acontecendo no mar. Dessa forma, você vai preparando a linha, às vezes precisa trocar a isca. No caso da lula, a gente realiza a pesca com o zangarejo. Ele tem tamanhos e colorações diferentes. Isso porque, nem sempre a lula pega uma determinada cor. Além disso, você precisa achar a profundidade. Quantas braças de linha você vai dar para chegar no ponto onde a lula está pegando?

(...)Não tem nada muito intenso como o puçá, a tarrafa e a rede, a gente não faz esse tipo de pesca. A nossa pesca é a de linha pegando a lula e o peixe um a um, tudo dessa forma bem artesanal e tradicional (Zenilda).

Assim, todas nós íamos juntas, nós começamos a pescar, na pedra, em um pesqueiro na Praia Grande ou em qualquer lugar que a gente conseguisse pescar. A gente se juntava e pronto (Margareth).

Além das modalidades de pesca, outra prática artesanal narrada foi a produção e a manutenção dos apetrechos de pesca. Por exemplo, a rede, a tarrafa, a linha, o puçá e a agulha.

Antigamente, não era apenas a pesca, o pescador antigo fazia as redes, as tarrafas e o puçá. Como meus tios fazem ainda hoje, eles ainda sabem fazer e dizem “vamos malhar uma tarrafa?”. Eu tive a oportunidade de ver eles fazendo e ter essa experiência de fazer junto com eles (Margareth).

O que, normalmente, eles levavam para ficar na espera, dentro da canoa, na poita, era a linha, o molde e a agulha para fazer a rede ou consertar a rede. Às vezes, levavam uma madeira para fazer agulhas novas (Zenilda).

E nesta relação, apresenta-se os processos que foram detalhado na produção de memória, como a produção de agulhas, a produção e o tingimento das redes, conforme trechos a seguir.

Uma outra coisa bastante interessante que a gente até hoje ainda usa, meus irmãos usam, era tirar algum tipo de madeira na restinga, tipo a da pitanga, e fazer as agulhas de tecer a rede. Eu aprendi a fazer também, meio na marra, assim, eu sentava no meio de quem fazia que eram os homens, os rapazes e queria ver como é que era até o ponto de eu começar a chegar, pegar o canivete e começar a fazer. Atualmente, já se compra pronta, nesse material de plástico igual dessas cadeiras e mesas que se quebram, desse tipo de plástico. Mas naquela época, ia-se até a restinga, pegavam-se as madeiras mais apropriadas, deixava-se secar a madeira para fazer as agulhas de diversos tamanhos(Zenilda).

A rede da pesca era feita com aquele barbante de sisal, aquele barbante duro, meio amarronzado. E depois que a rede ficava pronta, ela passava por um processo de curtição, e o que era isso, ia-se à restinga, tirava-se a raiz de uma planta chamada Murici e essa raiz ela tem uma casca grossa e muito

vermelha, quase vinho. Sendo assim, essas raízes eram trazidas, eram retiradas as cascas todas e batidas. Depois de batidas, socadas, bem socadas, elas eram colocadas dentro da canoa. A canoa levava um volume de água salgada, os pescadores enchiam de água salgada e ali botavam a rede pra curtir, a rede pegava essa cor quase vinho, das raízes do murici e depois eram colocadas para secar, eram esticadas na praia para secar e daí então, elas estavam quase prontas, porque aí vinha colocar a beta, vinha colocar as cortiças. Então, após essa colocação, a rede estava pronta para ir ao mar, pra ir para a canoa (Zenilda).

Nessa direção, em relação à pesca artesanal, outras duas práticas foram identificadas como símbolos culturais do município. No primeiro momento destaca-se a importância do carpinteiro naval e, também, a ausência de pessoas para exercer essa profissão.

Hoje, eu acredito que o meu tio seja o último que realiza os consertos das canoas. Ele é a última espécie que faz essa atividade aqui. Antes, eram dois, ele e um senhor, mas este está cego, sabe? Portanto, ele não tem mais condições para fazer esse tipo de trabalho. Assim como, hoje, o meu tio não tem mais condições de remar, de estar numa canoa, no entanto, ele ainda faz o conserto das canoas. Infelizmente, esse senhor está doente e não tem mais condições de fazer os consertos (Margareth).

No segundo momento, identificou-se a salga do pescado como parte do cotidiano da vila de pescadores. Era uma atividade exercida, principalmente, por mulheres, conhecidas como salgadeiras. Nesse contexto, a salga do peixe era utilizada para evitar o desperdício e potencializar as relações econômicas do distrito.

Ainda hoje, eu lembro aquele monte de peixe que não tinha como estocar. Antigamente tinha a salga do peixe, exatamente, por isso. A minha avó ficava salgando o peixe e a gente acompanhava. A gente enquanto criança não sei se ajudava ou atrapalhava, mas a gente estava lá junto tentando ajudar a vovó naquela pirâmide de peixe (Margareth).

Outra coisa que eu me lembro mais é a salga do peixe. Porque a salga, eu vivi um bom tempo vendo minha mãe fazer a escala(...) como não existiam meios de conservação do pescado, se escalava, se salgava o peixe (Zenilda).

Em tal caso, a salga do peixe representa a história e a cultura cabista. No entanto, hoje, o processo é realizado para consumo doméstico, ou seja, ocorre em menor quantidade. Sendo assim, o processo de escala foi detalhado nos moldes atuais.

Você sabe o que é o processo de escala? Sabe do que se trata, não? Então, escalar o peixe é nós pegarmos, por exemplo, o mais comum para a gente é a anchova ou a tainha de época(...) E a gente pega esse peixe, limpa e começa a abrir pelo serro, pelas costas, né? Vai abrindo da cabeça até o rabo, quando ele se abre em duas partes sem se soltar, tira-se as vísceras,

depois de limpo, você começa a fazer uns talhos verticais nas partes mais grossas da carne, mais ou menos, um dedo de distância de um corte para o outro. Para que isso? Para que o sal, quando vier a salga, penetre totalmente na carne para fazer a secagem, para que o sal desidrate a carne. Logo, esses cortes, o peixe aberto dessa forma, chama-se *escala*(...)E, normalmente, se coloca em camadas, dentro de uma vasilha coberta, e ali vai sorar o líquido do peixe, a água do corpo do peixe, da carne, e vai virar uma *salmoura*. Ali o peixe fica aproximadamente três dias. Após isso, ele é retirado dali, é lavado novamente, colocado para escorrer e, posteriormente, colocado ao sol com proteção, logicamente, hoje, nós colocamos aquele filó, aquela matéria que é usada em mosquitoireiro para não passar inseto e é colocado ao sol. O sol pleno durante dois ou três dias, sem deixar pegar água, nem chuva, nem sereno, nada disso. Então nós colocamos todo dia ao sol e retiramos no final da tarde(Zenilda).

Além disso, o peixe escalado é o ingrediente principal de uma receita típica da culinária local, o peixe escalado com banana.

Para nós é tradição, normalmente, a gente faz quando consegue o peixe com mais facilidade ou o peixe mais apropriado(...) Aí reúne a família, sempre em torno de 20, vinte e poucas pessoas para fazer, preparar essa receita. E leva um tempo bom de preparo, leva quase uma semana para você escalar, salgar e dessalgar o peixe. Para então preparar a receita propriamente dita. Nesse caso, a gente reúne a família para poder fazer esse peixe(Zenilda).

Ainda refletindo sobre a culinária local, outra receita tradicional é o *whisky* cabista. Nesse caso, realiza-se a infusão do cambuí, fruto da restinga, na cachaça. Além disso, a infusão é realizada com outros frutos da restinga, por exemplo o coco-guriri, o murici, a pitanga e a guapeba.

Hoje, às vezes, quase que a gente não lembra mais, mas era assim, a gente ia na época certa para buscar cada fruto de restinga. Fazíamos as infusões de cachaça, e eu faço até hoje. Hoje mesmo eu estava olhando uma do coquinho que chega a estar amarelo, não sei se você conhece o coco guriri, mas eu estou com uma cachaça daquela que o coquinho está amarelinho. Eu faço com o cambuí, com o murici(...) (Zenilda).

A minha tia está resgatando algumas histórias sobre as plantas da restinga. Então, ela começou a fazer uma bebida que se chama *whisky* cabista (Margareth).

Para avançar na análise proposta, deve-se ter em vista que outras duas práticas artesanais foram identificadas na produção de memória. No primeiro caso, as colaboradoras destacam a aproximação familiar com a renda de bilros e, também, a complexidade para a realização das rendas.

Minha mãe, inclusive, viajou muito com a Emater na época, pelo Rio de Janeiro todo mostrando as rendas de bilros, os cavaletes com as rendas, era uma época muito bonita, muito bacana. Eu não me interessava, achava bonito, tinha que ter uma capacidade enorme para fazer aquilo ali, porque não era fácil, às vezes elas trabalhavam com 50, 70 bilros, era muita coisa

para fazer uma renda largar. Eu ficava encantada com aquilo ali, mas não me interessei(Zenilda).

Eu fazia renda com a minha avó e com a minha mãe. Elas estavam lá fazendo e eu fazia um pouquinho, mas, hoje, eu não tenho a menor noção de como faz aquilo. Eu acho que eu dou um nó naquele monte de troço e vai ficar tudo embolado. Portanto, eu não sei mais fazer, não tenho mais ideia. Vou te falar que não é fácil sair trançando. No entanto, quem sabe joga a linha para um lado, para o outro e no final fica lindo (Margareth).

Por outro lado, no segundo caso, a narrativa de memória de vida revela a relação da espiritualidade, das plantas e ervas com os processos de cura. Nesse sentido, destaca-se o papel da rezadeira, conforme trecho a seguir.

A minha mãe era rezadeira, era aquela curandeira que curava de tudo. Todo mundo ia lá em casa, era para tirar a espinha do peixe que prendeu na garganta, era para levar as crianças que acabaram de nascer e estavam com o ventre virado, tomado da lua, espinhela caída, tudo isso minha mãe estava lá com os galinhos para rezar. A vida inteira, até os últimos dias de vida dela, tinha gente lá na nossa casa para ela passar os galhos nas crianças e nas pessoas. Ela socorreu muita gente, muita gente ela curou com as suas simpatias. Assim ela fazia simpatia para curar todo tipo de coisa. A gente não sabia como funcionava, mas as pessoas ficam curadas, não sei como era não. Ela utilizava algumas plantas da restinga, mas a maioria eram ervas que tinham na região. Ela utilizava arruda, pinhão roxo, a vassourinha, arrebeta cavalo, a raiz da batata tostão e uma série de outras coisas que se usava para fazer uma série de outras coisas que davam resultado. Eu vi ela curar algumas pessoas de anemias profundas já, e via as pessoas saírem muito bem e viverem muitos e muitos anos com essas coisas que ela fazia. Então, minha mãe era um canto nesse sentido, ela impressionava a gente ao fazer essas coisas. Ela era um amor de pessoa(Zenilda).

Sendo assim, a presente seção analisou os saberes locais e as práticas artesanais narrados nas histórias de vida das colaboradoras. Em um primeiro momento, foram identificados os conhecimentos relacionado à pesca artesanal. A saber: o cerco, o gancho, o arrasto de lula e, também, as modalidades individuais da pesca. Além disso, apresentou-se a produção de apetrechos, o conserto das canoas, a salga do pescado e as receitas tradicionais. Posteriormente, os trechos selecionados identificaram práticas artesanais realizadas pelas rendeiras de bilros e pelas rezadeiras.

A partir da análise apresentada, a seguir, busca-se verificar os desafios para a manutenção da pesca artesanal, no município de Arraial do Cabo.

5.2 MANUTENÇÃO DA PESCA ARTESANAL

Os cortes em profundidade das entrevistas de história de vida problematizaram os desafios para a manutenção da pesca artesanal em Arraial do Cabo. E, assim, no primeiro momento, a análise destacou a ineficácia da fiscalização na Resex Marinha de Arraial do Cabo. Neste caso, observa-se a utilização de redes clandestinas e a realização da pesca de arrasto, conforme exposto a seguir.

Assim, a nossa reserva tem representante legal, o ICMBio. No entanto, os funcionários não moram na cidade. Dessa forma, as fiscalizações ocorrem na hora que eles querem, na hora que eles podem e eles vão embora. Eu estou cansada de ver arrastões no mar. Nesse caso, eu fotografo, envio e falo: “pessoal, tem um arrastão quase arrastando a gente”. Entretanto, eles dizem que vão ver, mas no outro dia é a mesma coisa. Sendo assim, essa falta de fiscalização deixa a gente com muita raiva. Por exemplo, hoje, você pesca um pouquinho. No próximo dia, você encontra um arrastão. Quando você vai pescar, no dia seguinte, não acha nada. Então, o arrastão limpa tudo, são toneladas de pescado (Margareth).

A nossa cidade é uma reserva, mas é uma reserva que não tem número suficiente de funcionários para fazer a fiscalização. Nesse sentido, por exemplo, quando ocorre a apreensão de uma ou duas redes o peixe aparece na semana seguinte. Então para mim está mais do que provado que o peixe não acabou, mas ele diminuiu por causa das redes clandestinas que não deixam o peixe passar. Não se pode ignorar a utilização dessas redes, não são redes pequenas. Pelo contrário, essas redes possuem quilômetros de extensão. Dessa forma, como você terá pescaria? Como você terá condições para sustentar sua família? As coisas aqui na reserva estão muito difíceis (Margareth).

Da mesma forma, foram relatados os impactos causados pelo descarte irregular de resíduos nas plataformas de petróleo e, também, pelo fluxo turístico nos locais de pesca.

Outro fator que dificulta o aparecimento do peixe na praia são as plataformas de petróleo. As plataformas descartam comida no mar e esse é um grande erro. A gente costuma dizer que o peixe viaja e quando ele chega na plataforma e encontra comida ele não vai nadar para outros lugares atoa, ou seja, os cardumes chegam e encontram o alimento, então ali mesmo eles ficam ou voltam, mas não seguem para procurar comida. Tendo em vista que eles acham a comida farta ao redor das plataformas. Além do que você é proibido de pescar perto das plataformas, né? A lei não permite que você faça isso (Margareth).

Então, quando você vê, por exemplo, a Baía dos Anjos invadida por aquela quantidade de barco de turismo, não é que a gente não queira o turismo, a questão não é essa, a questão é que para nós nativos, parece uma agressão tão grande. Imagina a Baía dos Anjos, que é uma baía com 300 barcos, eu acredito que seja mais, mas vamos pensar em 300 barcos com o casco por cima dessa linha d'água. Que peixe vai encostar? Eles não ficam só ali, na Baía dos Anjos, eles vão para a Ilha do Farol, para fora do Boqueirão e vão

em movimento constante, tem uma circulação enorme de cascos na linha d'água, de pessoas mergulhando. Essa movimentação não permite que os peixes encostem da forma que encostavam(Zenilda).

E, assim, parece claro que os arrastões e o uso da rede clandestina reduzem a quantidade de pescado, uma vez que estas práticas geram um desequilíbrio nos ciclos naturais de reprodução do pescado. Além disso, o descarte de resíduos impede que os cardumes se aproximem das praias. E por último, o intenso fluxo de embarcações de turismo espantam os poucos cardumes que estão próximos da costa.

Deste modo, eu vejo que tudo isso está influenciando a pesca de canoa e a pesca de pedra(...)Essas práticas fizeram com que a pesca da nossa região caísse muito (Margareth).

Na prática, a pesca não deixou de existir, mas a quantidade de peixe reduziu muito, hoje, praticamente, não tem mais peixe(...) (Margareth)

Sendo assim, essas práticas dificultam a pesca artesanal que é realizada próxima da costa. E, nesta relação, o pescador e a pescadora artesanal necessitam se afastar cada vez mais da costa para realizar a pescaria, ou seja, a pescaria de canoa e a pescaria de beira de praia tornaram-se pouco produtivas. Nesse caso, os pescadores e pescadoras foram obrigados a percorrer distâncias maiores para capturar o pescado. Em tal caso, a utilização de barcos a motor tornou-se uma necessidade.

(...) eu penso que cada vez mais o pescador saiu do remo e foi para o motor. Antigamente, barquinho pequeno era tudo no remo. Hoje, ninguém pesca mais de remo, todo mundo pesca com barco a motor. Então, cada vez mais as pessoas estão indo mais longe para pescar e com isso o peixe vai mais longe também (Margareth).

Ainda refletindo sobre as mudanças na forma de pescar, enfatiza-se as transformações na pesca de lula. Nesta situação, empregou-se o uso geradores para potencializar a captura da lula. No entanto, na prática, esse pode ser um dos fatores responsáveis por reduzir a quantidade de lulas capturadas.

Agora, uma outra coisa está acontecendo em relação a pesca de lula. A nossa pesca de lula sempre foi muito farta aqui, na Praia Grande. E o que aconteceu? As mudanças na forma de pescar estão destruindo as coisas também. Antigamente, você pescava com um lampião que tem aquela luz bem fraquinha, mesmo assim, era aquilo que iluminava. Por outro lado, hoje, algumas pessoas pescam com gerador que faz um barulho dos infernos e um cheiro horrível de óleo(...) (Margareth)

Hoje, tem uma cidade acessa dentro d'água(...) Portanto, quanto mais pessoas clareando o mar, a noite, o peixe e a lula se afastam. Há dois anos pelo menos não deu praticamente nada de pescaria, nada. Eu tenho quase certeza que são esses fatores, sabe? Estão afastando o pescador daqui, ele está indo pescar cada vez mais longe. Além disso, o pescador clareia, mais e mais, o mar. Dessa forma, haverá uma hora que não teremos mais nada. Visto que essa lula vai se afastar também. (Margareth)

Pelas razões expostas, constata-se que esses obstáculos contribuíram para o enfraquecimento da pesca artesanal no município. Esta afirmação tende a ganhar maior consistência quando observa-se a realização da atividade pesqueira como única fonte econômica de determinados pescadores artesanais.

Por exemplo, nós temos pescadores que vivem exclusivamente da pesca, não sabem fazer outra coisa. Pescadores que só sabem pescar. No entanto, esse pescador se você for ao encontro dele você vai ver o quanto ele passa de necessidade. Ele não tem uma boa alimentação, não tem um remédio, ele precisa pedir ajuda para comprar um gás, entende? Esse é o pescador verdadeiro. Hoje, infelizmente, ele passa necessidade, ele não consegue sustentar a família dele com a pesca. Olha que eles estão no mar todos os dias. Ainda assim, ele não consegue por causa de tudo isso que eu falei (Margareth).

Sendo assim, uma grande parte dos pescadores e das pescadoras deixaram de exercer a pesca como atividade principal, ou seja, a pesca é desenvolvida de maneira complementar a renda.

Hoje, não é que o pescador tenha deixado de pescar, na verdade, ele foi obrigado a migrar para uma outra coisa. Então, o pescador trabalha de dia e complementa com a pesca à noite. Desta maneira, ele consegue continuar fazendo o que gosta de fazer (Margareth).

Assim, em um primeiro momento, a análise e interpretação dos dados foi dirigida aos desafios da pesca artesanal no município. Com esse direcionamento, foram considerados como desafios principais: a ineficácia da fiscalização; os arrastões; a utilização de redes clandestinas; o descarte irregular de resíduos nas plataformas de petróleo; o fluxo turístico nos pontos de pesca e as mudanças na forma de pescar.

Por outro lado, a seguir, foram analisados os desafios para a manutenção da pesca artesanal, especificamente, no contexto da Cooperativa de Mulheres Nativas. Nesse caso, os obstáculos apresentados foram direcionados à pesca realizada pela Cooperativa, mas não excluem os desafios examinados anteriormente.

Neste contexto, não se pode ignorar a participação da mulher na pesca. De acordo com a produção de narrativas, antigamente, as mulheres levavam o alimento, ajudavam na produção dos apetrechos, contribuía na hora de puxar a rede e, também, realizavam o beneficiamento e salga do pescado, mas não realizavam a pesca. Na prática, de acordo com as narrativas de memória de vida, as mulheres não pescavam por conta do machismo.

Assim, por trás dos panos, as mulheres sempre estiveram atuantes na pesca, mas não pescando propriamente dito, era assim, muito raro ver uma mulher na pescaria(Zenilda).

Nenhuma das mulheres que eu conheço tem menos de 59 anos, então nós somos todas as mulheres que estávamos lá no passado, nos anos 60 e 70, querendo pescar e não nos permitiram pescar. O machismo, o domínio de pais e irmãos era muito grande. Não nos deixavam fazer o que a gente queria fazer(Zenilda).

Na Praia Grande, a participação efetiva da mulher ocorreu com a pescaria de lula realizada nos pesqueiros. Além disso, essa participação foi impulsionada pela introdução do zangarejo¹⁴.

Não fui eu quem iniciei isso, pelo contrário, foram outras mulheres que inclusive já partiram, elas fizeram essa iniciação da pescaria da lula que era uma coisa exclusivamente de homem(Zenilda).

Então, com a chegada do zangarejo a inserção da mulher foi facilitada, porque você consegue com o caniço, a linha e essa pecinha chegar e jogar discretamente, sem ninguém ver, se não tiver ninguém hoje, a gente vai lá e joga. Então, foi mais ou menos assim que se iniciou a pesca das mulheres na Praia Grande(Zenilda).

Nesse caso, as mulheres realizavam a pesca quando os pesqueiros estavam vazios, uma forma de evitar os comentários machistas. No entanto, os pesqueiros deixaram de ser espaços de uso livre, ou seja, foram privatizados. Desta forma, as pescadoras deixaram de utilizar os pesqueiros.

Diante disso, a gente ia pescar e não tinha como subir mais. Primeiro, pela questão do comportamento dos homens com o machismo. “Mulher vem fazer o que? Atrapalhar?” (Zenilda)

Quando a gente não pode mais pescar no pesqueiro, porque todo mundo começou a tomar conta, “é meu”, começaram a vender, não sei o que (Zenilda).

¹⁴ O zangarejo vem da cultura japonesa de pesca, não é uma tradição nossa. O zangarejo é como se fossem vários anzóis miúdos juntos em um guarda-chuva inverso e no centro um piãozinho colorido que brilha, fluorescente (Zenilda).

A partir dessas considerações, as mulheres começaram a realizar a pescaria embarcadas.

Então, essa é uma mudança radical para nós. Nesse sentido, a mudança é a necessidade de avançarmos para o mar. Estar na pesca já foi um ganho, agora o fato de irmos para mais longe, não cabe a nós, porque não nos permitem mais pescar por aqui, não há mais espaço, não há mais peixe para isso. E a gente está seguindo para mais longe (Zenilda).

No entanto, essa nova forma de realizar a pescaria evidenciou, ainda mais, o machismo.

Assim, a gente chegava em um lugar com o barco e eles xingavam até o cara que estava pilotando o barco, ou seja, esculachavam a gente. Desse modo, eles colocavam a gente para fora, então, a gente ia para outro lugar. No entanto, nós não desistimos de jeito nenhum. Não seriam esses homens que iriam tirar a gente daqui (Margareth).

Nesse sentido, a criação de uma Cooperativa envolvida com a pesca artesanal possibilitou a união das pescadoras e o enfrentamento ao machismo.

Nesse período, a gente pensou em fazer uma associação de mulheres porque os homens no mar falavam muita coisa para a gente, sabe? Era muito desaforo e muita falta de respeito. Eles mandavam a gente sair para lavar uma trouxa de roupa, para assistir novela e para fazer comida (Margareth).

Quando nós criamos a Cooperativa foi um embate bastante grande com os pescadores em relação às mulheres se declararem pescadoras mesmo. O ir para a pesca, o pescar, o embarcar num barco e pescar é um negócio bastante difícil de sermos, até certa forma, agredidas com palavras, “não tem um tanque de roupa, uma louça para lavar, uma casa para arrumar? Não tem coisa para fazer, bota uma cama, um colchão aqui no cais logo”. A gente ficava chateada, éramos chamadas de gaiivotas. Gaiivota é aquela que vai lá só para pegar o peixe e ir embora. Na verdade, a gente não ia pegar, pedir peixe de ninguém, nós íamos pescar, né? (Zenilda)

Além disso, também, é importante ressaltar que a necessidade de pescar embarcadas foi dificultada por dois fatores. No primeiro momento, as mulheres passaram a depender de barqueiros que alugavam vagas para mulheres. E, por outro lado, a necessidade de embarcar tornou a atividade pesqueira mais onerosa.

(...) com a Cooperativa, com o seu surgimento, buscamos os meios para sair, para sair de barco. Foi o que aconteceu, a gente está ali encostado na Praia Grande, na beirinha da praia e teve que se deslocar para a Baía dos Anjos, onde é a Marina dos Pescadores, para alugar vagas em barcos que levam mulheres para pescar, o que não é fácil. Continua sendo uma luta bastante chata de se travar (Zenilda).

À vista disso, o custo é alto pelo valor de 50 reais e você não sabe se vai trazer alguma coisa. Depois tem o gelo, o lanche e água que são coisas importantes, porque a gente fica um tempo bastante razoável no mar (Zenilda).

É também importante ressaltar que a Cooperativa não consegue trabalhar com qualquer tipo de pescado. Na verdade, apenas pescados específicos possibilitam a produção dos alimentos artesanais da Cooperativa.

A gente faz uma pesca específica para o beneficiamento do pescado, mas o peixe não escolhe o anzol não, ele quer a isca. Às vezes, por exemplo, a gente pega um peixe de escama que não é utilizado na Cooperativa, isso é bem comum, então a gente leva esses peixes para as nossas casas (Zenilda).

Algumas carnes de determinados peixes não são adequadas para a feitura dos alimentos(...) (Zenilda)

Por último, as narrativas problematizaram as exigências legais para integrar novas mulheres. Assim, a documentação das cooperadas é um requisito importante para o funcionamento da Cooperativa. Além disso, ocorre uma baixa aderência ao cooperativismo, principalmente, pela falta de conhecimento e interesse em participar de um modelo econômico solidário.

Todas as cooperadas que estão ativas são cadastradas, têm carteirinha da colônia, não significa muito ter essa carteirinha, mas todas têm. Além disso, a maioria tem o registro, a carteirinha do ICMBio que é responsável pela RESEX (Zenilda).

(...) a lei exige para a pesca e para agricultura familiar que tenhamos 60% das mulheres legalmente constituídas como profissionais da pesca, que tenha a documentação, que tenha o registro no Ministério, a carteira do Ministério da Pesca. Esse fator dificulta ainda mais a inserção de outras mulheres. Além disso, a maioria, infelizmente, não tem conhecimento sobre o que é cooperativismo (Zenilda).

Nessa direção, observou-se os desafios dirigidos a realização da pesca artesanal no contexto da Cooperativa de Mulheres Nativa. E, assim, foram considerados como desafios específicos: a participação da mulher na pesca, a violência contra mulher, utilização de determinados pescados e as exigências legais para integrar novas cooperadas.

Na próxima seção pretende-se analisar a relação do desenvolvimento econômico ao bem-estar social orientados por princípios e valores do cooperativismo. Nesse caso, destaca-se as potencialidades que podem ser desenvolvidas, por uma Cooperativa de mulheres envolvidas com práticas relacionadas à conservação da diversidade biológica e sociocultural de Arraial do Cabo.

5.3 POTENCIALIDADES DO COOPERATIVISMO

As narrativas de memória de vida das colaboradoras parecem avançar na reflexão de práticas econômicas mais solidárias, uma que vez que o cooperativismo possibilita a realização de um modelo socioeconômico alicerçado ao bem-estar social. Além disso, o cooperativismo é constituído por valores e princípios que facilitam o desenvolvimento econômico em sintonia com a conservação da diversidade biológica e sociocultural do território. Sendo assim, a constituição de uma cooperativa resulta do alinhamento de pessoas com interesses sociais, culturais e econômicos em comum.

Na verdade, a gente começou com o estatuto, com tudo legal. Assim, isso tudo aconteceu enquanto Cooperativa, não foi uma ou outra. Nós tivemos que estar todas juntas para que isso fosse possível. Então essa vontade de levar adiante, esse sonho da história contada de Arraial, sabe? Isso eu acho um ponto forte, de peso (Zenilda).

(...)tem muito a ver com tudo isso, com as nossas origens ali naquela região, o sentimento de busca de preservação, de querer manter as coisas muito mais naturais e preservadas do que se propõe que sejam hoje, enfim (Zenilda).

Nesse sentido, a Cooperativa surge com o interesse de salvaguardar a cultura intergeracional através de práticas relacionadas à conservação da diversidade biológica e sociocultural de Arraial do Cabo.

Assim, o ponto forte da Cooperativa é o que a gente detém de tradição, de conhecimento sobre a nossa terra e o trabalho que a gente faz (Zenilda).

(...) faltava alguma coisa que eu realmente pudesse voltar um pouco às minhas origens, para resgatar minha origem. A minha visão, naquela época, estava voltada para o resgate da restinga, uma área bastante degradada e que a gente gostaria de ver preservada. Tem toda a história dos frutos e todo o contexto cultural. Acho que a gente queria ver alguma coisa nesse sentido, foi quando, nesse reboiço todo de sentimentos, surgiu a história da gente criar a Cooperativa (Zenilda).

Além disso, a Cooperativa apresentou-se como uma forma de afirmar a pescaria artesanal de um grupo de mulheres. Nesse sentido, a mudança na forma de pescar impulsionou a criação da Cooperativa. Como mencionado anteriormente, as mulheres realizavam a pesca de beira de praia. No entanto, a diminuição do pescado e a impossibilidade de realizar a pesca nos pesqueiros conduziram a realização da pescaria embarcada.

Nessa época, um outro grupo que pescava de barco chamou a gente: “vamos pescar! A gente está de barco. Tem que pagar, mas vamos? Indo mais gente

fica mais fácil". E assim, a gente começou a fazer esse tipo de pescaria. Nós fazemos dessa forma até hoje. A gente junta um número de mulheres, aluga o barco e, agora, pesca em alto mar. Portanto, a gente não pesca mais aqui na praia como a gente sempre gostou de pescar. À vista desse jeito de pescar que a gente teve a ideia de fazer uma Cooperativa (Margareth).

Dessa forma, a cooperação entre as mulheres estabelece dois propósitos fundamentais. O primeiro reafirma a cultura intergeracional através da pesca artesanal, de receitas tradicionais e, também, da realização de receitas gastronômicas com o beneficiamento do pescado. Por outro lado, o segundo propósito destina-se à conservação e preservação da restinga. Nesse sentido, o objetivo é realizar a recuperação de áreas degradadas, mediante o plantio de mudas nativas da região.

Outra ação importante, vincula-se à capacitação pessoal das cooperadas. À vista disso, a promoção econômica das cooperadas relaciona-se à qualidade de vida, educação, cultura e, principalmente, ao aperfeiçoamento profissional, conforme trechos, a seguir.

Não faço ideia de quantos cursos a gente fez nesse período de 2014 até 2020. Foi uma quantidade enorme de cursos, tudo que aparecia com relação à restinga ou com a pesca, a gente estava pronta a fazer. Tudo o que apareceu em relação à Cooperativa a gente estava pronta a fazer. Então, assim cada uma das cooperadas, das mais envolvidas com a Cooperativa, devem ter feito dez, 15 cursos. Foi um período de muito aprendizado, muito aprendizado (Zenilda).

Nesse momento, a gente continua fazendo outros cursos e outras atividades. Na verdade, a gente fez vários cursos para ajudar a entender o cooperativismo, para saber como lidar com o peixe, dentre outras coisas relacionadas as nossas atividades enquanto Cooperativa. Eu acho que eu tenho certificado para encher uma parede inteira, ou seja, eu fiz muitos cursos nesse período (Margareth).

É também importante ressaltar que a capacitação constante das cooperadas atende aos princípios basilares do cooperativismo. Ademais, as cooperativas comprometidas com os interesses sociais devem desenvolver ações voltadas ao bem-estar social, e também, disponibilizar informações sobre as vantagens do cooperativismo.

E, neste sentido, cabe mencionar que foram ofertadas três turmas da Oficina de Capacitação em Pesca Artesanal e, também, três turmas da Oficina de Capacitação em Culinária de Frutos do Mar, com o total de cinco vagas em cada. Desse modo, as oficinas foram compostas por aulas teóricas e práticas, totalizando

uma carga horária de 20 horas por turma. Além disso, as oficinas e os materiais necessários foram ofertados de forma gratuita.

Assim, parece claro que os princípios e valores do cooperativismo orientam um modelo econômico inspirado na participação social e na realização das metas estabelecidas pelas cooperadas. Em tal caso, a cooperativa tem o objetivo de contribuir para desenvolvimento da comunidade, ou seja, não tem como objetivo principal o lucro.

Nesse contexto, é interessante ressaltar o papel da Cooperativa no desenvolvimento sustentável por intermédio da pesca artesanal e da valorização do pescado de menor valor comercial.

Minha Cooperativa trabalha com peixe de segunda, eu não estou indo pegar grandes peixes, estou indo pegar o peroá, o olho de cão, o marimba... para agregar valor a eles. Aqueles que vocês jogam fora, a gente está agregando valor(...) (Zenilda).

E, assim, a Cooperativa tem como objetivo a comercialização de produtos de qualidade. Sendo assim, as narrativas destacam o empenho no beneficiamento do pescado capturado na região, bem como na produção de alimentos artesanais, sem conservantes artificiais, como almôndegas, quibes, empanados e hambúrgueres de peixe. Além desses, a cooperativa prepara receitas doces com a proteína do peixe.

O nosso produto é de qualidade, tem toda segurança necessária no trato com o alimento. Nós utilizamos todas as proteções em relação à higiene. Inclusive, esse ano fizemos a sanitização da Cooperativa por duas vezes (Zenilda).

Nós precisamos mostrar como o nosso trabalho é feito e o quanto a gente tem a preocupação de que o nosso produto seja saudável, um produto de qualidade. Todo produto artesanal feito de peixe tem a possibilidade de ter uma espinha no meio. Visto que é um produto artesanal, ou seja, feito à mão. Não fazemos na máquina que pega e bate a massa e tritura a espinha. Pelo contrário, o nosso produto é manual, a gente modela um a um (Margareth).

Em falar de pratos doces a gente faz o bolo e o sorvete, mas a gente faz com o peixe mesmo. Ainda assim, não fica com gosto e nem com cheiro. Por outro lado, esse processo de transforma o peixe nessa gelatina permite que você faça qualquer produto preservando a proteína do peixe, você não perde nada (Margareth).

Por outra perspectiva, o beneficiamento pretende facilitar a inserção do pescado na alimentação das crianças. Assim sendo, uma das metas da Cooperativa é fornecer alimentos para a merenda escolar.

Nesse caso, a gente tem tudo isso que poderia ser usado nas escolas (Margareth).

O nosso objetivo é servir ao poder público, sabe? Escolas, creches, (...)
(Zenilda)

Ainda, em relação ao trabalho, na pandemia, a Cooperativa realizou adaptações para atender as medidas sanitárias. Dessa forma, as cooperadas passaram a seguir o protocolo de prevenção do Covid-19. A saber: o distanciamento social, higiene pessoal, uso de EPI, limpeza e higienização dos ambientes.

(...) tivemos que aprender a lidar com higienização das pessoas que chegavam, e ainda chegam até hoje. Então, tudo que a gente faz segue um protocolo para a Covid-19. Logo, essas questões fazem parte da Cooperativa (Margareth).

(...) a nossa Cooperativa fez uso de sanitização com certificado, com garantia de três meses sem o vírus do Covid. Essa sanitização é a mesma que se faz no CTI de hospitais. Temos todos os documentos. Então, essa é uma garantia para gente que trabalha.

Portanto, a gente faz de tudo para garantir a nossa segurança e de quem vai à Cooperativa. As pessoas não sabem como a gente trabalha de verdade, mas a gente trabalha desse jeito. Nós procuramos cumprir todo o protocolo (Margareth).

Por último, as narrativas ressaltam a representatividade que a Cooperativa ganhou através de ações comunitárias, de preservação da natureza, de defesa dos direitos de gênero e de valorização da memória social, dos saberes locais e das práticas tradicionais.

Nós não falamos apenas hoje, quando a gente fala em relação ao nosso histórico de Cooperativa e de mulher, não é mais a filha de pescador, de salgadeira que está falando, hoje a gente já traz uma bagagem maior de responsabilidade por tudo isso, pelos espaços que nós ocupamos.

Já fomos olhadas de forma diferente, tem que ter um pouco mais de atenção com relação a isso. E já tivemos em vários jornais, vários jornais da região e do Estado. Já publicaram matéria com a gente, a televisão regional, a Inter Tv Rural, tivemos quase dez minutos de programa. Não é pouca coisa, bastante coisa, dez minutos é bastante coisa numa tv. Levamos quatro dias filmando para o programa da Fátima Bernardes...

(...)Eu vou tentar fazer o meu melhor, o futuro é importante para as mulheres que poderão ser agregadas à Cooperativa. Nós nos tornamos conhecidas no Brasil, sabe? (Zenilda)

Da mesma forma, não se pode esquecer da participação social e política no desenvolvimento e na manutenção da pesca artesanal.

Então, a gente participa de todas as áreas que envolvem a pesca artesanal em Arraial do Cabo, ou pelo menos eu imagino que a gente participe. Primeiro vem da nossa própria origem, somos de família de pesca. Depois, a gente passou a se integrar a todas as entidades envolvidas com a pesca, todo os PEAs que estão na cidade e na colônia a gente é bem ativa (Zenilda).

Em relação à RESEX, já fazíamos parte, mas hoje, a nossa presidente faz parte do conselho da Reserva, ou seja, ela tem voz de voto. Além disso, no PEA Pescarte, eu já fui do grupo gestor por dois anos, desde 2014 a gente

está junto com o Pescarte e agora, eu fui escolhida para ser do grupo integrador. Nesse grupo, reúnem-se dez município com representação de dois participantes por município (Zenilda).

Ademais, eu faço parte do Conselho Regional de Desenvolvimento Rural Sustentável no qual agrega a questão da agricultora em todas as áreas, também abraçando a pesca (Zenilda).

Sendo assim, a presente seção analisou algumas potencialidades desenvolvidas pela Cooperativa de Mulheres Nativas. Nesse caso, a produção de narrativas de memória de vida reforçou as características positivas da cooperação, dentre elas: o aperfeiçoamento das cooperadas; as ações voltadas à capacitação da comunidade; a valorização da cultura local; a produção de produtos de baixo impacto ambiental; a participação política e social ativa; e o cumprimento das medidas sanitárias. Desta forma, a Cooperativa de Mulheres Nativas exerce um modelo econômico capaz de interligar esforços individuais e coletivos para a promoção do desenvolvimento socioeconômico e sustentável.

Na seção, a seguir, apresenta-se a análise do processo de produção da memória social no contexto da Cooperativa de Mulheres Nativas da Praia Grande em Arraial do Cabo, no estado do Rio de Janeiro.

5.4 PRODUÇÃO DA MEMÓRIA SOCIAL

Um passo importante para examinar o processo de produção da memória social no contexto da Cooperativa de Mulheres Nativas da Praia Grande, em Arraial do Cabo, foi a formação de um vínculo de amizade e confiança com a ex-presidente e a atual presidente da Cooperativa. No entanto, a pandemia impossibilitou o contato presencial, principalmente, pelo receio da transmissão do vírus. Além disso, cabe destacar que as colaboradoras fazem parte do grupo de risco. Desta forma, as etapas de organização e produção da memórias social ocorreram de forma *online*.

Neste caso, a seleção das cooperadas observou os objetivos estabelecidos na pesquisa. Nesse sentido, as cooperadas deveriam dispor de uma “vontade de memória”; de conhecimento prévio sobre os saberes locais e sobre as práticas

tradicionais; de aptidão para utilização TIC; e de legitimidade para representar política e socialmente a Cooperativa.

E, neste percurso, a produção da memória ocorreu como mencionado nas matrizes síntese. Cabe mencionar que o motivo da pesquisa foi esclarecido e as cooperadas sempre tiveram poder de decisão sobre a produção das memórias de vida. Neste caso, a interpretação das narrativas de memória de vida articula-se com a fundamentação teórica da presente dissertação, conforme analisado, a seguir.

No primeiro momento, destaca-se que a lembrança de acontecimentos passados são repensados com uma nova percepção, com um novo olhar. Nesse contexto, o caráter construtivo da memória estabelece a impossibilidade de reconstituição do passado em seu sentido literal (BOSI,1994; SÁ,2006).

Inclusive, eu participei, ativamente, da emancipação de Arraial do Cabo. Hoje, conscientemente, eu não participaria, não deixaria a cidade ser repartida desse jeito, até ser repartida desse jeito, tem toda uma história (Zenilda).

Além disso, é importante resgatar que as experiências do passado não estão limitadas as vivências particulares, mas também, aos acontecimentos vivenciados e socializados pela coletividade. Nessa direção, a memória do grupo pode ser herdada pela pessoa que não participou diretamente do acontecimento (POLLAK, 1992). E, assim, as colaboradoras narram que a socialização das memórias ocorrem, de maneira oral, nos encontros, alegres e divertidos, entre familiares e amigos.

Enfim, e aí surgem outras coisas, histórias alheias, contadas e vividas pelos meus irmãos. Só o tempo vai dizer se eu vou conseguir trazer algumas coisas sobre isso (Zenilda).

Assim, eu gosto de falar o que eu já vivencie e, principalmente, escutar as histórias que meus tios contam(...) Dessa forma, se você sentar com meu tio e escutar as histórias que ele conta, histórias dele de pescador mesmo. Por exemplo, ele conta que estava pescando e do nada o pescador sumiu de repente. Dentre outras coisa que ele já passou. Ele conta e a gente não cansa de ouvir. De fato, ele tem muita história, não só ele, mas os outros também (Margareth).

Além disso, as narrativas de memória de vida indicam a conexão entre a memória social e o sentimento de identidade (POLLAK, 1992; PERALTA,2007).

Assim, a nossa história com a pesca começou lá atrás, indo para a praia, vendo minha vó salgar peixe, dentre outras coisas. Deste modo, eu fui crescendo nessa relação com a pesca, eu sempre fui e sempre gostei (Margareth).

A gente enquanto criança vendo, aprendendo com os mais velhos, com os irmãos, com os tios, o movimento das marés, a mudança dos ventos (Zenilda).

Nesse sentido, as relações interpessoais são elementos importantes para a produção da memória social. Diante disso, a interação social e os processos de comunicação são responsáveis por potencializar o caráter social da memória. Ademais, a produção da memória não estaria limitada as relações intragrupoais, mas também para além dessas (SÁ, 2006).

Sendo assim, as narrativas de história de vida estimulam a produção de uma memória ativa e relacional. Esse processo destaca que a memória social não é espontânea, pelo contrário, a memória surge de uma intenção (ABREU, 2016). E, assim, a vontade de memória das colaboradoras está relacionada com o interesse de salvaguardar os aspectos socioculturais do município de Arraial do Cabo.

O meu objetivo é contar algumas historinhas de Arraial para despertar a atenção das pessoas (Zenilda).

(..)Eu estou vinculada àquela região, àquela área. Traz isso de mais importante, o vínculo. É ali que a gente aprendeu tudo, tudo que eu sei com relação à pesca, ao tempo, ao vento, às marés, não é muita coisa, mas é bastante coisa, sabe? (Zenilda).

(..)essas práticas irão se perde porque ninguém é eterno. Além disso, se o novo não aprende com quem tem a vivência e experiência. A nossa cultura vai embora. Hoje, a gente fala em resgatar a cultura de Arraial, sabe? Tem muitas pessoas com essa vontade, muitas pessoas interessadas (Margareth).

De acordo com Abreu (2016), a alteridade seria um elemento indispensável para a produção da memória. De fato, o encontro entre o pesquisador e as colaboradoras dinamizou a produção de memória. Dessa forma, a relação entre pessoas diferentes é um instrumento eficaz para a produção de novas memórias.

E, realmente, quando você fala de objetos, para mim, os mais loucos me levam, né? Você entra em um mergulho e se recorda de determinadas situações. Que louco isso! Como é que a nossa mente registra tão fortemente certas coisas da nossa personalidade mesmo. Eu acho que tem muito a ver com a personalidade, como você cresceu, como desenvolveu, quais são os seus anseios(...) (Zenilda)

Nesse caso, não se pode descartar a dinâmica afetiva, os interesses pessoais e os sentimentos, elementos de natureza afetiva, que potencializam o processo de construção da memória social.

Então, você me fez chegar hoje, você não, na verdade eu, você foi o interruptorzinho, né? Falar sobre isso e a gente... Então, as lágrimas chegaram aqui, porque não é fácil a gente se revestir de novo desse sentimento, porque na verdade é como se a gente estivesse vivendo alguns segundinhos daquelas alegrias, de cada dor, de cada dificuldade, de cada passo mesmo. Porque nessa uma hora que a gente está aqui e que eu falei, o filme aconteceu na minha cabeça, as imagens tomaram vida, todo o organismo entrou em ebulição para que essas lágrimas chegassem à porta. Elas estão sendo controladas para não vir à tona (Zenilda)

Assim, para que seja possível destacar os interesses, os sentimentos e a vontade de memória mencionados anteriormente, faz-se necessário refletir sobre o caráter ético e político da memória social. Dessa forma, a produção da memória social pressupõe um posicionamento ético e político. Além disso, a memória projeta uma perspectiva futura, uma intencionalidade quanto ao porvir. (GONDAR, 2016)

Eu penso, assim, que se a gente de alguma forma fizer as pessoas pararem para refletir algumas ações em relação ao que a gente tem feito, em relação ao que elas podem fazer de diferente para o futuro, para melhorar a existência de alguém, a gente já fez alguma coisa de valor (Zenilda).

Então, isso é o que me vem de recordação, o que eu acho que deve ser mantido é a gente poder, através de você e de outros mais, contar as nossas histórias(...) (Zenilda).

Da mesma forma, não se pode esquecer que a memória é produzida em um processo de disputa, negociação, tensão e conflito. Sendo assim, os interesses distintos disputam a produção da memória social no território. Dessa forma, os trechos, a seguir, destacam a preocupação com a mudança de nomenclatura de alguns lugares de memória.

Tem uma outra coisa que é bastante importante para a gente que conhece a região, eu falo nossa região como um todo, que são os pontos da cidade que tinham um nome, uma identificação e que, de repente, as pessoas chegaram e não é mais assim. Por que não é mais assim? Que loucura invade a cabeça das pessoas para mudar, para mudar a identificação das coisas?

Eu entendo assim, nomes tão legais, tão marcantes, viraram um negócio que não tem nada a ver. Por exemplo, o arpoador, hoje, é o deck dos pescadores que não é de pescador. As pessoas vão para tirar fotografia ali. Tem o lanço d'água, ouve, é até bonito, colocaram o nome de praia da sogra. Então, eu estou só pincelando algumas coisas para que você entenda como é ruim você constatar isso e não poder fazer nada(...)Eu não posso fazer outra coisa, eu só posso repetir até que alguém ouça (Zenilda).

Por outro lado, para se pensar na narrativa de memória de vida como agenciador de encontros entre as colaboradoras e o pesquisador, é importante destacar que a produção da memória social ocorre no diálogo com o passado, o presente e, também, com as projeções futuras, uma vez que esta não é linear, nem cronológica.

Oh, eu vou delirando, se eu for conversando, vou falando e vou entrando, porque uma coisa vai me chamando pra outra. E eu não poderia seguir uma ordem (Zenilda).

Além disso, a metodologia utilizada permitiu que as narrativas fossem produzidas livremente. Nesse caso, de acordo com Costa e Carvalho (2011, p.70), a narrativa memórias de vida possibilita que o narrador compartilhe fatos “significativos no momento ímpar em que o narrador se propõe a narrar”. Essa autonomia trouxe a reflexão sobre o caráter terapêutico da produção de memória.

Eu não sei se era isso que você queria saber, mas é isso que me veio à mente. Como eu falei para você, parece que eu estou fazendo uma terapia quando eu estou falando com você e me vem as coisas que eu ainda não falei para outras pessoas. Vem essas coisas, esses sentimentos difíceis, não apenas as maravilhas, não é mesmo? (Zenilda).

Então, Hugo, são tantas coisas que eu te falei, acho que de repente eu estou fazendo você de analista, porque estou mergulhando em uma análise de vida, porque trazer essas lembranças é reavaliar (Zenilda).

E assim, a memória social foi produzida por encontros que singularizaram as experimentações vividas e incorporaram novos processos criativos. Nesse caso, a produção da memória social foi resultado de uma intervenção psicossocial. Isso porque, as narrativas evidenciaram os atravessamentos que os processos coletivos produzem no indivíduo, e por outro lado, a relação da produção das intersubjetividades na transformação do tecido social. Essa troca mútua levou em conta a interação social, o território, o vivido e o posicionamento das colaboradoras diante das experiências individuais e coletivas

Por fim, realizou-se a produção de dois livros artesanais digitais. Na prática, os livros são produções colaborativas inspiradas nas narrativas de memória de vida. Além disso, o material foi composto por imagens selecionadas e compartilhadas pelas colaboradoras. Nesse sentido, os livros artesanais digitais foram produzidos, organizados e editados, com anuência das cooperadas, pelo pesquisador.

Olha é tanta gente que já passou ali na Cooperativa, de faculdade foram dúzias e dúzias. E aí a gente conta a história da Cooperativa e as nossas histórias, mas você pelo menos, eu acho que foi o primeiro ou o segundo a dar um retorno de tudo isso para gente (Margareth).

É uma pena que as pessoas não valorizem o que a gente tem aqui (Margareth).

Por exemplo, o estar conversando contigo agora, nesse tempo todo, aos domingos, a gente falando sobre isso me traz esse meu reconhecimento nessa história. Eu consigo ver quem eu era, onde eu estava em 2013 e quem eu sou, onde eu estou agora (Zenilda).

Em tal caso, os livros artesanais digitais caracterizam-se como “objetivos resolutivos” (SANTOS, 2015) e, também, como uma forma de devolutiva do processo de produção da memória social, ou seja, a realização do livro cumpre com os aspectos éticos da produção de conhecimento. Dessa forma, as memórias narradas ganharam formato, linguagem e estilo visual diferentes.

E, ainda mais importante, a elaboração dos livros pode representar uma estratégia de valorização e reconhecimento da identidade cultural relacionada às práticas artesanais estabelecidas em Arraial do Cabo, para a reafirmação dos direitos de tais atores sociais.

Assim, a partir das discussões propostas por esta dissertação, quais considerações podem ser realizadas e quais foram as limitações da pesquisa?

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática investigada emerge do reconhecimento da contribuição dos povos e comunidades tradicionais para a manutenção de práticas e saberes heterogêneos e intergeracionais, além da organização de modos de vida, em sintonia com a conservação da diversidade biológica e sociocultural dos territórios brasileiros. No entanto, tais grupos estão, cada vez mais, invisibilizados, uma vez que suas práticas, por vezes, não condizem com as prioridades do sistema econômico adotado.

Dessa forma, cabe ressaltar que tais comunidades enfrentam, cada vez mais, desafios para a ocupação e permanência nos territórios que estão alicerçados aos seus modos de vida, frente ao modelo desenvolvimentista adotado, notadamente, a partir dos processos industriais de produção e consumo estabelecidos nas sociedades ocidentais.

Ciente de que a relevância da pesquisa tende a funcionar como uma força propulsora que estimula a busca pela concretização da análise proposta, o presente estudo teve como objetivo analisar os processos de produção da memória social no contexto da Cooperativa de Mulheres Nativas da Praia Grande em Arraial do Cabo, no estado do Rio de Janeiro. Além disso, a dissertação teve como inspiração a seguinte pergunta de pesquisa: De que modo a produção da memória social e o registro das narrativas de memória de vida podem contribuir para a valorização da cultura local?

Para responder a pergunta de pesquisa e alcançar o objetivo proposto, nesta Dissertação de Mestrado, realizou-se uma pesquisa com abordagem qualitativa, inspirada no método da História Oral e ancorada ao campo psicossocial, baseada na coleta de dados secundários e primários.

Nesse sentido, a fundamentação teórica selecionada para ancorar a investigação possibilitou reflexões sobre a interdisciplinaridade do campo psicossocial; a relação das dinâmicas psicossociais em comunidade; os aspectos históricos de opressão e dominação vivenciados no território; a análise psicossocial da memória social; a superação das perspectivas psicologizantes e sociologizantes no campo da memória social; o modelo de produção capitalista; e também, sobre modelos econômicos mais solidários.

Em seguida, o levantamento documental proporcionou o levantamento das informações que envolvem o arcabouço legal dirigido aos povos e comunidades tradicionais; à pesca; e também, às peculiaridades da conservação da natureza e das práticas socioculturais na cidade de Arraial do Cabo.

Por outro lado, para se pensar na coleta dos dados primários, utilizou-se a História Oral, como método, e a narrativa de memória de vida como ferramenta metodológica capaz de motivar a produção da memória social. Assim, um passo importante para a investigação dos processos de produção da memória social sobre as práticas artesanais no município de Arraial do Cabo, foi a construção de vínculos relacionais com as representantes da Cooperativa de Mulheres Nativas da Praia Grande. Isso porque, a Cooperativa se caracterizar como uma importante inspiração através da representatividade que ganhou no exercício de práticas comunitárias, na preservação da natureza, na defesa dos direitos de gênero e na valorização da memória social, dos saberes locais e das práticas tradicionais.

E, nesse percurso, a produção da memória social foi desenvolvida através da escuta sensível das narrativas de memória de vida das colaboradoras. Em tal caso, as narrativas representaram uma oportunidade de resgatar fatos passados, ao trazer revelações inesperadas, mas também por estar relacionada ao presente em seus múltiplos processos de transformação, levantando questionamentos e inquietações que possam conduzir à projeções futuras na dimensão do indivíduo e do grupo social.

Dessa forma, as narrativas de memória de vida proporcionaram o registro das práticas artesanais e dos saberes locais; a verificação dos desafios enfrentados para a manutenção da pesca artesanal no município; a análise das potencialidades que podem ser desenvolvidas, por uma cooperativa de mulheres envolvidas com práticas relacionadas à conservação da diversidade biológica e sociocultural no município.

E, assim, em um primeiro momento, foram identificados os conhecimentos relacionados à pesca artesanal, como as modalidades coletivas, as modalidades individuais, a produção de apetrechos, a salga do pescado e duas receitas tradicionais. Além disso, os trechos narrativos apresentaram as práticas artesanais realizadas pelas rendeiras de bilros e pelas rezadeiras. Nesse caso, o registro das práticas artesanais e saberes locais pretende salvaguardar os aspectos socioculturais da comunidade.

Em um segundo momento, os desafios enfrentados para a manutenção da pesca artesanal foram examinados. À vista disso, as narrativas apontaram a ineficácia da fiscalização; os arrastões; a utilização de redes clandestinas; o descarte irregular de resíduos nas plataformas de petróleo; o fluxo turístico nos pontos de pesca e as mudanças na forma de pescar. Além desses, a participação da mulher na pesca; a violência contra mulher; utilização de determinados pescados; as exigências legais para integrar novas cooperadas caracterizam-se como desafios direcionados, especificamente, à pesca artesanal desenvolvida pela Cooperativa de Mulheres Nativas.

Posteriormente, as narrativas indicaram potencialidades desenvolvidas pela Cooperativa de Mulheres Nativas. Nesse caso, a produção de narrativas de memória de vida reforçou as características positivas da cooperação, dentre elas: o aperfeiçoamento das cooperadas; as ações voltadas à capacitação da comunidade; a valorização da cultura local; a produção de produtos de baixo impacto ambiental; a participação política e social ativa; e o cumprimento das medidas sanitárias. Desta forma, a Cooperativa de Mulheres Nativas opera um modelo econômico capaz de interligar esforços individuais e coletivos para a promoção do desenvolvimento socioeconômico e sustentável.

Além disso, a produção de memória social possibilitou a elaboração de dois livros artesanais digitais. Sendo assim, a produção da memória social pode representar uma estratégia de valorização e reconhecimento da identidade cultural relacionada às práticas artesanais estabelecidas no território, para a reafirmação dos direitos de tais atores sociais.

No que concerne a metodologia adotada nesta dissertação, algumas limitações da pesquisa foram reveladas. As principais estão relacionadas ao cenário pandêmico. À vista disso, o isolamento social exigiu que os encontros fossem realizados na modalidade *online*. Desse modo, a utilização de ferramentas e recursos tecnológicos restringiu a participação de possíveis colaboradores.

Outra limitação da pesquisa foi a impossibilidade de realizar encontros para refletir sobre o processo de socialização do livro artesanal digital. Esta impossibilidade decorreu do limite de dois anos para o desenvolvimento da dissertação de mestrado.

No entanto, o pesquisador se disponibilizou a buscar editais de financiamento junto às colaboradoras, caso estas tenham interesses em publicar o material elaborado.

Como resposta ao objetivo da pesquisa, é possível afirmar que a memória social foi produzida por encontros que singularizaram as experimentações vividas e incorporaram novos processos criativos. Nesse caso, a produção da memória social foi resultado de uma intervenção psicossocial. Isso porque, as narrativas de memória de vida evidenciaram os atravessamentos que os processos coletivos produzem no indivíduo, e por outro lado, a relação da produção das intersubjetividades na transformação do tecido social. Essa troca mútua levou em conta a interação social, o território, o vivido e o posicionamento das colaboradoras diante das experiências individuais e coletivas.

Sendo assim, a produção da memória social pode representar uma estratégia de valorização e reconhecimento da identidade cultural relacionada às práticas artesanais estabelecidas no território, para a reafirmação dos direitos de tais atores sociais.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, R. M. R. M. Memória Social: itinerários poéticos-conceituais. In: DODEBEI, Vera; DE FARIAS, Francisco Ramos; GONDAR, Jô. Revista Morpheus (Número especial: Por que memória social?). **Revista Morpheus-Estudos Interdisciplinares em Memória Social**, v. 9, n.15,2016. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/5475/4929>. Acesso em: 29 maio 2021.

ACI– Aliança Cooperativa Internacional. **Notas de orientação para los principios cooperativos**. 2016 Disponível em: <<https://www.ica.coop/sites/default/files/2021-11/Guidance%20Notes%20ES.pdf> >. Acesso em: 15 de janeiro de 2022.

_____. **Cooperative identity, values & principles**. Disponível em: <<https://www.ica.coop/en/cooperatives/cooperative-identity> >. Acesso em: 15 de janeiro de 2022.

Alberti, V. **Manual de história oral**. 2 ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004

ALMEIDA, A. W. Terras tradicionalmente ocupadas. **Revista Brasileira Estudos Urbanos e Regionais**, v. 6, nº 1/ maio, 2004.

ALMEIDA, A. W. B. Apresentação. In: SHIRAIISHI NETO, J. (org.). **Direito dos povos e das comunidades tradicionais do Brasil**: declarações, convenções internacionais e dispositivos jurídicos definidores de uma política nacional. Manaus: UEA, 2007. p.09-17.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. Parte II – **O Método nas Ciências Sociais**. In: ALVESMAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. O Método nas Ciências Naturais e Sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 2004, p. 109-188.

ARRAIAL DO CABO. **Lei nº 1.796, de 22 de outubro de 2013**. Institui a Semana Municipal do Pescador no âmbito do município de Arraial do Cabo. Disponível em: <https://arraialdocabo.rj.leg.br/arquivos/759/LEIS%20MUNICIPAIS_1.796_2013_0000001.pdf> Acesso em: 03 de outubro de 2021.

_____. **Lei nº 1.804, de 30 de dezembro de 2021**. Dispõe sobre o Plano Diretor Participativo do Município de Arraial do Cabo, e dá outras providências. Disponível em:<https://arraialdocabo.rj.leg.br/arquivos/763/LEIS%20MUNICIPAIS_1.804_2013_0000001.pdf> Acesso em: 03 de outubro de 2021.

_____. **Lei nº 1.832, de 22 de agosto de 2013**. Declara Patrimônio Cultural Imaterial do Município de Arraial do Cabo, a Procissão e os Festejos Religiosos dedicados a Nossa Senhora dos Remédios. Disponível em:<https://arraialdocabo.rj.leg.br/arquivos/813/LEIS%20MUNICIPAIS_1.832_2013_0000001.pdf> Acesso em: 03 de outubro de 2021.

_____. **Lei nº 1.923, de 09 de março de 2015.** Declara Patrimônio Natural e Turístico as Praias de Massambaba, Praia Grande, Praia Brava, as Prainhas, a Praia da Ilha do Farol, Praia dos Anjos, Praia do Forno, Prainha e Praia do Pontal no município de Arraial do Cabo. Disponível em: <https://arraialdocabo.rj.leg.br/arquivos/813/LEIS%20MUNICIPAIS_1.832_2013_0000001.pdf> Acesso em: 03 de outubro de 2021.

_____. **Lei nº 1.927, de 10 de junho de 2015.** Institui a função de Registro do Patrimônio Cultural de Arraial do Cabo. Disponível em: <https://arraialdocabo.rj.leg.br/arquivos/573/LEIS%20MUNICIPAIS_1.927_2015_0000001.pdf> Acesso em: 03 de outubro de 2021.

_____. **Lei nº 1.999, de 23 de agosto de 2016.** Dispõe sobre a preservação do patrimônio natural e cultural do município de Arraial do Cabo, cria o Conselho Municipal de Cultura e Patrimônio e dá outras providências. Disponível em: <https://arraialdocabo.rj.leg.br/arquivos/486/LEIS%20MUNICIPAIS_1.999_2016_0000001.pdf> Acesso em: 03 de outubro de 2021.

_____. **Lei nº 2.002, de 11 de outubro de 2016.** Torna de utilidade pública municipal a Cooperativa de Mulheres Produtoras da Pesca Artesanal. Disponível em: <https://arraialdocabo.rj.leg.br/arquivos/489/LEIS%20MUNICIPAIS_2.002_2016_0000001.pdf> Acesso em: 03 de outubro de 2021.

_____. **Lei nº 2.005, de 24 de novembro de 2016.** Declara Patrimônio Cultural Imaterial do município de Arraial do Cabo, o Festival de Lula realizado pela APAC. Disponível em: <https://arraialdocabo.rj.leg.br/arquivos/491/LEIS%20MUNICIPAIS_2.005_2016_0000001.pdf> Acesso em: 03 de outubro de 2021.

_____. **Lei nº 2.200, de 11 de julho de 2019.** Autoriza a cessão de uso de bem público municipal à Cooperativa de Mulheres Produtoras da Pesca Artesanal e Plantas Nativas da Região dos Lagos, e dá outras providências. Disponível em: <https://arraialdocabo.rj.leg.br/arquivos/262/LEIS%20MUNICIPAIS_2.200_2019_0000000.pdf> Acesso em: 03 de outubro de 2021.

_____. **Lei nº 2.318, de 21 de julho de 2021.** Declara Patrimônio Histórico Cultural Material, do município de Arraial do Cabo, as Canoas das Praias, e dá outras providências. Disponível em: <https://arraialdocabo.rj.leg.br/arquivos/451/LEIS%20MUNICIPAIS_2.318_2021_0000001.pdf> Acesso em: 03 de outubro de 2021.

_____. **Lei nº 2332, de 10 de setembro de 2021.** Institui e inclui no calendário oficial de eventos do município de Arraial do Cabo, o Culto de Gratidão aos Pescadores dos Distritos. Disponível em: <https://arraialdocabo.rj.leg.br/arquivos/547/LEIS%20MUNICIPAIS_2.332_2021_0000001.pdf> Acesso em: 03 de outubro de 2021.

_____. **Lei Complementar nº 012, de 30 de dezembro de 2021.** Dispõe sobre o Plano Diretor Participativo do Município de Arraial do Cabo, e dá outras providências. Disponível em: <
https://arraialdocabo.rj.leg.br/arquivos/735/LEIS%20COMPLEMENTARES_012_2021_0000001.pdf > Acesso em: 20 de janeiro de 2021.

_____. **Lei nº 2.374, de 12 de janeiro de 2022.** Dispõe sobre a reorganização da estruturação da Fundação Instituto de Pesca de Arraial do Cabo - FIPAC. Disponível em: <
https://arraialdocabo.rj.leg.br/arquivos/773/LEIS%20MUNICIPAIS_2.374_2022_0000001.pdf > Acesso em: 20 de janeiro de 2022.

ARRUDA, R. 'Populações tradicionais' e a proteção dos recursos naturais em Unidades de Conservação. **Ambiente & Sociedade**, ano 2, n.5, p.79-92, 1999.

ARRUDA, R. S. V; DIEGUES, A. C. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil.** Brasília/São Paulo: Ministério do Meio Ambiente/USP, 2001.

AUGRAS, M. História oral e subjetividade. In: (org.) SIMSON, O. R. M. V. **Os desafios contemporâneos da História Oral.** Campinas: Área de Publicações CMU/Unicamp, 1997.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

BARRETO, P.S. (2021). **A pesca artesanal de canoas de borçada em Arraial do Cabo(RJ);** 2021; Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social)- Departamento de Psicologia Social e do Trabalho da USP, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior; Orientador: Alessandro de Oliveira dos Santos.

BAUMAN, Z. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2005.

BENJAMIN, W. **Narrativa e cura.** Jornal de Psicanálise, São Paulo. V. 35, 2002.

BERGSON, H. Matéria e memória – Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Memória e vida.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BERNARDES, L. M. C.; BERNARDES, N. A pesca no litoral do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Geografia.** Rio de Janeiro: IBGE, v.12, n.1, jan/mar 1950, p.17-53. Disponível em:
https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg_1950_v12_n1.pdf;
 Acesso em 31 de out. 2021.

BOSI, E. **Memória e Sociedade:** Lembranças de Velhos. 3a ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994

_____. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social.** Ateliê editorial, 2004.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 5.684, de 20 de julho de 1943.** Autoriza a criação da Companhia Nacional de Álcalis, e dá outras providências. Disponível em: <[Http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ decreto-lei/1937-1946/Del5684.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ decreto-lei/1937-1946/Del5684.htm)> Acesso em: 05 de janeiro de 2022.

_____. **Lei nº 3.924, de 26 de julho de 1961.** Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos. Disponível em: <[Http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/ l3924.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/ l3924.htm)> Acesso em: 05 de janeiro de 2022.

_____. **Lei nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971.** Define a Política Nacional de Cooperativismo, institui o regime jurídico das sociedades cooperativas, e dá outras providências. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5764.htm> Acesso em: 15 de janeiro de 2022.

_____. **Constituição Federal de 1988.** 1988. Disponível em: <[Http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)> Acesso em: 05 de outubro de 2020.

_____. **Lei nº 8.031, de 12 de abril de 1990.** Cria o Programa Nacional de Desestatização, e dá outras providências. Disponível em: <[Http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/ L8031.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/ L8031.htm)> Acesso em: 05 de janeiro de 2022.

_____. **Decreto nº 426, de 16 de janeiro de 1992.** Dispõe sobre a inclusão, no Programa Nacional de Desestatização – PND, da Companhia Siderúrgica Nacional- CSN, Companhia Siderúrgica Paulista- COSIPA, Aço Minas Gerais S.A.- AÇOMINAS e Companhia Nacional de Álcalis - CNA. Disponível em: <[Http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ decreto/1990-1994/D0426.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ decreto/1990-1994/D0426.htm)> Acesso em: 05 de janeiro de 2022.

_____. **Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades**

Tradicionais. 2007. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20072010/2007/Decreto/D6040.htm> Acesso em: 05 de outubro de 2020.

_____. **Resolução nº 510 do Conselho Nacional de Saúde.** 2016. Disponível: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 18 de janeiro de 2021.

BRETTAS, L.F.M. Do mar à mesa: a pesca e a alimentação em Arraial do Cabo entre as décadas de 1930 e 1960. 2018. 161 f. Dissertação. (Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

_____. A Pesca Artesanal e a Culinária Típica em Arraial do Cabo antes da Instalação da Companhia Nacional de Álcalis-RJ. In: Maria Amália Silva Alves de Oliveira, Elídio Vanzella, Adriana Brambilla. (Org.). Processos sociais: sistemas

culinários em contexto de ressignificações, comensalidades, processos discursivos e religiosos. 1ed.João Pessoa: CCTA, 2019, v., p. 59-94

BRITTO, R.(1999). Modernidade e tradição – Construção da identidade social dos pescadores de Arraial do Cabo – RJ. Niterói: EdUFF.

CASADORE, M.M. Psicossociologia e Intervenção Psicossociologia: alguns aspectos da pesquisas e da prática. In: EMIDIO, T.; HASHIMOTO, F. **Psicologia e seus campos de atuação**: demandas contemporânea. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

CIAMPA, A. da C. Identidade. In: W. Codo & S. T. M Lane (Orgs.). **Psicologia social: o homem em movimento** (pp. 58-75), São Paulo: Brasiliense, 1984.

CNUC. **Resultado da Consulta: Unidades de Conservação em Arraial do Cabo**. Disponível em: <http://sistemas.mma.gov.br/portalcnuc/rel/index.php?fuseaction=portal.relatorioFicha>. Acesso em: 12 de março de 2021

ZENILDA. **Entrevista de história de vida**. 2021 Entrevistador. Pina, H.B. Rio de Janeiro: UFRJ,2022. Entrevista concedida para a pesquisa: “ABRAÇO ENTRE O MAR E A RESTINGA: memórias produzidas no encontro com a Cooperativa de Mulheres Nativas de Arraial do Cabo (RJ)”

MARGARETH. **Entrevista de história de vida**. 2021. Entrevistador. Pina, H.B. Rio de Janeiro: UFRJ,2022. Entrevista concedida para a pesquisa: “ABRAÇO ENTRE O MAR E A RESTINGA: memórias produzidas no encontro com a Cooperativa de Mulheres Nativas de Arraial do Cabo (RJ)”

CONTRO, L. **Psicossociologia Crítica**: a intervenção psicodramática. Curitiba: CRV, 2011.

COSTA, J. F. A. “Fazer para transformar”: **a psicologia política das comunidades de Maritza Montero**. Psicologia Política, 15(33), 269-283, 2015

COSTA, S. L. ; MACIEL, T. M. F. B. . **Os sentidos da comunidade: a memória de bairro e suas construções intergeracionais em estudos de comunidade**. Arquivos Brasileiros de Psicologia (Rio de Janeiro. 1979) , v. 61, p. 60-72, 2009

COSTA, S. L.; CARVALHO, E. N. As potências da narrativa. In: LOPES, K. J. M.; CARVALHO, E. N.; MATOS, K. S. A. L. (Org.). **Ética e as reverberações do fazer**. Fortaleza: UFC, 2011. p. 60-73. (Coleção Diálogos Intempestivos).

COSTA, S. L.; SILVA, C. R. C . **Afeto, memória, luta, participação e sentidos de comunidade**. Pesquisas e Práticas Psicossociais, v. 10, p. 284-294, 2015.

COSTA, S. L. e MENDES, R. (2014) **Redes Sociais Territoriais**. São Paulo: Fap Unifesp.

DE FREITAS, M. F. Q. Desafios éticos na prática em comunidade: **(Des)encontros entre a pesquisa e a intervenção**. Pesquisas e Práticas Psicossociais (2015).

D'ÁVILA NETO, M. I. A porta, a ponte e a rede. In: **Revista Documenta**. Ano VIII nº 8. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro - UNESCO Chair Publishing/EICOS/UFRJ. 2002. P. 13-26.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: NUPAUB - Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras – USP/Hucitec, 2008.

DODEBEI, V.; ORRICO, E. G. D. MEMÓRIA [...] Superfícies, contextos e sentidos. In: GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes; BERNDT, Zilá (Org.). **Memória social: revisitando autores e conceitos**. 1ed.Canoas: Ed. Unilasalle, 2018, v. 10, p. 11-26.

FARDINI, G. Fundamentos do cooperativismo. Brasília, DF: Sistema OCB/Sescoop, 2017

FIUZA, A. C.; Costa, S. L.; Loureiro, C. F. B. (2018) Caminhos para uma abordagem psico-ambiental: contribuições da psicossociologia para as discussões socioambientais. **Revista Psicologia Política**, v.18, n. 41, p. 42-54

FREITAS, M. F. Q. Desafios éticos na prática em comunidade: (des)encontros entre a pesquisa e a intervenção. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João Del-Rei, v. 10, n. 2, p. 242-253, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S18098908201500020002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 abr. 2021.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Record. 2004.

GONDAR, Jô. Cinco proposições sobre memória social. In: DODEBEI, Vera; DE FARIAS, Francisco Ramos; GONDAR, Jô. Revista Morpheus (Número especial: Por que memória social?). **Revista Morpheus-Estudos Interdisciplinares em Memória Social**, v. 9, n. 15, 2016. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/5475/4929>) . Acesso em: 29 maio 2021.

GUSMÃO, D. S.; JOBIM E SOUZA, S. **História, memória e narrativa: a revelação do “quem” nas histórias orais dos habitantes do Córrego dos Januários**. Psicologia & Sociedade, 22(2), 2010. p.288-298.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11.Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HALBWACHS, M. (1994). **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Albin Michel.

_____. **A Memória Coletiva**. São Paulo, Centauro: 2006.

IBGE. **Área territorial brasileira**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/arraial-do-cabo/panorama> Acesso em: 19 de março de 2021.

IBGE. **Estimativas da população residente**: com data referência 1º de julho de 2020. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/arraial-do-cabo/panorama> Acesso em: 19 de março de 2021.

IRVING, M. A. Por que a Psicossociologia e a Ecologia Social? Em busca de alternativas para a produção de conhecimento no campo da sustentabilidade. In: Maciel, T. B.; SOUZA, C. M. **Inovação e trajetos**: Comunidade, desenvolvimento e sustentabilidade. Curitiba: Appris, 2019.

JODELET, D. Inácia D'Ávila Neta: Uma prática psicossocial inovadora. In: Maciel, T. B.; SOUZA, C. M. **Inovação e trajetos**: Comunidade, desenvolvimento e sustentabilidade. Curitiba: Appris, 2019.

LANG, A. B. da S. G. História Oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In: MEIHY, José Carlos Sebe (Org.). **(Re) Introduzindo História Oral no Brasil**. Série Eventos. São Paulo: Xamã, 1996.

LEITE, G.S.; DOURADO, M.; CANDELLAR, R. . **Estudo preliminar da ressurgência de Cabo Frio**. In: XV- Congresso Brasileiro de Meteorologia, Florianópolis, 2006.

LITTLE, P. E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil**: por uma antropologia da territorialidade. Brasília, 2002. (Série Antropologia, 322).

LOPEZ, I. **Memória social**: uma metodologia que conta histórias de vida e o desenvolvimento local. 1. ed. São Paulo: Museu da Pessoa: Senac São Paulo, 2008. Disponível em: http://www.museudapessoa.net/public/editor/livro_mem%C3%B3ria_social.pdf. Acesso em: 20 outubro. 2022.

MAISONNEUVE, J. **Introdução à psicossociologia**. Tradução de Luiz Damasco Penna e J. B. Damasco Penna. São Paulo: Cia. Ed. Nacional; EDUSP, 1977.

MBEMBE, A. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: nº 1 edições, 2018.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual da história oral**. São Paulo: Loyola, 2005

MEIHY, J. C.S.B; HOLANDA, F. História oral: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2011.

MERHY, E.E. O conhecer militante do sujeito implicado: o desafio de reconhecê-lo como saber válido. In: FRANCO, T.B. et al. **Acolher Chapecó**: uma experiência de mudança com base no processo de trabalho. São Paulo: Hucitec, 2004.

MERHY, E. E.; FEUERWERKER, L. C. M. Novo olhar sobre as tecnologias de saúde: uma necessidade contemporânea. In: MANDARINO, A. C. S.; GOMBERG, E. (Org.). **Leituras de novas tecnologias e saúde**. São Cristóvão: Editora UFS, 2009.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade, Petrópolis: Vozes, 2009.

NASCIUTTI, J. C. R. A instituição como via de acesso à comunidade. In: CAMPOS, R. H. F. (Org) **Psicologia social comunitária**. Petrópolis: Vozes, 1996.

OCB – Organização das Cooperativas Brasileiras. **Cresce número de pessoas ligadas ao cooperativismo**. Disponível em: <<https://www.ocb.org.br/o-que-e-cooperativismo>> Acesso em: 17 janeiro de 2022.

PERALTA, E. 2007. Abordagens teóricas ao estudo da memória social: uma resenha crítica. In **Arquivos da Memória**. Antropologia Escala e Memória, n. 2 (Nova Série). Centro de estudos de etnologia portuguesa.

PEREIRA, Walter Luiz (2010). Vagas da modernidade: a Companhia Nacional de Álcalis em Arraial do Cabo (1943-1964). In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 46, p. 321-343, julho-dezembro.

PINTO, Bruna de Oliveira Santos; CARRETEIRO, Teresa Cristina Othenio Cordeiro; DA SILVA RODRIGUEZ, Luciana. Trabalhando no "entre": A História de Vida Laboral Como Método de Pesquisa em Psicossociologia. **Farol-Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 2, n. 5, p. 976-1022, 2015.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social, In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212. 1992.

PRADO, S. M. Da anchova ao salário mínimo: uma etnografia sobre injunções de mudança social em Arraial do Cabo, RJ. Niterói: Eduff, 2002, 145p.

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. V. **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. Lisboa: Gradiva. 2005

RIO DE JANEIRO. **Cria o município de Arraial do Cabo**, a ser desmembrado do município de Cabo Frio. 1985. Disponível em <http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2021.

RODRIGUES, H. B. C. **A história oral como intercessor** — em favor de uma dessujeição metodológica. Estudos e pesquisas em psicologia, 2010.

SÁ, C. P. **Sobre a fundamentação psicológica da psicologia social e suas implicações para a educação**. Fórum Educ. Rio de Janeiro, 1984.

_____. As memórias da memória social, In: C. P. Sá (Ed.), **Memória, imaginário e representações sociais** (pp. 63-86). Rio de Janeiro, 2005: Editora do Museu da República.

_____. **Sobre o campo de estudo da memória social**: uma perspectiva psicossocial. In: Revista Psicologia Reflexão e Crítica. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2007. V. 20. Disponível em :<www.scielo.br/prc> Acesso em 06 de out.2020.

SANTILLI, J. Povos indígenas, quilombolas e populações tradicionais: a construção de novas categorias jurídicas. In: RICARDO, F. (org). **Terras indígenas & unidades de conservação da natureza: o desafio das sobreposições**. São Paulo: ISA, 2004. p. 42-29.

Santos, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília: Editora da UnB, 2015.

SAWAIA, B. B. Comunidade: a apropriação científica de um conceito tão antigo quanto a humanidade. In: CAMPOS, R. H. F. (org) **Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. P. 35-53.

SANTOS, M. S. dos. **Memória Coletiva e Teoria Social**. São Paulo: Annablume, 2003.

SINGER, P. **Introdução à economia solidária**. 6^o edição. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2013.

TAGLIOLATTO, A.B.; PASSOS, A.; MARQUES, G.; PACHECO, I.; RAPAGNÃ, L.; SILVA, M.L. & BERTUCCI, T.C.P. 2015. Sambaquis do Estado do Rio de Janeiro: Musealização como forma de preservação. **Uso Público em Unidades de Conservação** 3(6): 52-64. http://periodicos.uff.br/uso_publico/article/view/28771. Acesso em: 10 de fevereiro de 2021

TAVARES, F. (2004). O consumo na pós-modernidade: uma perspectiva psicossociológica.

Revista Comum da OHAEC, v. 9, n. 22, p. 122-143 Rio de Janeiro.

VELLOSO, Beatriz Pimenta (2017) "Montes brancos e espelhos d'água." **revista Croma, Estudos Artísticos**. ISSN 2182-8547, e-ISSN 2182-8717. 5, (9), janeiro-junho. 71-81

WAKULICZ, G.; OLIVEIRA FILHO, J. T. **Legislação cooperativista**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Colégio Politécnico, 2015.

APÊNDICES

Apêndice 1: TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

PESQUISA “**SABERES E OCUPAÇÕES TRADICIONAIS**: memória, ocupação e desenvolvimento local”

Sub-pesquisa: Abraço entre o mar e a restinga: memórias produzidas no encontro com a Cooperativa de Mulheres Nativas de Arraial do Cabo (RJ).

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

1.1 **Apresentação do pesquisador:** Meu nome é Samira Lima da Costa, sou professora pesquisadora da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, e por este motivo estou realizando a pesquisa “Saberes e ocupações tradicionais: memória, ocupação e desenvolvimento local”.

1.2 **Apresentação do pesquisador assistente:** Meu nome é Hugo Barroso de Pina, sou mestrando pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social - EICOS da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ.

Iremos apresentar para você os objetivos da pesquisa e outras informações que queira saber, assim você poderá decidir se tem interesse em aceitar o convite (ou não) que lhe fazemos para participar da pesquisa.

1.3 **Explicação dos objetivos e natureza da pesquisa:** A pesquisa tem como objetivo identificar os modos de organização para o desenvolvimento local, produção de memórias e sistematização das ocupações tradicionais produzidas individual e coletivamente nas comunidades tradicionais do Rio de Janeiro, iniciando pelo Quilombo do Grotão (em Niterói) e se estendendo para outras comunidades através do método de rede de indicações. Tem como proposta analisar a construção de identidade tradicional, a partir da discussão acerca das produções contemporâneas de memória, ocupação e território.

As informações para a pesquisa serão coletadas através de entrevistas e reuniões com moradores e lideranças das comunidades participantes, de acordo com aquilo que planejarmos conjuntamente. Assim sendo, sua participação na pesquisa se dará

através de entrevistas que realizarei com você, ou seja, conversaremos sobre alguns temas relacionados à pesquisa.

1.4 Explicação sobre o acesso e uso restrito dos dados: Você poderá ter acesso às gravações das entrevistas e, também, ao teor do conteúdo da entrevista e decidirá se porventura poderá ser divulgado. Entretanto, não necessariamente o que coletarmos na entrevista com você será divulgado. Não identificamos as pessoas e tomamos os cuidados necessários para que estas não sejam identificadas através do que foi dito, mas caso os participantes queiram ser identificados, isto pode ser feito também. A equipe de pesquisa fará uma devolutiva para os participantes sobre os resultados, em linguagem acessível. Além disso, os resultados vão compor o ACERVO de pesquisas da UFRJ, ficando disponíveis para consulta por qualquer pessoa e a qualquer momento.

1.5 Registro de dados (gravações audiovisuais e registros escritos): Os dados serão anotados por mim e pela equipe da pesquisa em caderno de notas à medida que formos conversando. É importante gravar nossas conversas em alguns casos, para que possamos depois com calma esclarecer alguma dúvida em relação ao que foi anotado, mas isto se você permitir, é claro. Quanto a fotos ou eventuais filmagens, estas serão feitas também apenas com seu consentimento.

1.6 Natureza da entrevista

Duração, local, privacidade, temas abordados

As entrevistas serão agendadas no local e nas condições que forem melhores pra você, ou seja, da forma que se sinta mais à vontade. Você tem o direito de interromper a entrevista ou seu registro e de deixar de responder questões e de mudar as condições de sua participação a qualquer hora e a qualquer momento da entrevista ou da pesquisa. Os temas das perguntas são relativos à forma como vocês da comunidade trabalham, como vocês se organizam e como se relacionam entre si, como veem o desenvolvimento da região, o que pensam sobre as tradições.

1.7 Riscos e benefícios da participação para o pesquisado

A pesquisa pode ajudar na elaboração de propostas de fortalecimento da organização social e produtiva das comunidades que podem ser desenvolvidas tanto por órgãos públicos como por entidades não governamentais ou pela própria comunidade. Além

disso, ela pode contribuir para o debate sobre modelos alternativos de produção e desenvolvimento local e de valorização das tradições, memórias e ocupações. Quanto aos riscos, estes estão relacionados à possibilidade de eventualmente serem abordados acontecimentos ou assuntos que causem algum tipo de desconforto aos entrevistados. Entretanto, só trabalharemos com o seu consentimento e não há no projeto nada previsto que possa forçar ou expor os participantes a risco algum. Inclusive você tem a garantia de plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma. Além disso, você tem a garantia de manutenção do sigilo e da privacidade durante todas as fases da pesquisa. Não há previsão de pagamento ou indenização por sua participação na pesquisa.

1.8 Consentimento

Você entendeu o que expliquei? _____

Você quer participar? _____

Concorda com a gravação e anotação da entrevista? _____

Permite que eu tire fotos suas? _____

Você é quem decide se gostaria de participar ou não deste estudo/pesquisa. É fundamental que tenha compreendido o conteúdo deste termo e esclareça qualquer dúvida antes de decidir se aceita participar. Além disso, os contatos da instituição de pesquisa e os meus ficarão à sua disposição. Se decidir participar do projeto de Pesquisa “Saberes e ocupações tradicionais: memória, ocupação e desenvolvimento local” você deve assinar este Termo de Consentimento, sendo que uma via deste Termo assinada por mim ficará com você. Mesmo se você decidir participar, você ainda tem a liberdade de se retirar das atividades a qualquer momento e sem dar justificativas. Isso não afetará em nada sua participação em demais atividades.

Dados da instituição: UFRJ Av. Pasteur, 250 - fundos. Instituto de Psicologia, PPG EICOS.

CEP 22290-902. Tel: (21) 3938-5329 / 3938-5342

Dados do pesquisador: Samira Lima da Costa.

Telefone: (21) 96550-2545 E-mail: biasam2000@gmail.com

Dados do pesquisador assistente: Hugo Barroso de Pina.

Telefone: (22) 9 8839-5445 E-mail: hugob_p@hotmail.com ou hugobpina@gmail.com

Recorte: ABRAÇO ENTRE O MAR E A RESTINGA: memórias produzidas no encontro com a Cooperativa de Mulheres Nativas de Arraial do Cabo (RJ). Rio de Janeiro, 2022. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Rio de Janeiro,/...../2022

Nome do Entrevistado

Hugo Barroso de Pina

Samira Lima da Costa

Apêndice 2: Transcrição das narrativas de memória de vida da primeira Zenilda

Encontro de 23 de fevereiro de 2021

Então, lembrar da nossa origem é uma questão que traz assim... Como eu falei, hoje, minha irmã resolveu ir a São Pedro, onde ela nasceu. Ela está em Arraial. Ela foi morar em Arraial desde os dois anos de idade. Ela está com 84. E hoje, ela resolveu ir lá. Então faz parte... Eu vivi a minha vida toda, 65 anos, em Arraial do Cabo. Eu nasci ali no alto da Praia Grande mesmo. Bem no alto.

Minha família, meus avós e meu tios, na verdade, minhas tias e minha mãe desbravaram ali, o alto da Praia Grande, foram os primeiros moradores daquela região. Eu digo minha mãe, porque meu pai era de São Pedro da Aldeia. E eu nasci ali no alto da Praia Grande. Minha mãe conta que eu nasci em uma época bem complicada da família, em relação financeira, porque meu pai sofreu um acidente de pesca, na época do meu nascimento. A família passava por grandes dificuldades, quando eu nasci, porque meu pai não estava podendo trabalhar. Então, tem toda uma história de dificuldade que envolve o meu nascimento ali.

Enfim, assim nasci ali olhando para aquele “marzão” da Praia Grande, sem nenhuma construção. A gente enquanto criança vendo, aprendendo com os mais velhos, com os irmãos, com os tios, o movimento das marés, a mudança dos ventos. As ressacas que a gente no fundo chamava de maresia, que para nós eram conhecidas como maresia, os lagamares. Que eram os alagados feitos pelas ressacas onde se jogava tarrafa para pegar os peixes que ficavam retidos e a gente ia tomar banho.

Tem todo um histórico da gente enquanto criança. Sair para levar o alimento dos nossos pais lá no ponto de espera das canoas da pescaria, levar o lanche da tarde. Brincar...o nosso quintal eram as dunas perto de casa e na praia se tinha uma liberdade de infância, assim bastante grande. Para gente, era muito tranquilo. Sem violência, a gente ficava muito à vontade de brincar naquela região toda que era o quintal da gente. Nós, os nossos primos, todos ali desbravando a restinga.

Nossa família tinha o costume de ir, se não todo final de semana, mas quase todos os finais de semana das épocas da floração, da frutificação de alguns frutos de restinga, que a gente pegava, e alguns nós vendíamos como o cambuí e a guapeba.

A lenha que era pega na restinga para o nosso fogão a lenha, porque naquela época não existia o gás. Era fogão a lenha mesmo para a gente.

A água da cacimba, nós fazíamos tudo, absolutamente tudo com a água da cacimba. Tinham umas cacimbas que já eram, praticamente, feitas por cada família e cada família ia lá e pegava a sua água, porque a cacimba já ficava mais ou menos aberta. A região, hoje, que está tudo urbanizado para a gente era onde, nós, os irmãos mais velhos e minha mãe lavavam a roupa, onde pegavam a lenha, enfim, era assim, uma liberdade.

Hoje, as pessoas, ah que saudade, não, não é questão de saudade, porque, realmente, era uma época muito difícil com relação à sobrevivência. Você não tinha muito de onde tirar, né? Os meninos pegavam lenha para vender e ter algum trocado, pegavam e carregavam água da cacimba para encher aquelas casas onde existiam maior recurso financeiro.

Então, eu como era muito pequena ficava só no olhar. Mas, o ir para a restinga depois que eu já peguei uma “idadezinha” melhor, maiorzinha, era uma coisa maravilhosa, e até hoje quando há possibilidade de a gente entrar na restinga, é uma coisa, pra mim, muito agradável ainda de olhar, lembrar e pegar alguns frutos.

Agora mesmo tá na época de um fruto chamado cambuí, não sei se você conhece, mas é muito tradicional para quem gosta de tomar uma cachaça, tomar a cachaça do cambuí. É colocar o cambuí na infusão da cachaça. Ela tira todo o sabor do cambuí, segundo quem toma, fica muito bom. A gente prepara, mas eu não tomo cachaça, mas gosto de preparar e, normalmente, vender o cambuí. Inclusive, lá na Cooperativa, quem prepara quando tem o cambuí, quando a gente consegue, sou eu que preparo para a gente vender.

Então era uma, assim, uma diversão ir, né? Sair muito cedo de casa. Nós saímos tipo quatro, quatro e meia da manhã de casa para entrar na restinga por volta de seis horas da manhã. Íamos pela beira da praia e retornávamos por dentro da restinga. Levávamos alimento para passar o dia inteiro, às vezes ovo cozido e pão, e às vezes uma manta de carne seca com farinha de mandioca. Um quilo de farinha de mandioca.

E, normalmente, minha tia, porque minha mãe tinha uma dificuldade de saúde e na verdade nós vivenciamos muito pouco com a minha mãe esse tipo de coisa, mais com minha tia. Então no meio do caminho nós cavávamos, ajudávamos, na verdade

a minha tia que era assim, eu diria que ela era especialista na restinga, ela conhecia todos os pontos, ela conhecia todas as plantas, ela conhecia todas as baixadas de restinga, onde ela dizia assim: “em tal lugar, tal hora, vamos abria a cacimba e vamos tirar uma água gostosa, água fresquinha, água doce, não é água salobra. E vamos fazer nosso almoço”. A gente fazia um fogo, uma fogueirinha, botávamos a água da cacimba para ferver e ali ia cozinhar a carne seca e aí fazia o alimento que a gente chamava de sopa d’água. Que é depois que a carne ficava cozida, jogava-se a farinha naquela água da carne seca e fazia-se um pirão e era nossa comida para a gente passar o dia.

E a água cada vez que andávamos, que dava sede, ou você levava num balde aberto, caminhando na cabeça, na rodilha, ou ela abria uma nova cacimba para nós tomarmos a água. Então para a criançada que nem eu na época, no início da minha infância, era uma maravilha. Chegávamos, assim, no fim de tarde em casa, por volta de cinco, seis horas da tarde, muito cansadas. Era um banho e despencar na cama e dormia muito. Porque era um dia inteiro de exaustão de caminhada, mas mesmo assim na semana seguinte, na época seguinte, de qualquer fruto, nós estávamos todos assanhados pra voltar correndo para a restinga.

Sendo assim, essa infância toda traz belas recordações, mas eu não posso dizer que tenho saudade disso, porque a saudade leva a um querer viver novamente isso, então é muito difícil você viver, querer voltar a viver com dificuldade, dificuldade que nós tínhamos com relação ao alimento e com relação à saúde. Isso não, isso era, realmente, muito difícil. Não era, não era nada fácil nós vivenciarmos. Então, o lembrar é muito gostoso, é muito bom, mas voltar a viver nessa dificuldade não é o caso, não gostaria de viver tantas dificuldades de novo.

E assim a gente caminhou até eu começar a estudar, já comecei a estudar tarde, porque não existia muitas escolas. Eu comecei, eu lembro, até hoje, meu primeiro dia de aula, eu estou com sessenta e cinco ano de idade, mas lembro até hoje. Minha mãe me levando... uma professora que não era professora, né? Uma pessoa muito querida, inclusive da família, mas que pra gente era oh, a gente olhava assim para aquela figura maravilhosa, a professora.

Eu devia ter já por volta de oito anos de idade, quando fui para a escola pela primeira vez. Eu sempre gostei muito de estudar, mas eu só fiquei de oito, só estudei de oito aos quinze anos de idade, quando eu tive que, também, parar. Um dia minha

mãe chamou, ela disse assim, em uma manhã: “oh parou, não vai mais estudar não. Não tem como mais você ir para escola porque você vai ter que trabalhar e ajudar como todo mundo ajuda”. Ajudar a família, ajudar em casa como eles falavam na época, sabe?

E assim foi feito, eu comecei com 16 anos, eu comecei a trabalhar e não pude mais estudar. Voltei, voltei a estudar aos 21 anos de idade. E aí que eu dei conta de que eu não podia deixar de estudar. Já trabalhando, já trabalhava e aí vou voltar a estudar, aí embarquei de novo, embarquei de novo na escola. Com toda garra, dentro das minhas possibilidades, dentro das possibilidades da família. Eu saía de Arraial todo dia e vinha estudar em Cabo Frio, onde, na verdade, eu moro hoje.

Apesar de ter essa minha vida toda, inclusive hoje trabalho na Cooperativa lá, eu moro em Cabo Frio desde 1985, sabe? E aí voltei, em 1974 para 1975, eu voltei a estudar e vinha todo dia de Arraial para Cabo Frio, até que em 1977, eu fiz um concurso para o município porque, então, naquela época, ainda era, ainda era um município só, Cabo Frio, Arraial e Armação dos Búzios, era um município só.

E eu uso isso até hoje, quando as pessoas me perguntam: “mas você é de onde?”. Eu digo assim: “depende, eu deixo a sua, a sua escolha. Se quiser que eu seja busiana, eu sou. Se quiser que eu seja cabista, eu sou. E cabofriense também”. Aí as pessoas começam a rir e falam: como assim?”. Não, porque quando eu nasci, tudo isso era um município só, era o município de Cabo Frio, sabe? Arraial era o quarto distrito de Cabo Frio e Armação dos Búzios era o terceiro.

Inclusive, eu participei, ativamente, da emancipação de Arraial do Cabo. Hoje, conscientemente, eu não participaria, não deixaria a cidade ser repartida desse jeito, até ser repartida desse jeito, tem toda uma história. O município como um todo, toda essa terra tinha outra história que foi deixada de lado, vamos dizer assim. Ó, eu vou delirando, se eu for conversando, vou falando e vou entrando, porque uma coisa vai me chamando pra outra. E eu não poderia seguir uma ordem.

Portanto, voltando um pouco a nossa infância, nossa participação na pesca se fazia presente enquanto mulher, mas só na posição de filha, de levar o alimento. Eventualmente, ajudar a fazer uma rede, mas eu sempre me interessei muito pela outra parte, a de aprender a fazer as agulhas de rede. Como eu sou uma pessoa bastante voltada para o artesanato, para as artes, eu me envolvia assim, eu queria aprender a fazer o molde da rede, eu queria fazer a agulha, eu queria bater a tinta,

porque a tinta que tingia a rede na pesca naquela época, porque na época, o barbante era aquele barbante de sisal, aquele barbante duro, meio amarronzado. E depois que a rede ficava pronta, ela passava por um processo de curtição, e o que era isso, ia-se à restinga, tirava-se a raiz de uma planta chamada Murici e essa raiz ela tem uma casca grossa e muito vermelha, quase vinho.

Sendo assim, essas raízes eram trazidas, eram retiradas as cascas todas e batidas. Depois de batidas, socadas, bem socadas, elas eram colocadas dentro da canoa. A canoa levava um volume de água salgada, os pescadores enchiam de água salgada e ali botavam a rede pra curtir, a rede pegava essa cor quase vinho, das raízes do Murici e depois eram colocadas para secar, eram esticadas na praia para secar e daí então, elas estavam quase prontas, porque aí vinha colocar a beta, vinha colocar as cortiças, no caso, na época, não era isopor.

Hoje, já se usa aquelas boiazinhas de isopor, mas na época era cortiça mesmo. Eram colocadas as cortiças, a beta que era uma corda num material preto, eu não sei até hoje, não consegui descobrir, lembrar do que era feito, mas fazia essa espécie de corda muito forte, muito resistente que puxava a rede. Então, após essa colocação, a rede estava pronta para ir ao mar, pra ir para a canoa. Aí, nessas coisas, havia a participação das crianças e das mulheres. Batendo a tinta, ajudando, levando a comida. Isso porque, até hoje, o machismo é muito grande, muito grande, existe ainda uma barreira muito grande.

Quando nós criamos a Cooperativa foi um embate bastante grande com os pescadores em relação às mulheres se declararem pescadoras mesmo. O ir para a pesca, o pescar, o embarcar num barco e pescar é um negócio bastante difícil de sermos, até certa forma, agredidas com palavras, “não tem um tanque de roupa, uma louça para lavar, uma casa para arrumar? Não tem coisa para fazer, bota uma cama, um colchão aqui no cais logo”. A gente ficava chateada, éramos chamadas de gaivotas. Gaivota é aquela que vai lá só para pegar o peixe e ir embora. Na verdade, a gente não ia pegar, pedir peixe de ninguém, nós íamos pescar, né?

Sendo assim, ainda hoje, o machismo é muito forte, mas desde aquela época existia essa vinculação da mulher, da criança com a pesca e por trás de tudo isso existia ah...como não existiam meios de conservação do pescado, se escalava, se salgava o peixe. Você sabe o que é o processo de escala? Sabe do que se trata, não?

O processo de escala, na verdade, vem dos portugueses, sabe? Que sempre estiveram muito próximos aqui com a região de Arraial. Se abre o peixe pelo cerro, pelas costas. Se tira as vísceras pelas costas e vai dando pequenos talhos na carne, mas sem atravessar, sem cortar em definitivo, é só ir abrindo como se abrisse determinadas “valinhas” na carne. Depois que isso é feito lava-se bem e salga-se o peixe. Esse sal é colocado exatamente nessas fendas, nesses lugares de corte para penetrar bem na carne, né? Aí o peixe é deixado na salmoura durante um tempo, depois ele é tirado, lavado de novo e posto para secar. Ele é seco ao sol, a gente chama de peixe escalado, peixe ao sol, inclusive, nós temos uma receita tradicional da região que é o peixe escalado com bananas, com feijão guandu, com batata doce, ou com abóbora, enfim.

A nossa família era muito ligada a fazer com a banana, com a banana d'água, até hoje a gente faz. Eu fiz o resgate dessa receita e junto com um amigo gastrônomo, participei de um concurso internacional de uma entidade da ONU que é a FAO. Nesse concurso tínhamos que apresentar receitas tradicionais de baixo custo e com produtos de fácil acesso. Então, nós participamos desse concurso concorrendo com a América Latina e o Caribe. Foram mais de 100 mulheres participando e nós na categoria de gastronomia tiramos o primeiro lugar, fomos premiados com o primeiro lugar pela FAO que é uma entidade da ONU.

E resgatando essa receita que, para nós é tradição, normalmente, a gente faz quando consegue o peixe com mais facilidade ou o peixe mais apropriado, que no nosso caso é a época da tainha ou da anchova, onde a gente reúne um volume maior de peixe. Aí reúne a família, sempre em torno de 20, vinte e poucas pessoas para fazer, preparar essa receita. E leva um tempo bom de preparo, leva quase uma semana para você escalar, salgar e dessalgar o peixe. Para então preparar a receita propriamente dita. Nesse caso, a gente reúne a família para poder fazer esse peixe.

Assim, por trás dos panos, as mulheres sempre estiveram atuantes na pesca, mas não pescando propriamente dito, era assim, muito raro ver uma mulher na pescaria. Na hora de puxar o lanço, a jogada da rede que o cabista tradicional, o pescador tradicional chama de lanço, a gente hoje chama de cerco, mas chamava de lanço. Uma ponta da rede é jogada, uma corda onde um pescador e outras pessoas ficam em terra segurando, ele faz o cerco e põe a outra ponta da corda na terra também para ser puxada, sabe? Acho que você conhece, deve ter passado lá pela

Praia Grande e visto como é que se faz. Então, ali nesse ponto, também as mulheres, eventualmente, estavam ali.

E inclusive a minha mãe sempre falou que a gente foi, durante esse tempo do meu nascimento e de dificuldade do meu pai, quando os pescadores ajudavam na manutenção da nossa casa, exatamente aí. Quando davam, traziam o peixe, meus irmãos iam ajudar a puxar o lanço e eles mandavam o peixe para nossa casa, era a forma que eles tinham de ajudar.

Então, quando a Cooperativa, até já falei sobre isso, né? Quando surge a Cooperativa veio essa questão do embate, foi um embate muito grande com relação aos pescadores, meus próprios irmãos mais velhos que eu foram bastante contrários, até hoje, eles acham um absurdo a gente sair para pescar, inclusive um diz assim... eles dizem que nós não somos pescadoras, pescadores são eles, pescadores são eles que sabem fazer tudo da pesca.

Como nós podemos dizer que somos pescadoras se a gente nem sabe empatar o anzol, empatar o anzol é pegar um anzol. O anzol tem duas formas, além de vários tamanhos, ele tem o anzol que é de pata, e o anzol que é de argola que é fácil de você amarrar o arame de aço, inicialmente, para o peixe não cortar a linha de náilon que fica perto do anzol e depois amarrar o chumbo e a linha. Mas, o anzol de pata você tem que empatar, ou seja, amarrar com um processo, bem próprio, esse arame de aço nessa pata e criar uma argola que vai então amarrar a linha, o náilon.

Então, eles dizem assim: “vocês não sabem nem empatar o anzol, como é que querem se colocar como pescadoras?”. E a gente diz assim: “poxa, mas vocês são muito atrasados. Hoje, a gente não precisa fazer isso. Você chega em uma casa, uma loja que vende esse equipamento e você compra ele pronto”. Não há necessidade de você ir preparar como se fazia no passado. Porque, no passado, realmente, eles faziam as iscas artificiais, eles empataavam os anzóis e faziam a própria rede.

Hoje, a rede, inclusive, você compra pronto, você diz o tamanho da malha que você quer, você vai na internet, compra a quantidade de rede, o tamanho que você quiser. Com a linha, com a bitola da linha que você quiser. Alguns ainda fazem? Sim, fazem, mas não há necessidade mais disso. Você pode, tranquilamente, ter mais tempo para pescar ao comprar o seu próprio equipamento.

Então, eles, ainda pensam dessa forma, e esse meu irmão é muito chato, ele diz assim: “ah vocês são tudo pescador tirriquer”. Tirriquer é um peixinho sem valor

nenhum que dá a beira mar, um peixinho de nada, então, eles falam que a gente, nós mulheres somos pescadoras tirrique. Ele sempre arranja um argumento para estar falando que não tem como nós sermos pescadoras, mas tradicionalmente, e hoje legalmente, a gente sempre esteve ali na retaguarda.

Hoje, a gente vem ocupando os espaços, eu diria reocupando, tivemos lá, não fizemos nada, não pudemos fazer nada em função da época, mas hoje a gente ocupa os espaços. Eu costumo dizer que mesmo que eu não soubesse pescar, eu estava na pesca, mas que para mim, todo tempo é tempo de ocupação de espaço e de aprendizado. Eu não sou uma feminista de carteirinha não, não é isso, mas eu acho que nós temos que ter em mente que precisamos ocupar nossos espaços, precisamos ter igualdade em muitas coisas. Não precisamos nos travestir, não precisamos, sabe? E deixar de depilar a axila, não, não é nada disso, mas os espaços, eles precisam ser ocupados, porque somos seres criados iguaizinhos.

Os espaços estão aí para todos, né? É necessário que a gente, enquanto mulher, mostre isso para as outras, para as mais novas, para que se transmita esse aprendizado de ocupação e digo sempre mais, o aprendizado é tudo que constrói a riqueza de cada um de nós, é tudo isso que a gente aprende. Nessa vivência toda aí. Eu acho que como eu acabei indo estudar, buscar conhecimento muito mais tarde, isso ainda me faz muita falta. Então, todo tipo de coisa que aparece, que eu tenho oportunidade, eu tenho condição de fazer, eu acabo me envolvendo e buscando esse aprendizado, buscando fazer.

Eu me aposentei. Eu me tornei funcionária pública, conforme eu já havia falado para você, fiquei funcionária durante 31 anos e me aposentei com 38 anos de trabalho. Sete deles, fora do serviço público antes de eu me tornar funcionária pública. Quando me aposentei, eu não queria deixar de trabalhar, apesar de tudo isso eu não queria deixar de trabalhar. Fui ser economiária, trabalhei em uma Caixa Econômica durante um ano, depois disso.

Depois, ainda criei uma pequena lanchonete que eu chamava de birosca, ali eu fazia amizade, eu brincava com as pessoas, contava histórias e, nesse período de 2010 a 2012, por gostar dessa questão de artesanato, de pintar e de fotografar...

Em 1996 para 1997, eu fiz um curso de fotografia na Sociedade Fluminense de Fotografia em Niterói, sou apaixonada pela fotografia e aí veio a lembrança que eu podia fazer mais coisas, sabe? Aí eu fui descobrir em 2010 que eu sabia pintar. Eu

tinha um material feito de colagem de papel e eu achei que poderia passar aquilo para tinta e aí eu olhei o material e resolvi pintar, eu descobri que eu sabia pintar, fui descobrindo, cheguei a pintar várias horas por semana sem parar, era óleo sobre tela e eu não parava, não gostava de esperar o tempo para pintar uma tela devagar e ir acabando, eu não, eu queria era ver aquele produto, aquele quadro pronto de uma vez.

E assim, nesse período de 2010 a 2015, eu fiz uma produção de telas bastante grande chegando a vender algumas coisas, por aí a fora, para amigos e até algumas telas foram para Portugal, outras foram para Alemanha, enfim. E aí mais uma vez apaixonada pelo o que estava fazendo, a saúde me impediu de continuar pintando, porque eu tive um problema sério na coluna.

Em 2014, a gente para para fundar a Cooperativa. Ela surge no ano de 2013 para 2014, quando a Margareth diz assim: “tia vai ter um curso sobre a Restinga lá no IFF de Arraial”. Eu disse: “ah, eu quero fazer, vou fazer, então me avisa quando for fazer e tal”. Mas quando ela veio me falar, novamente, a respeito já tinha terminado as inscrições para o curso. O curso se chamava agricultura polivalente de plantas de restinga, ou algo assim.

A Margareth disse: “ah tia eu descobri que não tem mais, a gente fez as nossas inscrições e eu descobri que não tem mais vaga para você”. Eu como sou apaixonada pela restinga com todo aquele histórico de infância lá dentro da restinga, falei: “ah, poxa, que pena. Eu queria tanto fazer, mas não tem problema não, quando começa o curso?”. Ela: “tal dia”. “Então eu vou fazer, eu vou lá, ver se eu consigo, pelo menos, como ouvinte assistir as aulas”. E assim foi feito. Quando chegou lá eu me apresentei e pedi para que eu pudesse entrar como ouvinte, né? Eu não preciso me pronunciar, só quero ouvir a respeito do que vocês tem a falar sobre a restinga.

O curso em si, ele fazia parte de um grupo de 14 cursos diferentes do Programa Mulheres Mil do Governo Federal. Não sei se você já ouviu falar. E aí me permitiram entrar, criou-se aquela roda para apresentação das mulheres, era um curso só, era um projeto do Governo só para mulheres. Fiquei lá no meu cantinho e tal, começaram as apresentações. Quando chegou perto de mim, ele disse: “sua vez”. Eu disse: “não, eu não posso me pronunciar não, porque eu sou só ouvinte”. Aí ele disse: “não, mas você, você é ouvinte, mas pode falar, se apresenta para todos saberem quem você é”.

Eu costumo dizer que foi o grande erro deles deixarem eu falar, porque imagina. Quem está querendo uma vaga e é apaixonada pela restinga, vivi toda minha infância dentro da restinga, não vou falar o que conheço a respeito para conquistar. E faladeira do jeito que eu sou hoje. Comecei a falar todo meu histórico a respeito da restinga, conhecimento a respeito das plantas e alguns frutos, como a gente pegava os frutos, e como uma determinada árvore tinha uma placa com o meu nome, eu gravei, fiz um entalhe numa madeira e pendurei em um abaneiro que é uma árvore tradicional da restinga e ficou lá pendurado durante anos. Toda vez que nós íamos na restinga, a plaquinha com meu nome estava lá pendurada no alto da árvore.

E aí muito bem, na hora que encerrou a apresentação e tal, voltamos amanhã, não sei o que, e quando eu cheguei na porta, eu agradei pela oportunidade e pedi permissão para assistir o próximo encontro, na verdade, assistir a primeira aula, porque naquele dia foi só a apresentação. E para minha surpresa eles disseram: “não, você volta, mas não como ouvinte, você vem como aluna, nós vamos arrumar uma vaga para você participar, porque não tem como você, conhecedora da região, não participar desse curso”. Sendo assim, eu digo que o grande erro deles foi deixar eu abrir a boca mesmo.

E a partir daí, nós começamos a fazer esse curso, eu, minha sobrinha e duas amigas. Então, nós quatro demos o pontapé inicial da Cooperativa. E, no fundo, quando ela foi criada, não tinha esse objetivo maior com a pesca. O objetivo maior era com a restinga, com a recuperação de áreas degradadas, com o plantio mudas nativas para que a cidade fosse replantada com árvores nativas, né? E que a gente pudesse fazer um protocolo de cada planta e vender essas mudas. E era um sonho conquistar um espaço para fazer um viveiro, enfim, a vivência que a partir daí a gente passou a ter e o conhecimento que o pessoal do Jardim Botânico do Rio de Janeiro proporcionou foi extremamente importante para a gente, foi um enorme aprendizado em relação ao conhecimento científico das plantas de restinga. Sempre coisa nova, e isso aí criou um mundo para a gente, ou pelo menos, para mim, sabe? De aprendizado mesmo, de riqueza e de conhecimento.

Mas, infelizmente, nesse caso específico, a gente não deslanchou. O que veio, na verdade, deslanchar na Cooperativa, foi que a gente começou a participar de vários cursos. Não faço ideia de quantos cursos a gente fez nesse período de 2014 até 2020. Foi uma quantidade enorme de cursos, tudo que aparecia com relação à restinga ou

com a pesca, a gente estava pronta a fazer. Tudo o que apareceu em relação à Cooperativa a gente estava pronta a fazer. Então, assim cada uma das cooperadas, das mais envolvidas com a Cooperativa, devem ter feito dez, 15 cursos. Foi um período de muito aprendizado, muito aprendizado.

Como eu já disse para você eu acho isso fantástico, mesmo que a Cooperativa venha a fechar as portas. Até agora tudo o que a gente aprendeu, toda a amizade que a gente fez com pessoas de vários espaços, de várias universidades, de várias partes do Brasil e do mundo. É uma riqueza incalculável, é difícil pontuar a quantidade de coisas que a gente aprendeu.

Então, assim, essas quatro figuras foram as quatro principais em relação a isso. Duas que já estavam envolvidas com a pesca, duas não, na verdade, são três que estavam envolvidas com a pesca, só eu que estava de fora, que não vinha fazendo nada na área, só com o histórico lá de trás por ter família tradicional na pesca, e ter o conhecimento sobre restinga e os movimentos da maré.

A minha sobrinha, essa que estava junto comigo, além de ter toda parte da nossa família envolvida com a pesca, o pai dela veio de Póvoa de Varzim que fica em Portugal, né? E o pai, que era poveiro, vinha pescar no Brasil e, posteriormente, veio morar aqui. Então, ela tem esse lado poveiro também.

Logo, tem todo um histórico por trás disso aí que levou a gente a afirmar essa questão da Cooperativa, e depois veio o prêmio, a premiação, né? Uma série de coisas, enfim. Eu acho que o que eu estou tentando mostrar para você é o que eu sempre faço. Todo aprendizado, todo conhecimento, na verdade, que a gente pode adquirir nesse curto espaço de tempo, em função de uma paixão, no meu caso, uma paixão pela minha terra, uma paixão pela restinga, uma paixão pelo mar, pela fotografia. Então foi um somatório de tudo isso que fez eu ser quem eu sou hoje.

Em seis anos, seis...sete anos agora, eu tive um crescimento pessoal, sabe? Incalculável, eu não posso calcular todo o conhecimento que eu adquiri, todos os amigos que eu fiz, todas as pessoas que eu conheci que podem não ter se tornado amigos por não haver tempo para isso, mas que a gente conversa pelo Brasil a fora. O tanto de lugar por onde foi parar as nossas imagens, a nossa fala que está por aí, então, eu costumo dizer: “temos que prestar muita atenção, temos que nos preocupar muito com o que nós falamos, a forma que nós falamos, porque tem muita gente ouvindo”. Nós não falamos apenas hoje, quando a gente fala em relação ao nosso

histórico de Cooperativa e de mulher, não é mais a filha de pescador, de salgadeira que está falando, hoje a gente já traz uma bagagem maior de responsabilidade por tudo isso, pelos espaços que nós ocupamos.

Já fomos olhadas de forma diferente, tem que ter um pouco mais de atenção com relação a isso. E já tivemos em vários jornais, vários jornais da região e do Estado. Já publicaram matéria com a gente, a televisão regional, a Inter Tv Rural, tivemos quase dez minutos de programa. Não é pouca coisa, bastante coisa, dez minutos é bastante coisa numa tv. Levamos quatro dias filmando para o programa da Fátima Bernardes, não veio ao ar, mas ficamos quatro dias filmando para ela, na época aconteceu um desastre qualquer aí no mundo, não lembro, exatamente, o que foi. O programa com a gente acabou não indo para o ar, mas filmamos, temos relatos da jornalista que estava com a gente na época, a Juliana Sana. Tivemos a lembrança de gravá-la para poder ter como, realmente, mostrar que estávamos lá gravando com eles.

Então são tantas coisas que, no fundo, acaba faltando muita coisa, porque a cabeça, a memória, já não vai ao ponto certo para lembrar as coisas, sabe? Então, se você puder perguntar alguma coisa para ver se eu consigo lembrar para a gente falar, você vai acabar me ajudando também. Se quiser pode perguntar alguma coisa.

Deixa eu te mostrar um aqui, não sei se você vai ver, se tiver vendo me avisa. Tá dando para ver? Ah está bom, eu te mando algumas fotos.

Legal. Eu gosto muito. Eu acho que infelizmente, papai do céu disse assim: “você sabe fazer isso aí, não vai fazer mais não, para, acabou, já lembrou que sabe fazer”. Eu sou encarnacionista. Então, eu acredito muito nisso, não sei qual é a sua religião, mas eu acredito muito nisso, que eu trago, nós trazemos, uma bagagem muito grande do pretérito, sabe? De vidas passadas. Então, eu acho que a pintura na minha vida, a fotografia não, mas a pintura na minha vida é bagagem trazida.

Sendo assim, papai do céu disse assim: “vai abrir agora, você vai saber, vai fazer, vai ter o prazer de saber fazer, mas daqui a pouco, não vai dar mais para você, você trilhou os caminhos errados. Então, agora você vai por um caminho melhor”.

Então, essa é mais uma linha que a gente pode trabalhar essa questão reencarnacionista que eu adoro, que eu acho que é a vida da gente está muito por aí também, né? No pretérito. Eu pratico o espiritismo. Acredito, estudei durante alguns

anos o espiritismo. Enfim, então eu acreditando nisso, é que eu acredito que esses encontros não são por acaso.

Encontro de 16 de março de 2021

Hoje você estava falando de objetos. Os objetos me remetem ao quê? E, realmente, quando você fala de objetos, para mim, os mais loucos me levam, né? Você entra em um mergulho e se recorda de determinadas situações. Que louco isso! Como é que a nossa mente registra tão fortemente certas coisas da nossa personalidade mesmo. Eu acho que tem muito a ver com a personalidade, como você cresceu, como desenvolveu, quais são os seus anseios...

Algumas coisas que me fizeram despertar para a nossa conversa de hoje, voltando a mente, foi uma coisa chamada jacá. Você sabe o que é um jacá? Não, né? Sabe o que é uma cangalha? Também não. Então, cangalha é um elemento de madeira cruzado que é posto em cima dos animais, tem uma forração, e atravessado neles são dois cestos grandes pendurados lateralmente aos animais. Aquilo chama Jacá, para nós, nativos, é chamado de jacá, o povo chama de cesto, outros nomes aí, mas a gente chamava de jacá. A origem eu não sei.

Então, as minhas primeiras lembranças da praia, do mar e do meu acesso à restinga, que é uma das minhas paixões, remetem-se a uma viagem quase que dormindo dentro de um jacá. Como eu era muito pequena, eu não conseguia acompanhar os passos dos adultos que iam, minha tia, meu tio, primos e irmãos, que caminhavam pela praia para entrar na restinga e fazer a colheita dos frutos da época. E, como eu era muito pequena, eu ia dentro do jacá e ali meio adormecida, às vezes com a lua de fora ainda, algumas estrelas, na madrugada para o dia amanhecendo.

Assim, é um negócio que hoje lembrando é lúdico, é um negócio que me envolve de sentimento ao pensar naquilo ali, sabe? E naquele embalo, porque o animal vai naquele passo constante. E você vai naquele balanço e, quando criança, isso era uma maravilha. E não precisar correr, mas ao mesmo tempo estar junto com os adultos naquele processo de entrada na restinga, uma, duas horas, depois de caminhar para entrar na restinga e retornar por dentro do mato. A gente vinha caminhando, lentamente, por dentro da restinga, fazendo as cacimbas, tomando água da cacimba, fazendo a comida, colhendo os frutos por ali.

Então, essa é uma das primeiras lembranças que eu tenho de infância vinculadas a essa questão de estar a beira-mar e caminhando na restinga. É algo que não me sai do pensamento, toda vez que eu penso alguma coisa relacionada com o ir até a restinga, essa imagem sempre vem a minha mente. É uma coisa que ficou marcada, é algo muito importante esse sentimento da época de infância, de despertar.

Ao mesmo tempo, eu estava pensando em uma outra coisa, nós não tínhamos, família muito, muito pobre de pescador. Quando eu nasci o meu pai ficou doente, ele já não podia mais pescar, então já tínhamos dificuldades e com isso a dificuldade ficou bem maior. Então eu nasci em um período muito difícil para a minha família, economicamente falando. Muitas dificuldades. Nós não tínhamos muitos brinquedos. E tínhamos que criar as nossas próprias brincadeiras e eu enquanto menina, sempre fui muito moleca, muito arteira, como dizia minha mãe. Eu nunca curti brincadeira de boneca. O negócio para mim era ação, era movimento, eram coisas interessantes, boneca era muito parado, aquela era uma brincadeira que não tinha lógica nenhuma.

Então, por exemplo, andar me equilibrando em cima de cerca de madeiras em pé, uma ao lado da outra, aquilo era o máximo, aquilo era bom de fazer. Eu subia nas árvores pra pegar frutos, por exemplo, abricó. Na casa da minha vó, em frente à casa tinha um abricozeiro enorme e os maiores abricóis, os frutos mais maduros, mais doces, ficavam, exatamente, nos galhos mais altos, nas ramas mais altas, mais longas e eu queria chegar lá para pegar. E aí vinha todo o castigo, né? Meus avós, meus pais, o tempo inteiro naquela confusão.

Jogar bola é muito mais interessante do que brincar de boneca, brincar de fazer roupinha, tinha uma outra coisa que eu até me interessava, a gente chamava de brincar de caco. O que era brincar de caco? Era criar vasilhas, como se fossem vasilhas de preparar alimento com lata velha, com pedaços de casca de coco. Como estava criando alguma coisa, eu achava interessante. Fazer fogueira também.

Eu tenho uma lembrança muito louca, eu devia ter meus 12, 13 anos, por aí, e meu irmão mais velho que tem cinco anos a mais do que eu, meus primos e primas, nós resolvemos fazer um circo, queríamos brincar de circo. Então, nós levamos assim um tempo enorme, uma semana fazendo um cercado enorme, tudo quanto era madeira que a gente achava, a gente ia enterrando no chão e fazendo em pé um cercado. E dentro desse cercado nós colocamos mesas.

Tinham as meninas que chamavam, não sei se ainda se chama por esse nome, mas eram as mulheres que trabalhavam dançando de maiô ou com alguma coisa semelhante no circo, chamavam de romeiras, eu não sei se esse termo ainda existe. E botamos a mesa lá onde as bailarinas iam dançar, iam fazer as mágicas e tal. E quando nós terminamos de fazer o cercado, colocamos um tábua na porta, mais uma tábua solta embaixo e uma tábua em cima onde nós colocamos um lamparina de álcool. Acendemos e corremos todos para tomar banho que já era tipo quatro e tal da tarde, para voltar correndo para as atividades do circo que iria começar.

Sendo assim, nós vestimos a roupa e partimos. Meu irmão partiu na frente e entrou, quando eu entrei naquele alvoroço, eu bati na tábua e a lamparina despencou em cima de mim, álcool e fogo junto. Foi um desespero, eu comecei a pegar fogo, tenho marcas, até hoje, no braço esquerdo. A casa da minha tia era do lado da nossa casa, o terreno tinha uma inclinação, no desespero eu subi na cerca pegando fogo, eu queria pular para o outro lado para chamar minha mãe, minha mãe, né? Que é sempre quem a gente pede nessas horas, mas eu continuava pegando fogo.

Morava uma moça nessa casa da minha tia, ela ouviu os gritos e correu em minha direção, naquela época usava-se, as mulheres usavam, aquela saia rodada grande. Ela me puxou, me abraçou e abafou o fogo. Quando ela me soltou a pele já saiu toda. Então, eu fiquei com muitas marcas de queimadura e foi uma experiência e um sufoco porque era muita dor, muita dor. E aí eu só tive a notícia depois que os caniços de pesca e os cabos de vassoura foram catando os primos e o irmão embaixo das camas, pois lá era o esconderijo, para sair e explicar o que tinha havido, porque até então os adultos não sabiam da história.

São coisas da infância que nos remetem a ver quanto você cresceu em 65 anos de existência, no meu caso. E vejo que a humanidade, o mundo tomou um rumo assim... a gente era tão inocente com 12 anos de idade, com 15 anos eu era uma criança. Me ver nesse tempo, em 50 anos depois, eu estou em frente a três máquinas, estou com duas abertas aqui na minha frente, né? Nesse celular falando e transmitindo essa conversa.

Diante disso, a gente olhar para atrás e ver que eu não tinha, não tinha nada, não tinha brinquedo. A nossa bola de futebol que jogávamos em frente ao nosso portão era feita de papo de galinha. Sabe o que é papo de galinha, né? A galinha tem

uma goela que vai perto da moela, quando se tira e enche aquilo de ar, você vê um papo de couro, fica meio emborrachado cheio de ar, aquilo era a bola.

Então, a gente brincava com aquela bola ali e quando de vez em quando aparecia um crânio rolando junto, porque nós morávamos na proximidade de um sambaqui, um cemitério indígena. Onde eu nasci, até hoje ainda, tem uma área lá. E vire e mexe, a gente encontrava algum esqueleto, alguma coisa parecida, aqueles canhões que existem em São Pedro da Aldeia, dois foram encontrados lá na nossa região. A marinha, na época, não deixou ficar lá, mas foi ali em cima, praticamente no nosso terreno, que foi encontrado. Então, era uma área que de vez em quando rolava um “craniozinho” na nossa brincadeira, era encontrado ali no meio.

E aí, o que eu ia falar, anteriormente, era que chegar uma caixa de papelão para a gente era uma grande ferramenta de brincadeira e eu me lembro que quando eu consegui entrar numa caixa dessa, eu sempre fui muito pequenininha, eu tenho de altura 1,55 metros, não sou... imagina criança, eu era bem pequenininha, sabe? E sempre fui muito magrinha, agora nem tanto, mas até os meus 30 anos eu pesava 35 quilos, então eu sempre fui magérrima. Então, entrar em uma caixa de papelão era a coisa mais, mais simples, mas eu lembro como, naquela época com oito, dez anos, a minha mente se remetia para muito longe, dentro do meu mundo, em uma caixinha de papelão, aquilo era um mundo, porque mesmo retida naquele espaço era como se eu tivesse um mundo inteiro pela frente e eu sonhava, eu queria coisas diferentes.

Aos 14 e 16 anos era uma época de adolescência bastante complicada, mas muito infantil para a gente. Não sei se você conhece a Praia Grande, mas lá no alto da Praia Grande tem uma casa em cima de uma pedra, não sei se você se deu conta disso. Quando você chega na praia, você volta para a esquerda assim, no alto tem uma casa lá, essa casa foi construída em 1950, mais ou menos por aí, mas nessa minha infância os donos não moravam lá, iam e voltavam para a casa.

Então, aquela casa, a varanda daquela casa, era meu refúgio. Eu saía, me faltava alguma coisa, eu sentava naquela varandinha que tinha ali, não entrava na casa. Ficava na varandinha que tinha ali e eu olhava o mar e passava o tempo, passava o dia e eu não me dava conta. Eu estava ali só olhando e pensando no que eu queria, mas não sabia, de verdade, a gente não sabia o que queria e lembro que já um pouco mais tarde, por volta desses 14 anos, a gente conseguiu adquirir um radinho, chamava rádio Motorola na época, um rádio de pilha, eu pegava esse radinho

e saia de fininho e ficava lá escutando música, ouvindo as coisas e olhando o mar, o infinito, o horizonte, sabe?

E aquela praia, aquele mar, sempre foi a minha grande paixão e olhando esse mar eu cresci, eu vivi minhas primeiras experiências de tudo, de namorar, de brigar, de sonhar... Os sonhos eram as coisas mais loucas, porque na nossa infância a gente rolava nas dunas e caia dentro d'água. Então, o nosso sonho era que estávamos voando lá de cima. Era como se a gente estivesse voando para o mar, porque a gente passava o dia inteiro rolando nas dunas até cair no mar. Aquela praia era o nosso parque de diversão. Brincar com a batata da praia de pular corda, de ir lavar roupa com a família.

Deste modo, todas as lembranças de infância estão vinculadas àquela praia. Estão vinculadas, por exemplo, ao falar da cacimba. Eu lembro que, na época, existia uma embalagem de banha, porque óleo de soja naquela época, para a gente, não existia. Era banha. E era uma lata azul clarinho com coqueiro bem verdinho, tinham uns coquinhos pendurados. Banha de coco coqueiro. Aquilo ali era a vasilha que estava sempre presente na nossa vida, quando íamos cavar as cacimbas para pegar água, aquela era a vasilha que usávamos. Nossas mães traziam água equilibrando uma lata na rodilha, além dessa latinha nas mãos. Se alguém pedisse era aquela água que era dada.

Portanto, são coisas que não saem da nossa mente, elas ficam um pouco adormecidas, mas se a gente olhar, se eu olhar direitinho, nós vamos ver que eu estou sempre com esse vínculo com o mar, porque eu nasci olhando para esse mar. Como os nossos antigos falavam... eu nasci com parteira. Não existia hospital, nasci de parteira, exatamente, ali no alto da praia. Então minha mãe dizia: "o seu umbigo está enterrado aqui". Onde hoje é a pousada Caminho do Sol, ali era minha casa, ali foi onde eu nasci. Isso traz uma vinculação mental para a gente que não tem muito como escapar.

Toda vez que eu pensar no meu princípio, enquanto corpo físico, que aí é uma outra história, né? Eu estou vinculada àquela região, àquela área. Traz isso de mais importante, o vínculo. É ali que a gente aprendeu tudo, tudo que eu sei com relação à pesca, ao tempo, ao vento, às marés, não é muita coisa, mas é bastante coisa, sabe? Essa experiência que fez com que a gente se juntasse e criasse a nossa Cooperativa.

E ela, por exemplo, tem muito a ver com tudo isso, com as nossas origens ali naquela região, o sentimento de busca de preservação, de querer manter as coisas muito mais naturais e preservadas do que se propõe que sejam hoje, enfim.

Essa vinculação e as experiências geram o nosso crescimento, a nossa formação. Como eu disse, eu era muito moleca, queria saber de tudo, eu não queria só ver, eu queria ter experiência, por exemplo, eu queria fazer a rede, eu sei fazer a rede. Para mim, fazer a rede era mais importante do que ver alguém fazer. Saber o tamanho do molde, que tamanho era a malha que se fazia a rede, fazer as agulhas que, na época, se fazia de madeira, hoje se faz de plástico, de fibra, de um monte de coisa. Mas naquela época, ia-se até a restinga, pegavam-se as madeiras mais apropriadas, deixava-se secar a madeira para fazer as agulhas de diversos tamanhos.

Assim sendo, eu queria estar junto com aqueles que faziam aquilo ali, junto com aqueles, por exemplo, que trabalhavam na canoa com o enxó e o martelo. Era muito importante fiar a linha. Eu cheguei a vivenciar eles fazendo a linha do coco, fiando a linha depois de tirar a fibra da folha. Eu não lembro, exatamente, qual era o coco. Não sei se era coco catarro, mas era uma fibra longa que eles fiavam. Até hoje eu tenho um fuso, o fuso que era da minha mãe, ele ainda está comigo, de vez em quando eu fio plástico, sacolas plásticas, para fazer suporte de planta, tapete, coisas assim, de vez em quando eu fio para não jogar no lixo, eu tenho uma preocupação com relação a isso também.

Hoje, eu estou em um espaço que eu não estou conseguindo separar muito o lixo, mas até quatro meses atrás eu tinha caixas grandes dentro da cozinha, onde eu separava todo tipo de lixo. E as sacolas plásticas, aquelas que não passavam por nenhuma umidade, eu cortava e fiava, sabe? Transformava o plástico em um fio para fazer suportes para as minhas plantas. Então, essa coisa do fazer, do manusear foi de extrema importância para mim. Hoje, eu ouço algumas pessoas, algumas amigas, alguns amigos: “você sabe fazer isso, você tem quantas faces?”. Isso porque eu não deixava, até hoje, apesar da idade, eu não gosto muito de deixar passar a oportunidade de aprender, especialmente no fazer. Eu gosto.

De profissão, eu tenho uma que seria considerada profissão masculina, porque eu sou técnica em construção civil. Então, mais uma vez voltada a isso, eu tenho curso de fotografia, eu sou artesã e aí vai. Eu digo brincando com as minhas amigas e irmãs que são muito talentosas para fazer crochê, para bordar, essa coisa toda, quando a

gente está reunida entre amigos: “ah não, elas gostam muito de trabalhar com coisa mole, eu só gosto de trabalhar com coisa dura”, mas é uma brincadeira, porque eu gosto de trabalhar com a madeira, o ferro, o plástico. Durante muitos anos, eu fiz, eu acho que fui uma das pioneiras, de fazer aquelas luminárias de PVC, eu fiz muito, vendi muito, isso quando poucas pessoas faziam. Eu tenho luminária minha até em Portugal. Sempre naqueles momentos de maior dificuldade de recurso, a gente criava alguma coisa.

Diante disso, eu tenho esse lado de fazer, de executar as coisas, de meter a mão na massa mesmo. Lá na nossa Cooperativa, era assim, mesmo eu sendo presidente, eu estava junto. Uma vez, a gente fez uma reforma e eu estava lá com o pedreiro fazendo, executando, olhando, corrigindo. Então, isso cria uma coisa na cabeça da pessoa: “como é que você sabe fazer tanta coisa, como você consegue ser tão diversificada nesse negócio?”. Não, simplesmente, eu gosto de aprender a fazer as coisas, manusear, eu não gosto só de ver alguém fazer.

A minha descoberta com a pintura veio daí, nos anos 70, 80, eu fazia umas colagens de papel, recortava o papel e fazia umas colagens. Quando eu me aposentei, eu queria passar isso para a tela, mas eu não sei pintar, mas mesmo assim eu vou lá na papelaria comprar umas coisinhas e vou fazer. E aí foi a grande descoberta. Olha, eu sei fazer isso. E aí, eu resolvi pintar alguma coisa, olhar uma paisagem e pintar. E surpresa, eu sei fazer isso de onde? Se eu for explicar, logicamente, eu tenho uma explicação, porque eu acredito como eu falei anteriormente, eu sou reencarnacionista, eu acredito que é uma bagagem que vem.

E me veio de conhecimento grande, porque foi muito fácil chegar e fazer. E ao mesmo tempo foi o suficiente para eu despertar, sentir o prazer e parar de pintar, principalmente, por questões de saúde que vieram a me impedir. Hoje, eu pinto uma tela por ano, antes eu pintava duas por noite, era um negócio louco a vontade de pintar.

Então, é assim, foi sempre com esse mergulho no fazer e na descoberta. E quanto mais emoção, nessas coisas, era muito melhor do que a gente ficar na brincadeira de boneca. E eu apanhava muito por causa disso, porque eu não era uma menina sossegada. Era uma moleca mesmo. Caçar passarinho. Não sei se você conhece o termo seta. A gente chamava de seta o estilingue. A gente ia ao mato para

pegar a junção dos galhos da rama, pegávamos sobra de borracha de pneu de bicicleta e o couro dos tamancos, porque a gente usava muito tamanco.

E quando estourava o tamanco, não tinha mais jeito, sobrava aquele couro e virava o couro do estilingue. Então, os meus irmãos brincavam de caçar. A gente queria também, mas nunca deixaram. Mesmo assim a gente queria estar junto. Como a gente não conseguia caçar, a gente usava a mamona, por exemplo, para guerrear com o estilingue. E doía, doía muito.

Essas coisas são que realmente trazem uma dimensão, lembrar de cada situação dessa e a liberdade que a gente tinha. Embora existisse cerca, o nosso quintal era a praia, toda aquela extensão ali, era tudo de bom, soltávamos pipa. Era uma briga eterna. Meu pai não, meu pai me abraçava, né? Passava a mãozinha de leve na filha adorada dele. Como eu disse, anteriormente, eu nasci em uma época difícil, mas ele tinha um carinho, um amor por mim. E as irmãs eram meio enciumadas por isso. Eu brincava com ele como se eu brincasse com um irmão, e ele não fazia nada.

Já com as minhas irmãs, elas não podiam chegar perto, porque ele era carrancudo, sério, não brincava com ninguém. Ele não suportava que ninguém tocasse na orelha dele. E eu sabendo daquilo, às vezes ele estava tocando violão, eu chegava por trás dele, e o que eu fazia? Puxava as orelhas dele. E aí eu acabava com ele, ele começava a rir, parava de tocar o violão e saía rindo. Mas minhas irmãs, nem de perto, passavam por uma situação dessa, de fazer isso.

Talvez por ele saber a dificuldade que ele teve na época de não poder dar determinada coisa a família, especialmente a mim, quando criança, ele se deixava virar criança junto com a moleca, a filha dele. Então, uma das coisas que eu até tentei, mas não consegui, foi tocar violão, eu gostaria muito, é um instrumento que me atrai muito, até em função dele, que era um boêmio, meu pai era um boêmio, seresteiro, adorava a noite. E quando ele, por questões de saúde, não pôde mais fazer esse tipo de coisa, ele entrou para uma igreja evangélica e foi cantar os hinos dele na igreja, ele foi fazer os hinos, então de alguma forma ele transferiu isso.

E aí quem era que ele pegava pela mão e levava junto com ele para a igreja? Eu. São lembranças que só a gente que sabe o que a gente sente na hora de trazer à flor da pele esse sentimento, de sentir as fibras do corpo com essa sensação de que foram situações de muita alegria, apesar de toda a dificuldade, de toda a pobreza.

Como eu já falei para você, não é querer voltar a viver isso, mas é de saber que você teve uma infância bacana, apesar de toda dificuldade e que as lembranças são boas, as lembranças são realmente tudo aquilo que a gente viveu e nos formou. Foram todas essas coisas que me talharam enquanto pessoa, enquanto espírito, enquanto essa buscadora que não conquistou muita coisa não, mas conquistou muito.

Quando a gente olha esse horizonte, tudo que está a nossa volta, eu me sinto uma vencedora, porque eu fiz acontecer o que eu precisava fazer. Talvez eu pudesse ter feito mais? Mas não era o caso. Eu nunca senti vontade de abandonar as minhas raízes, de sair por mais que eu tivesse chances.

Na minha infância, nesse período de dificuldade, minha mãe fala das pessoas que tinham condições financeiras e queriam me levar para viver com eles no Rio de Janeiro, na capital do estado. E ela disse não. As pessoas falavam: “eu dou isso, dou aquilo”. E ela: “não, não, não”. E, posteriormente, quando eu fiz vestibular, jovem você até faz, mas eu sempre fiz, assim, com muita preocupação. Eu sempre me senti uma grande caipira no meio de uma cidade grande, muito preocupada com a segurança. É sufocante, apesar de tudo, de achar que tudo está ali, tudo que eu gostaria, mas era coisa que me dava limite, você vai perder tudo o que você tem. Não é isso que você quer, isso não é necessário para você.

Desse modo, a vida foi acontecendo de uma forma não prevista, mas que hoje eu posso dizer que me sinto uma pessoa realizada. Me sinto feliz, formei uma família, tenho uma filha que eu adoro, é minha paixão, é o meu amor incondicional. Então, Hugo, são tantas coisas que eu te falei, acho que de repente eu estou fazendo você de analista, porque estou mergulhando em uma análise de vida, porque trazer essas lembranças é reavaliar.

De certo, é reavaliar, ver os caminhos que a gente tomou. O que de verdade foi importante, o que marcou. O que deixou cicatrizes, são muitas também, mas faz parte do nosso crescimento, faz parte da gente. Ser uma pessoa, um caráter, eu acho que é de extrema importância isso, você olhar para atrás e ver que você foi uma pessoa que conseguiu, de certa forma, plantar.

Quando eu aos meus 24 anos resolvi deixar a casa dos meus pais, a casa da minha mãe, porque meu pai já havia desencarnado nessa época. Eu queria viver algumas coisas e queria sair. Ser mais independente. Eu queria ser eu. Ser a pessoa que lutaria pela minha sobrevivência, por tudo. Então, foi assim, eu creio que foi a

maior decisão e a mais importante na minha vida. Foi quando em 1984 para 1985, eu resolvi ir morar sozinha, sair do núcleo da família. Saí de Arraial e vim morar em Cabo Frio, apesar de ser perto, para mim era uma ruptura bastante grande.

Eu era uma menina com 24 anos, eu era uma menina. Portanto foi uma independência. Minha mãe perguntava: “por que você está fazendo isso? Você não precisa”. Mas eu precisava fazer isso, precisava tomar conta da minha vida. Eu não podia mais ficar, mas eu nunca me desvinculei da família.

E aí, foi a minha grande descoberta. Quando eu, realmente, finquei as minhas raízes fora do núcleo da família, eu vi o quanto de respeito a minha família começou a ter por mim. Quando você começa a ser chamada para dar opinião em uma coisa de família, quando você é chamada para isso, você começa a sentir que está no caminho certo da minha vida. Mas nunca larguei minha velinha lá, que era o meu outro grande amor, que era minha mãe que foi minha grande inspiração para a vida, principalmente, nas questões morais.

Ela era uma artesã, rendeira, salgadeira, minha mãe fazia uma comida muito gostosa. Hoje, a gente não pode mais, mas a minha mãe fazia uma carne de tartaruga que era um negócio de louco, era muito bom, muito bom. A gente não pode nem pensar em comer uma tartaruga hoje. Mas para a gente, quando ela preparava a tartaruga era fantástico, um prato fantástico. Aquela carne branquinha e gostosa.

Então, minha mãe foi minha grande inspiração nessa busca, até porque ela não falava muito não, para a gente não vinham muitos elogios, mas vira e mexe eu pegava ela conversando com um amigo, com uma visita e de repente estava ela falando os melhores elogios pelo o que eu fazia, como eu estava. Nesse caso, isso dava uma alegria da gente saber que estava seguindo um caminho bom. Às vezes, eu pensava: “nossa que raiva da minha mãe”, porque as pessoas podiam estar fazendo algumas coisas e conquistando outras, mas tudo que minha mãe me ensinou não me permitiu que eu fizesse aquilo.

No entanto, no fundo ela estava certa, porque, na verdade, você aos 25, 30 anos, pensa: “por que que eu não faço isso que todo mundo faz e se dá bem?”. A gente ouve muito isso do jovem “se todo mundo faz, por que eu não posso fazer?”. E, para a gente, não foi diferente não, mas tinha esse limite, essa questão moral que ela dava para a gente. Ela dizia: “é seu, é seu, é do outro, então não te pertence. Não é

porque você está passando necessidade que você vai passar a mão no que não é seu”.

Sendo assim, essa questão moral, de educação e de incentivar, apesar de eu ter irmã analfabeta. Eu tenho uma irmã que desencarnou analfabeta, não sabia, mal sabia contar um dinheiro, não sabia nada, não sabia escrever nada, nada, e outra que ainda está com a gente graças a Deus, que assina o nome. Então, se eu pegar dos oito, quem conseguiu fazer alguma coisa fui eu, quem conseguiu chegar mais longe, estudar alguma coisa dos irmãos. É triste eu olhar e ver que às vezes a gente está conversando sobre um assunto, sobre um negócio que a gente não consegue nem falar, porque, realmente, alguma das minhas irmãs não consegue ter compreensão.

Eu gostaria que tivesse, porque é triste, realmente, mas ao mesmo tempo, para mim é uma alegria, porque fui em busca e não parei. Eu tive que parar aos 15 anos, minha mãe me chamou e disse: “a partir de hoje você não vai estudar mais”. “Por que eu não vou estudar mais?”. “Não temos dinheiro para comprar seu uniforme, seu material escolar, para não sei o que, para comprar o seu calçado, você não vai estudar mais. Nós vamos arranjar trabalho para você ajudar a família”. Para mim foi um choque, mas fazer o quê?

Aos 15 anos eu comecei no meu primeiro trabalho, quando eu comecei, na verdade, nessa idade, você não é dona do seu salário, sabe? É da família mesmo. Então, nesse período, até os 22 anos, eu não estudei. Quando eu mudei de emprego em 76 mais ou menos, a primeira coisa que eu fiz foi fazer a matrícula na escola. E, naquela época, eu vinha estudar aqui em Cabo Frio.

À vista disso, eu saía do trabalho às seis horas, ali mesmo eu me trocava, pegava um ônibus, vinha para Cabo Frio e na volta às 23h30, 00h00, eu estava chegando em Arraial. E aí eu não parei, fui até fazer meu curso técnico. Então, a busca foi minha. Por mais que eu sinta a tristeza deles não terem buscado, não terem conseguido, eu me sinto muito feliz, porque eu fui buscar o que eu queria. Talvez não tenha conseguido tudo o que eu queria, mas o que eu conquistei, enquanto ser, enquanto pessoa, me sinto feliz com relação a isso.

Hoje, a questão da idade, da saúde, me limita muito, porque eu estou com 65, mas eu queria está com o pique físico dos 30 para fazer tudo o que eu gostaria de continuar fazendo, porque gostaria de estar subindo escada, descendo, pintando, quebrando, cortando, fazendo, saindo para o meio do mato, saindo para grandes

lugares para fotografar, para pintar, para fazer os meus artesanatos pesados, com material pesado, com material duro, como eu brinco com as meninas. E, é isso que me traz, sempre me trouxe, muita alegria. O criar, para mim, é algo fantástico.

E aí, a Cooperativa aconteceu, exatamente, nesse reboiço de sentimentos. Eu estava me aposentando, ainda fui ser bancária depois da aposentadoria, não deu certo, né? E aí fui tentar fazer outras coisas, mas faltava alguma coisa que eu realmente pudesse voltar um pouco às minhas origens, para resgatar minha origem. A minha visão, naquela época, estava voltada para o resgate da restinga, uma área bastante degradada e que a gente gostaria de ver preservada. Tem toda a história dos frutos e todo o contexto cultural. Acho que a gente queria ver alguma coisa nesse sentido, foi quando, nesse reboiço todo de sentimentos, surgiu a história da gente criar a Cooperativa.

Ocupar o espaço e aprender é uma coisa que é inerente à vida, está ali. Tem que estar presente sempre. Até porque, tudo que se aprende é aquilo que se leva, na minha forma de entender. O resto, tudo fica por aqui, mas isso, essa bagagem, a gente leva. Então, enquanto corpo físico a gente ocupa os espaços, enquanto espírito, o alimento é a informação, a bagagem de conhecimento que levamos lá na nossa sacolinha.

Então, você me fez chegar hoje, você não, na verdade eu, você foi o interruptorzinho, né? Falar sobre isso e a gente... Então, as lágrimas chegaram aqui, porque não é fácil a gente se revestir de novo desse sentimento, porque na verdade é como se a gente estivesse vivendo alguns segundinhos daquelas alegrias, de cada dor, de cada dificuldade, de cada passo mesmo. Porque nessa uma hora que a gente está aqui e que eu falei, o filme aconteceu na minha cabeça, as imagens tomaram vida, todo o organismo entrou em ebulição para que essas lágrimas chegassem à porta. Elas estão sendo controladas para não vir à tona.

Não é redescobrir, não é descobrir, é realmente constatar que você continua sendo aquele ser. E tinha esses sentimentos lá atrás e continua tendo, continua sendo a mesma pessoa com experiências diferentes, mais diversificadas e, até nisso, eu esbanjo movimentos. Eu tenho percebido que eu movimento muito esses braços, essas mãos aqui, mas elas fazem parte de mim, porque o que eu descubro está aqui, com elas também.

No ano passado, dia 18 de fevereiro foi sexta-feira de Carnaval, eu sofri um acidente lá na Cooperativa, caí de uma altura de quatro metros no chão de cimento e bati com essa parte aqui do supercílio, eu cortei. E o meu dedinho do pé quebrou, mas eu nem fui ao médico não, ali mesmo me arrumei, me limpei e voltei ao trabalho, porque a gente estava abrindo a Cooperativa no Carnaval. Só que eu fiquei com um, eu chamo de mapa no meu olho, é aquele “cisquinho” que passa toda hora para lá e para cá, sabe?

Eu já fui ao médico, fiz um monte de exame, mas ele não conseguiu detectar nada, não. Mas, assim, eu fico lacrimejando muito, quando estou usando o celular dessa forma, e assim, a secreção que sai é uma secreção de inflamação. Não estou conseguindo corrigir, não estou conseguindo descobrir o que é.

Nesse caso, fica muito difícil às vezes, não estou falando contigo não. Contigo eu não estou firmando o olho, eu estou apenas falando. Mas quando a gente tem que fazer uma reunião e ficar passando alguma coisa para a gente ler, anotar uma pauta, complica muito, minha vista dói muito. Eu digo que não estou mais aguentando esse ao vivo do povo aí, porque é muita coisa. Tem um monte de PEA que convive com a gente. Projetos, como o Pescarte, o Foco, o PEA BC, o observatório, território, são vários, um monte. E todos querem o mesmo horário e o mesmo dia.

Sendo assim, você não sabe o que fazer. E tem hora que não dá, tem hora que não tem condição. Hoje não, não vou participar, não vou, porque fica difícil, você fica prejudicando o seu corpo, sua saúde. É muito tempo. E com o nosso projeto em execução, desde primeiro de março, a gente está só no processo de organização mesmo, de compra, ver preço, não sei o quê. E, toda hora chama, toda hora vamos lá, tem que resolver isso. Apesar de ser só cooperada agora, me pediram para ser coordenadora do beneficiamento dentro do projeto. Então, toda hora eu sou chamada. A gente está gostando, mas fica cansativo mesmo. Mas com você tem sido legal, eu não canso.

Encontro de 06 de junho de 2021

Os escritos que eu passei para você, eu tenho umas oito histórias dessas escritas. Todas elas estão ligadas a minha infância que é onde eu busco me amparar, e que eu quero recordar e trazer para as pessoas para que elas saibam como era na

nossa época. Eu gosto de mostrar para as pessoas. Eu quero deixar para a minha filha, por exemplo, hoje, a gente conversava sobre isso. Minha filha tem 30 anos, eu já estou com 65, e aí eu penso, de repente, eu não vou conhecer meus netos, não vou ter como contar umas histórias para eles. Então, minha filha disse: “mãe, já que você diz que você não vai contar histórias para os seus netos, você está deixando essas histórias escritas. Eles vão saber quem você foi”. Então, isso me satisfaz, para mim está de bom tamanho. Eu não quero muito mais do que isso não.

Eu tenho dois sobrinhos netos, eles irão, agora, no dia 06 de julho, para Irlanda. E eles tem lido as minhas histórias, um deles está encantado, ele diz assim: “cadê a próxima? Eu quero ver a próxima antes de ir embora”. Então é muito bacana deixar essa experiência, de vocabulário que nós usávamos muito no passado, e hoje, eles ficam assim: “mas o que é isso?”. Além disso, eles trazem ideias: “tia, é melhor fazer assim”. Então, eles conversam sobre coisas que chamam a atenção deles enquanto jovens.

Todos os caminhos que se abrem para a gente na divulgação é muito importante. Eu não sei se é possível você divulgar a cada dia que sai, eu diria um bloco nosso. Estaria de bom tamanho. Mesmo que não seja no dia a dia, mas chamar atenção para que alguém vá lá no Instagram e no Facebook para dar uma olhada em todo o histórico da Cooperativa. As divulgações são as mesmas, mas o texto é um pouco diferenciado, porque uma rede social é mais rápida do que a outra. O pessoal que está fazendo isso é quem sabe desses detalhes. Eu não estou muito inteirada nisso, mas é quase a mesma coisa. Só modifica um pouquinho.

Os nossos jovens dizem que o Instagram está voltado para uma faixa etária mais jovem e que o Facebook é dos mais velhos, sei lá, para mim não tem diferença nenhuma. Na verdade, eu sei me situar e divulgar melhor no Facebook, porque é uma rede que eu domino um pouco mais. Já no Instagram eu quase nunca público nada, porque eu fico meio perdida, eu acho um negócio muito rápido, muito ágil. Eu tenho que aprender um pouco mais, por exemplo, nessas minhas jornadas de escrever, eu não consigo escrever no computador. Se eu não pegar o papel pautado bonitinho e minha caneta, não sai nada. Porque na escrita, eu vou em um movimento só. Por outro lado, no computador, eu tenho que parar, pular, rever tudo o que eu escrevi.

Meus rabiscos são um pouco difíceis de ler. Primeiro, porque minha letra cursiva é muito rabiscada e a letra de forma, que foi como eu aprendi a escrever,

porque eu sou formada na construção civil. Então, a gente aprende a escrever assim, mas é uma forma que dependendo da agilidade que eu escrevo vai emendando uma letra na outra. E aí, é uma dificuldade para fazer a leitura da minha letra, mas se eu escrever devagar sai bacana. Entretanto, não tem como ir devagar e desenhar a letra, porque o pensamento vem muito rápido, se for devagar corta o raciocínio.

O que me veio à mente agora, é exatamente essa questão do tirar a tinta. Se fala dessa forma: “vamos à restinga tirar tinta”. E a tinta era usada para um fim naquela época, e hoje, se a gente precisar, podemos continuar usando para tingir alguma coisa que fique, mais ou menos, na tonalidade da raiz do murici. Então, o que se fazia naquela época, a gente aprendeu, na verdade, com meu pai, com meus tios e irmãos. Eles tiravam a tinta da raiz para o tingimento das redes de pesca, não só tingir, mas também, ela dava uma curtida no barbante que ficava de molho por um tempo. Em dois, três dias, pegava aquela coloração. E me parece, eu não tenho certeza, que esse processo dava um certo fortalecimento, uma durabilidade maior ao barbante de meada.

Sendo assim, se ia com os animais à restinga, os homens cavavam uma determinada área, onde estavam as raízes do murici, porque as raízes são grandes, não são raízes pequenas. Então, cavava e tirava uma grande parte de cada planta daquela, tiravam uma parte, não tiravam toda para não estragar, para que a planta não morresse. Até porque, eles iam voltar lá, um dia, para tirarem mais raízes.

Dessa maneira, se tirava aquilo ali, trazia para uma área, na minha época, era uma área cimentada, onde era a casa do pescador, e ali com um porrete de madeira, tipo um rolo de amassar as coisas, um toco de madeira, se batia contra a pedra, tirava-se a casca daquela raiz, só a casca era aproveitada, depois ela era toda socada e colocada dentro das canoas. E, posteriormente, colocava-se água salgada e as redes novas de molho ali.

Nesse processo, as redes novas pegavam coloração e fortalecimento, como a gente fala. Então, o que a gente pode aplicar disso hoje? É utilizar se a gente precisar. Hoje, o meio ambiente já não permite muito que a gente faça isso não. Mas uma raiz ou outra para tingir alguma coisa, até fazer em casa, para ter um tecido com esse tingimento tão natural, que é o da raiz do murici. É possível fazer, é possível aplicar.

Você me fez pensar em uma coisa bem bacana de fazer mesmo, que é trazer essa coisa natural e artesanal um pouquinho para nossa vida também. Utilizar esse

conhecimento que a gente traz daquela época, que era uma época que eu, por exemplo, adorava isso, eu ficava encantada, eu queria era bater, queria ficar com as mãos quase toda vinho da coloração daquela raiz.

Portanto era muito bacana tudo isso. Eu sempre fui muito arteira, se é que a gente pode falar nesse sentido de estar envolvida nisso. Acho que a gente até falou sobre isso, que a brincadeira de boneca, a brincadeira de menina não era interessante, nunca foi interessante para mim. Era essa curiosidade, a vontade de aprender, isso era muito interessante.

Uma outra coisa bastante interessante que a gente até hoje ainda usa, meus irmãos usam, era tirar algum tipo de madeira na restinga, tipo a da pitanga, e fazer as agulhas de tecer a rede. Eu aprendi a fazer também, meio na marra, assim, eu sentava no meio de quem fazia que eram os homens, os rapazes e queria ver como é que era até o ponto de eu começar a chegar, pegar o canivete e começar a fazer. Atualmente, já se compra pronta, nesse material de plástico igual dessas cadeiras e mesas que se quebram, desse tipo de plástico.

Assim sendo, perdeu-se um pouco esse processo de pegar essa madeira natural da restinga e fazer, até porque há uma exigência ambiental de não se fazer. Mas que, pela quantidade que fazíamos, não era uma coisa que agredisse o meio ambiente. Não, não agredia de forma alguma, se tirava um galho, assim como a gente tirava, também, para fazer a seta, como nós chamávamos os estilingues. Nós íamos na restinga olhar o melhor galho, que são aqueles dois galhos separados, pegar e cortar para fazer os estilingues. As balas eram feitas de barro, a gente fazia aquele monte de bolinha redonda e botava para secar. Nós brincávamos com aquilo e, no meu caso, eu tentava, nunca matei um passarinho, mas os meus irmãos caçavam, e posteriormente, caçaram, também, com uma espingarda de chumbinho.

Eu tenho um irmão que era bem caçador mesmo. Ele caçava e a gente fazia um adivinhadinho, uma garrafa grande de vidro com tempero e, à medida que ele ia matando os passarinhos, a gente ia colocando ali para pegar tempero. E um dia, nós nos reuníamos para comer aqueles passarinhos. No caso, os passarinhos que ficavam ali eram os pequenos, tipo a rolinha e o patinho d'água. Mas ele pegava o jacu, o marreco que são pássaros maiores. Esses a gente vendia ou preparávamos logo, para nós comerem em casa, como as galinhas.

Outra coisa que eu me lembro mais é a salga do peixe. Porque a salga, eu vivi um bom tempo vendo minha mãe fazer a escala, eu acredito pelo que eu lembro, que era na sua grande maioria feita pelos homens, era um trabalho mais pesado vamos dizer assim, que era limpar, eviscerar e escalar o peixe. Você sabe o que é escalar?

Então, escalar o peixe é nós pegarmos, por exemplo, o mais comum para a gente é a anchova ou a tainha de época, porque a tainha já veio com ova, também na época e já dá um outro prato, vamos dizer assim. E a gente pega esse peixe, limpa e começa a abrir pelo serro, pelas costas, né? Vai abrindo da cabeça até o rabo, quando ele se abre em duas partes sem se soltar, tira-se as vísceras, depois de limpo, você começa a fazer uns talhos verticais nas partes mais grossas da carne, mais ou menos, um dedo de distância de um corte para o outro. Para que isso? Para que o sal, quando vier a salga, penetre totalmente na carne para fazer a secagem, para que o sal desidrate a carne.

Logo, esses cortes, o peixe aberto dessa forma, chama-se escala. Esse é um conhecimento trazido pelos portugueses, principalmente os poveiros, que vinham de Póvoa de Varzim. Eles trouxeram grandes aprendizados, na época, para nossa região aqui. Além disso, a salga traz uma semelhança muito grande com a salga do bacalhau, hoje, não é feito mais. Hoje, se faz tudo em máquina. Eu estava lendo a respeito, e essa coisa de ir no sol não tem mais, é tudo feito em uma temperatura X na máquina.

Então assim é feito, limpa-se, lava-se, salga-se e aí dependendo do tamanho do peixe, vai um, dois quilos, de sal grosso por cada peixe. E, normalmente, se coloca em camadas, dentro de uma vasilha coberta, e ali vai sorar o líquido do peixe, a água do corpo do peixe, da carne, e vai virar uma salmoura. Ali o peixe fica aproximadamente três dias.

Após isso, ele é retirado dali, é lavado novamente, colocado para escorrer e, posteriormente, colocado ao sol com proteção, logicamente, hoje, nós colocamos aquele filó, aquela matéria que é usada em mosquitoeiro para não passar inseto e é colocado ao sol. O sol pleno durante dois ou três dias, sem deixar pegar água, nem chuva, nem sereno, nada disso. Então nós colocamos todo dia ao sol e retiramos no final da tarde.

E, inclusive, nós estamos com sete desses peixes prontos, secos e guardados para a gente fazer agora. Eu não sei se vai ser no próximo domingo, eu acredito que não, mas nós estamos nos organizando para nos reunirmos. Acredito que umas 20

peessoas, mais ou menos, reunidas em casa para a gente fazer essa comida tradicional que a gente faz uma, duas vezes, por ano. E já temos sete salgados e secos guardados na geladeira. Então é dessa forma.

E com essa receita, com o peixe salgado e seco é feito a receita tradicional, que para o meu gosto pessoal fica melhor com banana nanica de vez para madura. Mas tem outras pessoas que gostam de colocar a batata doce, o cará, o inhame, mas a nossa família faz com banana, por causa do sabor adocicado que ela deixa no pirão. Então quando a gente pensa em fazer peixes escalados, a gente pergunta: “quem vai trazer a banana?” E é sempre um panelão muito grande. Da última vez que eu fiz, a gente colocou uma caixa de banana, foram 25 quilos de peixe. Então, geralmente, a gente reúne uma galera grande.

Quando a gente consegue o peixe na Semana Santa, a gente faz sempre próximo da Semana Santa, fora isso é quando alguém tem aquela vontade, aquele desejo do ano. Nesse ano fui eu, não quis nem saber falaram que tinha tainha ali, eu fui lá e comprei seis, inclusive nem eram muito grandes, eram pequenas. Meu sobrinho arranhou mais uma, mas isso tudo por uma vontade minha, eu quero comer, então a gente vai fazer. Portanto, não tem uma data certa, mas na Semana Santa, normalmente, é uma época que a gente reúne para isso.

A receita continua a mesma, todos os processos são os mesmos. Na verdade, a única mudança que a gente observa está relacionada às pessoas que vieram de Campos, de Itaperuna e do Nordeste e trouxeram outros sabores. Quando eles descobriram o nosso peixe acharam interessante introduzir o cará, o inhame, mas para nós, pelo menos na nossa família, o sabor não agrada, não acrescenta em nada. Já a banana não, a banana dá uma adocicada diferente e gostosa, aquela mistura de doce com salgado, agridoce, que eu gosto muito. É uma receita, eu diria assim, bem rústica, eu não sei se os paladares mais delicados gostaram de experimentar, mas todos que comem com a gente gostam muito.

Por exemplo, os nossos agregados de família, hoje, nós temos bastante agregados, são pessoas que vieram de outros lugares e são parentes por afinidade, dizem: “quando vocês irão fazer de novo? Não esquece de mim”. Essa semana descobriram que a gente tinha salgado alguns peixes e disseram: “não vão esquecer de chamar a gente quando fizerem o peixe”. Então as pessoas gostam, mas não é para todo paladar, não.

Eu aprendi essa receita em casa, com a minha mãe, com as minhas irmãs. Eu tenho uma irmã que é bastante conhecedora dessa receita e ultimamente eu tenho aperfeiçoado o meu saber com ela, porque ela domina, muito mais do que eu, essa técnica. E além disso é uma coisa que demanda de um certo esforço físico para limpar, salgar, colocar e tirar do sol o peixe. E com a idade da gente, da minha irmã que é mais velha que eu ainda, acaba ficando mais difícil.

Os mais novos precisam ajudar também para dar certo a receita nos dias de hoje. Tem muita gente interessada. A maioria dos jovens comem junto com a gente, entre os jovens da família um ou outro que não são muito chegados, mas no geral, todos estão com a gente nessas épocas, brincando, ouvindo, querendo ouvir histórias.

Como eu te falei, meus dois sobrinhos, um tem 19 e o outro 25 anos, e estão indo embora, querem sair do Brasil, acham que não está bom para eles aqui e vão tentar fora do país. Mas eles querem saber de todas as histórias, quando a gente fala alguma coisa diferente, eles procuram saber, gostam de guardar e de ter o conhecimento sobre isso. Então, um ou outro, eu diria mais na parte das meninas que não ligam muito para esses acontecimentos, mas o restante está sempre junto com a gente.

Apenas uma jovem, uma sobrinha neta que gosta muito dessa área, mas como ela é jovem está buscando outros caminhos de estar mais ou menos nisso, por exemplo, ela criou um site, não sei muito bem se é isso, mas se chama “Desbravando Arraial”. Então, ela torna público, vamos dizer assim, pontos, lugares, coisas desconhecidas de Arraial. Nesse sentido, ela traz um pouco essa busca pelas raízes, sobre o conhecimento das raízes da região. E deseja estar nesse movimento. Já os outros querem o conhecimento, aprender sobre, mas cada um está buscando o seu caminho dentro da modernidade mesmo, do que é novo.

Me veio à mente uma historinha a respeito da água de cacimba. Porque na nossa época a água que tínhamos era realmente de cacimba, utilizávamos para tudo. Nós morávamos no alto do morro, no alto da Praia Grande, então não tinha como fazer poço. Na baixada existia poço, mas nós não tínhamos como fazer. E tem uma tradição em Arraial que dizia que quem tomava água de cacimba nunca mais deixava de voltar em Arraial. Porque era uma água sempre muito límpida, muito leve, a água da cacimba era muito leve, não tinha nenhuma sujeira por perto.

Hoje, a gente nem sabe o que tem, né? Mas tinha essa brincadeira que se fazia com o turista. De quem bebesse água da cacimba nunca mais deixaria de voltar em Arraial, fica com uma paixão tão grande por Arraial que continua voltando.

Inclusive, eu tenho um desejo. Quando a gente criou a Cooperativa, eu queria criar um quiosque, em algum lugar, que fosse um ponto de venda da Cooperativa que se chamasse “Água de Cacimba”. Exatamente por esse pensamento de quem come sempre volta, não deixa de voltar ali para comer novamente da nossa comida e beber da nossa água, do nosso saber. Tínhamos essa ideia, mas a gente não conseguiu levar adiante. Não deixa de ser sonho, de estar no nosso pensamento. E aí a gente vai levando.

Minha tia que desencarnou aos 90 anos, inclusive, ela tinha pavor de médico. E foi assim, quando ela ficou doente, já no final da vida, ela caiu, quebrou o fêmur, foi para o hospital e não voltou mais, foi uma vez só. Então, ela morava ali no mesmo alto do morro, onde nasci, a casa dela era ao lado. E quando ela descia para a baixada ela se perdia logo ali. Então, a vida dela era voltada para a restinga e para o mar. E ali era o seu templo, aquilo ali era tudo para ela. Minha tia conhecia tudo, todas as plantas de restinga, todos os frutos comestíveis e não comestíveis, que eram veneno, conhecidos como frutas de passarinho, não é comível. Então, ela dizia “aquilo ali não, não pode, presta atenção, eu estou falando, vou falar de novo, não pode comer aquilo, se vocês comerem isso pode matar vocês”.

Na falta de uma vasilha ou uma sacola, ela ensinava a gente a colher o cambuí, as frutas pequenas na folha do gravatá, na folha da bromélia. Então ela ensinava a gente a dobrar aquilo ali para fazer tipo um copo com uma alcinha, colocávamos as frutinhas miúdas ali, e trazíamos para casa. Então, o pouco que eu sei sobre a restinga, foi o muito que a minha tia, em toda sua vida, ensinou para a gente. Ensinou a olhar, observar, sentir o colorido da florada, da frutificação, das temporadas de frutificação de cada árvore.

Hoje, às vezes, quase que a gente não lembra mais, mas era assim, a gente ia na época certa para buscar cada fruto de restinga. Fazíamos as infusões de cachaça, e eu faço até hoje. Hoje mesmo eu estava olhando uma do coquinho que chega a estar amarelo, não sei se você conhece o coco guriri, mas eu estou com uma cachaça daquela que o coquinho está amarelinho. Eu faço com o cambuí, com o murici, mas não tenho conseguido fazer, porque está muito difícil a gente ir à restinga. Não é difícil

acessar não, é difícil por conta da segurança e nós não temos mais a liberdade de entrar como nós entrávamos na restinga. Vamos encontrar coisas que a gente não quer ver ou correr o risco que a gente não quer correr.

Então ela ensinava a gente cada ponto da restinga, ela mostrava: “ó está vendo aquela baixada ali?” e ela dizia o nome de cada uma. Porque a nossa restinga é como uma cidade, cada lugarzinho tem um nome, por causa de um acontecimento, ou porque foi um navio que foi a pique naquela direção, ou porque alguém morou dentro da restinga. Por exemplo, era assim, os Afonsos, o caminho da cidade. E assim, nós vamos até um certo ponto, vamos fazer a primeira cacimba e pegar a primeira água.

Dessa maneira, ela ia ensinando a gente a fazer com algumas pedras o fogão que iríamos cozinhar. Minha tia não sabia ler, não sabia escrever, teve uma vida bastante complicada na qual eu cheguei a presenciar. A casa dela era uma casa frequentada por muitos turistas na época. Pessoas que vinham do Rio de Janeiro, para conhecer Arraial, ou de parentes que já moravam lá, e ela não tinha o direito de sentar a sala com as visitas ou de conversar, o marido dela não a deixava conversar. Ele dizia que ela não sabia conversar, que ela não sabia falar.

Dessa forma, cada vez que ela abria a boca, ele fazia apenas o gesto com o dedo na boca para ela se calar, e devagarinho ela saía. Portanto, a vida dela era, realmente, viver na restinga, na área das cacimbas para dentro, esse era o mundo dela. Ela era extremamente conhecedora de todas as plantas de restinga, das ervas, dos frutos e da própria água, dos rios submersos da nossa restinga. Ela conhecia bem, chamava-se Emília.

Ela foi uma grande rendeira também, junto com a minha mãe e uma outra irmã delas. Elas faziam muitas rendas, muitas rendas de bilro, todas elas faziam rendas maravilhosas. Minha mãe, inclusive, viajou muito com a Emater na época, pelo Rio de Janeiro todo mostrando as rendas de bilros, os cavaletes com as rendas, era uma época muito bonita, muito bacana. Eu não me interessava, achava bonito, tinha que ter uma capacidade enorme para fazer aquilo ali, porque não era fácil, às vezes elas trabalhavam com 50, 70 bilros, era muita coisa para fazer uma renda largar. Eu ficava encantada com aquilo ali, mas não me interessei. Já minha irmã mais velha, aquela que ficou doente, fazia muita renda, também. Mas não passou esse conhecimento para ninguém, não houve esse interesse.

O meu irmão, o segundo dos homens, porque são três, até hoje, ele faz os bilros de madeira para vender, já veio muita gente de fora para comprar. Agora, há um mês mais ou menos, ele entregou 48 dúzias para algum lugar aí, depois de Campo Grande, para aquela região ali. E ele faz um trabalho muito bonito, ele faz as miniaturas dos cavaletes da renda com as miniaturas dos bilros, faz as miniaturas das canoas de boçarda que ainda existem aqui.

O artesanato dele é perfeito, tudo que ele faz é excelente, é um trabalho muito bonito. Ele é perfeccionista mesmo. É como você olhasse para a canoa grande e transformasse ela em uma canoa pequeninha, em relação as rendas, também. É um trabalho muito próximo do real. Ele não faz as rendas, inclusive, ele consegue comprar de uma amiga dele, que é rendeira, mas que não mora mais em Arraial, os pedacinhos de renda para colocar no cavalete com os bilros.

Então, assim, na nossa família, os mais ligados às tradições de fazer alguma coisa são dois irmãos, eu e uma irmã minha que faz a escala do peixe, tem um conhecimento grande em relação às ervas e às plantas. Isso porque, a minha mãe era rezadeira, era aquela curandeira que curava de tudo. Todo mundo ia lá em casa, era para tirar a espinha do peixe que prendeu na garganta, era para levar as crianças que acabaram de nascer e estavam com o ventre virado, tomado da lua, espinhela caída, tudo isso minha mãe estava lá com os galinhos para rezar. A vida inteira, até os últimos dias de vida dela, tinha gente lá na nossa casa para ela passar os galhos nas crianças e nas pessoas. Ela socorreu muita gente, muita gente ela curou com as suas simpatias.

Assim ela fazia simpatia para curar todo tipo de coisa. A gente não sabia como funcionava, mas as pessoas ficam curadas, não sei como era não. Ela utilizava algumas plantas da restinga, mas a maioria eram ervas que tinham na região. Ela utilizava arruda, pinhão roxo, a vassourinha, arrebenta cavalo, a raiz da batata tostão e uma série de outras coisas que se usava para fazer uma série de outras coisas que davam resultado. Eu vi ela curar algumas pessoas de anemias profundas já, e via as pessoas saírem muito bem e viverem muitos e muitos anos com essas coisas que ela fazia. Então, minha mãe era um canto nesse sentido, ela impressionava a gente ao fazer essas coisas. Ela era um amor de pessoa.

Nos anos 70, nós viemos a morar mais para baixo, na baixada da cidade, em função dos problemas de saúde do meu pai que não podia ficar subindo a ladeira para

ir para casa. Então a nossa casa foi vendida e compramos uma outra casa quase no centro de Arraial, e ali nós fomos viver. No fundo da casa tínhamos um poço d'água, né? A dificuldade de água no Arraial continuou muito grande, não foi só naquela época. E ali a gente tinha aquele poço com a bomba manual, aquela de socar.

Assim sendo, de manhã cedo, no nosso portão se formava uma fila de pessoas para pegar água lá em casa. As pessoas chegavam, batiam no portão, entravam, enchiam os seus latões e antes de ir embora, elas tomavam o cafezinho da dona Chica. Minha mãe fazia duas, três chaleiras, o quanto fosse necessário e as pessoas tomavam o cafezinho. Ela dava café para todo mundo. Minha mãe era uma figura com um coração enorme.

Eu acho que é isso. Eu não me lembro de mais coisas nesse instante. Com certeza tem, à medida que a gente for conversando vai aparecer, mas às vezes, quando a gente quer, não conseguimos abrir os cofrinhos, as repartições que estão guardadas.

Eu imagino que você na pandemia não tenha vindo de Praia Seca para Arraial. Veio? Então, essa estrada toda, dos dois lados, era a nossa restinga. E hoje, é com muita, com uma imensa tristeza que eu passo ali. Porque, na verdade, todos os pontos, todos os lugares que a gente frequentava, os brejos, os lugares que a gente ia e que tinha uma orientação geográfica de alguma coisa, se perdeu.

Agora, são casas, condomínios, não sei o que. Anteontem, eu estava conversando com meu irmão. E falava para ele, “cara, o Brejo Salgado acabou”. E ele disse: “não, palhaçada, acabou nada”. E eu disse: “acabou”. O Brejo Salgado era bem ali, quase chegando em Praia Seca, era um brejo enorme onde ele caçava marreco, jacu e nós pegávamos muita guapeba, tinham uma quantidade grande de guapebeiras ali. A gente fazia o piquenique em frente a lagoa e, na hora do descanso, íamos para a restinga para pegar o fruto.

Simplesmente, eu passei lá e o brejo acabou, o brejo era um viveiro de aves, uma coisa fantástica. E de peixe também, porque tinham peixes, passavam no canal com a lagoa, e simplesmente acabou. Hoje, se você passar e não der conta, você não percebe que ali era o Brejo Salgado, era um brejo grande, um grande viveiro. Então, ver que esses espaços não existem mais, para nós que consideramos esses espaços como nosso quintal e nossa escola de aprendizado de vida, é muito triste.

Você enquanto morador, enquanto nativo, perdeu o acesso a lagoa. Os condomínios estão beirando toda a lagoa. Transformaram a lagoa em praias particulares. Então é muito triste você identificar isso. As pessoas não fizeram, o progresso não chegou de maneira equilibrada. Vamos manter isso, manter aquilo. Não, foi arrasando com tudo. Simplesmente, empurrando terra para dentro da lagoa, para fazer condomínios, loteamentos, fechando a lagoa com muros, que você não pode ter acesso.

Nossa, quando eu começo a falar sobre isso, me vem uma tristeza e uma revolta. Sou extremamente revoltada com esse tipo de coisa, com o que a gente perdeu da nossa cultura, da nossa fala mesmo, de falar do nosso conhecimento tradicional que não era burrice. Eu torno a falar, sempre falo nisso, nunca foi o falar errado, por desconhecer, foi o falar com o vocabulário diferenciado.

A nossa cafifa continua voando, mesmo que tenham trazido um sinônimo para isso, mas por que a gente tem que mudar? Por isso que eu sempre explico cada palavrinha da nossa cultura, pois eu acho importante a gente fazer esse resgate. Se a gente olhar em uma escala maior, nós brasileiros introduzimos um monte de coisas desnecessárias no nosso vocabulário. Essa pandemia, por exemplo, trouxe muito disso. Exemplo, lockdown, qual é a necessidade de usar esse termo para dizer que a cidade está fechada, que houve um fechamento total, e por aí vai.

Dessa forma, a gente está deixando de lado nossa própria língua, não é algum termo regional, mas a nossa própria língua. No passado, foi com os franceses como, por exemplo, a palavra abajur, dentre outras. Depois, vieram palavras dos ingleses e norte-americanos, e hoje, usamos em massa.

Eu acho que eu sou muito chata. Para você como pesquisador e outros tantos, não. Mas quando eu falo, por exemplo, em um grupo de amigos. Eles falam: “cara, você é muito chata. Qual é o problema de falar isso”. O problema é que a gente está deixando de falar a nossa própria língua.

Eu acho hiper importante essa nossa conversa. Me traz um sentimento muito bom de estar disseminando a minha vida, nem é o meu saber, porque na verdade isso não é saber, isso foi tudo o que eu vivi. Então, tudo o que eu vivi é minha vida, são os tijolinhos da minha vida, da minha existência. Quem eu sou está embasado nisso tudo aí. É claro que tiveram outras figuras, outros personagens na minha vida que me fizeram caminhar um pouquinho mais por outros caminhos de buscas, de

crescimentos e de reflexões. Então, tudo o que a gente fala aqui, eu estou falando de mim mesma, estou falando da minha construção de vida, da minha existência. Como eu tenho colocado nos meus textos, são meus pedaços, retalhos de vida. Que emendados de alguma forma, deram essa mulher de 1,55 que fala muito.

Eu penso, assim, que se a gente de alguma forma fizer as pessoas pararem para refletir algumas ações em relação ao que a gente tem feito, em relação ao que elas podem fazer de diferente para o futuro, para melhorar a existência de alguém, a gente já fez alguma coisa de valor.

Encontro de 20 de junho de 2021

Pensar na pesca ao voltar na minha infância, por exemplo, era quando a pesca artesanal era a pesca forte. Não existia outra labuta, outro trabalho em Arraial, era basicamente a pesca, não existia outra. Então, não existia uma preparação, hoje vamos pescar ou amanhã vamos pescar. Na pesca tinha o escalonamento que a gente falava, que eram as canoas, cada dia uma ou duas naquele trabalho. A equipe era formada por nove homens por cada canoa, e cada um tem um posicionamento. Infelizmente, eu não lembro de cabeça, mas eu poderia colher essa informação com meu irmão para lembrar cada posição.

Eu me lembro de duas, são sete dentro do barco e duas fora. Uma é o cabista, aquele que segura o cabo na terra, para que a canoa siga jogando a rede e outra é a de vigia, que fica no ponto mais alto para ver qual é a qualidade e a quantidade do peixe, e também, a proximidade que o peixe está. O vigia encaminha todas essas informações, através de gestos, para que a rede seja colocada no mar.

Desse modo, a preparação era tomar o seu café e sair para pescar. Não tinha nenhum apetrecho de pesca. O que, normalmente, eles levavam para ficar na espera, dentro da canoa, na poita, era a linha, o molde e a agulha para fazer a rede ou consertar a rede. Às vezes, levavam uma madeira para fazer agulhas novas. Então, era esse trabalho que os homens tinham para realizar a pesca tradicional, a pesca de canoa de boçarda à beira mar, porque até onde eu lembro, e aí vai só da minha memória, não se saía para pescar muito longe na época dos meus pais, dos meu tios era aqui mesmo, dentro das nossas baías, aqui dentro das nossas praias.

O mais longe era na ilha dos franceses, mas sempre aqui dentro. Portanto, o trabalho era esse, chegar, descer a canoa que estava em cima dos paus na arreia, descer dos rodos, colocar a canoa ao mar e ir para ficar na poita, ficavam apoitados em um determinado lugar onde antigamente tinha uma casinha dos pescadores. E ali ficavam até que o vigia sinalizasse para ir colocar, começar a distribuir a rede no mar, jogar a rede no mar. Ainda existe toda a sinalização do vigia, do cabista em terra segurando o primeiro cabo.

E, quando iam pessoas chegando, quando viam o movimento de pessoas chegando, ele arranjava ajuda para puxar, porque, normalmente, os sete homens não conseguiam puxar, precisavam da ajuda das pessoas que estavam por perto. As pessoas não estavam perto apenas para ganhar um peixinho que era bem normal, mas para ajudar também.

Como naquela época, a quantidade de peixe era muito grande, as redes vinham muito mais pesadas do que hoje. Hoje, quando a gente sabe, por exemplo, essa semana, eu soube que a traineira pegou 20 toneladas de tainha, assim essa é uma quantidade absurda para se pensar nos dias de hoje, porque isso acontecia lá atrás, nas canoas eram de cinco a dez toneladas a cada lanço. Hoje, é conhecido como cerco, mas nós, os antigos, o pessoal tradicional da pesca, chama de lanço mesmo, era lançar a rede no mar.

Em tal caso, o trabalho de saída era esse, era estar ali na espera. Na verdade, era o peixe que chegava, não se ia em busca do peixe. O peixe que vinha até os pescadores, aqui no canto da Praia Grande. É o que acontece hoje ainda com os poucos pescadores tradicionais que se mantêm ativos ali. Na prática, são filhos e netos de alguns pescadores que ainda dão continuidade.

Se nós analisarmos uma fotografia antiga que tem ali da Praia Grande, nós veremos que existia em torno de 50, 60 canoas, entre canoas pequenas que eram uma quantidade menor, muito menor e as grandes. As pequenas nós chamávamos de redinha que é uma canoa com uma malha de rede menor do que a malha do peixe comum que, normalmente, era para pescar lula. Ela era sempre uma canoa menor, porque se trabalhava mais à noite para fazer os arrastões de lula.

Hoje em dia, não se faz mais o lanço como se fazia antigamente. Hoje, a canoa arreia o cabo na areia, joga a metade da rede, essa metade da rede fica armada, que nós chamamos de gancho, e aí quando o vigia sinaliza que tem peixe ou já passou

um tempo, nesse momento, que se termina o certo, que se puxa. E tem um horário pré-determinado que se faz isso. Antigamente não, antigamente saía-se com a canoa, ficava na poita, quando o vigia dava o sinal, vinha-se perto da terra, jogava-se o cabo e começava a largar o cabo da rede, abria-se o lanço naquele instante mesmo.

Hoje, não vejo ser feito isso, ocorre mais o gancho realmente. Muitas pessoas condenam isso, porque é um tipo de pesca que acaba pegando peixes menores, pegando qualquer tipo de peixe e vira e mexe tem que tirar da rede algumas tartarugas, cações-viola que são proibidos de pescar. Eles batem ali, ficam presos e quando fecha o cerco, eles vêm juntos. Se devolve, mas é sempre um sofrimento para o animalzinho que não deve ser pescado. Logo, pensar nisso, nessa tradição, é pensar como se faltasse alguma coisa para a gente hoje.

A nossa tradição é parte da nossa jornada, é parte da nossa vida. Acabando com aquilo ali, é como se estivesse acabando com uma parte de nós, porque nós crescemos com aquilo ali. Então, quando você vê, por exemplo, a Baía dos Anjos invadida por aquela quantidade de barco de turismo, não é que a gente não queira o turismo, a questão não é essa, a questão é que para nós nativos, parece uma agressão tão grande.

O próprio mar, a Baía dos Anjos e a praia perderam toda aquela beleza natural, todas aquelas características, as areias não são mais os combros de areias brancas. São areias escurecidas, sempre com um cheiro nada agradável, por causa do óleo, do excesso de resíduos da marina, não só dos barcos de turismo, mas também, dos barcos de pesca que chegam e derramam muita coisa por ali.

Diante disso, não sei o que pensam os outros, mas para mim é triste olhar essa forma de turismo, porque a gente pensa que poderia haver uma outra forma de se fazer esse turismo, uma forma sem tanta agressão, sem espantar o peixe da nossa linha d'água. Imagina a Baía dos Anjos, que é uma baía com 300 barcos, eu acredito que seja mais, mas vamos pensar em 300 barcos com o casco por cima dessa linha d'água. Que peixe vai encostar? Eles não ficam só ali, na Baía dos Anjos, eles vão para a Ilha do Farol, para fora do Boqueirão e vão em movimento constante, tem uma circulação enorme de cascos na linha d'água, de pessoas mergulhando. Essa movimentação não permite que os peixes encostem da forma que encostavam.

No passado, existia uma tradição de uma canoa que se chamava Princesinha que saía da Praia dos Anjos, dentre outras, que iam para Praia da Ilha, que hoje o

pessoal chama de Praia do Farol, e fazia a pesca rotineiramente. Lá era um negócio até bonito, porque quando ela voltava, normalmente, bem carregada, ela voltava com uma bandeirola branca, geralmente, branca, para ajudar a trazer a canoa com o vento por causa do peso, porque era na remada que os pescadores vinham.

Hoje, há 15 dias mais ou menos, eu estava indo pescar por volta de 17 horas e de repente eu ouço um barulho de motor, achei estranho, era uma lancha com motor potente, daquelas que até bate na água, rebocando uma canoa. Eu fiquei assim, gente, eu não acredito que uma coisa dessa esteja acontecendo, ou seja, era sofrido, claro que era, mas nós que passamos, que vivenciamos aquilo tudo, aquela cultura, aquela história, vemos uma lancha puxando uma canoa para ir lá fazer um cerco em um determinado horário e voltar puxada por aquilo ali, é uma coisa que a gente fica assim, poxa, não dá, cadê o pescador de verdade? Aquele que faz aquilo tudo, aquele que mantém a cultura, o conhecimento daquilo. Se esvaiu, se foi.

Assim, a gente ouve alguns dizerem que vão até lá, a canoa fica lá encostadinha na poita, mas que os barcos de turismo se reúnem e dão um valor X a eles, porque eles espantam o peixe. Então a coisa está ficando um absurdo em cima de outro. Essa é a minha forma de ver, vou sempre destacar isso, é a minha forma de ver. Assim, não é dizer que eu queira que tivesse permanecido aquela época com todas as dificuldades, pessoas sofrendo, não, não é isso, mas que se mantivesse a cultura, se mantivesse o conhecimento tradicional.

Hoje, nós teríamos um turismo de base comunitária, um turismo de raiz bacana, com aquele turista que quer conhecer as tradições, a cultura regional. Isso porque, se a gente passar por toda a região do Estado do Rio, a região Oceânica tem diferentes cuidados, afinidades, tipos de peixe, tipos de comida são diferentes, mas tem semelhanças? Tem, a gente sabe que tem, mas tem as suas diferenças, então cada um quer conhecer essas diferentes formas.

Essa semana, eu conversava com meu sobrinho que vai embora para o exterior, e ele falou “tia, eu queria que você fosse comigo, você iria gostar”. E eu disse: “não, eu gostaria de ir, mas não para esses lugares, eu gostaria de ir para as cidades interioranas para conhecer a raiz de cada povo. Eu sou uma apaixonada pela Patagônia, por exemplo, eu adoraria conhecer a Patagônia chilena, conhecer os índios da Patagônia, conhecer a cultura mesmo, porque o resto da cidade não me interessa, realmente, não me interessa”. E ele: “não, mas lá tem isso, tem aquilo”.

“Sua tia gostaria de conhecer outras coisas e não isso”. O que eu vejo e me entristece é não termos mais essas coisas por aqui.

Hoje, quando eu tento de alguma forma contar para quem me pergunta a respeito de alguma coisa sobre essas histórias é com um saudosismo enorme. Novamente, eu repito, não é porque eu queira sofrer tudo que nós sofremos naquela época, não, mas que nós tivéssemos mantido a tradição sem perder essa cultura, sem desrespeitar o nosso oceano, sem contaminar as nossas areias, sem jogar resíduos sanitários nas nossas águas, sem acabar com a nossa laguna. Hoje, até se pesca, mas para chegar no local de pesca onde não tem a contaminação, você passa por um problema sério da Laguna de Araruama, que todos nós conhecemos.

Então, isso é o que me vem de recordação, o que eu acho que deve ser mantido é a gente poder, através de você e de outros mais, contar as nossas histórias, eu não tenho muita experiência na pesca para falar, não sei se eu falei para você que a minha história na pesca se resume muito a minha infância, no contato de levar a comida, lá na poita, para os meus tios, para o meu pai muito pouco. Meu pai ficou doente quando eu nasci, ele pouco pôde pescar depois do meu nascimento, mas todo aquele conhecimento que foi trazido pela minha família, meus avós, tios e irmãos.

Sendo assim, essa paixão veio de família, não surgiu por eu ir pescar. Hoje, eu vou pescar, é diferente. Eu tive toda uma vida relacionada à pesca, mas a gente não tem noção que iria precisar no futuro, me faz falta aquilo que eu não consegui registrar, aquilo que eu não consegui gravar, o que eu deixei passar, aquilo que deixou-se passar sem registro ou não tinha como registrar.

Isso me incomoda muito, principalmente, hoje, quando eu quero lembrar de alguma coisa e eu não tenho nenhum registro a respeito, porque não éramos levadas a esse sentimento, a esse pensamento. Todo mundo queria, na verdade, o progresso porque era muito sofrido. Enquanto criança, por exemplo, em alguns dias da semana, não ter um pão para comer, é sofrimento. Você querer ir no quintal arrancar uma batata doce ou um aipim para cozinhar, para tomar um café e saber que alguém tem, é uma coisa dolorida para a criança.

Em contrapartida, quando a gente não sabe o que nos falta, não temos como comparar com alguém ou alguma coisa que isso não existia. Isso não faz a menor diferença para a gente. A questão é que sempre tinha alguém que vinha de fora com uma informação, com uma coisa nova dizendo: “oh, isso aqui é melhor, vocês

precisam arrancar essas pitangueiras todas daqui para mandar jogar um calcário, um barro para os carros subirem aqui”. Era e foi bom, como não seria? Mas, não precisava ser dessa forma, você acabar com tudo, arrasar com tudo para que o progresso chegasse.

Então, o que a gente sente é esse arrependimento. Na verdade, não chega a ser arrependimento, porque a gente não podia fazer mais. Hoje, enquanto mulher com idade mais avançada, amadurecida, você vê que teve nas suas mãos, muitas coisas estiveram nas suas mãos. Você poderia registrar, gravar, mas não tinha ferramenta para isso. Não tinha como registrar, não se projetava nas nossas cabeças que determinados conhecimentos seriam importantes para o futuro. Arraial era um “interiorzão”, na verdade, ainda é, infelizmente, Arraial está se acabando muito rápido, muito rápido.

Eu acho que daqui a dez anos, se não houver a preocupação com a manutenção do que existe de natural, nós teremos problemas, porque é uma cidade pequena, não tem maiores recursos provenientes de indústrias e de comércio. O progresso vem arrasando mesmo, porque as pessoas invadem. Há muitas invasões e a gente vai perdendo o que tem, quem vem e arrasa com tudo vai embora e nós ficamos aqui ao Deus dará, vendo o que vai acontecer. Aqueles que são os futuros herdeiros da nossa terra são os que precisam pensar em fazer alguma coisa mais concreta em relação a isso.

Meu sentimento é de pena por não poder fazer, não ter podido fazer mais do que eu fiz até então. O que eu vejo como base para todas as coisas é a conscientização. A gente precisa dessa conscientização, não tem como ser diferente. Devemos nos conscientizar, conscientizar o turista, o poder público municipal não pode deixar que ocorra livremente as agressões que acontecem na nossa cidade, na nossa terra.

Elas vêm desde lá de onde você mora, Praia Seca, que para gente é uma coisa só. Nós conversávamos sobre isso, sobre as agressões dos condomínios a nossa restinga. E a restinga é o abraço do mar, é a protetora do nosso mar, das nossas praias. Se você tirar a restinga ocorre um monte de mudanças. A gente vê essa mudança com bastante tristeza.

A hora da mudança é quando a gente tem a escolha de mudar os homens e as mulheres que estão no poder, a gente tem que eleger o menos pior. Não temos muito

como lutar, temos que colocar o menos pior e pedir que se realize um trabalho de conscientização do povo, não apenas do turista, mas do cabista também, porque temos muitas pessoas equivocadas na manutenção, na preservação das nossas terras, muita gente mesmo. Então, nós usamos os recursos mínimos que temos, hoje, enquanto Cooperativa, tentamos fazer o mínimo. É o que a gente consegue fazer, mas é o que nos cabe, o possível de fazer.

A semelhança entre a pesca realizada antigamente com a que a gente realiza hoje, deixaram de acontecer há alguns anos atrás, porque nós fazíamos a pesca da lula nos pesqueiros, que são as beiras de pedra e, posteriormente, os pranchões de madeira em cima de outras madeiras que eram estendidos no canto da Praia Grande, eram pesqueiros mesmo, eram feitos para isso, não tinham dono, todo mundo podia usar. Ontem, eu conversa com meu irmão a respeito disso, como começou a pesca da lula lá na Praia Grande.

Então, antes da Álcalis, existiam algumas pedras grandes que avançavam ali para o mar. Nesse sentido, os pescadores chegavam com suas tarrafas ou com seus puçás e automaticamente faziam um fila naquela pedra, um ia jogava a tarrafa, pegasse ou não, ele puxava, saía e passava sua vez para outro pescador que fazia a mesma coisa, assim ia circulando cada um fazendo a sua pescaria em determinados pontos ali. Até que um dia a Álcalis derrubou aquilo tudo, jogou pedras por cima dali. Na verdade, a Álcalis foi o grande exterminador de Arraial do Cabo, ela trouxe o progresso, mas trouxe o extermínio de muita coisa. Eu uso a palavra extermínio para ficar bem caracterizado mesmo.

Até que alguém viu as pedras sendo jogadas ali e colocou, fincou uma madeira e colocou uma tábua em cima, assim, o primeiro homem a pescar com luz, um lampião, foi o meu pai e um outro amigo. Eles compraram o primeiro lampião para poder fazer a pescaria da lula com a iluminação. A partir daí, as pessoas foram se colocando como donas daqueles espaços. Nos anos 80, eles começaram a vender. Falavam: “é meu”. É seu o que? A tábua que está ali em cima?

Naquela ocasião, a gente fazia a pesca de lula tradicional na tarrafa, no puçá ou no anzolzinho muito simples, mas era muito pouco comum se fazer dessa última forma. Nessa época, a partir dos anos 80, a pesca japonesa, a cultura japonesa, foi introduzida aqui na região, através de quem eu não sei, mas existe aí alguém que

saiba quem foi o primeiro. O zangarejo vem da cultura japonesa de pesca, não é uma tradição nossa.

O zangarejo é como se fossem vários anzóis miúdos juntos em um guarda-chuva inverso e no centro um piãozinho colorido que brilha, fluorescente. De alguma forma, os japoneses introduziram essa pesca aqui. Foi quando a gente começou a pescar lula uma a uma. Porque ela era pescada de puçá, de tarrafa ou de rede, sempre a beira mar, bem pertinho. Quando a gente não pode mais pescar no pesqueiro, porque todo mundo começou a tomar conta, “é meu”, começaram a vender, não sei o que.

Diante disso, a gente ia pescar e não tinha como subir mais. Primeiro, pela questão do comportamento dos homens com o machismo. “Mulher vem fazer o que? Atrapalhar?” Não fui eu quem iniciei isso, pelo contrário, foram outras mulheres que inclusive já partiram, elas fizeram essa iniciação da pescaria da lula que era uma coisa exclusivamente de homem. A gente ia como observadora ou levando alguma coisa, só para ver como fazia. Na verdade, a gente sabia como fazer, mas não fazíamos, até que algumas mulheres começaram e nós passamos a fazer também.

E aí aconteceu de não poder mais. Desse não poder mais, a gente teve que, de alguma forma, com a Cooperativa, com o seu surgimento, buscamos os meios para sair, para sair de barco. Foi o que aconteceu, a gente está ali encostado na Praia Grande, na beirinha da praia e teve que se deslocar para a Baía dos Anjos, onde é a Marina dos Pescadores, para alugar vagas em barcos que levam mulheres para pescar, o que não é fácil. Continua sendo uma luta bastante chata de se travar.

Na semana passada, houve uma confusão, eu não estava nesse dia, mas as mulheres estavam em um determinado barco e chegaram uns dois barcos e começaram a gritar para elas saírem, para elas tirarem o barco, porque elas não tinham direito de pescar, pois são mulheres. Eles dizem ser os profissionais da pesca, quando, na verdade, as mulheres que estão ali são todas documentadas dentro da pesca, e a maioria daqueles que estavam no barco se bobear não devem ter a carteira de pescador, mas se dizem pescador e são pescadores.

Eu tenho um irmão de 70 anos, ele não tem uma carteira de pesca até hoje, porque isso para ele nunca interessou, para ele tanto faz ter ou não ter. Ele deixou de ser pescador? Não, ele não deixou de ser pescador, mas eu digo nesse sentido, quando a gente olha para a parte legal da coisa, a mulher documentada é mais

pescadora do que qualquer um deles, mas eles ainda entram nessa loucura de dizer que o espaço é deles, pertence a eles, o mar, os lugares de pescaria pertencem a eles, então, eles tem o direito de tirar qualquer um que estiver lá sobre a lâmina d'água.

Portanto a mudança é exatamente essa, a gente saiu da pesca do siri, de catar o tatuí, de tarrafejar na beira da praia, de pescar no pesqueiro em terra, na Ponta da Cabeça, no Saquinho com o irmão, com o tio, para pescar fora, subir em um barco e sair da Baía e ir para o alto mar. Então, essa é uma mudança radical para nós. Nesse sentido, a mudança é a necessidade de avançarmos para o mar. Estar na pesca já foi um ganho, agora o fato de irmos para mais longe, não cabe a nós, porque não nos permitem mais pescar por aqui, não há mais espaço, não há mais peixe para isso. E a gente está seguindo para mais longe.

Nenhuma das mulheres que eu conheço tem menos de 59 anos, então nós somos todas as mulheres que estávamos lá no passado, nos anos 60 e 70, querendo pescar e não nos permitiram pescar. O machismo, o domínio de pais e irmãos era muito grande. Não nos deixavam fazer o que a gente queria fazer.

Assim sendo, eu fui a vida, estudei um pouco, trabalhei e quando me aposentei as coisas foram surgindo e a gente embarcou, exatamente, porque é extremamente prazeroso você estar em um barco e ir pescar, sair para pescar. É de uma paz, por mais cansada fisicamente que você esteja, você volta feliz. Se você volta com um quilo ou dez de peixe. É importante? Claro que é importante, é uma comida que vai ajudar muito na Cooperativa ou que vai ser consumida nas nossas casas.

O fato de estarmos no mar, de sentir o vento, de ver a maré mudando, a corrente, a água, o peixe que está dando, em que lugar iremos buscar, tudo isso nos traz uma sensação muito legal. Eu adoro! Vou repetir para você, essa não é minha maior paixão, a minha maior paixão é a restinga, mas hoje, eu não posso, porque o que eu tenho junto com todas elas é o mar. Então, eu dedico o maior tempo que posso para colher os maiores aprendizados, os maiores benefícios que o prazer de estar no mar me proporciona.

Deve ter mais ou menos de 15 a 20 anos que se tornou mais rotineira a ida das mulheres que foram as desbravadoras da pescaria de beirada, por exemplo, a pescadora que não está mais com a gente, já partiu tem uns três anos, era uma pessoa muito amiga da família, morava na subidinha da Praia Grande. Tem outra pescadora, o pai dela era pescador, foi dono de muitas canoas pelas praias de Arraial,

inclusive, ela está hospitalizada, teve um AVC, está muito mal, não tem mais consciência. Que eu me lembre, no momento, essas foram algumas pessoas que desbravaram, tem outras mulheres que tiveram a coragem de colocar o caniço nas costas e ir pescar.

Isso aconteceu, mais ou menos, na mesma época da introdução do zangarejo, porque as mulheres não aprenderam, não nos ensinaram a jogar a tarrafa, que é uma coisa mais pesada, o puçá era mais pesado ainda, era um arco muito grande e pesado. Então, com a chegada do zangarejo a inserção da mulher foi facilitada, porque você consegue com o caniço, a linha e essa pecinha chegar e jogar discretamente, sem ninguém ver, se não tiver ninguém hoje, a gente vai lá e joga. Então, foi mais ou menos assim que se iniciou a pesca das mulheres na Praia Grande.

Hoje, a gente defende que o fato de ser pescadora não significa sair ao mar, jogar rede, pegar o caniço, linha e anzol. Se você estiver no trabalho constante de preparar, limpar e alimentar você está na cadeia da pesca. Logo, é com esse argumento que a gente conversa muito com os pescadores, tentamos mostrar que não é só isso, que não é só ir ao mar como eles vão, que a maioria deles não faz metade do que a gente faz em terra. Estar na cadeia da pesca, ser pescadora para a gente é muito mais, porque seria para eles também, se houvesse essa compreensão, essa união, seria muito mais fácil estarmos unidos. Entretanto, assim, de 100 você tem dois que nos chamam “vamos juntos?”.

Então, é muito difícil, eles não se unem, eles mesmos, os homens, não se unem, não se respeitam, sabe? Ainda hoje, em 2021, não sabem nada sobre lei, não sabe nada sobre os seus direitos. O progresso é utilizar-se dos benefícios para que você possa crescer junto, sem prejudicar o resto, para você se legalizar, ter os seu direitos, ter união, poder contar com as associações, um lugar onde você possa conversar e conquistar recursos, mas isso eles, infelizmente, não conseguem fazer.

Às vezes, é uma surpresa muito grande para muito deles, muitos falam assim: “quem são vocês?”, e a gente fala: “nós não somos ninguém, nós só somos a Cooperativa de Mulheres Nativas”. Eles perguntam: “o que é isso?”. Aí nós respondemos: “somos mulheres, pescadoras que unidas formamos uma cooperativa legal, fazemos isso e isso...”. E eles vão encolhendo quando nós falamos o que a gente faz, eles não tem argumentos. A única coisa que eles sabem dizer: “não, vocês

não são pescadoras, quero ver vocês empatarem o anzol, quero ver vocês puxarem o peixe tal”.

Ai, que coisa mais ridícula! Nós não estamos indo pescar tubarão, estamos indo pescar anchova, mirassol e olho de cão. Qual é a diferença de ser pescador? É pescador quem pega garoupa? E eu não sou porque pego marimba? Minha Cooperativa trabalha com peixe de segunda, eu não estou indo pegar grandes peixes, estou indo pegar o peroá, o olho de cão, o marimba... para agregar valor a eles. Aqueles que vocês jogam fora, a gente está agregando valor, mas para isso a gente precisa de tempo e oportunidade para conseguir falar e eles ouvirem, geralmente, eles não querem nem ouvir.

A gente faz uma pesca específica para o beneficiamento do pescado, mas o peixe não escolhe o anzol não, ele quer a isca. Às vezes, por exemplo, a gente pega um peixe de escama que não é utilizado na Cooperativa, isso é bem comum, então a gente leva esses peixes para as nossas casas. Agora, como nós estamos no projeto e a demanda é grande, todo peixe é levado para a Cooperativa, inclusive, o de escama. Entretanto, a gente tem um trabalho maior para limpar e preparar esse tipo de peixe para que ele possa fazer parte do beneficiamento.

Algumas carnes de determinados peixes não são adequadas para a feitura dos alimentos que a gente faz, por exemplo, teve uma época que a gente estava com algumas dezenas de quilos de linguados pequenos, peixe de alto valor comercial, um peixe que é servido em mesas de grandes restaurantes, que nós ganhamos e ficamos muito felizes, porque nessa época estávamos sem peixe nenhum para trabalhar. E fomos limpando, a escama do bicho era minúscula, limpamos tudo e três meses depois ainda tinha escama agarrada por muitos lugares. O que foi mais complicado em toda essa situação foi que a carne daquele peixe não dava a liga necessária para a produção dos nossos produtos.

Então, nós perdemos em torno de 70, 80 quilos de carne de peixe, porque já tínhamos misturado tudo que era preciso para a receita e não conseguimos dar liga, a carne não dá liga. Diante disso, a gente tem que ter essa preocupação de saber que tipo de peixe a gente vai usar para não perder, não jogar alimento fora. Nesse sentido, os peixes sem escamas, a espada, o bonito, o olho de cão, o peroá, o gordinho, o olhudo... são alguns tipos de peixes sem escamas, o que facilita a limpeza, tirou o couro, raspou o peixe e está tudo certo. Esses peixes são bons, são de carne branca.

Essa pintura aqui na parede tem uma historinha. Foi um quadro feito em linhas retas, todo em linhas retas, porque todo mundo fala na harmonia das curvas, e eu de alguma forma queria mostrar que as retas também tem os seu encantos. Nesse movimento, eu comecei a fazer uma brincadeira de autorretrato, mas que não é, porque eu não sou assim, essa elegância que eu fiz aqui, mas que seria um quadro em linhas retas. Entretanto, quando eu conclui eu percebi que eu tinha cometido um grande erro, o quadro tem uma curva, na verdade, um círculo. Eu fiz um botãozinho. Então, eu cometi um grande erro nessa história, e a minha prova foi por água abaixo, mas ficou a história, esse quadro tem uma história agora.

Encontro de 04 de julho de 2021

Eu nunca tive a intenção de nada mais do que deixar registrada algumas lembranças para os meus. E aí, eu acabei compartilhando com algumas pessoas para ver o que elas achavam. Nesse sentido, o número de pessoas que leram essas minhas memórias foi maior do que o inicialmente pretendido, mas eu não tenho pretensões maiores.

A ideia é realmente deixar registrado, a forma eu ainda não parei para pensar, está tudo aqui no meu computador e no papel. Inclusive, uma amiga de São Pedro tem uma filha que trabalha nessa área e fez alguns comentários e sugestões. Eu não me preocupei muito, porque essa não é minha intenção. Eu fico feliz em saber que os meus escritos estão aguçando a vontade, não tenho maiores pretensões. Quem sabe, eu vou deixando aí e se alguém quiser, no futuro, pode fazer alguma coisa com isso.

Quem me conhece um pouco mais através da conversa, compreende um pouco mais dos meus escritos. Eu acredito que você pela nossa conversa, você consiga entender um pouquinho mais além do que está escrito. Na verdade, quando eu penso em deixar aqui para os meus é mais ou menos isso, porque eles me conhecem, mas essa parte eles não conhecem, entretanto, fica fácil vincular a pessoa que eu sou com quem fui na infância e na adolescência. Enfim, e aí surgem outras coisas, histórias alheias, contadas e vividas pelos meus irmãos. Só o tempo vai dizer se eu vou conseguir trazer algumas coisas sobre isso.

Quando eu olho para a trajetória da Cooperativa, assim, eu penso bem no fundo que não era isso que eu tinha imaginado, não era isso que eu queria. Naquela época eu pensava em uma outra história. Como eu já falei aqui, a minha paixão mais acentuada é pela restinga, algo que eu vivi mais intensamente do que propriamente a pesca enquanto atividade, como ação. Quando eu me aposentei, como eu sou bastante ativa, acho que já deu para perceber isso, eu não quis ficar parada e comecei a fazer outras coisas. Fiz coisas das quais eu não imaginava ser capaz, como por exemplo, trabalhar com banco, uma coisa, hoje, eu penso assim: “ai que coisa ridícula, não tem nada a ver comigo”, mas era um trabalho, uma forma de ter retorno financeiro, o que sempre ajuda.

O começo da história da Cooperativa foi quando através do Governo Federal surgiu um projeto chamado Mulheres Mil. Esse projeto levou uma quantidade grande de cursos voltados para mulheres, esses cursos ocorreram no Instituto Federal de Arraial do Cabo. E aí, eu fiquei sabendo disso através da minha sobrinha que, em função da restinga, da nossa vivência com os frutos e com a família bastante ativa nessas questões, falou que iria fazer o curso. E eu gostei da ideia e falei: “eu quero fazer esse curso”, porque falar sobre a restinga, sobre o que eu não conheço será ótimo. Eu vou poder somar mais conhecimento. Na prática, eu sempre busquei, sempre sonhei em ser uma “protetora” da restinga, embora, eu nunca tivesse conseguido fazer nada nesse sentido.

No dia que estava para começar o curso, minha sobrinha me avisou, mas não falou que tinha acabado as vagas, que não podia mais se matricular. Eu falei: “poxa, você me avisa do curso, mas não tem mais vaga, então você vai me dizer que dia vai começar que eu vou lá”. E assim, eu fui junto com ela e mais duas colegas nossas, que moram em Arraial, há muitos anos, e pescavam na Ponta da Cabeça, nos pesqueiros de lula, com a minha sobrinha.

Quando chegou o dia, eu fui no IFRJ e uma das pessoas responsáveis, conhecia meu irmão e veio falar comigo. E eu falei: “eu só quero ouvir. Não é questão de ter certificado, não. Quero ouvir, quero aprender”. Aí me permitiram entrar naquele primeiro dia, foi um dia de apresentações, tinha uma grande roda com pessoas de todos os cursos, não apenas com o curso que a gente escolheu, era a apresentação do grupão.

Na época, eram por volta de 90 mulheres. Começaram as apresentações, até que chegou a minha vez e eu disse: “não, eu estou aqui só como ouvinte” e me responderam: “não, que isso, se você está aqui, você pode falar”. Eu costumo dizer para as meninas que esse foi um erro muito grande de quem me permitiu falar, porque eu falo muito, olha que eu era tímida, não sei em que ponto da vida aconteceu um estalo e eu comecei a falar desembestada, não paro mais de falar.

Então, me deram a oportunidade de falar a respeito da restinga. “Por que você está aqui?” e eu falei: “estou aqui pela minha afinidade com a restinga...” comecei a falar da restinga, das minhas histórias com a restinga. E quando acabaram as apresentações, eu perguntei se eu poderia vir na próxima aula como ouvinte. “O quê? Não, você vai passar agora na sala para fazer sua inscrição, não dá para ficar sem você aqui...”. Eu disse: “está bem”.

Nós começamos esse curso que durou em torno de um ano. Na verdade, esse projeto era para durar um longo tempo, mas nesse mesmo ano, ao final do ano estava difícil sustentar o projeto por causa da mudança de governo. Isso ocorreu no final de 2013 para 2014. Entretanto, durante o curso, cada vez mais, eu me empolgava com a oportunidade de vivenciar essa experiência de laboratório, de aprendizado com os professores, de visitas ao Jardim Botânico, dentre outras coisas. Nestas visitas, eu reativei as relações que eu tinha construído, através do meu irmão, com o Jardim Botânico.

Nesse sentido foi um negócio muito legal. Você tinha informações de várias áreas, porque era uma tentativa de integrar as mulheres com dificuldade em relação ao aprendizado e tudo mais. Nesse processo, a gente foi vendo que era muito forte a questão do cooperativismo, inclusive, tinha aula sobre cooperativismos, trabalho, renda e muito mais.

Sendo assim, eu comecei a conversar com as meninas: “pô, que tal a gente fazer uma cooperativa?”, mas o meu objetivo estava voltado para a restinga naquele instante, eu não imaginava fazer nada a respeito da pesca. Visto que eu raramente estava com elas na pescaria, era muito raro mesmo, mas na hora de fechar a documentação da Cooperativa, nós estávamos organizando tudo para um número de mulheres, sete mulheres, mas só descobrimos com quase tudo pronto, ainda estávamos finalizando o curso, que uma Cooperativa não poderia se formar com apenas sete mulheres, precisávamos de no mínimo 20 mulheres.

Com sete mulheres a gente poderia formar uma associação, mas a formação de uma associação não atendia os nossos objetivos. E, neste momento, já se juntava a ideia da pesca, mas essa ideia era paralela, não era uma ideia muito forte. Nós tivemos ajuda de um dos professores, um sociólogo, porque ele estava saindo do IFRJ e, basicamente, ele vivia de projetos. Esse professor achou que seria um caminho interessante estar com a gente e ele foi muito importante nessa construção documental da Cooperativa. Nós dois que estruturamos toda essa parte legal e estatutária.

Nesse sentido, trouxemos algumas mulheres que diziam: “olha eu só quero trabalhar com as questões de restinga, só quero saber sobre orquídeas e sobre o guriri”. A pesca era, mais ou menos, en passant. Quando a gente conseguiu criar a Cooperativa, quase que semanalmente, tínhamos reunião com o pessoal do meio ambiente do Jardim Botânico e com a direção do IFRJ que junto ao município arranhou uma área pequena para a gente dar o pontapé inicial nos viveiros.

Nós vivíamos, o dia inteiro, com a enxada, o martelo e de facão na mão limpando uma área abandonada que era da prefeitura. Então a gente largava tudo para estar lá de manhã, no período da manhã, a gente utilizava para organizar e fazer as sementeiras, e assim foi.

Entretanto, a questão da pesca começava a acontecer. Primeiro, nós tivemos um curso, depois, o segundo, no terceiro curso, realizado pela Fiperj, foi sobre o beneficiamento, sobre a filetagem. E a partir desse momento, por mais que a gente quisesse focar na questão da restinga, nada acontecia. Na verdade, acontecia essa relação externa, pessoas maravilhosas, interessadas, mas a terra que a gente precisava não aparecia, a gente precisava de um espaço grande, um volume grande. Então, nós não conseguimos.

E nesse momento, após o terceiro curso, a questão da pesca deslanchou de vez. As meninas já pescavam, traziam o peixe, então a gente começou a elaborar a estrutura dos nossos produtos. Antes mesmo de começar a fazer os produtos, nós ganhamos um PCAP de um PEA. Então nós tivemos que alugar, arranjar uma sede rapidamente, porque tínhamos que enfiar dois freezers e algumas máquinas em algum lugar e não podiam ir para as nossas casas.

Sempre tivemos, até hoje, uma metade das mulheres envolvidas e uma outra metade que não quer saber de pesca. Dessa metade que não quer saber da pesca,

metade dessa metade foram as mulheres que a gente integrou para criar a Cooperativa. Tivemos que colocar o nome da minha filha, da minha sobrinha, da filha da outra colega, essas vieram só para compor esse número. Esse é um dos motivos pelos quais a gente tem um número baixo de cooperadas, porque a medida que a gente vai crescendo, também descobrimos que tem muitas dificuldades.

Por exemplo, a lei exige para a pesca e para agricultura familiar que tenhamos 60% das mulheres legalmente constituídas como profissionais da pesca, que tenha a documentação, que tenha o registro no Ministério, a carteira do Ministério da Pesca. Esse fator dificulta ainda mais a inserção de outras mulheres. Além disso, a maioria, infelizmente, não tem conhecimento sobre o que é cooperativismo.

Desse modo, quando você diz para uma mulher, que vive da pesca, que ela tem que trazer o produto da sua pesca, o seu pescado, para entregar a Cooperativa, ela pensa que vai ficar sem nada e que vai entregar tudo à Cooperativa, ou seja, ela não vê o que pode voltar. Então, elas dizem assim: “não, assim não, eu não quero me cooperativar. Não quero ficar na Cooperativa. O trabalho de vocês é bonito, mas eu não quero”. Cria-se essa situação.

Outra parte, uma parte bem ruim, bem chata, e que hoje mesmo é um pensamento bastante forte, vou te dizer isso em primeira mão, é o desejo grande de parar, porque eu acho que eu não consegui inculcar na cabeça delas, da maioria das mulheres, o que eu entendo disso, o que eu gostaria com isso. Então, há entre nós, e eu vou me colocar porque eu estou ali também, embora hoje, eu seja só uma cooperada. Há uma certa, vou colocar essa palavra, mas não sei se é isso não, uma certa animosidade. Uma não aceita o pensamento da outra. Eu não entendo, mas não aceito, e também não procuro melhorar o meu conhecimento.

Há pouco tempo, eu discuti com algumas, porque depois de sete, quase oito anos desse movimento todo de Cooperativa, eu com plena certeza posso dizer que das que estão em atividade, 90% não sabia sequer o nome real da Cooperativa, entende? Então, é uma coisa que pelo amor de Deus. Elas chegam cheias de si: “não, porque você não pode fazer assim, você não pode fazer assado, não pode acontecer dessa forma”. Nesse caso, é muito lúdico para quem está de fora falar sobre o Cooperativismo. É muito bacana, mas quando a gente junta isso tudo em um núcleo só, quando vai vivenciar a coisa, é muito complicado.

Para a nossa sorte, a gente passa o que é bom, o que é bacana, essa parte é linda, mas não há esse envolvimento real, o mergulhar. E isso me deixa muito triste, muito triste. Eu já fui chamada atenção pela maioria, que eu quero ser o que eu não sou mais. Isso porque, eu não consigo ver as coisas sem fazer uma colocação, sem fazer uma observação, sem dizer que está errado.

Agora mesmo, no projeto, nós estamos fazendo o regimento que foi algo que faltou. Na hora de fazer o regimento, cada uma quer colocar uma coisa mais louca que a outra no regimento. Eu digo: “gente vocês precisam entender o que é uma coisa e o que é outra”. Nesse caso, um estatuto vai falar sobre toda parte legal da Cooperativa, o que é legal, o que não é, o que pode fazer e o que não pode. Já o regimento vai rezar sobre as nossas atividades, como a gente vai agir, como a gente vai tomar conta da Cooperativa, de que forma isso vai acontecer.

Entretanto, elas falam: “não, mas só você sabe. Não, mas eu quero que coloque assim”. E eu insisto: “gente, mas olha lá, a gente vai estar ferindo o estatuto, isso não está no estatuto, não é necessário que a gente coloque isso aqui, que a gente coloque uma penalidade em cima disso, porque já está previsto”. Então, isso tudo vai dando um cansaço, mas ao mesmo tempo, eu penso são sete anos, sabe? Sete anos de sonho, eu não sei quais são os sonhos delas, se a Cooperativa é um sonho para elas, mas é para mim. Logo, isso é muito chato, é muito triste você chegar a essa conclusão.

Além disso, eu vou somando outras questões, por exemplo, eu não tenho mais 20, 30, 40 anos. Hoje, eu tenho quase 70 anos, o meu caminho pela frente nessa atividade, nessa área, é curto, eu não tenho muito tempo. Eu até posso ajudar com o meu conhecimento, com a minha experiência, se a minha cabeça estiver plena como está nesse momento. Contudo, se eu pensar nas ações, no trabalho que a Cooperativa demanda, como a pesca e o beneficiamento, meu tempo já está muito curto. Eu me sinto tolhida de fazer. Na verdade, eu quero fazer, eu quero muito fazer, mas eu não consigo mais.

Além do mais, no início de 2020, exatamente em fevereiro de 2020, a gente estava preparando a Cooperativa para as atividades de verão. E eu no meu afã de resolver as coisas sozinha, não tem quem faça, eu acho que ninguém sabe fazer, então, eu meto a cara e vou fazendo, principalmente, quando é na minha área de construção.

Sendo assim, eu subi na laje da Cooperativa, acho que tem três metros de um lado, mas do outro tem quatro e pouco de altura, estava tentado amarrar uma lona para a gente fazer uma proteção contra o sol e o vento. O marido de uma colega estava lá embaixo com a escada na mão, mas ficou alto para eu descer, porque eu entrei pela parte mais baixa e fui para a parte mais alta, a escada não galgava na laje para eu descer com segurança.

Então, o colega falou: “pisa que eu seguro aqui embaixo” e eu malucamente resolvi confiar. O que aconteceu? Eu coloquei o primeiro pé e ele não segurou. Eu despenquei de quatro metros e pouco direto no chão, mas as mãos divinas, mãos de bons espíritos conseguiram me segurar, mas eu fiquei com marcas até hoje. Estou com a marca do corte aqui em cima da sobrancelha e fiquei com um problema na visão, porque, teimosamente, eu não fui ao médico, sabe?

Na hora, eu vi que era um corte e resolvi curar para continuar trabalhando. Hoje, eu sinto o resultado disso. Portanto, eu sou extremamente afoita em relação a isso, eu tenho que me controlar, eu já não posso mais. Isso dói! O fato de eu saber fazer e meu corpo não responder mais me dói. Então, hoje, eu teria muita coisa para fazer na Cooperativa, mas eu me limito, entende? Não posso, não consigo, não vou fazer e essa parte de não poder fazer me deixa, realmente, muito triste.

Mesmo diante dessa situação, na qual eu acho que de repente a gente está chegando em um ponto difícil em relação às decisões na Cooperativa. Está acontecendo mil coisas, muitas coisas boas, mas ao mesmo tempo, a visão de cooperativismo, nesse caso da nossa Cooperativa, a colaboração, a cooperação entre as mulheres, os afins ficaram um pouco para trás, não existe.

Hoje, são outras coisas que estão mais em evidência para a maioria. Eu vou tentar fazer o meu melhor, o futuro é importante para as mulheres que poderão ser agregadas à Cooperativa. Nós nos tornamos conhecidas no Brasil, sabe? Talvez muita gente, internamente, dentro de Arraial, não nos conheça, mas por outro lado, somos conhecidas no Brasil. Por exemplo, no meio universitário, a gente é muito procurada e dentro da pesca, na Região dos Lagos, Macaé, Rio das Ostras, uma série de lugares, muitas pessoas já nos conhecem, conhecem o nosso trabalho.

O nosso trabalho está fincado no propósito da legalidade e de ser legal. Quando se fala em lei, a maioria das cooperativas e das associações que a gente encontra por aí não tem a documentação necessária. Por exemplo, nós temos um grupo, lá em

Arraial, que ganhou esse mesmo projeto que a gente ganhou, só que eles não levaram, porque na hora de fechar a documentação, eles não tinham.

À vista disso, pelo menos para mim que fui uma das pessoas que agiu mais nessa área, me deixa bastante feliz, se é possível dizer, até orgulhosa, porque a gente conseguiu organizar legalmente a Cooperativa, mesmo que não tenha colocado todos os nossos propósitos na cabeça da maioria das cooperadas, mas a gente conseguiu, no papel, estruturar as coisas e ter condições de participar de projetos. Como agora, na pandemia, a gente sobreviveu, pelo menos, estamos nesse momento, com a cabeça fora d'água, respirando, inclusive, por poder vivenciar alguns recursos extras.

Em agosto, o projeto acaba e as coisas vão ficar difíceis, mas estamos tentando mais um projeto, um projeto bem diferente desse que a gente realizou que foi só nosso, porque esse novo projeto é estruturado para três, quatro grupos cooperativados com uma “mãe” administrando tudo isso. A gente espera conseguir, mas se a gente não conseguir, a situação ficará bastante difícil, será mais uma situação de dificuldade.

Eu não sei se era isso que você queria saber, mas é isso que me veio à mente. Como eu falei para você, parece que eu estou fazendo uma terapia quando eu estou falando com você e me vem as coisas que eu ainda não falei para outras pessoas. Vem essas coisas, esses sentimentos difíceis, não apenas as maravilhas, não é mesmo? Muito pelo contrário, é muito difícil ver a situação da Cooperativa, a luta é grande, é árdua.

A nossa relação, com os outros atores no município, eu não diria ser boa, é constante. Existe essa diferença entre ser boa, porque há uma política muito intensa. O que você faz e se destaca cria uma situação difícil de administrar. Então, a gente participa de todas as áreas que envolvem a pesca artesanal em Arraial do Cabo, ou pelo menos eu imagino que a gente participe.

Primeiro vem da nossa própria origem, somos de família de pesca. Depois, a gente passou a se integrar a todas as entidades envolvidas com a pesca, todo os PEAs que estão na cidade e na colônia a gente é bem ativa. Todas as cooperadas que estão ativas são cadastradas, têm carteirinha da colônia, não significa muito ter essa carteirinha, mas todas têm. Além disso, a maioria tem o registro, a carteirinha do ICMBio que é responsável pela RESEX.

Em relação à RESEX, já fazíamos parte, mas hoje, a nossa presidente faz parte do conselho da Reserva, ou seja, ela tem voz de voto. Além disso, no PEA Pescarte, eu já fui do grupo gestor por dois anos, desde 2014 a gente está junto com o Pescarte e agora, eu fui escolhida para ser do grupo integrador. Nesse grupo, reúnem-se dez município com representação de dois participantes por município.

Ademais, eu faço parte do Conselho Regional de Desenvolvimento Rural Sustentável no qual agrega a questão da agricultora em todas as áreas, também abraçando a pesca. Nesse caso, eu sou conselheira suplente, mas faço parte, estou sempre presente, as reuniões mensais eram físicas, mas agora são virtuais.

Então, na colônia como eu falei, a gente está lá, conhecemos, até ajudamos a eleger o presidente que está lá, mas é uma relação mais complicada, o machismo ainda é uma questão muito delicada, muito delicada de ser tratada. Por mais que a gente tenha penetrado em algumas áreas e eles ficarem às vezes quietinhos, calados em alguns momentos, ainda ouvimos algumas gracinhas: “se dizem pescadoras? Que pescadoras são? Que Cooperativa porcaria nenhuma existe aí. Nunca ouvi falar”.

Quando a gente ouve aquele que tem coragem de falar para que nós ouçamos, em tal caso, ele vai ouvir, porque uma ou outra vai se pronunciar a respeito e vai falar sobre a nossa história, mas não é fácil, não é fácil.

Hoje, por exemplo, uma coisa muito difícil de ultrapassar foi que nesse projeto houve uma imposição de nós comprarmos peixe, porque o que a gente pesca não é o suficiente para o nosso trabalho, além do fato do pescado estar difícil na nossa região, pelo menos para a pesca que a gente faz. Então, nós tivemos que comprar o peixe e o projeto exige que a compra seja feita com nota fiscal. Onde você acha isso? A questão legal que eu vinha falando com você. Assim, a coisa mais rara é você encontrar um pescador que tenha como vender o peixe para a gente.

Quando a compra é feita pela Cooperativa, a pesca entra como pescaria e a gente ameniza o problema. Chegou um barco de pesca com cinco toneladas, duas toneladas do peixe que nós usamos, por exemplo, o olho de cão. Aí você chega lá e pede cinco caixas, são 100 quilos, mas nós não temos espaço para armazenar, nosso freezer não cabe, vai estragar peixe, nós vamos jogar dinheiro fora, não cabe.

Muitas vezes a gente escuta: “ah não, já vendemos tudo”, outras vezes, o peixe está sendo vendido ao atravessador a dois reais o quilo e a gente pede cinco caixas, e falam: “está quatro reais”. “Como assim? Você estava vendendo a dois”. Eles falam

que: “é porque ele já compra da gente, ele tem peixaria, ele leva para o Rio...”. Então, esse tipo de situação é bastante difícil.

Inclusive, eles nos chamam de gaivotas, nunca chegamos para pedir peixe, sempre chegamos para comprar. Gaivota é aquela que chega e tem comida fácil e vai embora. Então, eu não entendo o apelido que eles colocaram, porque não cabe, nós sempre chegamos para comprar.

Ainda em relação ao machismo, ele é tão forte, ainda hoje, por exemplo, nós estamos em um barco alugado só para mulheres, e vamos sair para pescar em determinada área, quando chega no horário deles, eles querem que a gente se retire do lugar, porque ali é a área deles pescarem. Na cabeça deles, nós não temos direito algum de estar ali. Se você for criar uma situação e dizer assim: “poxa, mostra o seu documento. Você tem mais direito do que eu, então mostra o seu documento”. Ninguém tem o documento que a maioria das mulheres que estão no barco têm.

Assim, essa é uma peleja bastante delicada e complicada. Então, eles desconhecem, o cabista desconhece a Cooperativa por não querer conhecer, entende? O pescador, por não querer, porque faz questão que esse desconhecimento aconteça, e o cabista em si, a sensação que eu tenho, essa é uma análise minha, é que está dando certo, porque está dando certo para elas e não dá para a gente, sabe?

Por exemplo, nós temos vizinhos que nunca comparam um saquinho de quibe para experimentar. Temos hamburguerias perto, a gente já foi lá negociar “é um hambúrguer diferente, é bacana, é gostoso vamos tentar?” Eles dizem “não, fuge muito do que eu faço”. Como assim? É hambúrguer de uma carne diferente, uma carne nobre de peixe, além disso, muitas pessoas não comem carne vermelha, mas eles preferem não fazer.

Nesse sentido, eu fico me perguntando: “o que fazer para acessar essas pessoas?”. Eu não consigo. Imaginávamos que, com a internet, com o trabalho bem feito como está sendo agora, a gente conseguiria fazer uma quantidade de clientes mais acentuada, mas não, pelo contrário, o retorno dos nossos clientes está sendo forte, mas poucos são novos.

Contar a história da Cooperativa, falar e perguntar: “que legal, não sei o quê”, mas fazer com que isso se torne, realmente, firme. Eu não vejo como. Não com esse abraço das pessoas, não com o amparo, não com o apoio dessas pessoas. Tem pessoas maravilhosas sim, tem homens maravilhosos que nos ajudam sim, mas é

uma minoria. Então, essa é uma questão muito delicada, muito triste. Eu não sei se eles assumiriam, por exemplo, em uma entrevista, em uma conversa, falar sobre isso, mas para gente é bastante evidente.

Em algumas situações a gente percebe até aquele ato falho: “não, o pescador fulano...” e no meio do caminho falam: “as nossas pescadoras...”. E te digo mais, a própria mulher tem a sua participação. A gente sabe que o machismo só existe mais por causa de nós mesmo, mulheres que fazemos os nossos filhos os maiores machistas. Sabemos que isso é bem comum.

Além disso, as próprias mulheres que se envolvem com a pesca não querem participar do cooperativismo conosco e, ainda, gostam de falar contra, não vendem para a gente o produto da pesca delas, por exemplo, nós tivemos a oportunidade de presenciar uma colega dentro do próprio barco: “fulana vende o seu pescado de hoje? Nós vamos juntar para a Cooperativa”. E ela: “não, hoje, não vou vender, eu vou levar”.

Diga-se de passagem, que ela vai para a marina de carona com o carro que a gente vai, levamos as tralhas dela para aliviar, porque é uma pessoa de idade. Quando ela saltou do barco foi logo na frente, mas quando a gente chegou, estava ela vendendo o pescado para outra pessoa. Sendo assim, até a própria pessoa do mesmo gênero, as próprias mulheres trazem uma dificuldade bastante acentuada para a gente.

Agora, nesse projeto, a Cooperativa está dividida. Algumas delas acham melhor não receber nada e esperar que a gente consiga dinheiro para pagar os compromissos da Cooperativa, do que participar ganhando menos, ganhando um pouco. Isso é loucura, nós estávamos ganhando nada e tínhamos que pagar na pandemia aluguel caro, energia elétrica muito cara e água cara, porque a gente consome bastante água, mas optaram por não participar com a justificativa de que ganhar duzentos reais por quatro horas de trabalho na semana é muito pouco, mas como é muito pouco? Se trabalhava de graça e por muito mais tempo de trabalho, de graça que eu digo é sem o retorno por causa da pandemia.

Então, houve uma divisão, das oito que estão em atividade, estão ocupando de duas a três funções para compor, para não faltar o projeto. Na verdade, eu não sei se o que eu estou falando vai interferir no trabalho que você faz, mas é importante que a gente fale sobre isso, é importante que você perceba que o negócio não é a beleza que está do lado de fora, que é bacana, que é um trabalho fantástico para a gente, eu

acho, mas que não acontece dessa forma lúdica de mulheres, o objetivo era serem mulheres nativas e deixou de ser.

No meu ponto de vista, hoje, esse é o fator que traz o maior problema para a nossa Cooperativa, porque elas não conseguem alcançar o que a gente quer com essa questão do ser nativo. Verdade seja dita, quando a gente abraçou a ideia de elas estarem conosco, o pensamento era “veste a camisa e busca entender o que é isso”. E assim, você passa a ser uma nativa, não precisa ter nascido e vivido aqui. Entretanto, não foi o que aconteceu, não houve esse interesse de buscar esse conhecimento, de entender qual era esse mecanismo, isso não aconteceu.

Então, eu, uma ou outra, tentamos. Na verdade, eu acho que sou eu que sonho demais e queria uma coisa diferente. Gostaria de poder passar, transmitir esse pouco de saber, dessa vivência que eu tive. Acho que é meu, então talvez todo esse problema que eu esteja te relatando pode ser por eu ser assim, por eu querer sonhar com uma coisa diferente. E elas não estão nem aí para isso, elas não estavam pensando nisso, não estavam vestindo a minha camisa, o sonho é meu. Elas estavam no sonho delas de ganhar, de ter recurso e de ter poder, porque algumas querem, realmente, ter a direção da Cooperativa na mão, não sei por qual motivo, porque não é fácil.

Hoje, eu ainda ajudo bastante quem está dirigindo, ela pensa que é menos do que eu deveria, mas é mais do que eu posso, do que é permitido. Eu tenho uma irmã que é cooperada junto comigo, e te digo mais, esse é um dos meus maiores problemas na Cooperativa, ela disse assim: “você deixou a presidência, mas a presidência não te deixou, porque você continua presidente, você diz que não é, mas continua presidente”, dessa forma bem debochada.

Inclusive, ela é uma das cooperadas que não quis receber, não quis trabalhar nesse projeto. Sendo assim, são sonhos meus, uma sonhadora ainda acreditando, mas sabendo que o tempo está ficando curto para que o sonho se realize.

A questão de ser mulher, de gênero, ocorreu de uma forma bem natural, porque a Cooperativa nasceu com as quatro mulheres que estavam no curso, então eu não via outro caminho. Na hora que a gente resolveu criar a Cooperativa, nós vimos que a questão de gênero naquele instante, e até hoje, é importante. Sendo assim, a Cooperativa nasceu e essa questão, vamos dizer, assim, é a nossa frente, o que temos de mais forte para apresentar? São as Mulheres Nativas, mulheres que brigam

pelo que querem, mulheres que ocupam os espaços, mulheres que se propõem a ajudar na recuperação, a trazer de volta os espaços que foram degradados, como, por exemplo, a restinga, mas até hoje não foi feito.

Nesse sentido, a gente caminhou, mas eu torno a dizer para você, não sei se todas que conversarão com você pensarão da mesma forma que eu, porque esses eram os meus pensamentos íntimos, isso era a questão que a gente colocava lá. Essa questão era chave, porque a pesca naquele instante não estava acontecendo para a gente, estava acontecendo para algumas, mas não era forte. A pesca passou a ser forte e a gente abraçou, como eu disse a você.

Muitos dos meus sonhos eu realizei, mas alguns voltados para a parte ambiental, a própria restinga que a gente vê acabando, mas estávamos de mãos atadas, sem conseguir fazer nada, porque a medida em que a Cooperativa deslanchou na pesca ninguém fala, ninguém tem força para falar, também, a respeito do nosso outro lado. O que eu apresento? O que a gente vivenciou enquanto Cooperativa em cima disso? Muito pelo contrário, nós largamos, deixamos no meio do caminho, portanto, será que vão ligar?

Então, essa parte do meu sonho não aconteceu, por exemplo, para mim essa vivência de conhecimento, de expansão de conhecimento durante esses sete anos de cooperativismo me trouxeram uma abertura de conhecimento. Eu posso te dizer que em grande parte da minha vida, longos anos da minha vida, não aconteceu nada disso, as vivências, o conhecimento e as relações foram acontecer depois da existência da Cooperativa. Nesse sentido, a medida que as pessoas chegavam com alguma coisa que eu desconhecia, eu começava a ir à luta em busca de orientação, de informação.

Desse modo, eu cresci muito, tive uma construção pessoal bastante grande. Eu tenho certeza absoluta, não tenho nenhum problema em dizer que era uma coisa que faltava. E tem outro lado que acaba trabalhando um pouco, o ego. Principalmente, quando eu falo da minha luta em relação a tudo isso e recebo um elogio, um retorno, um reconhecimento de ser importante. Assim sendo, esse é o retorno que eu tenho hoje, o retorno da Cooperativa, na minha opinião, é esse, toda essa construção pessoal e a satisfação do ego através do reconhecimento, talvez, não ocorra por alguns que eu gostaria que tivesse, mas fico feliz por todo o restante.

Por exemplo, o estar conversando contigo agora, nesse tempo todo, aos domingos, a gente falando sobre isso me traz esse meu reconhecimento nessa história. Eu consigo ver quem eu era, onde eu estava em 2013 e quem eu sou, onde eu estou agora. Então, houve um acréscimo muito grande. Foi por causa da Cooperativa? Foi sim, sem ela eu não teria feito isso tudo sozinha, mas a busca foi minha. Eu não posso transferir essa vontade para ninguém. Esse lado foi muito importante para mim.

Caso aconteça da gente ter que deixar a Cooperativa no meio do caminho, vai fazer falta. Eu acho que é uma coisa muito importante, o conversar com as pessoas, o falar, o colher informações e o colher conhecimento. Hoje, eu acho que é tudo que eu precisava nos meus 20 anos, eu não tive, mas aconteceu agora.

Além disso, o fato de eu expor sobre esse conhecimento é muito legal. Então, o meu sonho era de fazer algo muito maior em relação à terra que eu vivo, à terra em que eu nasci, à terra onde eu tenho marcas e deixei marcas. Como eu falo nos meus pedaços de retalhos, essa construção de vida está nessa terra e isso é uma paixão, uma paixão.

Assim sendo, ver determinados acontecimentos que eu não posso atender e presenciar que outros tantos poderiam fazer tantas pequenas coisas para transformar a nossa cidade, uma cidade tão pequena em algo tão grande, e não acontecer isso, é muito triste. É muito triste ver o turismo devastador que acontece na nossa cidade.

Ultimamente, eu tenho me voltado a estudar um pouquinho, por exemplo, os grandes naufrágios que aconteceram aqui na região de Arraial do Cabo. Estava pensando em falar um pouco sobre isso nos meus escritos, mas de uma forma não tão científica do que aconteceu em relação à maré. Gostaria de falar de uma forma mais simples, a forma de conhecer o fato, por exemplo, o naufrágio do navio inglês, que é considerado o maior naufrágio, em termos de recursos financeiros, aconteceu aqui.

A gente precisa fazer o próprio nativo, o cabista mais novo, conhecer o que a gente tem de história. Acho que a nossa história pode fazer aflorar uma cidade muito mais bonita do que esse turismo devastador que está acontecendo, sabe? A história pode fazer despertar em algumas pessoas o interesse em conhecer mais sobre a época do império e o que aconteceu em Arraial. São histórias bastante interessantes que vêm me despertando.

Nesse sentido, eu vou te dizer mais, eu não consigo ter ações mais fortes fisicamente falando, então eu tenho buscado, dentro das minhas possibilidades, algumas coisas que eu possa fazer. Tem uma outra coisa que é bastante importante para a gente que conhece a região, eu falo nossa região como um todo, que são os pontos da cidade que tinham um nome, uma identificação e que, de repente, as pessoas chegaram e não é mais assim. Por que não é mais assim? Que loucura invade a cabeça das pessoas para mudar, para mudar a identificação das coisas?

Eu entendo assim, nomes tão legais, tão marcantes, viraram um negócio que não tem nada a ver. Por exemplo, o arpoador, hoje, é o deck dos pescadores que não é de pescador. As pessoas vão para tirar fotografia ali. Tem o lanço d'água, ouve, é até bonito, colocaram o nome de praia da sogra. Então, eu estou só pincelando algumas coisas para que você entenda como é ruim você constatar isso e não poder fazer nada, não poder fazer nada, só falar ao vento e quem estiver perto que vai ouvir as suas reclamações, ainda vai falar: "você é muito chata, você fica se repetindo demais". Eu não posso fazer outra coisa, eu só posso repetir até que alguém ouça.

A história está sendo mudada, não é contada mais da mesma forma. Não acontece dessa forma. Sendo assim, minha ideia é tentar com as mãos e com minha voz jogar um pouquinho disso e deixar registrado em algum lugar. Conforme a gente conversou, eu não sei ainda, mas de repente alguém pega e um dia começa a fazer algum registro a respeito disso.

No futuro, alguém pode me ajudar a fazer essa identificação das coisas desse pequeno núcleo chamado Arraial, onde eu estou situada, embora eu esteja aqui em Cabo Frio, eu estou situada em Arraial. Tem uma passagem bíblica que diz: "onde está teu coração, ali você está, ali estão os seus sentimentos". É mais ou menos assim.

A Região do Lagos, eu não tiro Búzios, nem Cabo frio dessas histórias também, embora eu tenha vivido muito menos histórias nesses dois municípios, eu costumo dizer que eu pertencço a esse núcleo. Podem me chamar de buziana, de cabofriense ou de cabista que está de bom tamanho. Isso tudo era um município só, era uma mesma história.

Enfim, mas é isso, a gente pode ficar para a semana que vem. Se a gente puder, se você puder conversar nessa minha terapia dominical, na verdade, eu só falo sobre mim. O seu trabalho tem que ver com a Cooperativa, tem que contar com a

Cooperativa, eu não posso fazer nada em nome delas, mas no que eu puder ajudar, eu estou aqui.

Encontro de 18 de julho de 2021

Essa semana foi de muito trabalho, a gente está na reta final do projeto, então tem muita coisa, começamos os relatórios e essas coisas todas. Além disso, o nosso barqueiro teve um problema sério na visão, ele rasgou a retina e teve que operar no Rio. Então, o maior problema foi realmente a saúde dele. E também, nós não conseguimos pescar o que acaba complicando um pouquinho as questões nessa reta final de projeto. No mais estamos indo.

Nós terminaremos o projeto na primeira semana de agosto, as ações irão até o dia sete, mas a parte complementar e burocráticas teremos mais alguns dias para finalizar. Agora, nós estamos tentando participar de um outro projeto da FUNBIO também, mas é um outro esquema de projeto, não é parecido com esse não. Vamos tentar conseguir esse projeto para manter um pouquinho mais a Cooperativa. Isso porque ainda não está tudo liberado. Nós não estamos conseguindo abrir e trabalhar.

Na verdade, a gente não está recebendo o retorno necessário para cumprir com os nossos compromissos, entendeu? Muito difícil, por mais que a gente esteja trabalhando e você vê que toda semana eu te mando duas, três publicações em mídias diferentes. Mesmo assim o retorno está complicado. A cidade está com bastante movimento, mas a gente não pode fazer as nossas atividades da forma que a gente fazia, mais aberta, mais ostensiva.

Hoje, está mais restrito ocorre pela internet, às vezes, a gente atende as pessoas no portão, elas não entram. Então tudo isso reduz bastante as nossas vendas. Antes, a gente tinha a possibilidade de receber as pessoas de uma forma mais aberta, brincar, conversar, soltar o papo, mostrar os nossos produtos e convidar as pessoas para conhecerem as instalações da Cooperativa. Tudo isso gera um envolvimento. E nesse caso, a gente não consegue mais.

Além disso, não tem nenhum apoio dos órgãos públicos. Pelo contrário, se pudessem estavam amarrando mais ainda a nossa situação. Por exemplo, o nosso

terreno já era para ter saído. Agora, nós estamos pensando como vamos conseguir recursos para subir a nossa sede, porque alguém foi ao Ministério Público denunciar. Eu tive que responder duas vezes. Eles querem saber até o que a gente está produzindo, quanto a gente produz por mês, um negócio louco. O que isso tem a ver com o pedido de um terreno que já foi aprovado pela Câmara dos Vereadores por unanimidade? O prefeito autorizou e estamos dependendo apenas do RGI. Isso é sinal de que eles não querem liberar mesmo, querem deixar parado. Então vamos ter que arranjar outra forma de trabalhar.

Desde o início, essas dificuldades ficaram bastante claras para a gente, sabíamos que nós iríamos enfrentar bastante dificuldade. Inicialmente, foi a questão financeira mesmo. Para nos instalarmos, entramos com a cara e a coragem, nós tiramos do nosso próprio bolso. E foi assim, a gente tinha recebido um PECAP que é um projeto de compensação ambiental.

Nesse caso, foi de uma petrolífera que eu não lembro o nome. E na época a gente teve que alugar os equipamentos e essas coisas para começar a trabalhar, mas onde? Porque a gente não tinha um local físico, estamos apenas no papel, então tivemos que alugar um espaço. A partir desse momento a gente viu que a nossa luta seria bastante grande.

No começo, nós percebemos a questão do machismo muito forte. A gente já conversou sobre isso. Essa foi a primeira beira que nós encontramos, além das dificuldades. Eu diria que 50% ou mais das mulheres que não estão envolvidas é porque não tem recursos, não participavam da doação de recursos para cumprir com o aluguel, a água, a luz, com essas coisas. Sendo assim, a gente viu que a luta seria grande.

Posteriormente, a gente veio a perceber que o nosso estilo de pesca não atenderia as nossas demandas, as nossas necessidades enquanto Cooperativa. E assim acontece realmente. A pesca que a gente consegue fazer, vou dizer para você, ela é mais para uma satisfação pessoal, do nosso desejo, da nossa vontade de estar no mar pescando do que para cumprir com os compromissos da Cooperativa. Isso porque, nós precisamos de 60 quilos por semana que é o que a gente trabalha hoje.

Entretanto, quanto a gente sai, pega 10, 12, às vezes nenhum quilo, depende muito do período. Por exemplo, esse período de maio até setembro, é um período muito difícil para a pesca. Para a gente é uma época de muita ventania, são os ventos

leste, ventos mais fortes e a Marinha impede a saída do barco, ou seja, tem uma série de coisas que dificultam. Isso faz parte do nosso evento de pesca, isso é natural. Entretanto, a falta do nosso pescado se apresentou e era uma coisa que a gente não fazia ideia. Hoje, a gente sabe que para a Cooperativa andar de verdade nós temos que comprar peixe, não tem jeito.

Quando você torna a coisa legal como a nossa hoje, quando eu digo legal é estar com a documentação legalizada, as coisas se tornam ainda mais difíceis. É muito louco pensar nisso. Você pensa que com a legalização as coisas serão mais fáceis, mas não acontece assim. Por exemplo, você tem que comprar e ter nota fiscal para a comprovação da compra. E aí você corre por todos os lugares e você não encontra um que tenha nota fiscal, que emita a nota fiscal. É o que está acontecendo com a gente nesse projeto de agora.

No projeto, nos foi permitido conquistar peixe em outro lugar, mas estatutariamente nós temos algo de muita importância que seria o peixe sair apenas da nossa reserva. A gente precisava fazer esse movimento para que o dinheiro circulasse dentro da cidade, contudo, não tem como. Sendo assim, como o projeto nos autoriza a comprar o pescado de outro lugar, a gente está saindo de Arraial para ir buscar em São Pedro ou Cabo Frio. Nesse movimento, às vezes a gente paga muito mais caro.

Hoje, a gente está pagando 23 reais o quilo do camarão com casca em Cabo Frio. Ao limpar, descascar o camarão, você perde a metade. Logo, o quilo sai a 46 reais. Quando você vai fazer o produto as pessoas dizem “está muito caro”. Gente como assim está muito caro, o quilo do camarão está 46 reais.

Por exemplo, a gente vende um escondidinho, uma comida bacana, gostosa e boa por 15 reais, mas o povo acha caro. Sendo assim, a gente tem toda essa dificuldade de acesso ao nosso produto básico para fazer as nossas coisas. A gente não vislumbrou essa dificuldade inicialmente. Dizem que é tudo muito fácil, o peixe está aí, mas não é bem assim.

Mesmo no novo projeto que a PESCARTE está idealizando para a gente, eles pensam que é fácil, o peixe está aí. Eu digo: “gente, não adianta falar que é fácil, não é dessa forma”. A gente está tendo essa experiência, está vivendo isso, realmente, é muito difícil. Principalmente, porque nós trabalhamos com determinadas espécies de

peixe, não pode ser qualquer peixe que chega na Marina dos Pescadores que nós podemos trabalhar.

Nessa experiência agora, mais uma vez, assim como eu te contei sobre a grande quantidade de linguado que a gente ganhou e não serviu. Dessa vez, apareceu a possibilidade de comprar um peixe que não é da nossa região, mas é um peixe branco, um peixe bom e estava no preço bom aqui em Cabo Frio. A gente resolveu comprar uma caixa já que o projeto estava pagando e não tinha problema sobre a origem do peixe. O peixe é chamado de panga, você já ouviu falar?

É um peixe maravilho, bonito, carne branca, realmente, muito bom, mas não é daqui, ele é importado. Nós preparamos tudo e quando fomos bater a carne do peixe eu falei: “esse peixe não vai servir”. Então tivemos que parar de bater para testar, tentar fazer outra coisa, mas infelizmente, a carne não deu liga.

Sendo assim, a gente investiu uma grana nesse peixe, mas não deu certo. Essas são algumas dificuldades esperadas. Naturalmente, a gente vai testar alguma carne ou outra. No entanto, na minha opinião, bem entre nós, a dificuldade grande que eu vejo hoje, são as cabeças pensantes ou não pensantes das nossas colegas cooperadas. Essa é uma situação bastante difícil, você lidar com as diferenças de pensamento e de compreensão das coisas. E isso não foi esperado. A gente acha sempre que como estamos em família, entre amigas, pessoas muito chegadas que todas concordarão, todas acharão juntas o caminho para fazer da melhor forma.

Nesse sentido, eu já te falei sobre isso também, essa coisa lúdica da cooperativa, quando a gente vai executar o negócio quem está de fora acha uma coisa maravilhosa, mas nós que estamos no centro da coisa, vemos que essa coisa bacana se esvai bastante. Então para você levar adiante é com muita luta e com muita perseverança, sabe?

Hoje, eu preferi não estar dentro do conselho administrativo, mas eu não consigo me afastar porque precisam muito de mim, mas ao mesmo tempo elas acham que eu não deixei a presidência. Assim, eu quero me afastar, mas sou chamada. Quem tem corrido atrás de projeto sou eu junto com a Margareth, nossa presidente hoje, uma pessoa que eu consigo impulsionar um pouco.

Essa situação, hoje, eu diria que é a coisa mais difícil, é o que tira o brilho e o ânimo do nosso trabalho. Por exemplo, não há compreensão que o projeto é para compor e ajudar a Cooperativa. O projeto é importante para que a gente mantenha as

atividades e que futuramente a gente consiga a produção necessária para uma recompensa no caso monetário.

No entanto, elas preferem se negar a participar dos projetos, algumas delas estão há seis meses sem pisar na Cooperativa. Agora, eu espero que a gente consiga conquistar esse novo projeto que tem duração de mais um ano e meio, ou seja, elas vão ficar sem pisar na Cooperativa porque elas não querem participar.

Dessa forma, fica muito difícil compor e recompor essa ausência com outras mulheres. É um negócio de louco, só a gente vivendo a coisa para sentir como é. Nesse sentido, até a conquista de outras mulheres fica muito difícil porque essas cooperadas passam a malhar do lado de fora os acontecimentos que não agradam. Ao invés de virem conosco para solucionar os problemas. Olha que somos poucas, somos 23, mas dessas apenas 12 estão trabalhando ativamente. Então eu diria para você que com muita tristeza se a gente não conseguir um caminho melhor dentro de um ano e meio essa Cooperativa talvez não exista mais, entende?

Ainda assim, vai ser uma luta grande e eu não sei se eu terei ânimo para continuar lutando e fazendo o que eu venho fazendo. Eu tenho ficado uma semana fora da minha casa sem meu marido, sem minha filha, porque o combustível está muito caro para eu ir e voltar todos os dias. Por consequência, eu fico na casa da minha irmã, essa semana eu fiquei de segunda a sábado que foi o dia que voltei para casa.

Amanhã eu tenho que voltar, já me ligaram, tem trabalho, tem relatório, tem não sei o quê, eu tenho que voltar. É com muita vontade que dê certo que eu continuo lutando, muita, mesmo. Como eu tenho falado, eu sempre falo com muito amor, com muita vontade que tudo dê certo, que a gente continue, mas os pensamentos não são semelhantes, infelizmente, não são.

A gente tem tentado integrar novas mulheres, mas existem senões no meio do caminho. O primeiro é legal, porque a Cooperativa para ser considerada uma entidade de economia familiar, de agricultura familiar, no caso da pesca, ela tem que ter 60% dos seus componentes envolvidos legalmente com a pesca, ou seja, documentados. Esses componentes podem até não pescar, mas precisam estar documentados e fazer aquela comprovação mensal sobre o que pescou, quanto pescou, esse negócio todo e isso é muito difícil.

Como eu tenho conversado contigo, a questão do pescador legalizado é um negócio que aconteceu a pouco tempo, ou seja, a maioria não queria nem saber de legalizar. Por exemplo, eu tenho um irmão de 76 anos que ele até hoje não tem um documento legal da pesca, não recolhe o INSS, nada disso, porque nunca se interessou por mais que a gente brigue. Então há esse impedimento, vamos dizer assim, como é que a gente vai colocar uma mulher para dentro se ela não tem documento? Quando eu coloco uma, eu tenho que estimar esse volume de mulheres para que nós consigamos cumprir esses 60%.

Portanto, quando a gente pensa em colocar outras mulheres tem que primeiro fazer a pergunta: Você tem documentação? Você tem possibilidade? Como está isso? Se não, não adianta para a Cooperativa. O nosso objetivo é servir ao poder público, sabe? Escolas, creches, Marinha, Exército, o que tiver por aqui. Essas são entidades que a gente poderia fornecer, mas para isso tem que ter a documentação. Se eu não tiver documento, eu não consigo fornecer.

Nesse caso, quanto mais colocarmos pessoas sem documentos, fica mais difícil conseguirmos alcançar essa possibilidade de fornecer para o poder público, seja ele municipal, estadual ou federal. Isso é muito importante para a gente.

Outra dificuldade é que nesses sete anos a entrada de recursos foram poucos, porque a gente começou do zero como a gente conversou. Entretanto, hoje, a gente tem um nome, uma história, sabe? Somos reconhecidas pelo nosso produto e pelo nosso trabalho. No entanto, as pessoas não querem saber de nome, não querem saber do trabalho e não querem saber da nossa história.

Na verdade, elas querem saber quanto vão ganhar no final do mês, querem saber o quanto vão trabalhar. “Ah, mas se eu não trabalhar, eu vou receber se vazar o petróleo em algum lugar? Eu vou receber dinheiro do Incra? Eu vou receber dinheiro do auxílio defeso?”. Então são esses os conceitos e pensamentos.

Nós não podemos dizer que sim, isso não depende da gente. Porém quando você não tem essas respostas e exige determinadas coisas, e precisamos exigir, as pessoas dizem: “eu tenho que dar o que eu pescar para a Cooperativa e receber quando for vendido, não quero. Eu vendo a oito reais e pago minha saída, assim está muito bom”.

Sendo assim, as grandes dificuldades, na minha opinião, são a falta de apoio financeiro de lugar nenhum, não existe o amparo de nenhuma entidade pública, como

por exemplo, o caso do nosso terreno. Se nós não pagássemos aluguel, a história seria outra, mas temos que pagar um aluguel caro, a nossa conta de luz também, hoje a gente paga entorno de 800 reais de energia elétrica sem estar com todos os equipamentos ligados.

Portanto, a luta para permanecer com a ideia de cooperativa é grande. Ainda estamos aqui, porque a gente gosta muito de fazer, de contar história, de conhecer pessoas e gosta muito de aprender, sabe? E eu gosto muito de falar, porque se não seria um negócio complicado.

Às vezes eu fico pensando como que eu falo tanto hoje. Eu sempre fui uma pessoa muito introspectiva, muito tímida mesmo, eu tinha vergonha de falar, eu tinha vergonha de vestir uma roupa mais chamativa para não chamar atenção para mim. Hoje mesmo eu estava conversando com minha filha sobre isso. Não sei o que aconteceu no meio do caminho. Acho que é a idade que vai tirando a nossa vergonha mesmo. Assim, a gente começa a falar muito e perde a noção de que está falando muito.

Dentre as cooperadas que estão paradas, só uma delas é efetivamente da pesca, mas nem isso ela está fazendo. O que aconteceu é que elas não se vincularam ao projeto. Nós temos regras e protocolos a serem cumpridos em função da pandemia. Então a gente disse: “olha vocês não podem vir na Cooperativa, pois vocês não estão testadas”. Isso porque, a gente está sendo testada duas, três vezes por semana. Como elas virão? Vão fazer o quê?

Sendo assim, elas estão realmente afastadas. Nós as convidamos para participar do novo projeto, colocamos elas efetivamente dentro do projeto. Entretanto, elas: “Não, não queremos. Não queremos participar de projeto nenhum. Eu só quero trabalhar quando não for mais projeto”.

O impacto que a pandemia trouxe para a Cooperativa foi enorme. Por isso, a chegada desse projeto foi o instante que a gente conseguiu respirar. Nós não tínhamos mais nada. No ano de 2019 nós trabalhamos muito, fizemos muitos eventos, então a gente conseguiu fazer um caixa. Com esse dinheiro a gente estava pensando em dar um trocado para cada e dar o ponta pé inicial na nossa obra, sabe? Na construção da nossa sede, mesmo que fosse fazer o cômodo onde seria a cozinha, um local onde a gente pudesse realizar os eventos e mostrar para as pessoas. Queríamos criar algo que despertasse o interesse das pessoas até em nos ajudar.

Entretanto, a pandemia, eu lembro tão claro quanto água, no dia 17 de março às 17 horas, eu estava na Cooperativa quando saiu a notícia do lockdown, do fecha tudo, fecha a cidade. Porém, eu pensei que seria uma semana ou um mês. Então eu peguei as minha coisinhas, vim para casa e fiquei aqui sem sair de casa durante uns três meses. Além disso, eu fiquei sem ir na Cooperativa durante uns quatro meses.

Nesse meio tempo, nós fazíamos reunião, conversávamos e resolvemos deixar praticamente tudo desligado, ou seja, deixamos o mínimo necessário ligado com alguns produtos. Na verdade, nós perdemos muitas bebidas que estavam guardadas para os nossos eventos. Porque nesse gela e descongela o negócio acaba estragando. Além disso, também perdemos muitos materiais com o tempo.

Aquele dinheiro todo que eu falei foi para pagar água, luz e aluguel. Agora, o negócio complica um pouco mais, porque nós legalizamos tudo que faltava. Hoje, com o projeto nós temos todo esquema de tirar a nota fiscal, os impostos, a internet e o telefone. Portanto, isso tudo vai deixando mais contas a pagar, as nossas despesas aumentaram. Por exemplo, esse programa de emissão de nota fiscal tem mensalidade, além do mais, cada coisa que você vende precisa pagar imposto. Sendo assim, ao terminar o projeto iremos ficar com uma folha de compromissos bem maior a serem saldados.

A nossa expectativa é fazer um caixa até agosto, mas não vai chegar perto do que a gente teve, foi o que seguiu a Cooperativa na pandemia até o início do projeto. Por sorte, no mês que acabaria a nossa reserva a gente entrou no projeto. Dessa forma, a pandemia foi, realmente, muito difícil.

Agora, com o fim do projeto, a gente tem que fazer alguma coisa para estruturar a Cooperativa em relação as testagens semanais. Enquanto aos EPI providenciados e essas coisas a gente sempre teve, isso aí é mais fácil. De outro modo, a questão da segurança, do controle, das testagens e do seguro de vida, a gente vai perder isso tudo, não tem jeito.

Eu não sinto que a cidade toda sentiu a pandemia tanto assim, a gente percebe que os pequenos empresários e comerciantes sentiram mais. Como esse é o nosso caso, a gente sentiu um baque muito intenso. Principalmente, a gente que depende dessa conversa, dia a dia, com os nosso clientes. A gente conquista um a um.

Dessa forma, as nossas atividades foram bem prejudicadas. Eu acredito que essa complicação é ainda mais forte devido a questão da idade das mulheres da

Cooperativa. A idade elevada é um fator que complica. Eu diria que ativamente tem duas, uma com 58 e a outra com 59 anos, já o restante tem tudo acima de 60. Inclusive, nós temos duas cooperadas com 76 anos que estão trabalhando ativamente na pesca, ou seja, pescando com a gente. A idade é um fator que torna as coisas mais difíceis.

Assim sendo, eu acho que está muito mais difícil para a Cooperativa seguir adiante do que um restaurante pequeno na esquina, porque ele pode trabalhar até com a própria família, mas a gente não, nós somos as mulheres da Cooperativa. A preocupação de pegar esse vírus é grande. O que vai acontecer?

Portanto fica um pouco mais complicado. Em relação ao pescar na pandemia não é nenhum problema, não mesmo. Isso porque, a gente além de sair usando máscara e estar testada e tudo mais, a gente só sai junto com aquelas pessoas da nossa convivência mesmo. Além disso, o barqueiro também é da nossa convivência. Então a nossa dificuldade está mais na relação, no contato com a nossa população e com os nossos clientes.

Na minha avaliação o fato de a Cooperativa não conseguir a quantidade necessária para cumprir as demandas semanais está relacionado à falta de proteção. Nós vivemos dentro de uma reserva extrativista marinha que deveria ter uma proteção mais acentuada. Entretanto, a gente sabe que na lâmina d'água circulam por dia em torno de 300 barcos de turismo. A nossa pescaria é feita aqui na costa, dentro de casa, ou seja, a gente não vai mar adentro.

Por exemplo, a gente pesca na Baía dos Anjos, no Largo da Prainha ou na Praia Grande, mas sempre muito perto da costa. Então são, exatamente, nesses lugares que os barcos de turismo circulam pela lâmina d'água. Sendo assim, o peixe não encosta com a mesma frequência, o tipo de peixe também não vem.

Dessa forma, fica muito mais difícil para o nosso tipo de pescaria. Na verdade, fica mais fácil para os homens que vão fazer uma pescaria mais intensa de rede, de espinhel ou mesmo de linha, mas que vão pegar grandes peixes para fora da costa. Por outro lado, nós estamos aqui, realmente, nós não fazemos esse tipo de pescaria para fora.

Inclusive, em Arraial, apenas duas mulheres fazem esse tipo de pescaria. Elas vão no barco com os homens e ficam uma semana fora, mas para gente esse não é

o caso, na nossa idade nem pensar, não é por aí. De fato esse não é o nosso ideal de pesca para a Cooperativa.

Portanto, essa é a nossa dificuldade, não tem peixe, o peixe não encosta da mesma forma. E quando encosta, por exemplo, essa semana nós estávamos desesperadas para ir pescar, mas não estávamos conseguindo e chegou um vídeo pela internet da Marina do Pescadores. O Olho de Cão invadiu a Marina e tinha gente pegando de pulsar o peixe que a gente mais trabalha. Nem precisava de barco, mas quando a gente foi saber era tarde. Agora, como aquele peixe foi encostar ali no meio daquela quantidade enorme de barcos a gente não sabe.

No nosso caso a gente vai para os lugares, nós vamos para os pesqueiros e chegando lá não tem peixe. A gente sai quatro horas da tarde, volta uma hora da manhã e não consegue. Às vezes, a gente pesca três quilos, entende? Hoje, a gente se diz pescadora, em função da Cooperativa, mas no fundo a gente vai pelo prazer, pela alegria pessoal de cada uma de ir pescar. Nós sabemos que não vamos conseguir trazer a quantidade necessária.

A pescaria demanda custos, hoje o projeto paga 300 reais para cada saída nossa. Na verdade, os outros barcos cobravam 50 reais de cada mulher por quatro horas de pescaria. Assim, o barqueiro colocava o barco onde ele queria e acabou as quatro horas ia embora. Se elas quisessem ficar mais tempo teriam que pagar mais 50 reais para ficar. Longe disso, graças ao bom Deus, o nosso barqueiro é muito bacana, ele diz: “Se aqui não estiver legal, a gente vai procurar outro lugar”. Então com ele a gente anda atrás do peixe realmente. Entretanto, essa não é a regra geral.

À vista disso, o custo é alto pelo valor de 50 reais e você não sabe se vai trazer alguma coisa. Depois tem o gelo, o lanche e água que são coisas importantes, porque a gente fica um tempo bastante razoável no mar. Além disso, nós temos a tralha de pesca, por exemplo, a linha, o zangarejo, o anzol, o chumbo, coisas que quase sempre alguém perde. Perdemos uma quantidade boa de linha, perdemos um ou dois zangarejos se for lula, perdemos anzol e chumbo se for uma pescaria normal. Tem peixes grandes que, ao pegar a isca, cortam a linha e levam tudo.

Nesse sentido, a gente tem um certo prejuízo com relação ao material de pesca também. Dessa forma, eu torno a dizer que a pescaria, enquanto prazer de pescar muito bem, mas enquanto produção para a Cooperativa não compensa. Seria prejuízo total sair com essa finalidade, porque o custo é alto.

Nós pescamos de linha, tanto a lula quanto o peixe. De acordo com o tipo, os anzóis são preparados, sabe? Tem pargueira, tem o currico e uma série de coisas que você utiliza conforme o que está acontecendo no mar. Dessa forma, você vai preparando a linha, às vezes precisa trocar a isca. No caso da lula, a gente realiza a pesca com o zangarejo. Ele tem tamanhos e colorações diferentes. Isso porque, nem sempre a lula pega uma determina cor. Além disso, você precisa achar a profundidade. Quantas braças de linha você vai dar para chegar no ponto onde a lula está pegando?

O zangarejo tem uma tonalidade fluorescente, normalmente, verde, amarelo e rosa bem forte. Esse tom fluorescente em baixo d'água é o chamariz, como se fosse a isca da Lula. Eu não sei se você sabe o que é o zangarejo, mas eu creio que sim. É como se fosse um guarda-chuva de anzóis pequenos com um cabinho colorido. Então é isso, essa é a nossa forma de pesca, ela é bastante artesanal mesmo, sabe? Não tem nada muito intenso como o puçá, a tarrafa e a rede, a gente não faz esse tipo de pesca. A nossa pesca é a de linha pegando a lula e o peixe um a um, tudo dessa forma bem artesanal e tradicional.

O que eu me lembro agora, a falta de apoio, de reconhecimento da nossa própria população e a falta de interesse em conhecer o nosso trabalho são os principais desafios que a gente enfrenta. Acho que a população não valoriza. Você vê que propaganda e divulgação a gente faz. Eu preciso passar mensagem para os meus amigos, porque eu joga as publicações naquela lista de transmissão e envio para todo mundo. Então eu preciso perguntar: "Gente, se vocês não quiserem mais receber me avisa pelo amor de Deus", porque alguns podem não curtir esse tipo de coisa.

Assim, o ponto forte da Cooperativa é o que a gente detém de tradição, de conhecimento sobre a nossa terra e o trabalho que a gente faz. O nosso produto é de qualidade, tem toda segurança necessária no trato com o alimento. Nós utilizamos todas as proteções em relação à higiene. Inclusive, esse ano fizemos a sanitização da Cooperativa por duas vezes.

Sendo assim, o nosso produto é de qualidade. Sabemos que a receita da maioria dos produtos não é nossa, não é uma receita pessoal. São receitas que a FIPERJ disponibiliza a cada curso que realiza, mas até hoje eu não vi ninguém fazer com vontade, com esse prazer que a gente faz.

Portanto, o nossa intenção é vender um produto muito mais natural, embora seja processado, ele não é a base desses conservantes horrorosos que tem por aí. Além disso, apesar de a gente internamente sofrer alguns atritos, não levamos isso para fora. Dessa forma, a gente consegue trazer alguma coisa bacana da nossa convivência cooperativista para os nossos clientes. Isto posto, a gente tem essa força de organização, porque não veio ninguém em Arraial nos apoiar. Nos organizamos aos trancos e barrancos, mas sempre tivemos essa meta de ter toda a parte legal regularizada.

Na verdade, a gente começou com o estatuto, com tudo legal. Assim, isso tudo aconteceu enquanto Cooperativa, não foi uma ou outra. Nós tivemos que estar todas juntas para que isso fosse possível. Então essa vontade de levar adiante, esse sonho da história contada de Arraial, sabe? Isso eu acho um ponto forte, de peso.

Agora, eu vou fazer algumas pesquisas, porque a gente vai mudar essa relação com a publicação. Nós vamos fazer um quadro novo chamado “Você sabia?”. O meu objetivo é contar algumas historinhas de Arraial para despertar a atenção das pessoas. Nessa pesquisa, eu vou falar sobre a pesca da baleia que aconteceu nos anos 70 aqui em Arraial, sabe? Elas eram mortas e trazidas para Arraial, então vamos contar um pouquinho dessa história. Acho que vai sair na segunda.

Além disso, o projeto quer que a gente faça uma receita ao vivo, mas eu acho complicadíssimo, porque ninguém tem experiência com isso. Mesmo assim, querem que a gente faça, mas ao vivo é complicado. Eu tenho experiência com a fotografia, o vídeo é outra história. Enfim, não sei, vamos ver, vai sair alguma coisa.

Apêndice 3: Transcrição das narrativas de memória de vida da Margareth

Encontro de 20 de outubro de 2021

Olha é tanta gente que já passou ali na Cooperativa, de faculdade foram dúzias e dúzias. E aí a gente conta a história da Cooperativa e as nossas histórias, mas você pelo menos, eu acho que foi o primeiro ou o segundo a dar um retorno de tudo isso para gente.

Por exemplo, teve uma menina que fez todo um trabalho comigo e com outra cooperada. Ela ficou meses conversando, entrevistando, filmando e fotografando para um livro. Eu sei que o livro foi concluído, mas até hoje esse livro não chegou para a gente. Não chegou. Ele foi concluído porque ela mesma me avisou que o livro tinha sido finalizado. Entretanto, o livro nunca chegou para a gente. Olha que ela fez um trabalho de temporada com a gente aqui.

Então, a gente já contou muito, já fez muito trabalho para ajudar as pessoas. A gente não se incomoda de fazer, não é isso. No entanto, são perguntas, sabe? “Qual a data que começou a Cooperativa? Qual foi o dia?” Eu não gosto disso.

No seu caso está ótimo. Sendo assim fica até melhor, uma coisa mais agradável. Porque quando tem muita pergunta fica uma coisa chata de fazer, né? Você sempre responde a mesma coisa. Então é meio chato de fazer. Assim não, sendo uma conversa está ótimo.

Eu amo, eu adoro pescar. Quando liga o motorzinho do barco e começa a navegar aquilo já muda. É uma coisa que eu não sei explicar. Eu gosto muito, muito. Eu já estou estressada porque tem tempo que eu não consigo pescar, é chuva, é vento, é mar alto, entende? Não deixam a gente sair para pescar, o mar está muito diferente. Há duas semanas que está chovendo e ventando. Uma hora tem ressaca, em outra chove e venta. Sendo assim, a gente não está indo.

Ontem, eu estava conversando com o dono de uma traineira aqui de Arraial. Ele falou: “Margareth, não estou saindo. Quando eu saio não estou achando nada, está difícil. As águas estão muito diferentes”. Nesse caso, nem eles que são pessoas que vivem, realmente, ali todos os dias saindo para longe não estão conseguindo.

Além disso, nesse fim de semana, uma menina que ganhou medalha de ouro no Pan-Americano, não sei se você conhece? Ela treina, ela rema *stand up paddle* aqui. No sábado, ela passou aqui e falou: “hoje, eu saí para remar e pela primeira vez eu não remei. Me deu vontade de voltar porque eu nunca vi uma corrente de água tão estranha como estava hoje. Eu entrei cheguei no meio e pensei se deveria continuar, mas acabei voltando. O mar estava diferente, a água estava jogando de uma forma que não é normal”.

Nesse caso, ela teve uma sensação diferente, uma sensação estranha. Olha que ela rema todos os dias, pode cair temporal que para ela não muda nada. Se tiver ressaca para um lado ela rema para o outro. Ela rema de Arraial até Búzios e volta. Ela rema entorno dessas ilhas todas como treino. Então, para ela isso aí é rotina.

Já no domingo, ontem, o rapaz da traineira me falou a mesma coisa. Então, eu não tenho conseguido ir. A gente sabe que o planeta está modificando tudo, as águas estão diferentes. No entanto, até então, a gente não sentia tanto, mas agora, nesses últimos meses está muito difícil para a gente sair. A gente espera que agora em novembro as coisas melhorem um pouco. É difícil dizer, mas que mudou alguma coisa mudou. As pessoas que estão falando são pessoas que conhecem o dia a dia do nosso mar aqui. Sendo assim, o mar está bem diferente. Vamos ver se melhora.

Esses quase dois anos da pandemia foram muito difíceis. Eu fiquei com depressão, foi muito ruim, muito ruim. Eu não conseguia olhar na televisão, eu tinha pavor quando diziam que iriam colocar na Globo. Eu chorei muito, tive que tomar muito remédio tarja preta para dormir, foi horrível. E agora, eu estou lidando bem com a situação. Assim, a gente consegue ouvir falar, mas eu não lidei bem com a situação. Eu tinha tanto pânico, tanto pavor que eu tinha falta de ar, foi horrível. Eu tinha que ficar sentada porque doía o peito.

Quando você começa a ver que perto de você tem um monte de gente perdendo os familiares aquilo vai te assustando. Tem pessoas que conseguiram lidar bem com a situação. No meu caso, eu não consegui. Sendo assim, eu comecei a descobrir alguns canais que não passam nenhuma reportagem relacionadas a Covid-19. Por exemplo, *Animal Planet e Discovery Channel*. Logo, eu assisto todos os programas. Eu esqueci que existia essas notícias. A cada vez que eu ia em algum

lugar que estava transmitindo alguma situação relacionada a Covid-19 me fazia mal, me causava um mal estar, acabava comigo.

Minha família, graças a Deus, foi muito abençoada. Nós não perdemos ninguém, apesar de ter tido casos bastante sérios. Por exemplo, o meu irmão ficou com 50% do pulmão dele afetado, ele ficou muito ruim. Em tal caso, aquilo fazia um mal enorme para mim, vê-lo daquela maneira foi difícil. Ele é bem mais novo, meu irmão tem 41 anos.

Além disso, meus dois filhos tiveram ao mesmo tempo, mas graças a Deus, eles tiveram sintomas muito leves, perderam o olfato e tiveram uma falta de ar bem leve. Nós fizemos o distanciamento, eles ficaram em uma casa, eu e meu marido ficamos em outra. Assim a gente levou a situação de forma mais tranquila.

Hoje, para ser sincera, minha mãe teve Covid e eu fiquei com ela no setor do hospital reservado para atender pacientes com a doença, mas eu estava tranquila, sem nenhum medo. No entanto, se fosse no começo da pandemia eu teria morrido só de saber.

Nesse sentido, por exemplo, eu tenho um casal de amigos que você conheceu, lá da Cooperativa, que moram ali atrás. O marido dela e ela pegaram logo no começo quando aconteceu aquele susto. E assim, o que acontece? A gente diz que não é ignorância, mas a gente realmente era ignorante, não conhecia nada sobre o assunto. Na verdade, nem os próprios médicos sabiam. E no momento mais difícil ele teve 90% do pulmão tomado, um homem de 80 anos que se tratou em casa.

Apesar disso, a gente como amigo não pôde ajudar, não pôde fazer nada. Nessa situação, eu digo que não é indelicadeza nossa. Hoje, a gente vê que poderia ter feito alguma coisa por eles, mas na época, todo mundo correu, todo mundo ficou com medo. A gente pensava que só de chegar lá, a gente seria contaminado. Então, hoje, eu tenho uma sensação que no momento que eles mais precisavam todo mundo se afastou. Eles contraíram a doença em março, logo no começo quando tudo parou. Sendo assim, eu acho que ficarei com essa sensação pelo resto da vida.

Na minha família, nós fizemos os exames de IgM e IgG para saber quem teve e quem não teve. E assim, realmente, todos que sabiam que tiveram acusou e quem achavam que não teve, não teve mesmo. Eu nunca tive. No entanto, eu lidei com meu

irmão, com a minha mãe, com meus dois filhos e com meu tio que chegou aqui, e passou para todo mundo. Nesse último caso, eu levei meu tio ao hospital, fiquei com ele e trouxe ele de volta, mas eu não peguei.

Não sei se a Zenilda falou com você, mas durante esse seis meses que nós fizemos o projeto da FUNBIO nós estávamos realizando duas, três testagens por semana. Então, quando nós pisávamos na Cooperativa tínhamos que testar, entendeu? Assim sendo, essa experiência trouxe bastante segurança.

A gente não começou conversando sobre a Covid-19, mas essa conversa é muito importante. Assim, nós tivemos que isolar uma cooperada que pegou, tivemos que lidar com as pessoas que iam na Cooperativa, tivemos que aprender a lidar com higienização das pessoas que chegavam, e ainda chegam até hoje. Então, tudo que a gente faz segue um protocolo para a Covid-19. Logo, essas questões fazem parte da Cooperativa.

Por exemplo, eu não saio sem máscara, mas fico impressionada como que as pessoas não tem medo. Elas sentam em bares no meio de um monte de gente falando. Eu ainda não fiz isso. Na Cooperativa, as pessoas tiram a máscara para comer, mas nós estamos trabalhando de máscara. Ademais, quando a pessoa vai embora a gente higieniza o ambiente, onde a pessoa sentou e o que ela usou.

Desta forma, a gente segue o protocolo e isso traz segurança para gente. Na verdade, as pessoas, quando saem da Cooperativa, não sabem que estão livres de serem contaminadas pelo ambiente que a gente proporciona para elas. Além do mais, a nossa Cooperativa fez uso de sanitização com certificado, com garantia de três meses sem o vírus do Covid. Essa sanitização é a mesma que se faz no CTI de hospitais. Temos todos os documentos. Então, essa é uma garantia para gente que trabalha.

Portanto, a gente faz de tudo para garantir a nossa segurança e de quem vai à Cooperativa. As pessoas não sabem como a gente trabalha de verdade, mas a gente trabalha desse jeito. Nós procuramos cumprir todo o protocolo.

Na realidade, a gente precisa, realmente, mostrar o nosso trabalho, isso é o que está faltando para gente. Nós precisamos mostrar como o nosso trabalho é feito e o quanto a gente tem a preocupação de que o nosso produto seja saudável, um

produto de qualidade. Todo produto artesanal feito de peixe tem a possibilidade de ter uma espinha no meio. Visto que é um produto artesanal, ou seja, feito à mão. Não fazemos na máquina que pega e bate a massa e tritura a espinha. Pelo contrário, o nosso produto é manual, a gente modela um a um.

Desse modo, a gente tem que apresentar a nossa forma de trabalhar e a nossa preocupação em entregar um produto de qualidade, principalmente, por causa das crianças. No meu caso, eu tenho três sobrinhas, uma de dois, uma de oito e outra de 10 anos. Elas me ligam e falam “tia Gari, não tem um “quibinho” para você trazer para gente”. Elas amam. Não adianta levar um pacotinho, senão elas não deixam você comer, elas comem tudo. É muito bacana!

Entretanto, o que eu fico chateada é que o nosso produto poderia fazer parte da merenda escolar. O nosso produto tem sabor, tem o peixe que é uma proteína boa para a criança comer. No entanto, a gente não consegue.

Sendo assim, quando a gente vai fazer o produto o que a gente faz? Por exemplo, hoje, eu vou fazer a massa do quibe. Então, eu pego aquela massa do peixe, antes de colocar o tempero e a farinha, e passo pedacinho por pedacinho verificando a massa. Estou falando de cinco, 10 quilos. Depois a gente passa para outra que vem e faz a mesma coisa. Em outras palavras, depois dessa dupla verificação da massa a gente coloca a farinha e os temperos e vai modelar, e mesmo assim procura sentir.

Desta forma, com todo esse cuidado a gente vai diminuindo os riscos. Graças a Deus a gente nesses anos todo nunca teve problema com essa questão. Se fosse na máquina não teríamos essa preocupação porque ela tritura tudo. Entretanto, o nosso produto não vai na máquina, ele realmente é feito um a um, é igual pescar lula. Nós pescamos 30 quilos uma a uma.

À vista disso, nesses dias chegou a nossa centrífuga. A gente estava esperando há um tempão. Agora, a gente vai desidratar o peixe até ele chegar em uma consistência tipo gelatina. Dessa forma, você pode usar a proteína do peixe para fazer o *surimi* e o macarrão. Além disso, você pode usar tanto para fazer pratos salgados ou doces porque ele não tem cheiro e nem gosto.

Em falar de pratos doces a gente faz o bolo e o sorvete, mas a gente faz com o peixe mesmo. Ainda assim, não fica com gosto e nem com cheiro. Por outro lado,

esse processo de transforma o peixe nessa gelatina permite que você faça qualquer produto preservando a proteína do peixe, você não perde nada.

Nesse caso, a gente tem tudo isso que poderia ser usado nas escolas. Iriamos trabalhar tanto que não iria sobrar tempo. No entanto, as pessoas não valorizam o que a gente faz, mas nós vamos chegar lá.

A gente pode conversar nesse domingo. Eu acho que a Cooperativa não vai abrir para trabalho externo, então vai ser mais tranquilo. Na verdade, a gente vai tentar organizar algumas coisas internamente. Vamos colocar prateleiras, abrir espaço para comportar o material que está chegando, esse tipo de coisa.

De fato é muita coisa, hoje eu recebi a convocação para uma reunião do ICMBio, né? A reunião será amanhã o dia todo. Nós precisamos terminar um trabalho antes do verão para que as pessoas possam ter a carteirinha para pescar. Com o efeito da pandemia a gente não conseguiu dar continuidade. No entanto, a gente precisa ter esse compromisso porque a falta dessa documentação prejudica muito.

Por exemplo, uma pessoa que está no mar pode levar uma multa porque está dependendo da documentação necessária. Na verdade, essa é uma coisa muito séria, sabe? Na minha opinião as suas ações, nesse caso, podem tirar ou dar o direito a uma pessoa. Então, quando você tira o direito de uma pessoa, você tem que ter muita certeza daquilo que está fazendo. É uma situação bem delicada, entende?

No grupo de conselheiro, na minha opinião, tem pessoas que fazem assim, esse é meu amigo, então eu faço, mas esse eu não conheço, então eu deixo para lá. Não é assim, são vidas, são pessoas que dependem daquilo ali. Portanto, você precisa ter um comprometimento com o que você está fazendo. No entanto, alguns não lidam com a seriedade necessária, mas deveriam.

Tal como, na semana passada, teve uma pessoa que está envolvida com a política, vai ser candidato na próxima eleição a vereador, então ele já está começando a fazer promessas. Dessa maneira, ele diz que vai colocar as pessoas como pescadoras, sabe? Eu falei “olha você me desculpa, mas não é isso aí que você está falando não”. Outra mulher discordou dele também. E assim, ele largou a reunião, não gostou muito, foi embora. Nesse dia, eu fiquei sabendo que ele quer distribuir carteira para poder ganhar voto.

Em tal caso, esse tipo de atitude prejudica ele próprio. Isso porque, amanhã, essa pessoa que não tem direito nenhum vai concorrer com ele sobre os direitos que ele tem como pescador. Às vezes, essa pessoa exerce o direito e ele não.

Na verdade, essa não é a primeira vez que eu me deparo com uma situação dessa. É bem desagradável. Então, eu espero que ele não vá amanhã porque se ele for vamos ter problema de novo. Ele deveria ser banido. No entanto, as pessoas não se juntam para falar, então só uma assume a responsabilidade e depois vai ser massacrada, né?

Encontro de 25 de outubro de 2021

Eu sou filha de pescador, neta de pescador e bisneta de pescador. Minha família é toda da pesca, os nossos antepassados todos vieram da pesca. Assim, eu acho que é até por isso que eu gosto tanto, sabe? Você acaba crescendo e vendo as pessoas fazendo aquilo diariamente. E quando você é criança isso acaba chamando a atenção.

Então, eu sempre gostei, sempre gostei de estar na praia. Eu nasci aqui bem na beirinha da praia. Acho que a Zenilda já falou com você, né? Que a gente nasceu na praia praticamente. Portanto, a gente sempre estava pescando com o meu avô na Praia Grande. No entanto, é lógico que nessa época a gente não tinha condições nenhuma de estar na praia. Na verdade, eles não permitiam que a gente estivesse juntos.

Contudo, a minha vó era salgadeira. Então, o meu avô pescava nas canoas e minha avó salgava o peixe. A gente enquanto criança não sei se ajudava ou atrapalhava, mas a gente estava lá junto tentando ajudar a vovó naquela pirâmide de peixe. Nessa época, não era um montinho de peixe, era uma época muito farta, era uma verdadeira pirâmide de peixe. Hoje em dia, a gente vê uma caixinha de peixe e fica feliz, sabe?

Ainda hoje, eu lembro aquele monte de peixe que não tinha como estocar. Antigamente tinha a salga do peixe, exatamente, por isso. A minha avó ficava

salgando o peixe e a gente acompanhava. E como o meu avô pescava a gente sempre acompanhava de um lado e de outro. Sendo assim, eu acho que essa experiência me trouxe o gosto pela pescaria.

Na minha adolescência, por volta de 15 anos, eu ficava enchendo a paciência do meu irmão. Eu pedia para ele “me leva, vamos”. Porque não tinha ninguém para pescar comigo. Entretanto, eu queria pescar de qualquer jeito. Então, às vezes, eu fazia ele acordar cinco horas da manhã para me levar para pescar. E ele ia e ficava sentado. Esse meu irmão pesca também.

Hoje, ele é gerente de uma pousada, não pesca como atividade profissional, mas pesca porque ama pescar. Dessa forma, quando ele sai da pousada, ele vai para a praia de noite pescar lula. Às vezes ele amanhece na pescaria. Eu enchi muito a paciência dele para ele me levar, sempre foi ele que me levou para pescar.

Nesse sentido, a gente acaba conhecendo as outras pessoas. Na verdade, a gente já conhecia, mas indo pescar a gente faz amizades de pescaria. Desse modo, eu comecei a pescar lula nos pesqueiros à noite. Às vezes, eu ia com meu cunhado, com meu tio ou com irmão, mas estava sempre indo.

Mais tarde, eu fiquei um tempo fora de Arraial. Eu fui fazer faculdade durante um período no Rio. No entanto, logo após desse período, eu voltei para Arraial, fiz família, casei, tive filho e depois disso comecei a pescar de novo, não teve jeito.

Nessa época, eu comecei a descobrir quem eram as mulheres que gostavam de pescar. E assim, comecei indo com uma, com duas, depois mais uma... No começo, a gente falava: “vamos, vocês vão gostar” e elas: “não, gosto não”. No entanto, depois da primeira vez, não queriam mais deixar de ir. E nesse processo, nós estamos juntas há muito tempo nisso. Todo mundo que não gostava da pescaria começou a gostar.

Assim, todas nós íamos juntas, nós começamos a pescar, na pedra, em um pesqueiro na Praia Grande ou em qualquer lugar que a gente conseguisse pescar. A gente se juntava e pronto. Uma vez, eu e uma amiga queríamos pescar e não tinha lugar, estava tudo cheio. Então, a gente resolveu ir embaixo do pesqueiro, você sabe o que é um pesqueiro?

Os pesqueiros são feitos com dois pranchões em cima de madeira enfiadas dentro da água. Na pesca de lula as pessoas ficavam lá em cima para poderem colocar, na época, o lampião. Era um lampião de camisinha que você precisava soprar para pegar. Hoje, não fazem mais com lampião.

No começo, eu não pescava, na verdade, eu ficava só ajudando. Porque era com rede amarrada, era tipo uma cesta que a gente descia com uma cordinha e quando a lula entrava puxava a corda para capturá-la. Na verdade, várias lulas ao mesmo tempo. No entanto, com o tempo, as coisas foram mudando. Por exemplo, saiu o lampião e começaram a usar bateria, lâmpada de LED e por aí vai. Nesse sentido, hoje, tem gente que pesca com gerador e calhas de lâmpada, ou seja, é bem diferente.

Por outro lado, a gente pescava no cantinho da praia nos pesqueiros. Nessa época, a gente conseguiu formar um grupo para pescaria, foi juntando duas, três e tivemos até sete mulheres juntas pescando...

E como eu estava falando no dia que não tinha lugar. Estávamos eu e uma amiga embaixo desse pesqueiro e tinha um pneu amarrado em um triangulo de madeira. Como era o único lugar que tinha a gente foi para lá. Ao chegar lá o que aconteceu? Nós capturamos muitas lulas. O pessoal queria matar nós duas porque conseguimos pegar muitas lulas.

De fato, eu não sei como a gente fez aquilo. Nós não tínhamos como colocar as coisa, então, tivemos que pescar em pé em cima daquele triangulo. Foi difícil, uma coisa de maluco. Acho que a partir dessa experiência a gente começou a querer mudar o nosso jeito de pescar. Nós queríamos uma coisa melhor.

Nesse sentido surgiu uma oportunidade para concertar um pesqueiro que estava parado. Então, a gente chamou o dono e falou: “já que o senhor não está pescando e o pesqueiro está ruim, está caindo. A gente gostaria de mandar conserta o pesqueiro para a gente pescar. No entanto, no dia que o senhor quiser pescar, o pesqueiro é seu, então, a gente pode sair ou ficar no cantinho para não atrapalhar o senhor. Além disso, o dia que o senhor vier com sua família a gente nem sobe para não incomodar”. E assim, ele aceitou e falou tudo que precisava para conserta o pesqueiro. Sendo assim, a gente comprou o material e ele falou: “pode deixar que eu e meu filho vamos consertar”.

Desse modo, a gente entregou todo o material e ele consertou. E assim, a gente começou a pescar nesse pesqueiro. No entanto, há três meses que nós estávamos pescando a gente descobre que ele vendeu o pesqueiro. Simplesmente, ele vendeu o pesqueiro e não avisou nada para a gente. No mais, a pessoa que comprou o pesqueiro era uma mulher. Ela não queria que a gente chegasse nem perto, nem perto, quanto mais subir para pescar. Sendo assim, a gente chamou o ICMBio, fizemos e acontecemos, mas não deu em nada.

Nessa época, um outro grupo que pescava de barco chamou a gente: “vamos pescar! A gente está de barco. Tem que pagar, mas vamos? Indo mais gente fica mais fácil”. E assim, a gente começou a fazer esse tipo de pescaria. Nós fazemos dessa forma até hoje. A gente junta um número de mulheres, aluga o barco e, agora, pesca em alto mar. Portanto, a gente não pesca mais aqui na praia como a gente sempre gostou de pescar.

À vista desse jeito de pescar que a gente teve a ideia de fazer uma Cooperativa. Na verdade, a ideia de fazer a Cooperativa surgiu através de um curso mais à frente. Nesse período, a gente pensou em fazer uma associação de mulheres porque os homens no mar falavam muita coisa para a gente, sabe? Era muito desaforo e muita falta de respeito. Eles mandavam a gente sair para lavar uma trouxa de roupa, para assistir novela e para fazer comida.

Assim, a gente chegava em um lugar com o barco e eles xingavam até o cara que estava pilotando o barco, ou seja, esculachavam a gente. Desse modo, eles colocavam a gente para fora, então, a gente ia para outro lugar. No entanto, nós não desistimos de jeito nenhum. Não seriam esses homens que iriam tirar a gente daqui.

Nessa época foi quando surgiu a oportunidade de participar de um curso do governo. Esse curso se chamava Mulheres Mil e foi realizado aqui. Sendo assim falaram para a gente que teria um curso sobre plantas da restinga e nos convidaram para participar. Na verdade, eu não conheço de planta, muito menos as outras duas que estavam comigo. No entanto, a gente resolveu fazer o curso.

Na primeira semana do curso, Zenilda foi assistir uma aula com a gente. Ela estava interessada porque ela ama esse negócio de restinga, de mato e disso tudo, sabe? Olha não é que eu não goste, mas eu não identifico as plantas como ela. Na

verdade, eu não sei o que é um matinho ou uma plantinha, ou seja, o meu negócio é ir para o mar. Por outro lado, o dela é mais terra.

No decorrer desse curso, a gente encontrou um sociólogo. E assim, a gente conversando ele deu a ideia de nos montarmos uma cooperativa de mulheres pescadoras. Principalmente, pelo conhecimento que a gente estava adquirindo no curso. Dessa forma, a gente começou a pensar diferente, não seria mais uma associação.

No final do curso, essa ideia estava muito madura nas nossas cabeças. Diante disso, ele ajudou a gente a começar a nossa Cooperativa. E assim, a gente foi chamando outras meninas, outras mulheres que estavam pescando. Realmente, esse foi o começo da nossa Cooperativa. Sendo assim, a nossa Cooperativa surge através desse curso.

Nesse momento, a gente continua fazendo outros cursos e outras atividades. Na verdade, a gente fez vários cursos para ajudar a entender o cooperativismo, para saber como lidar com o peixe, dentre outras coisas relacionadas as nossas atividades enquanto Cooperativa. Eu acho que eu tenho certificado para encher uma parede inteira, ou seja, eu fiz muitos cursos nesse período.

No entanto, eu não estou achando a minha pasta com os certificados. Eu mudei de casa agora, porque eu alugo a minha casa no verão. Então, como eu sai da minha casa, não estou achando os certificados do curso que eu fiz. Além disso, em 2018 ou 2019, eu fui convidada para participar do Fórum da pesca. E eu fui e participei.

Assim, a nossa história com a pesca começou lá atrás, indo para a praia, vendo minha vó salgar peixe, dentre outras coisas. Deste modo, eu fui crescendo nessa relação com a pesca, eu sempre fui e sempre gostei. Meu marido era meio chato, sabe? Não gostava que eu fosse, ele implicava muito comigo, não queria. No começo, ele ficava falando, mas depois ele desistiu. Na verdade, ele viu que não tinha jeito, agora, ele não fala mais nada não. Essa é a minha história de pesca.

Não sei se você viu que a gente publicou que a reportagem que a Zenilda fez para o Globo Repórter vai ao ar nessa sexta-feira. Ela vai falar da restinga.

O meu avô e meus tios eram pescadores de canoa aqui da Praia Grande. Então, todos eles pescavam. Hoje, eu acredito que o meu tio seja o último que realiza

os consertos das canoas. Ele é a última espécie que faz essa atividade aqui. Antes, eram dois, ele e o senhor Arildo, mas este está cego, sabe? Portanto, ele não tem mais condições para fazer esse tipo de trabalho.

Assim como, hoje, o meu tio não tem mais condições de remar, de estar numa canoa, no entanto, ele ainda faz o conserto das canoas. Infelizmente, esse senhor está doente e não tem mais condições de fazer os consertos.

Nessa direção, o meu pai também era pescador. Entretanto, o meu pai não pescava em praia. Pelo contrário, meu pai pescava por toda a costa do Brasil. Ele vinha do sul com meu avô e descarregava em Arraial. Dessa forma, ele conheceu minha mãe. Aqui perto do cais, né? Meu pai pescava com embarcação grande, essas que ficam por um longo tempo pescando no mar e eles descarregavam aqui.

Naquela época, quando a gente pescava aqui na Praia Grande, eu pescava junto com pessoas bem mais idosas. Então, eu era bem novinha e pescava com um senhor que era muito conhecido aqui na cidade. Ele era conhecido como Vivi. Esse senhor tinha um pesqueiro. Além desse, tinha um outro senhor que pescava. No entanto, não era de Arraial, mas veio muito cedo para a cidade. O nome dele eu não sei, mas a gente chamava de Paraíba. Aliás ele era dono do pesqueiro que foi vendido para esse senhor e o filho que a gente comprou o material para concertar.

Nesses lugares, onde nós pescávamos com os pescadores natos, pessoas daqui mesmo não tínhamos problemas. Na verdade, a gente nunca teve problema com nenhum deles, ou seja, nunca nenhum deles destratou a gente ou falou alguma coisa. Não era comum mulher está frequentando lá, mas eu ia com meus tios e irmãos, portanto, era lógico que eles não iriam falar besteira para mim. De fato, eles acabam acostumando com a gente. Depois tinha um senhor que levava a esposa dele para pescar. Mesmo assim, nessa época não tinha muitas mulheres.

No entanto, depois de um tempo, o número de mulheres aumentou bastante, como eu te falei era um monte de senhoras pescando. Nós íamos todas juntas, mas nesse período, eu já tinha muito mais idade. Por outro lado, na prática, a pesca dos homens era sempre de canoa ou a pesca que se fazia de linha, tarrafa e puçá aqui no canto da Praia Grande.

Além da pesca tinha a renda. Inclusive, a minha mãe fazia renda. Na verdade, a minha avó e a minha mãe eram rendeiras de bilros. Essa renda é feita com uma almofada e vai colocando um monte de alfinetes para ir marcando. Minha avó chamava de pique aquele cartão de papelão que elas faziam os pontinhos e depois vinham trançando a linha para fazer uma renda. Parecia uma coisa de maluco, mas no final ficava bonito.

Sendo assim, a minha vó fazia esse tipo de renda. Há pouco tempo, antes de minha mãe estar com Alzheimer, vamos dizer uns três anos atrás, ela tinha toda noção de como fazer, tinha almofada, tinha tudo. Quando a vovó fazia a gente sentava junto dela para fazer também. Era muito legal. Além disso, a gente cuidava das cabras no morro, tinha que sair para levar mamadeira de leite para as cabras de manhã cedinho, sabe?

Na realidade, a gente teve uma infância muito boa, muito gostosa. Hoje, a gente sabe que foi, mas na época a gente não tinha noção. Eu era criada na praia, meu avô levava a gente para fazer cacimba para trazer a água. Então, a gente ia cedinho, com o dia amanhecendo eu sai com meus avô, minha avó e minha mãe para ir para a cacimba onde a gente lavava roupa e onde a gente pegava água para beber.

Além disso, a gente fazia uma fogueira para preparar a nossa comida, porque a gente passava o dia na restinga. A gente brincava e colhia as frutas na restinga. Tudo era bom e saudável. A nossa brincadeira era subir o morro que a gente chamava de combro. E assim, a gente brincava de rolar. Todos eram bem magrelinhos porque corríamos muito, brincávamos muito e era muito bom.

A minha história com a restinga é assim, eu sempre fui, mas nunca me inteirei como era. É lógico que eu conheço as frutas, mas eu não sei identificar as plantas. Esse é um conhecimento que a minha família tem muito. A minha mãe, as minhas tias, minha irmã e os meus tios sabem identificar tudo que é mato e erva. No entanto, eu não tenho essa sabedoria. Eu sei o básico tipo o pé de arruda, da guapeba e de bajirú, mas tem outras frutas com um monte de nome esquisito.

Assim sendo, essa não é a minha praia, o meu negócio não é muito chegado no mato. Eu estou voltada para o mar. Por outro lado, minha irmã é totalmente voltada para isso. Sendo assim, eu vivenciei muito a pesca, a salga e a renda com os antigos, mas sobre a restinga não.

Eu fazia renda com a minha avó e com a minha mãe. Elas estavam lá fazendo e eu fazia um pouquinho, mas, hoje, eu não tenho a menor noção de como faz aquilo. Eu acho que eu dou um nó naquele monte de troço e vai ficar tudo embolado. Portanto, eu não sei mais fazer, não tenho mais ideia. Vou te falar que não é fácil sair trançando. No entanto, quem sabe joga a linha para um lado, para o outro e no final fica lindo.

Na nossa família, a gente fazia muito peixe, o peixe era a comida que a gente tinha com mais fartura. Além disso, a minha avó preparava muito bem a tartaruga. Naquela época, a tartaruga era uma coisa comum para a gente. Outro prato muito presente era o peixe salgado com banana. No entanto, na infância, o pirão era feito de maneira diferente. A gente colocava o caldinho do peixe no prato, a farinha no caldo fervendo e mexia para fazer o pirão do caldo do peixe no prato. Por outro lado, hoje, o prato é um pouco diferente. A gente amassa a banana e faz na panela.

Além disso, a gente comia muito cabrito. Na verdade, a gente não tinha acesso à carne. A nossa cidade era uma vila de pescadores mesmo, sabe? Não tinha desenvolvimento nenhum, não tinha luz, a luz era de lampião e lamparina. Contudo, com o tempo começou a melhorar essa questão do desenvolvimento.

Nesse sentido, Arraial começou a ser descoberta pelas pessoas que vinham de fora e por ser uma vila de pescadores as pessoas ficavam encantadas com a pescaria. A pesca é uma coisa bonita de vê, né? Nesse período foi quando a cidade começou a crescer um pouquinho.

Nesse seguimento chegou uma empresa, chamada Álcalis, em Arraial. Essa empresa trouxe muita gente de fora para morar aqui. Na realidade depois que a Álcalis se instalou foi que começaram a ocorrer essas mudanças maiores. As pessoas foram chegando e as coisas foram crescendo. Assim, Arraial começou a se expandir deixando de ser uma vila de pescadores para se transformar em uma cidade.

Por exemplo, podemos comparar com Macaé depois do petróleo, sabe? Ocorrer aquele boom onde acontece muitas coisas. No entanto, antes não tinha muita coisa ali. Então, Arraial cresceu desse jeito. As pessoas vinham com as famílias para morar porque iam trabalhar na empresa. A Álcalis era grande e tinha um potencial enorme. Sendo assim, eu acho que esse foi o fator que trouxe o maior desenvolvimento para a nossa cidade.

A pesca de canoa até hoje é a pesca tradicional. Hoje, ela ocorre em um número muito menor. Isso porque, os pescadores antigos estão acabando, sabe? Na verdade, pescador mesmo, pescador, pescador está desaparecendo. Por exemplo, hoje, as pessoas querem pescar uma horinha e voltar para casa. No entanto, antigamente, o pescador saia quatro e meia, cinco da manhã para preparar as coisas. Eles colocavam a rede no mar e ficavam o dia inteiro na praia esperando para puxar a rede.

Então, hoje não tem mais essa quantidade de canoas, mas a pesca de canoa ainda acontece na Praia Grande, na Praia do Pontal, na Prainha e na Praia da Ilha, ou seja, ainda existe o pescador de canoa, a pesca de cerco. A título de exemplo, na Praia Grande, a pesca é assim, eles chegam cedo, jogam a rede por volta das seis horas e vão embora. Às 10 horas, eles voltam e puxam a rede.

Em contrapartida, na Praia do Pontal e na Prainha não tem esse tipo de pescaria de rede de espera como a gente chama. Sendo assim, nessas praias eles vão com a canoa, jogam a rede, fazem o cerco e puxam na mesma hora, ou seja, a rede não fica no mar. Desta forma, a única praia que tem rede de espera é a Praia Grande e se eu não me engano a Praia da Ilha do Farol. Em Arraial, ainda tem canoas antigas, mas os pescadores antigos são muito poucos.

Na Praia Grande, a pesca de espera sempre aconteceu, essa pesca é centenária. Assim, eu não sei se os índios faziam isso, mas depois deles com certeza. Então, o uso da rede de espera sempre ocorreu aqui na praia. O que mudou como eu falei é que, hoje, as pessoas vão para casa e voltam para puxar. Antigamente, o pescador ficava na praia. Até porque aqui tem o sistema do vigia, esse pescador identifica o peixe e se o peixe está entrando na rede ou não.

Nesse caso, o vigia fica em uma casinha, em cima do morro, com um pano na mão para fazer a sinalização para os outros pescadores. Dessa forma, apenas com esse paninho, o pescador identifica para que lado o peixe está indo, o tipo de peixe, a quantidade de peixe, o posicionamento da canoa e se o peixe está entrando na rede. Sendo assim, o papel do vigia é muito importante.

Além disso, eu acho que foi feita uma reportagem sobre a pesca de lula em Arraial. E nesta reportagem, eles falaram com pescadores da Praia Grande e da Prainha sobre os sinais que o vigia faz com esse paninho.

Na minha opinião e eu acho que todo mundo vê assim. Hoje, o pescador ele não tem mais a quantidade de peixe que se pescava antigamente. Além disso, o pescador migrou para o turismo quando essa atividade ficou forte na cidade, sabe? Ainda hoje, o turismo é a maior potência que nós temos aqui dentro, ou seja, não é mais a pesca. Pelo menos eu vejo assim. Na prática, a pesca não deixou de existir, mas a quantidade de reduziu muito, hoje, praticamente, não tem mais peixe.

Dessa forma, a pesca não permite que você sobreviva exclusivamente dela. A pesca está aqui, ela não acabou. No entanto, o número de redes clandestinas com três malhos é tão grande que o peixe não consegue chegar como antigamente. O peixe chegava na nossa costa, ele vinha na beira da praia, ou seja, dessa forma, o pescador conseguia fazer o cerco. Hoje, o peixe não consegue passar. Consequentemente, o pescador migrou para o turismo ou, então ele precisa fazer outra atividade além da pesca.

Na atualidade, a nossa cidade é uma reserva, mas é uma reserva que não tem número suficiente de funcionários para fazer a fiscalização. Nesse sentido, por exemplo, quando ocorre a apreensão de uma ou duas redes o peixe aparece na semana seguinte. Então para mim está mais do que provado que o peixe não acabou, mas ele diminuiu por causa das redes clandestinas que não deixam o peixe passar.

Outro fator que dificulta o aparecimento do peixe na praia são as plataformas de petróleo. As plataformas descartam comida no mar e esse é um grande erro. A gente costuma dizer que o peixe viaja e quando ele chega na plataforma e encontra comida ele não vai nadar para outros lugares atoa, ou seja, os cardumes chegam e encontram o alimento, então ali mesmo eles ficam ou voltam, mas não seguem para procurar comida. Tendo em vista que eles acham a comida farta ao redor das plataformas. Além do que você é proibido de pescar perto das plataformas, né? A lei não permite que você faça isso.

Deste modo, eu vejo que tudo isso está influenciando a pesca de canoa e a pesca de pedra. Tudo isso está relacionado as práticas do homem nas plataformas e em relação as redes clandestinas. Essas práticas fizeram com que a pesca da nossa região caísse muito. Sendo assim, o pescador precisou buscar outras fontes de renda para sobreviver.

Por exemplo, nós temos pescadores que vivem exclusivamente da pesca, não sabem fazer outra coisa. Pescadores que só sabem pescar. No entanto, esse pescador se você for ao encontro dele você vai ver o quanto ele passa de necessidade. Ele não tem uma boa alimentação, não tem um remédio, ele precisa pedir ajuda para comprar um gás, entende? Esse é o pescador verdadeiro. Hoje, infelizmente, ele passa necessidade, ele não consegue sustentar a família dele com a pesca. Olha que eles estão no mar todos os dias. Ainda assim, ele não consegue por causa de tudo isso que eu falei.

Há mais de um mês que a gente não consegue pescar por causa da chuva, do vento e da ressaca. Como eu te falei está uma loucura, sabe? As coisas não estão mais como eram. Hoje, você não tem aquelas estações definidas onde você sabe o período do vento, do calor, isso não existe mais. Por exemplo, o mês de outubro inteiro com chuva, vento e frio. Eu não me lembro a última que fez um frio desse. Então, tudo isso faz com que o pescador deixe de fazer o que ele gosta, se distancie da pesca.

Hoje, se chegassem para o pescador e garantissem que não iria haver mais arrastões na nossa reserva... Os arrastões invadem a nossa reserva à noite. Assim, a gente não acha nada quando sai para pescar. Nós voltamos com o balde puro, não pegamos nada. Para capturar 10 quilos a gente precisa rodar muito. Por exemplo, tem dias que a gente tenta na Praia Grande, na Gruta Azul, na Prainha e em outros lugares, ou seja, a gente fica rodando nesse bate e volta, mas não acha nada. O peixe não está chegando.

Agora, uma outra coisa está acontecendo em relação a pesca de lula. A nossa pesca de lula sempre foi muito farta aqui, na Praia Grande. E o que aconteceu? As mudanças na forma de pescar estão destruindo as coisas também. Antigamente, você pescava com um lampião que tem aquela luz bem fraquinha, mesmo assim, era aquilo que iluminava.

Por outro lado, hoje, algumas pessoas pescam com gerador que faz um barulho dos infernos e um cheiro horrível de óleo. Aquilo fica na sua cabeça a noite toda, quando você volta para casa sua cabeça está explodindo. Sendo assim, ao invés de você pescar com um luz pequena, as pessoas começaram a pescar com duas, três e foram aumentando e aumentando. Hoje, tem uma cidade acessa dentro d'água.

Quais são as consequências disso? A gente pediu para um biólogo fazer um estudo para ver o que acontece. No entanto, eu penso que cada vez mais o pescador saiu do remo e foi para o motor. Antigamente, barquinho pequeno era tudo no remo. Hoje, ninguém pesca mais de remo, todo mundo pesca com barco a motor. Então, cada vez mais as pessoas estão indo mais longe para pescar e com isso o peixe vai mais longe também.

Portanto, quanto mais pessoas clareando o mar, a noite, o peixe e a lula se afastam. Há dois anos pelo menos não deu praticamente nada de pescaria, nada. Eu tenho quase certeza que são esses fatores, sabe? Estão afastando o pescador daqui, ele está indo pescar cada vez mais longe. Além disso, o pescador clareia, mais e mais, o mar. Dessa forma, haverá uma hora que não teremos mais nada. Visto que essa lula vai se afastar também.

Agora, nesse ano que passou foi fraco, mas foi melhor do que os outros anos. Isso porque já começou a aparecer algumas lulas aqui. Há uns 20 dias até agora tem bastante gente pescando, a quantidade é pequena, mas estão pescando. No próximo ano se tiver fiscalização vai ser melhor ainda. Então, a pesca precisa de cuidado, caso contrário ficará difícil.

Hoje, não é que o pescador tenha deixado de pescar, na verdade, ele foi obrigado a migrar para uma outra coisa. Então, o pescador trabalha de dia e complementa com a pesca à noite. Desta maneira, ele consegue continuar fazendo o que gosta de fazer. Eu participo do projeto do ICMBio e a gente encontra pescadores de verdade, pescadores que representam a pesca.

Esse pescadores dizem: “eu não quero cesta básica, não quero recurso do governo e nem esmola de ninguém. Pelo contrário, eu sou pescador, então, eu quero que fiscalizem a minha reserva para que eu possa pescar”. Sendo assim, o pescador de verdade se sente muito humilhado tendo que ir atrás de uma cesta básica. Ele sabe pescar, ele sabe tirar o sustento, dele e da família, do mar. No entanto, a invasão acabou com a pesca dele.

Hoje, a pesca é secundária para todo mundo. No nosso caso, a gente tem uma Cooperativa que trabalha com peixe. Da mesma forma, a nossa dificuldade em conseguir peixe dentro da reserva é gigante, nós não conseguimos. Sendo assim, hoje, a gente precisa comprar peixe para a Cooperativa continuar trabalhando. Essa

não é a forma que a gente gostaria de trabalhar, mas é o que está acontecendo na prática, sabe?

E, assim, a gente fala para alguns pescadores que moram nas áreas onde costuma acontecer a utilização dessa rede. Inclusive, um deles fazia parte do conselho, agora, eu acredito que ele não faça mais parte. Então, eu cheguei a falar para ele: “cara, hoje, você diz que precisa trazer o sustento para sua casa, que você tem uma filha para criar. No entanto, você está tirando o futuro da sua filha, vocês estão fazendo uma coisa que está matando o futuro da próxima geração. Essa rede que vocês usam é proibida, ela mata o peixe grande, mas também mata o peixe pequeno. Como que um peixinho que não cresce vai se reproduzir? Então, uma hora isso tudo vai acabar”.

E, neste caso, ele quis argumentar e eu disse assim “você é liderança, você precisa chegar na sua comunidade e chamar os pescadores. No começo é difícil para todo mundo, mas as coisas irão melhorar no futuro”. Nessas reuniões do ICMBio, a gente já cansou de falar sobre isso. Todos podem pescar, mas essa prática de colocar esse tipo de rede irá tirar o futuro de todas as famílias de pescador.

Nos dias de hoje, esse pescador não faz mais esse tipo de pesca. Atualmente, ele está pescando com outro tipo de rede na lagoa. Além disso, ele está utilizando a mesma técnica da Praia Grande. Então, ele joga, cerca e puxa com outra rede que captura os peixes maiores e permite que os peixes pequenos saiam.

Não se pode ignorar a utilização dessas redes, não são redes pequenas. Pelo contrário, essas redes possuem quilômetros de extensão. Dessa forma, como você terá pescaria? Como você terá condições para sustentar sua família? As coisas aqui na reserva estão muito difíceis.

Assim, antigamente, todo mundo queria ganhar dinheiro, mas as pessoas não tinham o dinheiro em primeiro lugar. Eles tinham tudo menos o dinheiro, ou seja, as pessoas se contentavam com o que faziam e com o que ganhavam, sabe? Tendo um peixe para comer estava ótimo. E nem por isso se deixou de formar filhos médicos e engenheiros. Na prática, as dificuldades eram maiores com certeza, mas todo mundo que queria conseguia. Ao contrário, hoje, as pessoas não pensam mais assim.

Assim, a nossa reserva tem representante legal, o ICMBio. No entanto, os funcionários não moram na cidade. Dessa forma, as fiscalizações ocorrem na hora que eles querem, na hora que eles podem e eles vão embora. Eu estou cansada de ver arrastões no mar. Nesse caso, eu fotografo, envio e falo: “pessoal, tem um arrastão quase arrastando a gente”. Entretanto, eles dizem que vão ver, mas no outro dia é a mesma coisa.

Sendo assim, essa falta de fiscalização deixa a gente com muita raiva. Por exemplo, hoje, você pesca um pouquinho. No próximo dia, você encontra um arrastão. Quando você vai pescar, no dia seguinte, não acha nada. Então, o arrastão limpa tudo, são toneladas de pescado. Agora, o governo taxou que os barcos não podem capturar mais do que 50 toneladas. Tornou-se lei. Pelo menos foi isso que eu vi. Contudo, a lei será cumprida? Cada barco consegue capturar 200 toneladas, então se você reduz para cinquenta é necessário fiscalização.

Na prática, a nossa reserva seria um paraíso, se tivesse fiscalização, se o governo proporcionasse a condição de ter funcionários para trabalhar de dia e à noite fiscalizando a nossa reserva. Nessas condições, a gente teria a nossa pescaria normalmente. No entanto, quando não é a rede que segura o peixe, é o arrastão que leva. O que a gente faz? Hoje, não conseguimos pescar, nós vivemos essa situação, ou seja, nós precisamos comprar peixe.

Além disso, o clima não ajuda, né? Antigamente, você tinha todo um clima definido, uma hora no verão e outra no inverno. Hoje, você não está no verão, não está no inverno e nem em lugar nenhum. Por exemplo, você acorda com 40 graus. No outro dia, quando você acorda está 18 graus. Então, o pescador fica nessa loucura com o mar, a maré, o vento e o sol. Qual é o pescador que não conhece uma maré? O pescador olhava para lua e sabia se ia chover. O pescador olhava para o mar e sabia para onde a corrente estava. O pescador identifica o tempo ruim, a calmaria do mar.

Nesse sentido, eu aprendi com um pescador que quando o mar está muito calmo você precisa sair imediatamente. Nesse caso, eles estão certo, o tempo vem feio. Em falar nisso eu vou contar uma história. Nós fomos pescar e o rapaz que levou a gente é pescador cabista, então, ele entende de maré, de vento e tudo isso.

Nesse dia, ainda nem existia a Cooperativa, ele levou a esposa, eu e mais duas amigas pescadoras que fazem parte da nossa Cooperativa. Sempre quando a gente vai pescar a gente leva lanche. Por outro lado, o pescador não leva nada, quando fuma que leva um café, o resto ele não leva nada. Então, a gente ficou pescando e ele foi dormir. No barco dele tem uma parte embaixo igual a um porão. No entanto, as vezes ele vinha olhar para ver se estava tudo bem, além disso aproveitava para comer e voltava a dormir para deixar a gente à vontade.

Daqui a pouco, o mar ficou calmo, paradinho a gente conseguia escutar a respiração uma da outra, era um silêncio. E assim, ele levantou olhou um pouco e falou “bota a linha para dentro”. E a gente “o quê?”. E ele “coloca a linha para dentro agora” e nisso ele estava com o motor do barco ligado, mas como a gente não pesca com uma linha só. Às vezes, a gente pesca com três dependendo do espaço até mais. Nesse sentido, eu sei que a gente não conseguiu tirar todas as linhas. Isso porque ele acelerou tudo.

E, assim, ele falou “poxa, vocês não viram o mar?”. E a gente “vi o quê? Está uma delícia tudo paradinho”. E nessa a tempestade pegou a gente no meio do caminho, não foi qualquer tempestade, foi uma coisa horrível. O mar balançava o nosso barco de uma forma que a gente ia de um lado para o outro. Jesus, foi uma coisa horrível! Nessa situação, ele falou “vocês precisam aprender que quando começa a ficar tudo sereno. É a hora de ir embora, pois não vem coisa boa”. Sendo assim, eu aprendi dessa forma.

Em Arraial, não apenas aqui, mas existe um vento que a gente chama de noroeste. Esse vento é um ar quente que quando toca no solo levanta tudo que acha pela frente. De fato, eu tenho pavor desse vento quando estou no mar. Então quando você consegue identificar essa formação, você precisa sair, não pode esperar nada. Isso porque em segundos ele transforma o mar em uma maresia. Esse vento forma uma tempestade violenta que coloca barco no fundo.

Nesse sentido, em uma outra situação, nós fomos pescar um pouco mais distante e formou um noroeste desses. No dia, antes de pescar, o nosso barqueiro falou “gente, nós vamos pescar, mas tem formação de noroeste, então, se não der para ficar a gente vai sair, está bom?”. Mesmo assim, a gente concordou. Por sua vez,

ele não pescou, ele ficou sentado em cima do barco, apenas observando a movimentação do noroeste.

Por certo, o noroeste formou e ele falou assim “tira a linha, joga fora, façam o que quiser, mas vamos embora”. Cara, o mar virou e para entrar no Boqueirão foi difícil. Eu tive que ficar de um lado e uma outra pescadora do outro para orientar na navegação. Outra vez, foi uma situação horrível, a gente não conseguia ver a entrada do Boqueirão, então ficamos abrigados na Praia da Ilha esperando a tempestade passar. Ainda bem que esta tempestade passa rápido.

Infelizmente, o barco que estava próximo da gente não saiu na mesma hora. E, assim, quando eles tentaram sair o barco foi para o fundo. Um dos pescadores morreu, ele não sabia nadar, ele era novinho e deixou a mulher com duas crianças. No entanto, o pessoal conseguiu resgatar os outros dois.

Assim sendo, a gente precisa aprender com os pescadores antigos. A gente precisa respeitar, esse tipo de coisa ainda hoje, para não passar sufoco. No meu caso, eu adoro o mar, eu amo pescar, mas sou muito cuidadosa nesse ponto. Se eu vejo a formação de uma tempestade, eu mesmo aviso e falo para a gente ir embora. Nesse sentido, eu já falei isso com todas as meninas que pescam comigo “se vocês não conhecem o mar, o vento e a maré, então quando o dono do barco ou eu falar para ir embora. A gente tem que ir. Não adianta falar que está tudo legal, vamos ficar. A gente vai embora, não vamos esperar o vento encostar”.

Às vezes, o vento passa e não encosta, mas a gente não pode arriscar. Em uma situação dessa, a gente vai passar sufoco. Minha mãe dizia “mar não tem cabelo”, então eu vou embora. Essas são coisas da pescaria que a gente passa. Além disso, em Arraial tem a época das baleias. Elas passam bem pertinho do barco, às vezes, ao respirar elas jogam água e tudo. Por vezes, você está pescando e vê aquele negócio imenso ao lado do barco. Nossa Senhora, são muitas histórias, muitas histórias de pescaria.

De vez em quando, ao domingos, eu vou caminhar e o mar está ruim, sempre tem um turista desavisado, sabe? Geralmente, eles estão com criança. Em particular, quando o mar não está legal, eu faço a minha parte, sempre aviso para as pessoas não entrarem no mar. De fato, eu conheço, principalmente, o mar da Praia Grande. Esse é o mar mais violento que a gente tem aqui.

Então, eles podem achar que eu sou metida, podem me chamar do que quiserem, eu não me incomodo. Pelo menos, eu faço a minha parte. Bem como as pessoas que conhecem e moram aqui, sempre avisam. Posto isso, algumas pessoas escutam e não entram, mas outras ignoram. Pode dá certo, mas estão correndo um grande risco. Aliás risco em mar não tem volta.

Em razão das pessoas não serem orientadas ou não escutarem as orientações são os principais motivos para acontecerem tantos acidentes. Em especial quando a pessoa nunca viu o mar e pensa que está descobrindo o paraíso. No entanto, outros são abusados, não querem saber de nada. Geralmente, os moradores fazem a sua parte, mas a gente não pode segurar a pessoa pelo braço. Eu sempre aviso para minha filha “o mar não está legal. Se você for à praia não entra”.

Às vezes, as pessoas pensam que está tranquilo, a água está no joelho. Entretanto, em questão de segundos a água está no seu pescoço e você não percebe. A força da maré te leva brincado, não tem volta. Então, eu amo o mar, mas eu tenho muito respeito.

Desse jeito, eu achei bacana o nosso encontro. Para eu falar da pescaria e das coisas que a gente passa é legal. Não sei se minha tia falou com você? O que eu não gosto de questionários. Gente, não me chama para isso, não adianta. Na verdade, eu cansei disso. Assim, eu gosto de falar o que eu já vivencie e, principalmente, escutar as histórias que meus tios contam.

Dessa forma, se você sentar com meu tio e escutar as histórias que ele conta, histórias dele de pescador mesmo. Por exemplo, ele conta que estava pescando e do nada o pescador sumiu de repente. Dentre outras coisa que ele já passou. Ele conta e a gente não cansa de ouvir. De fato, ele tem muita história, não só ele, mas os outros também.

Além disso, eu tenho tudo que os meu tios fazem. O meu tio faz as canoinhas, a meia canoa que é chaveiro, faz as miniaturas das rendas de bilros e outras coisas. Assim, esse meu tio é bem idoso, então, a gente tem que aproveitar tudo que ele faz. Isso porque, uma hora esse tipo de coisa vai acabar. Portanto, eu guardo tudo. Eu não sei dizer se quando eu for alguém vai guardar, mas eu compro e guardo, entendeu?

Ademais, eu tenho uma canoa feita por um outro tio, ou seja, eu tenho uma coisinha de cada um guardada. A minha família é cheia de artista. A tia, Zenilda faz trabalhos com madeira e pinta. O meu tio você viu os trabalhos dele. O meu outro tio trabalha com as canoas grandes. Minha outra tia faz tricô e crochê muito bem. Mamãe, minha mãe era uma costureira que costurava de medida, ou seja, ela tirava a medida do seu corpo, passava para o papel e ela modelava a roupa. Sendo assim, é uma família que você tem que tirar o chapéu, né?

No meu caso, eu não sei o que eu nasci para fazer. Além da pesca, eu não tenho habilidades nesse sentido. No entanto, minha família toda é prendada, então, sobrou para mim a pesca. Hoje, eu fui limpar o peixe na Cooperativa. Há pouco cegaram umas facas para filetar o peixe, mas essas facas são fora do tamanho padrão para o tamanho do peixe que a gente trabalha.

No entanto, eu falei: “eu vou trabalhar com ela. Meu peixe é pequeno, mas eu vou trabalhar com ela”. As outras meninas queriam trabalhar com as facas novas também. Contudo, eu disse: “não pega essa faca. Isso é uma arma, é um perigo. Primeiro, eu vou ensinar a vocês como trabalhar com essa faca, mas é muito perigosa”. Nesse sentido, eu estava ensinando a fazer o corte e a tirar as vísceras do peixe. Então, eu brinquei falando que tinha duas alunas e que a aula tinha acabado.

Daquela forma, uma delas estava aprendendo a tirar a guelra do peixe inteira. E, assim, ao tirar a guelra ela ficou toda feliz e disse “viu como eu já aprendi. Tudo que você sabe fazer eu vou aprender”. Então, tudo que eu posso ensinar eu faço. Não tem problema nenhum. Sendo assim, hoje a gente limpou 20 quilos de peixe e ela aprendeu rapidinho. Portanto, tudo que está relacionado a pesca eu gosto. Gosto de pescar de barco, na pedra, na beira da praia, ou seja, gosto de tudo mesmo.

Assim, eu vou deixar marcado com você o horário de domingo. Geralmente, a gente sai da Cooperativa às quatro horas, sabe? Eu não irei conseguir se estiver com movimento, mas eu te aviso. No entanto, a gente faz na segunda ou em um momento que a Cooperativa estiver sem movimento. Nesse caso, eu entro na salinha enquanto as meninas trabalham e a gente conversa. Dessa forma, a gente faz os ajustes necessários para a gente conversar.

É uma pena que as pessoas não valorizem o que a gente tem aqui. Antigamente, não era apenas a pesca, o pescador antigo fazia as redes, as tarrafas e

o puçá. Como meus tios fazem ainda hoje, eles ainda sabem fazer e dizem “vamos malhar uma tarrafa?”. Eu tive a oportunidade de ver eles fazendo e ter essa experiência de fazer junto com eles. No entanto, essas práticas irão se perder porque ninguém é eterno. Além disso, se o novo não aprende com quem tem a vivência e experiência. A nossa cultura vai embora.

Hoje, a gente fala em resgatar a cultura de Arraial, sabe? Tem muitas pessoas com essa vontade, muitas pessoas interessadas. No entanto, você esbarra em um monte de situações. Nesse sentido, quando você faz alguma coisa como a gente fez o peixe salgado com banana. Como eu te falei era o prato tradicional da nossa cultura. Esse prato era o que alimentava as famílias, a comida forte. A gente não tem apoio.

Nesse caso, a gente conseguiu ganhar o prêmio concorrendo com nove países diferentes e com culturas diferentes. Sabe o que aconteceu? Ninguém deu a mínima atenção para isso. O conhecimento cultural da cidade foi levado para outras pessoas, mas ninguém dá valor para o trabalho que a gente realiza. A gente, realmente, não tem apoio. Com esse trabalho era para a gente receber o apoio da nossa prefeitura. Nem tudo é dinheiro. Existem outras formas de apoiar. Por exemplo, o reconhecimento ao nosso trabalho por parte do município.

Contudo, eu não posso falar que o dinheiro não é importante. Na pandemia, por exemplo, se não fosse o projeto a nossa Cooperativa tinha fechado. Nós ficamos um ano pagando aluguel sem trabalhar. No entanto, Deus faz o caminho certinho. O projeto entrou, exatamente, na hora que a gente precisava. Então, eu tenho fé que vai dar tudo certo.

Encontro de 14 de dezembro de 2021

Olha eu não tive tempo de pensar sobre os objetos de memória. A nossa Cooperativa passou por uns dias... a minha tia está resgatando algumas histórias sobre as plantas da restinga. Então, ela começou a fazer uma bebida que se chama *whisky* cabista.

Desse jeito, a coisa foi crescendo, foi crescendo e chamou a atenção de uma pessoa que trouxe outras pessoas para Arraial. E nesse sentido, a gente participou de uma reunião e, posteriormente, eles vieram conhecer a Cooperativa.

Além disso, a gente voltou a trabalhar presencial. Agora, aos fins de semana, a gente está fazendo comida. E, ainda, durante a semana, a gente faz os nossos produtos. Sendo assim, a nossa vida ficou uma loucura.

No final de semana passado, a gente não trabalhou. Estávamos exaustas, o excesso de trabalho foi grande. Então, a gente encerrou as atividades da Cooperativa, mas retornamos no começo de janeiro. No final do ano, Natal, a gente precisa desse tempo. Na verdade nós vamos tentar organizar as nossas vidas pessoais nesse recesso. Portanto, nós paramos.

É importante dizer que eu não consegui fazer minhas coisas. Eu não estou indo pescar, de fato, desde a nossa primeira conversa, eu não consegui pescar. Esse últimos dois meses foram uma loucura, principalmente, porque nós estávamos no projeto. O projeto, querendo ou não, é todo regrado, sabe? A gente faz isso no dia tal, aquilo no outro dia e assim vai.

No entanto, quando acaba o projeto as nossa responsabilidade voltam. Nós temos que assumir todas as despesa da Cooperativa. Como você sabe a despesa não é pequena. Assim sendo, todo mundo ficou trabalhando e trabalhando para que no final do mês a gente pudesse pagar as contas.

Em tal caso, a gente não teve tempo para nada, nem para pescar. Ocorre que, no final do projeto, sobrou uma quantidade de peixe. E assim, com esse peixe a gente vem trabalhando. Por consequência, a gente não foi pescar porque tínhamos peixe. Senão a gente tinha dado um jeito de ir. Isso porque sem o peixe a gente não consegue trabalhar.

Vou te contar uma coisa. Há quatro dias atrás, eu assinei um novo projeto. A gente conseguiu! Agora precisamos comemorar. Inclusive, ontem, as reuniões começaram. Daqui a pouco, eu vou ter outra reunião sobre esse projeto.

Assim sendo, a gente está voltada para o novo projeto, sabe? Vamos começar esse novo trabalho. Será outra maratona. No começo é complicado, mas, graças a

Deus, depois fica mais tranquilo. Um ponto positivo é que não precisamos ter a preocupação com o dinheiro e com as despesas, eles assumem essa parte.

Eu peço a Deus que esse ano seja melhor. Porque ano passado não foi fácil. E assim, eu espero que esse ano a gente consiga manter a Cooperativa com o nosso dinheiro. Além disso, com as nossas contas pagas, a gente espera tirar algum dinheiro para gente. Essa é uma coisa que a gente nunca conseguiu fazer.

Em 2019, quando nós encerramos o ano, o vírus estava circulando, né? Só que a gente pesava que era lá no outro lado do mundo. Portanto, a gente trabalhou o verão inteiro, janeiro, fevereiro e março. Naquela ocasião, as vendas foram muito boas e a gente fez um bom dinheiro.

Nesse sentido, a gente pensou em fazer uma reserva, um caixa da Cooperativa com esse dinheiro. E, assim, pela primeira vez seria possível tirar uma parte do dinheiro para todas as cooperadas. Nesse caso, todas nós encerramos esse período felizes da vida.

Ao final do carnaval a gente voltou a fazer os nossos produtos. Entretanto, uma cooperada e o marido dela foram infectados. Em tal caso, o marido dela estava se sentindo mal e ela no mesmo dia que a gente voltou a trabalhar falou: “estou enjoada, não estou me sentindo bem”. No entanto, a gente não tinha conhecimento nenhum sobre o vírus.

Logo depois, mandaram fechar tudo e a gente ficou sabendo que ela tinha piorado. E, ainda pior, o marido dela estava muito mal, na verdade, ele teve 90% do pulmão contaminado. Vale destacar que ele tinha 78 anos na época.

Nesse momento, a Cooperativa fechou de vez. Sendo assim, a gente colocou todos os nossos produtos no menor número de freezer possíveis e desligamos todas as máquinas. Essa era a maneira de manter as coisas e ao mesmo tempo não ter uma despesa de luz tão grande. E, assim, nós começamos a pagar os aluguéis e as outras contas com o dinheiro da reserva.

Desse modo, a gente pagou o primeiro, o segundo...sem atrasar nenhum compromisso. No terceiro mês, eu fiquei sabendo de um projeto que eu não me recordo o nome. Então eu estava sentada com a minha tia e falei: “o que você acha

de a gente tentar o projeto?” e ela respondeu: “mas a gente não sabe, a gente não entende nada de projeto”.

À vista disso, eu falei “nós vamos tentar, a gente precisa fazer alguma coisa” e ela embarcou nessa. A gente pegou o edital e pedimos ajuda para uma conhecida. No entanto, ela falou que não sabia, mas apoio a gente. Além disso, ela pediu ajuda para uma outra conhecida. E assim, a gente montou um grupo, fez reunião, escreveu o projeto e ele foi apreciado. Entretanto não foi aprovado. Então veio aquela tristeza, sabe?

Por outro lado, foi publicado o edital do FUNBIO. Então, novamente, a gente entrou no processo de seleção. E, nesse percurso, a gente conheceu uma outra pessoa que escrevia projetos. Ela ficou interessada em escrever o projeto. Diante disso, o nosso projeto ficou entre os primeiros.

Em outubro, nós tínhamos pagado as nossas últimas despesas com o dinheiro da reserva. Sabe quando você não tem mais nada? A nossa conta estava zerada, ou seja, no próximo mês a gente ia ter que fechar as portas da Cooperativa. Além disso, a gente não tinha onde guardar todos os equipamentos da Cooperativa. No entanto, no mesmo mês, o dinheiro do projeto foi depositado na nossa conta.

Esse projeto teve duração de seis meses. Entretanto, a gente foi proibido de trabalhar com o público por causa da Covid-19. E assim, quando o projeto terminou nós fomos convidadas a um segundo aporte de um novo projeto. Desta forma, a gente se dedicou bastante, trabalhamos muito. Isso porque, as nossas contas não são poucas, a nossa despesa é muito alta, a conta de luz é mil reais. Além disso, temos aluguel, água, internet, telefone e outras despesas.

Como eu falei, a gente teve a aprovação desse novo projeto. Eu acredito que o dinheiro deve entrar essa semana. No entanto, nós já temos o dinheiro para cumprir com as nossas despesas. Sendo assim, entre um projeto e outro a gente conseguiu garantir uma reserva. Foi muito trabalho, não foi fácil, mas a gente conseguiu.

Na verdade, não foi nada fácil, sabe? Mesmo com os projetos as coisas foram muito difíceis. No projeto, a nossa contrapartida era vender um valor x. Entretanto a gente não podia abrir a Cooperativa, não podia ir nas casas e não podia realizar

vendas em outro lugares por conta da pandemia. De fato esse contato representava um risco para gente.

Desse modo, para alcançar os objetivos do projeto a gente teve que contar com a ajuda das pessoas próximas e de seus amigos. Então, a gente começou a pedir para as pessoas comprarem. Caso contrário, a gente não conseguiria participar do segundo projeto. Dessa forma, graças a Deus a gente conseguiu bater a meta e o projeto foi aprovado.

Na pandemia a nossa cidade fechou totalmente. Como a nossa cidade é pequena, né? Você não via uma pessoa, um carro passando na rua. Com a proibição ficou tudo parado. Você não escutava um barulho.

Sendo assim, todo o comércio fechou, pousada, hotel, bar e restaurante. As únicas coisas que ficaram abertas foram a farmácia e o mercado. No entanto, você não via quase ninguém nos estabelecimento.

Na realidade, parecia que a gente estava em uma cidade fantasma. Nessa ocasião, a nossa família saía para caminhar no morro do Pontal do Atalaia. Isso porque, as praias estavam fechadas. Então a gente caminhava para não pirar.

À vista disso, o primeiro mês da pandemia foi assim. Consequentemente, as pessoas começaram a ter problemas financeiros pela falta de trabalho, uma vez que, a nossa cidade é turística. Foram muitas necessidades.

Nos meses seguintes, muitas pessoas estavam precisando, inclusive, algumas cooperadas também. E assim, eu consegui umas cestas básicas com a colônia. Na verdade, a gente chegou a dividir uma cesta básica para três. Por exemplo, uma pessoa não precisava de açúcar, a outra não precisava de outra coisa. Desta forma, a gente foi juntando para dar para outras pessoas.

Nesses três primeiros meses foi muito complicado. A gente conseguiu ajudar as pessoas através de cestas básicas. Então, mesmo com a Cooperativa parada a gente correu atrás para ajudar quem estava passando dificuldade. E nesse contexto, as pessoas começaram a ir para rua. Todos estavam com medo e assustados, mas não teve outro jeito.

Na prática, a pescaria ajudou muitas pessoas. Por exemplo, o pessoal que pesca, na Prainha, puxava a rede e distribuíam peixe para as pessoas. Eles não estavam vendendo, ou seja, o que eles puxavam eles dividiam com todos. Além disso, a gente conseguiu algumas cestas através da Petrobrás, da colônia e da ação social. Então, eu digo a você que durante esses três meses a cidade enfrentou muitas dificuldades.

Nesse período, o serviço de luz e água não podiam ser interrompidos. Essa medida foi de grande ajuda. Isso porque, muitas pessoas não tinham condições para arcar com essas despesas.

Nessa ocasião, eu e meu cunhado saíamos, algumas vezes, para levar leite em algumas casas. Ele doou tudo que ele tinha de estoque de leite da própria filha para ajudar quem estava precisando. Sendo assim, a gente fez tudo o que podia para ajudar. Nós juntávamos um pouquinho de cada um para ajudar o máximo de pessoas possíveis.

Agora, depois de um ano, eu acho que as coisas começaram a melhorar, na verdade, a gente começou a entender a pandemia. Hoje, a gente não tem tanto medo de estar próximo das pessoas. Nós sabemos como nos prevenir para não transmitir o vírus.

E assim, o turismo foi voltando, o setor do turismo chamou os funcionários para trabalhar novamente. Desta forma, essas pessoas começaram a ajudar outras pessoas. Então, eu acho que a gente superou a pandemia. Nós sabemos que o vírus existe, mas a nossa cidade voltou 90% ao normal.

Nesse sentido, as pessoas estão conseguindo trabalhar, pagar as contas e comer. Cada um dentro das suas possibilidades, sabe? Não é todo mundo que consegue, mas esta é a nossa realidade do dia a dia, ou seja, não são os impactos da pandemia.

Assim, no meu caso, eu não posso reclamar. No ano passado, a minha casa ficou sem alugar. Além disso, o aluguel existente foi entregue. E ainda mais problemático, eu fiquei com meu marido e meus filhos desempregados.

Na realidade, a gente não passou muito sufoco por conta de uma reserva que meu filho fez. Ele queria morar fora do país, então ele juntou dinheiro por três anos.

Nessa situação difícil, ele falou: “mãe, eu tenho o dinheiro da viagem. Não se preocupa”. É claro que eu não queria que ele desfalcasse a reserva dele. No entanto, isso possibilitou que a gente não passasse sufoco.

Em momento futuro, o meu marido e minha filha arrumaram um emprego. Logo depois, em julho, meu filho foi embora do país. Eu fiquei com o meu coraçãozinho bem apertado. No entanto, a vida é assim, a gente cria os filhos para eles voarem. Aqui fica a saudade. Por outro lado, eu estou feliz. Ele está trabalhando, fazendo o que ele sempre sonhou.

Assim, sem medo de errar, segundo o meu ponto de vista, a Cooperativa teve zero apoio de qualquer órgão. No caso da Colônia, ela sabe que a gente existe, mas não ajuda. Por exemplo, a Shell do Brasil fez uma doação de cestas básicas para a Colônia distribuir para as associações e cooperativas. No entanto, a nossa Cooperativa foi excluída.

Agora, há pouco, a mesma Shell fez uma ação para distribuir quentinhas. Nesse caso, uma pessoa comentou: “vocês poderiam contratar a Cooperativa para fazer uma parte dessas quentinhas. Assim elas podem ganhar também”. Entretanto, novamente, cortaram a gente. Na verdade, essas informações eu recebo da própria Shell, sabe?

De outra parte, antes das eleições o prefeito esteve na Cooperativa. Nessa ocasião, ele disse: “a gente conversa em janeiro se eu for eleito”. Estamos em dezembro e não conseguimos agendar uma conversa. Olha que a gente tem contato com todo mundo que trabalha com ele.

Nos últimos dois meses teve um circuito gastronômico na cidade. Consequentemente, o pessoal da prefeitura responsável pelo turismo queria conversar com a gente. Então a gente aceitou, mas a gente não tem apoio de ninguém.

Na pandemia eu fui atrás de ajuda para conseguir peixe, para pagar o aluguel e as despesas. Naquela ocasião, a gente não teve apoio para nada. A nossa Cooperativa é vista como interessante pelas pessoas que são de fora de Arraial, ou seja, as pessoas que querem ajudar não são daqui. Por outro lado, as pessoas que estão mais perto não querem ajudar. É uma situação muito esquisita sabe por quê?

A nossa Cooperativa é a última a saber e receber qualquer tipo de benefício que é destinado para as associações e cooperativas. Olha que a gente busca informação sobre tudo. Estamos sempre ligadas para tentar chegar primeiro. Caso contrário, ninguém se importa.

Por outro lado, existem outros grupos que não tem sede e não produzem, mas conseguem os benefícios. Na verdade, esses grupos são sempre priorizados. Sendo assim, a gente fica bastante triste com esse tipo de situação. A gente sente muito!

Na prática, eles não julgam a gente como pescadoras. Assim sendo, me dizem que o próprio presidente da Colônia fala: “elas não são pescadoras, são tudo riquinhas”. Olha que eu me relaciono bem com ele. Portanto, eles acham que para ser pescadora precisa estar suja, sem dente e não ter nada. Isso é preconceito, sabe? Não tem outra explicação. Ainda hoje, existe preconceito, nem tanto como antigamente. No entanto, nossa luta não é fácil, ninguém apoia a nossa Cooperativa.

Nesse caso, muitas vezes, a gente tenta de várias formas. Por exemplo, no final de semana, a gente faz almoço. Então, a gente divulga em todos os grupo. O que acontece? Não aparece um pescador para apoiar a gente, mas a gente vende tudo. Isso porque, as pessoas de fora comem na Cooperativa. Sendo assim, o apoio interno é zero.

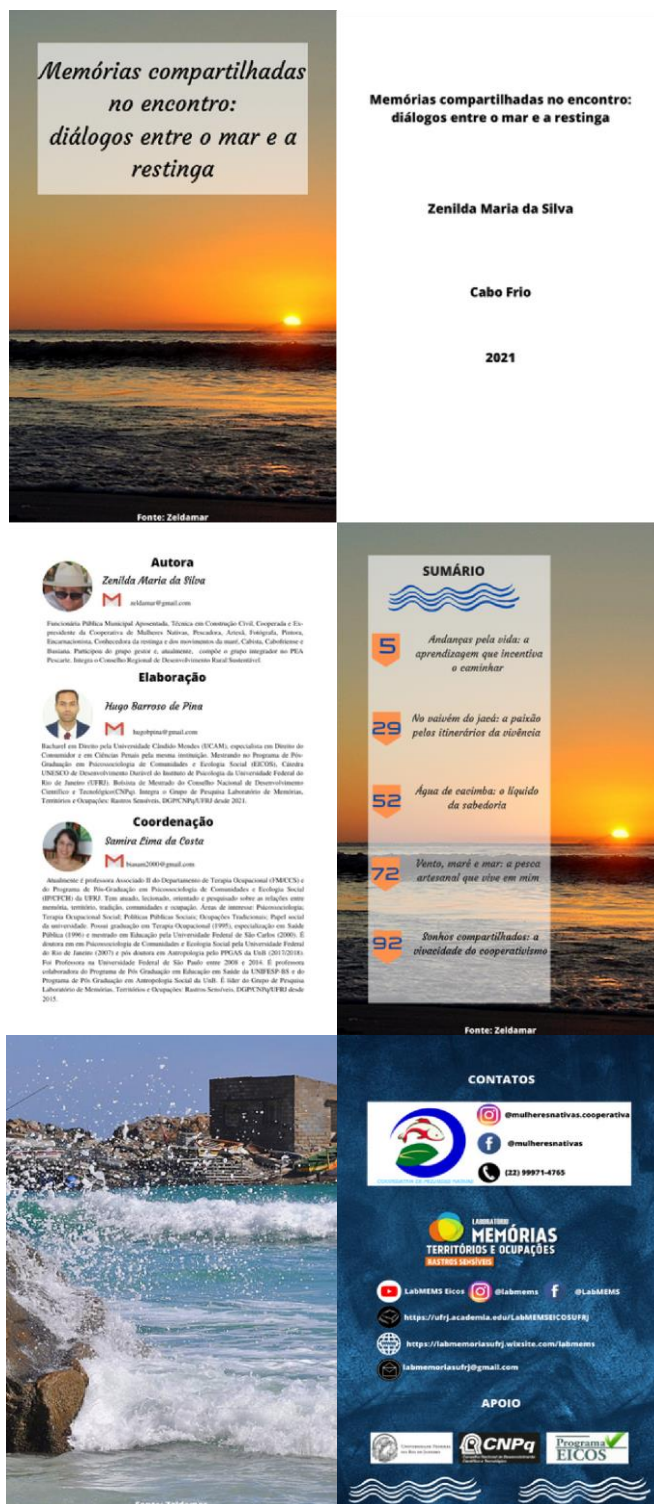
No final de semana, nós conhecemos dois empresários bem sucedidos no ramo de Turismo e Gastronomia do Rio de Janeiro. Eles são donos de restaurantes na Barra da Tijuca e em Ipanema. Não sei como eles descobriram a gente. Entretanto, eles estiveram aqui. E, assim, eles ficaram encantados com o nosso trabalho e prometeram ajudar no que a gente precisar. Nesse caso, eles podem utilizar os nossos produtos nos restaurantes.

Com relação aos obstáculos, eu acredito que nós temos um que é bem sério. Assim, para produzir e escoar um produto de qualidade a gente precisa de um mercado que compre. Além disso, o mais importante para gente é ter a nossa sede. Isso porque, onde a gente está não tem espaço suficiente para atender as exigências da Vigilância Sanitária. Por exemplo, o espaço precisa ser azulejado, o peixe limpo não pode ir para tal lugar...

Sendo assim, esses fatores dificultam bastante a nossa história. O ambiente adequado é primordial para a gente conseguir o nosso selo. Dessa maneira, a nossa história seria outra, nós teríamos condições de caminhar com as próprias pernas. No entanto, infelizmente, o nosso terreno está longe de ser realidade. Apesar disso, nós estamos lutando, sabe? Vamos ver se a gente consegue. A gente tem fé, nós somos guerreiras.

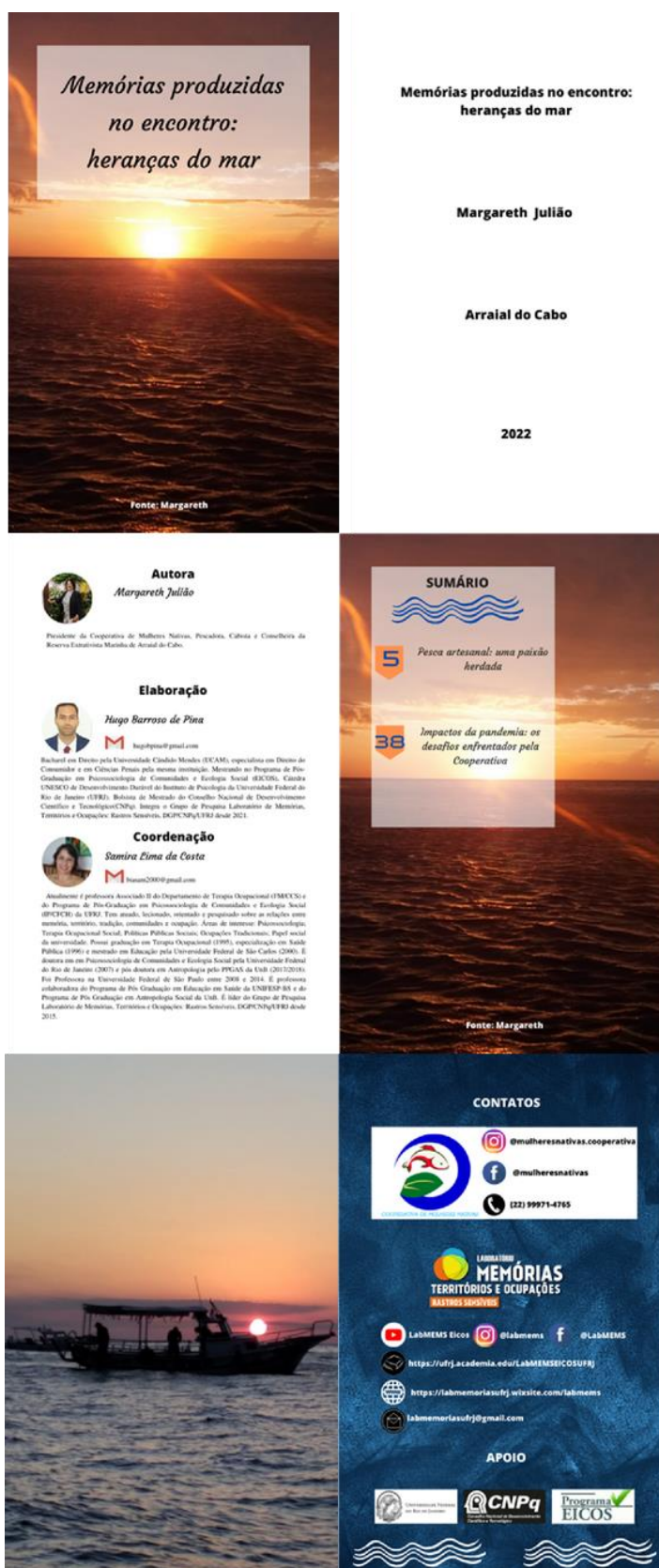
Meu querido, desculpa pela reunião de hoje, mas foi do jeitinho que deu. Daqui a pouco, eu tenho outro reunião. Foi ótimo. Até mais.

Apêndice 4: Livro artesanal digital 1¹⁵



¹⁵ Capa, folha de rosto, sumário e contracapa do livro artesanal digital “Memórias compartilhadas no encontro: diálogos entre o mar e a restinga”

Apêndice 5: Livro artesanal digital 2¹⁶



¹⁶ Capa, folha de rosto, sumário e contracapa do livro artesanal digital “Memórias produzidas no encontro: heranças do mar”

Anexo 1: Parecer consubstanciado do CEP

CENTRO DE FILOSOFIA E
CIÊNCIAS HUMANAS DA UFRJ



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Saberes e ocupações tradicionais: memória, ocupação e desenvolvimento local

Pesquisador: Samira Lima da Costa

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 54203016.6.0000.5582

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia (UFRJ)

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.518.003

Apresentação do Projeto:

De acordo com o projeto apresentado, "a pesquisa tem como objetivo identificar os modos de organização para o desenvolvimento local, produção de memórias e sistematização das ocupações tradicionais produzidas individual e coletivamente nas comunidades tradicionais do Rio de Janeiro, iniciando pelo Quilombo do Grotão (em Niterói) e se estendendo para outras comunidades através do método de rede de indicações. Tem como proposta analisar a construção de identidade tradicional a partir da discussão acerca das produções contemporâneas de memória, ocupação e território."

A pesquisa empírica está fundamentada em metodologias participativas, com as seguintes fases, descritas e referenciadas no projeto: "a) o autodiagnóstico; b) a construção coletiva de estratégias de enfrentamento prático dos problemas detectados; c) a organização da comunidade em torno de suas soluções e contribuição do pesquisador para a análise das produções."

A pesquisadora informa que os dados da pesquisa serão coletados "através de entrevistas, oficinas e reuniões com moradores e lideranças das comunidades participantes", de acordo com planejamento conjunto com eles.

Endereço: Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30

Bairro: URCA

CEP: 22.290-240

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)3938-5167

E-mail: cep.cfch@gmail.com

Continuação do Parecer: 1.518.003

Objetivo da Pesquisa:

A pesquisadora define os seguintes objetivos:

"Objetivo Primário

O estudo visa compreender os modos de organização para o desenvolvimento, de estruturação das ocupações e de construção da memória coletiva entre moradores de comunidades atualmente (re)conhecidas como tradicionais, a partir do Quilombo do Grotão e seguindo as linhas disparadas por redes de indicações de outras comunidades assim chamadas tradicionais, buscando analisar o processo de afirmação cultural e auto definição tradicional enquanto estratégia contemporânea no enfrentamento das desigualdades historicamente produzidas."

"Objetivo Secundário:

Identificar, nas diferentes ocupações (trabalho, lazer, práticas religiosas, ações de cuidado e de convivência cotidiana), aquelas que são definidas pelos participantes como tradicionais; debater sobre as diferentes formas de afirmação e constituição de identidades culturais a partir do processo de auto-definição e registro oficial do quilombo; descrever as formas de produção de memória coletiva e analisar sua estrutura enquanto possível ferramenta de resistência e fortalecimento grupal; identificar e discutir os diferentes modos de produção e geração de renda e sua inserção nas relações de mercado; analisar as disputas de força, alianças e possíveis contribuições de tais ações – organização das ocupações, construção das memórias e modos de inserção produtiva – no processo de elaboração de um projeto comum para o desenvolvimento local; discutir as possíveis relações entre os processos vividos pelas comunidades e as políticas públicas voltadas direta ou indiretamente para esta população."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

As avaliações de riscos e benefícios apresentadas estão adequadas, e são as seguintes:

"Riscos: Como em toda pesquisa social, é possível que algum participante manifeste desconforto durante alguma etapa do processo, durante uma abordagem coletiva ou individual. Neste caso, é assegurado sua recusa ou retirada, se assim desejar."

"Benefícios: O Projeto se inscreve no rol de empreendimentos de fortalecimento das redes de suporte intercomunitárias, valorização e interlocução das culturas locais, expandindo e

Endereço: Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30

Bairro: URCA

CEP: 22.290-240

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)3938-5167

E-mail: cep.cfch@gmail.com

**CENTRO DE FILOSOFIA E
CIÊNCIAS HUMANAS DA UFRJ**



Continuação do Parecer: 1.518.003

transformando as concepções de participação, representação e gênero e das políticas públicas envolvidas neste processo. Objetiva, assim, fomentar estratégias colaborativas para o desenvolvimento local participativo por meio da inclusão produtiva e fortalecimento das identidades tradicionais da comunidade do Quilombo do Grotão. O recurso da metodologia de auto-gestão e da construção de oficinas baseadas em materiais e saberes próprios às comunidades têm como meta de médio e longo prazo a auto sustentabilidade e conseqüente permanência continuada das ações implementadas, de forma autônoma à universidade."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto de pesquisa apresentado está adequado e atende as normas da resolução que regulamenta os procedimentos éticos para sua execução.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O TCLE foi elaborado em um formato bastante esclarecedor, embora o texto seja um pouco longo, mas contempla os preceitos básicos da ética em pesquisa nas ciências humanas e sociais. Há, contudo, alguns erros de digitação que poderiam ser revistos.

É preciso, ainda, antes de apresentá-lo aos sujeitos participantes da pesquisa, incluir também os contatos (e-mail e telefone) do CEP-CFCH no texto do termo.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto está aprovado, observando-se a necessidade de revisão do texto do TCLE conforme as recomendações acima. Não é necessário, contudo, re-submeter o projeto ao CEP-CFCH.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_633785.pdf	14/03/2016 23:13:50		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Saberes_e_Ocupacoes_Tradicionais.pdf	14/03/2016 23:07:52	Samira Lima da Costa	Aceito

Endereço: Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30

Bairro: URCA

CEP: 22.290-240

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)3938-5167

E-mail: cep.cfch@gmail.com

**CENTRO DE FILOSOFIA E
CIÊNCIAS HUMANAS DA UFRJ**



Continuação do Parecer: 1.518.003

Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Saberes_e_Ocupacoes_Tradici onais.pdf	14/03/2016 23:07:33	Samira Lima da Costa	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto_Saberes_Tradicionais. pdf	14/03/2016 23:06:06	Samira Lima da Costa	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIO DE JANEIRO, 27 de Abril de 2016

**Assinado por:
Fátima da Silva Grave Ortiz
(Coordenador)**

Endereço: Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30

Bairro: URCA

CEP: 22.290-240

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)3938-5167

E-mail: cep.cfch@gmail.com